



NOAH  
GORDON

*La bodega*



ROCCOINTRA

NOAH  
GORDON

# *La bodega*

Tradução de Pinheiro de Lemos

**ROCCO ITALIA**

Para Lorraine, sempre

Seja em Naishapur ou na Babilônia,  
Seja a Taça de gosto amargo ou doce,  
O Vinho da Vida corre, gota a gota,  
E as Folhas da Vida caem, uma a uma.

– *O Rubaiyat,*

OMAR KHAYYAM

A terra é sempre a única coisa  
Que não pode voar.

– *The Last Chronicle of Barset,*

ANTHONY TROLLOPE

Abençoado quem seu trabalho encontrou;  
Não precisa pedir outra bênção.

– *Past and Present,*

THOMAS CARLYLE

Para onde foram todos os jovens?  
Foram ser soldados, todos eles.  
Quando vão aprender?  
Quando vão aprender?

– *Where Have All the Flowers Gone?*

PETE SEEGER

PARTE UM - O retorno

A volta para casa

A placa

A limpeza do ninho

A santa das virgens

Um assunto entre irmãos

Uma viagem a Barcelona

Vizinhos

Uma organização social

PARTE DOIS - O clube de caça

O homem

Ordens estranhas

Os visitantes

Pilhagem

Armas

Aumento da área de tiro

O sargento

Ordens

A viagem de trem

O espião

PARTE TRÊS - À solta no mundo

A caminhada na neve

A notícia

Pesadelo compartilhado

Sozinho

Andanças

Companheiros de viagem

Um estranho numa terra distante

## PARTE QUATRO - A terra de Alvarez

Videiras pintadas

Inverno

Cozinhando

Um mulo especial

Uma batida na porta

Dívida antiga

O intruso

Rachaduras

Madeira

Mudanças

Uma conversa com Quim

Ritos de passagem

Colheita

Problemas

O que o javali sabia

## PARTE CINCO - O sangue da uva

Escavação

A troca

Sede

Torres

Videiras

Pequenos goles

Como um irmão

A visita

Uma viagem ao mercado

Uma decisão

Planos

Uma competição em Sitges

A responsabilidade de Josep

Uma conversa com Nivaldo

A união

Mudanças

Extrema-união

O legado

Falar e escutar

A Guarda Civil

O monsieur

A divergência

Agradecimentos

Créditos

O Autor

“Sem qualquer discussão, trabalhando juntos e separados, fazendo qualquer coisa que fosse necessária, eles fizeram com que se tornasse um único vinhedo, a mesma *bodega*.”

PARTE UM

O retorno

*Arredores da aldeia de Roquebrun  
Província do Languedoc, sul da França  
22 de fevereiro de 1874*

## A volta para casa

Na manhã em que tudo mudou, Josep trabalhava no vinhedo de Mendes. No meio da manhã já assentara numa rotina que o deixava quase como se estivesse em transe. Deslocava-se de uma videira para outra, removia os galhos secos e esgotados, cujos frutos haviam sido colhidos em outubro, quando cada uva se tornara suculenta como uma mulher. Podava com a mão implacável, deixando as videiras no ponto ideal para a produção da próxima geração de uvas. Era um dia excepcional, adorável, no que fora até então um inclemente mês de fevereiro. Apesar do frio, o sol parecia se expandir pelo vasto céu francês. Às vezes, quando encontrava uma uva murcha, esquecida pelos colhedores, ele pegava a Fer Servadou e saboreava a doçura suculenta. Sempre que alcançava o final de uma fileira, fazia uma pilha do que podara, pegava um galho em chamas da fogueira anterior e ateava fogo. O cheiro acre da fumaça aumentava seu prazer no trabalho.

Acabara de atear fogo a uma pilha quando levantou os olhos e avistou Leon Mendes, atravessando o vinhedo, sem parar para falar com qualquer outro dos lavradores.

– Monsieur... – murmurou ele, respeitoso, quando Mendes alcançou-o.

– *Señor...*

Era uma pequena brincadeira entre os dois, o proprietário tratando-o como se fosse o dono, não um mero peão. Só que Mendes não sorriu agora. Foi gentil, mas direto como sempre, ao acrescentar:

– Conversei esta manhã com Henri Fontaine, que acaba de voltar da Catalunha. Tenho más notícias, Josep. Seu pai morreu.

Josep ficou atordoado, como se tivesse levado uma pancada na cabeça, incapaz de falar por um momento. Meu pai? Como meu pai pode ter morrido?

– Qual foi a causa? – balbuciou ele.

Mendes balançou a cabeça.

– Henri só soube que ele morreu ao final de agosto. Não sabe de mais nada.

– Voltarei para a Espanha, monsieur.

– Tem certeza que é isso o que quer? Afinal, ele já está morto.

– Preciso voltar.

– E será... seguro para você? – perguntou Mendes, gentilmente.

– Acho que sim, monsieur. Há muito tempo que venho pensando em voltar. Agradeço todas as gentilezas que teve comigo, Monsieur Mendes. Por me aceitar aqui. E por me ensinar.

Mendes deu de ombros.

– Não foi nada. A pessoa nunca para de aprender sobre vinho. Lamento profundamente a

perda de seu pai, Josep. Tem um irmão mais velho, não é?

– Tenho sim. Donat.

– Em sua terra, o filho mais velho herda tudo? Donat ficará com o vinhedo de seu pai?

– O costume é o filho mais velho herdar dois terços da propriedade. Os mais jovens compartilham o restante e recebem empregos que garantem o sustento. Mas o costume em nossa família, já que o vinhedo é muito pequeno, é o mais velho ficar com tudo. Meu pai sempre deixou claro que meu futuro estaria no exército ou na Igreja... Infelizmente, não fui feito para nenhum dos dois.

Mendes sorriu, mas foi um sorriso triste.

– Não posso desaprovar. Na França, a divisão das propriedades entre os filhos sobreviventes tem levado a plantações absurdamente pequenas.

– Nosso vinhedo tem apenas quatro hectares. Mal dá para sustentar uma família quando as uvas só servem para produzir um vinagre ordinário.

– Suas uvas começam muito bem. Têm sabor agradável e promissor... são boas demais, na verdade, para ser usadas num vinagre ordinário. E quatro hectares bem administrados podem produzir uma colheita que dará um excelente vinho. Mas vocês precisam escavar adegas para que o vinho não azede no calor do verão.

Josep tinha o maior respeito por Mendes, mas o que o vinicultor francês entendia da Catalunha, ou de cultivar uvas para fazer vinagre?

– Monsieur conhece nossas casas de chão de terra – disse ele, impaciente, pensando no pai. – Não temos grandes castelos. Não há dinheiro para a construção de *bodegas* com adegas para guardar o vinho.

Era evidente que Monsieur Mendes não queria discutir, porque perguntou:

– Já que não herda o vinhedo, o que vai fazer na Espanha?

Josep deu de ombros.

– Procurar emprego.

E, tenho quase certeza, não encontrarei nenhum com meu irmão Donat, pensou ele.

– Não poderia procurar um emprego longe de sua aldeia? O distrito espanhol de Rioja tem alguns vinhedos que ficariam felizes em contar com sua ajuda. Você é um cultivador de uvas nato. Sente as necessidades das plantas e suas mãos ficam felizes no contato com a terra. Claro que Rioja não é Bordeaux, mas alguns tintos razoáveis são produzidos ali. Seja como for, se algum dia quiser voltar para seu emprego aqui, pode ter certeza de que será bem-vindo.

Josep agradeceu de novo.

– Acho que não irei para Rioja, e também não voltarei ao Languedoc para trabalhar. A Catalunha é o lugar a que pertença.

Mendes acenou com a cabeça em compreensão.

– O chamado do lar sempre fala mais alto. Vá com Deus, Josep. – Ele sorriu. – E diga a seu irmão Donat para cavar uma adega.

Josep sorriu também. Balançou a cabeça. O irmão Donat nem sequer cavaría um buraco para servir de fossa, pensou.

– Vai embora? Ahn... boa sorte.

Margit Fontaine, a senhoria de Josep, recebeu a notícia de sua partida com um sorriso secreto, quase irônico... talvez mesmo, desconfiou ele, de enorme satisfação. Uma viúva de meia-idade, ainda tinha um rosto adorável e um corpo que fizera o coração de Josep bater mais forte quando a vira pela primeira vez. Mas era uma mulher tão absorvida em si mesma que a atração desaparecera depois de algum tempo. Oferecera-lhe refeições negligentes e uma cama que às vezes compartilhara, desdenhosa, tratando-o como a um aluno obtuso em sua rigorosa academia sexual. Devagar, com mais vigor, gentilmente. Por Jesus, menino, você não está disputando uma corrida! Era verdade que ela lhe ensinara de uma maneira meticulosa o que um homem podia fazer. Josep ficara fascinado pelas aulas e pela atração que a mulher exercia, mas nunca houvera sentimentos ternos entre os dois. Além disso, seus prazeres eram restritos, porque passara a detestar a mulher. Sabia que ela o considerava um jovem camponês magricela, a quem tinha de demonstrar os vários meios de satisfazer uma mulher, um espanhol desinteressante, que falava muito mal o occitano e nem um pouco do francês.

E assim, com um *adieu* que nada teve de romântico, ele partiu no início da manhã seguinte, da mesma maneira como chegara à França, em silêncio, sem ser notado, sem incomodar ninguém. Levava uma bolsa de pano pendurada num ombro, contendo salame, um pão comprido e uma garrafa com água. No outro ombro levava um cobertor enrolado e um presente de Monsieur Mendes, um pequeno odre com vinho, numa tira de corda. O sol sumira de novo, o céu cinzento como um peçoço de pombo; o dia era fresco, mas seco. A superfície da estrada poeirenta era firme, em boas condições para se andar. Por sorte, suas pernas e pés haviam sido reforçados pelo trabalho. Tinha um longo caminho a percorrer e iniciou a jornada num ritmo determinado, mas sem se apressar.

Seu objetivo no primeiro dia na estrada era alcançar um château na aldeia de St. Claire. Quando chegou ali, ao final da tarde, parou na pequena Igreja de St. Nazaire e perguntou a um padre como podia encontrar o vinhedo de um homem chamado Charles Houdon, amigo de Leon Mendes; e ao chegar ao vinhedo, transmitiu os cumprimentos de Monsieur Mendes para Monsieur Houdon e obteve permissão para passar a noite na sala dos tonéis.

Enquanto a noite caía, ele sentou-se no chão, ao lado dos tonéis, e comeu pão com salame. A sala dos tonéis de Houdon era de uma limpeza impecável. O cheiro forte e adocicado das uvas fermentando não chegava a encobrir o odor penetrante dos tonéis novos de carvalho e do enxofre que os franceses queimavam em suas garrafas e tonéis para mantê-los puros. No sul da França, queimavam muito enxofre, com medo de todas as doenças, mas em especial da filoxera, uma praga que estava arruinando os vinhedos para o norte, causada por um pequeno inseto que comia as raízes das videiras. Aquela sala dos tonéis lembrava-o da que existia no vinhedo de Mendes.

Mas enquanto Leon Mendes produzia vinho tinto, Josep fora informado que Houdon só produzia vinho branco, com a uva Chardonnay. Josep preferia o vinho tinto. Agora, permitiu-se a indulgência de um único gole, do odre que ganhara de presente. Era um vinho encorpado, de gosto acentuado... um *vin ordinaire*, consumido até pelos trabalhadores na França, que tinham condições de comprá-lo. Mesmo assim, era melhor do que qualquer vinho que Josep já provara em sua aldeia.

Trabalhara dois anos para Mendes no vinhedo, outro ano na adega e um quarto ano na sala dos tonéis, abençoado com a oportunidade de provar vinhos cujas qualidades nunca imaginara.

– O Languedoc é conhecido por produzir um *vin ordinaire* decente – dissera-lhe Monsieur Mendes. – Produzo um vinho honesto, um pouco acima do comum. De vez em quando, por azar ou estupidez, o vinho é inferior. Na maioria das vezes, porém, graças a Deus, meu vinho é bom. Mas é claro que nunca produzi um grande vinho, um vinho a ser lembrado pelos tempos afora, como as safras criadas por vinicultores famosos, como Lafite e Haut-Brion.

Mas ele nunca desistira de tentar. Em sua busca incessante pelo supremo cru – uma perfeição a que se referia como “vinho de Deus” –, sempre que conseguia uma safra que espalhava alegria pelo palato e esôfago, Mendes passava uma semana radiante.

– Percebe a fragrância? – perguntava ele a Josep. – Sente a profundidade, o aroma misterioso que zomba da alma, o perfume floral, o sabor das uvas?

Mendes lhe proporcionara o conhecimento do que um vinho podia ser. Teria sido misericordioso se mantivesse Josep na ignorância. A bebida rala e meio azeda produzida pelos plantadores de sua aldeia, ele compreendia agora, era um vinho de qualidade inferior. Mijo de cavalo, ele disse a si mesmo, mal-humorado; provavelmente seria melhor se permanecesse na França, com Mendes, sempre se empenhando em produzir safras melhores, em vez de cortejar o perigo ao voltar para a Espanha. Mas confortou-se com a garantia de que, àquela altura, devia ser seguro voltar para casa. Quatro anos haviam transcorrido sem uma única indicação de que era procurado pelas autoridades espanholas.

Não gostava da amarga compreensão de que gerações de sua família haviam consumido suas vidas com a produção de um vinho medíocre. Apesar disso, eram boas pessoas. Esforçadas e dedicadas. O que o levou a pensar de novo no pai. Tentou projetar a imagem de Marcel Alvarez, mas só pôde se lembrar de detalhes pequenos e simples: as mãos enormes do pai, o sorriso raro. Havia uma abertura de um dente inferior desaparecido na frente e os dois dentes nos lados eram tortos. O pai também tinha um dedo torto, o mindinho do pé esquerdo, de usar sapatos ruins. O pai trabalhara sem sapatos durante algum tempo, pois gostava da sensação da terra na sola dos pés, entre os dedos nodosos. Deitado de costas, Josep entregou-se às recordações, permitindo-se pela primeira vez ingressar num estado de luto, enquanto a escuridão escondia as duas janelas altas. Finalmente, transtornado, ele adormeceu entre os tonéis.

O ar tornou-se mais frio no dia seguinte. Naquela noite, Josep envolveu-se com o cobertor e se meteu num monte de feno numa plantação. O feno apodrecido era quente e fez com que sentisse uma afinidade com todas as criaturas que se refugiavam ali, à espera do sol. Teve dois sonhos. O primeiro foi terrível, um pesadelo. Depois, num ato de misericórdia, sonhou com

Teresa Gallego; e quando acordou, lembrou-se desse sonho com absoluta nitidez, em detalhes deliciosos e torturantes. Um desperdício de sonho, disse a si mesmo. Depois de quatro anos, não podia haver a menor dúvida de que ela estava casada, ou trabalhando em algum lugar longe da aldeia. Se não mesmo as duas coisas.

No meio da manhã ele teve um golpe de sorte, quando um carroceiro lhe deu carona numa carroça carregada de lenha, puxada por dois bois, com bolas de madeira vermelhas nas pontas afiadas dos chifres. Se alguma tora de lenha caía, Josep saltava para buscá-la. Afora isso, viajou por oito quilômetros em cima da carga, num sossego relativo. Mas aquela noite, a terceira na estrada, ele não teve nenhum conforto, infelizmente. A escuridão encontrou-o a pé, no meio de um bosque, sem nenhuma aldeia ou casa de fazenda à vista.

Calculou que já viajara além do Languedoc e que o bosque em que se encontrava era parte da província de Roussillon. Não se importava de atravessar um bosque à luz do dia; na verdade, durante a existência de um clube de caça de que participara, gostava das excursões pelos bosques. Mas a escuridão dentro de um bosque já não era tão agradável. Não havia estrelas nem lua no céu, e nem sentido em seguir pela trilha se não podia vê-la. No começo, ele sentou-se no chão, encostado no tronco de um enorme pinheiro. Mas o incessante murmúrio do vento, através de tantas árvores, logo o deixou assustado; subiu pelos galhos mais baixos do pinheiro e continuou a subir, até ficar longe do chão.

Espremeu-se numa forquilha e tentou se cobrir com o cobertor tanto quanto era possível. Mas foi uma tentativa frustrada. O frio envolveu-o, enquanto se empoleirava na árvore, no maior desconforto. Havia sons ocasionais na escuridão ao seu redor. O pio de uma coruja distante. Um chamado triste de pombos. Um som estridente... que ele imaginou ser um grito de um coelho ou outra criatura no instante em que era assassinada.

Depois, do chão, diretamente por baixo, o barulho áspero de corpos roçando uns nos outros. Grunhidos, fungadelas, um bufido alto, o ruído de terra sendo escavada. Ele sabia que eram javalis. Não podia vê-los. Talvez houvesse apenas uns poucos, embora sua imaginação projetasse uma manada. Se ele caísse, até um único animal poderia ser letal, com as presas terríveis e os cascos afiados. Não podia haver a menor dúvida de que os animais haviam farejado o salame e o queijo, embora Josep soubesse que comeriam qualquer coisa. O pai lhe contara que vira na juventude javalis dilacerar e devorar um cavalo vivo, com a perna quebrada.

Josep segurou-se com toda força no galho da árvore. Depois de algum tempo, ouviu os javalis afastarem-se. O silêncio voltou. Ele tremia de frio. Tinha a sensação de que a escuridão duraria para sempre.

Quando o dia finalmente raiou, ele não viu nem ouviu mais nenhum animal. Desceu da árvore e comeu um pouco de salame, enquanto andava pela trilha estreita. A noite insone deixara-o cansado, mas manteve o ritmo habitual. Por volta de meio-dia, as árvores se tornaram mais espaçadas, surgiram campos e uma boa vista das montanhas mais altas à frente. Cerca de uma hora mais tarde, quando alcançou os Pireneus, começou a chover forte. Ele foi se refugiar na porta aberta de um estábulo, ligado a uma bela casa rústica.

Dentro do estábulo, um homem e seu filho pararam de remover o estrume da palha das

vacas e olharam para Josep.

– O que está fazendo aqui? – perguntou o homem, em tom brusco.

– Estou de passagem, monsieur. Posso esperar um pouco aqui até a chuva abrandar?

Josep percebeu que o homem o avaliava com todo cuidado, não muito satisfeito com o que a chuva lhe trouxera.

– Está bem.

O homem mudou um pouco de posição, a fim de observar o estranho enquanto continuava a usar o forçado.

O aguaceiro continuou. Dali a pouco, em vez de apenas esperar, Josep pegou uma pá encostada na parede e começou a ajudar os outros dois em seu trabalho. Ouviram com o maior interesse seu relato sobre os javalis. O homem balançou a cabeça.

– Esses porcos desgraçados se reproduzem como ratos. Estão por toda parte.

Josep ajudou-os até que todo o estábulo estava mais ou menos limpo. A esta altura, o lavrador já se tornara bastante tranquilizado e cordial para autorizá-lo a dormir no estábulo, se quisesse. Assim, ele passou ali uma noite aconchegante e sem sonhos, com três vacas grandes irradiando calor de um lado e uma pilha de bosta do outro. Pela manhã, quando enchia sua garrafa com a água da fonte por trás da casa, o lavrador informou-o de que se encontrava um pouco a oeste de uma passagem pelas montanhas muito usada.

– Fica no trecho em que a cordilheira é mais estreita. É um desfiladeiro relativamente baixo e você poderá atravessar a fronteira em três dias e meio. Ou, se seguir para oeste, por cinco quilômetros, encontrará um desfiladeiro mais alto. É pouco usado, porque é bem mais longo do que a outra passagem. Levaria dois dias a mais e encontraria alguma neve, embora não muito profunda. – O lavrador fez uma pausa, antes de acrescentar, insinuante: – Além disso, na passagem mais alta não há guardas na fronteira.

Josep temia os guardas da fronteira. Quatro anos antes, a fim de evitar os guardas na fronteira, entrara às escondidas na França. Seguira por trilhas quase apagadas pela floresta nas montanhas. Perdera muito tempo, tomando o maior cuidado para não cair em algum abismo, se os guardas não atirassem nele primeiro. Aprendera na ocasião que as pessoas que viviam ao longo da fronteira conheciam os melhores percursos para o contrabando. Por isso, decidiu seguir o conselho daquele lavrador.

– Há quatro aldeias ao longo do desfiladeiro mais alto em que você pode procurar comida e abrigo – disse o homem. – Deve parar em cada uma e passar a noite, mesmo que ainda restem umas poucas horas de luz do dia, o que lhe permitiria andar mais um pouco. É que fora das aldeias não há comida nem lugares protegidos para dormir. O único trecho do desfiladeiro em que deve se apressar, para não ser surpreendido pela escuridão, é o que leva à quarta aldeia.

O lavrador informou a Josep que a passagem mais alta o faria alcançar a Espanha a leste de Aragón.

– Deve ficar a salvo dos milicianos carlistas, embora os guerrilheiros de boina vermelha muitas vezes incursionem pelo território sob controle do exército espanhol. Em julho do ano passado eles foram até Alpens. Mataram oitocentos soldados espanhóis. Por acaso você está envolvido nessa luta?

Josep sentiu-se tentado a dizer que quase usara a boina vermelha, mas optou por sacudir a cabeça em negativa.

– Não.

– Demonstra que você tem bom senso. Os espanhóis não poderiam ter inimigos mais terríveis do que eles próprios em suas lutas.

Josep quase se sentiu ofendido, mas logo refletiu: Não era verdade? E contentou-se em dizer que a Guerra Civil era mesmo terrível.

– Mas qual é o motivo de tanta matança?

Josep descobriu-se a dar uma aula de história espanhola. Durante muito tempo, apenas os filhos homens podiam herdar o trono na monarquia espanhola. Muito antes de Josep nascer, o rei Fernando VII tivera três esposas, que morreram sem lhe dar um herdeiro. A quarta esposa lhe dera duas filhas. O rei persuadira as Cortes a mudar a lei, para que sua primeira filha, Isabela, se tornasse a futura rainha. Isso enfurecera seu irmão, o infante Carlos Maria Isidro, que ficaria com o trono se Fernando morresse sem ter um filho homem.

Carlos se rebelara e fugira para a França. Na Espanha, seus partidários conservadores uniram-se para criar uma milícia armada, que vinha lutando desde então.

Mas Josep não contou que fora essa luta que o levava a fugir da Espanha e passar os quatro anos mais solitários de sua vida.

– Não me importo nem um pouco de quem é o cu real que esquenta o trono – comentou ele, amargurado.

– De que adianta para o homem comum se preocupar com essas coisas? – indagou o lavrador.

Ele vendeu para Josep uma pequena bola de queijo, feito de leite de vaca, a um preço ótimo.

Quando iniciou a travessia dos Pireneus, Josep descobriu que a passagem mais alta era pouco mais que uma trilha estreita e sinuosa, que subia e descia, subia e descia. Ele era um ponto mínimo numa vastidão interminável. As montanhas estendiam-se à sua frente, hostis e imponentes, picos escarpados marrons com pontas nevadas, desvanecendo-se no azul muito antes do horizonte. Havia florestas de pinheiros esparsos, entremeados de penhascos vazios, blocos de rocha desmoronados, terra revirada. Às vezes, num ponto mais elevado, ele parava e contemplava, como se fosse num sonho, uma vista espetacular. Receava ursos e javalis, mas não encontrou nenhum animal; apenas uma vez, a distância, avistou dois bandos de veados.

A primeira aldeia não era mais que um pequeno agrupamento de casas. Josep pagou uma moeda para dormir no chão da cabana de um pastor de cabras. Passou uma noite miserável por

causa dos carrapatos, que se banquetearam à vontade de seu corpo. No dia seguinte, enquanto andava, sentia coceira em uma dúzia de lugares.

A segunda e a terceira aldeia na montanha eram maiores e melhores. Ele dormiu uma noite perto de um fogão na cozinha, e na noite seguinte numa bancada de trabalho na oficina de um sapateiro, sem insetos e sentindo o cheiro forte e agradável de couro.

Partiu cedo e apressado na quarta manhã, lembrando a advertência do lavrador. Em alguns lugares, a trilha era difícil. Mas apenas um pequeno trecho, no ponto mais alto, estava coberto de neve, como o homem avisara. Josep não estava acostumado à neve e não gostou. Podia se imaginar a quebrar uma perna e congelar até a morte, ou morrer de fome naquela assustadora vastidão branca. De pé na neve, ele fez uma única refeição, gelada, comendo todo o seu precioso queijo, como se já estivesse em inanição. Deixava cada pedaço delicioso descongelar na boca, devagar. Mas ele não morreu de fome nem quebrou a perna. A neve pouco espessa podia retardar seus passos, mas não chegava a ser uma grande dificuldade.

Parecia-lhe que as montanhas azuis marchariam à sua frente para sempre.

Não viu seus inimigos, os carlistas com suas boinas vermelhas.

Não viu seus inimigos, as tropas do governo.

Não viu nenhum francês ou espanhol e não tinha a menor ideia da localização da fronteira.

Ainda atravessava os Pireneus, como uma formiga, sozinho no mundo, cansado e ansioso, quando a luz do dia começou a se desvanecer. Mas, antes da escuridão, alcançou uma aldeia. Havia velhos sentados num banco na frente de uma estalagem. Dois garotos jogavam um pedaço de pau para um cachorro amarelo, que não se mexia.

– Vá buscar, seu preguiçoso! – gritou um deles.

As palavras foram proferidas no tipo de catalão que Josep falava. Ele compreendeu que estava próximo da Espanha.

## A placa

Sete dias depois, no início da manhã de domingo, Josep chegou à aldeia de Santa Eulália, onde podia andar em segurança no escuro, pois conhecia cada campo, cada casa, cada árvore. Parecia inalterada. Ao atravessar a pequena ponte de madeira sobre o rio Pedregós, notou que havia apenas um filete de água correndo pelo leito, o resultado de meia dúzia de anos de estiagem. Desceu pela rua estreita, passando pela pequena praça ao lado do poço da aldeia, a prensa de vinho comunitária, a forja do ferreiro, o armazém de Nivaldo, amigo de seu pai, a igreja cuja santa padroeira compartilhava seu nome com a aldeia. Não encontrou ninguém, embora algumas pessoas já estivessem na igreja de Santa Eulália; quando passou, ouviu o murmúrio de suas vozes na missa. Além da igreja, havia umas poucas casas e a plantação da família Casals. Depois, havia o vinhedo de Freixa. E o vinhedo de Roca. Josep finalmente alcançou o vinhedo de seu pai, espremido entre o de uvas brancas da família Fortuny e o de uvas pretas de Quim Torras.

Havia uma pequena placa de madeira, numa estaca baixa, fincada no chão.

## À VENDA

– Ah, Donat... – murmurou ele, amargurado.

Josep poderia ter adivinhado que o irmão não ia querer ficar com a terra. Mas só se sentiu furioso quando viu as condições do vinhedo. As videiras se encontravam num estado lamentável. Não haviam sido podadas e estavam grandes demais, altas e esparramadas para os lados. Os espaços entre as videiras haviam sido invadidos pelo capim, cardo e ervas daninhas.

A casa não mudara de aparência desde que fora construída pelo bisavô de Josep. Era parte da propriedade, uma construção pequena, de pedra e argila, que parecia crescer direto da terra. Havia uma cozinha e uma pequena despensa no térreo, uma escada de pedra que levava a dois pequenos quartos no segundo andar, e um sótão em que os cereais eram guardados, debaixo dos beirais. O chão da cozinha era de terra batida, enquanto no andar de cima era de estuque, manchado de vermelho do sangue de porco e lavado regularmente ao longo dos anos, de tal forma que parecia agora de pedra escura e polida. Todos os tetos tinham vigas expostas, toras tiradas das árvores derrubadas por José Alvarez, quando limpava a terra para plantar as videiras. O telhado era feito de ferria, o junco alto e oco que crescia nas margens do rio. Cortados ao meio e entrelaçados, proporcionavam uma sustentação firme para as telhas moldadas com a argila cinzenta do rio.

Lá dentro, havia sujeira por toda parte. Na cozinha, o relógio francês em caixa de mogno – presente do pai para a mãe de Josep, quando haviam casado, a 12 de dezembro de 1848 – estava silencioso, sem corda. As únicas outras coisas que Josep prezava naquela casa eram a cama e o baú do pai, ambos ornamentados com videiras lavradas por quem os fizera, o avô dele, Enric Alvarez. Agora, os dois estavam cinzentos da poeira. Havia roupas de trabalho sujas espalhadas pelo chão, nas cadeiras e na mesa, ao lado de pratos sujos com dejetos de ratos e restos de antigas refeições. Josep caminhara por dias a fio e sentia-se cansado demais para pensar ou agir.

Lá em cima, não lhe ocorreu usar o quarto do pai, a cama do pai. Tirou os sapatos e deitou-se na esteira de dormir fina e encaroçada que seu corpo não tocava fazia quatro anos. Não soube de mais nada quase no mesmo instante.

Josep dormiu durante todo aquele dia e a noite. Acordou tarde na manhã seguinte, com uma fome tremenda. Não havia sinal de Donat. A água que ainda restava na garrafa de Josep era suficiente para um gole apenas. Quando carregava um cesto e um balde vazios para a praça, Josep avistou os três filhos do alcalde trabalhando na propriedade de Angel Casals. Os dois mais velhos, Tonio e Jaume, espalhavam estrume, enquanto o terceiro, o mais jovem – Josep não se lembrava de seu nome – abria sulcos na terra com a ajuda de uma mula. Estavam tão absorvidos no trabalho que não notaram sua passagem. Ele foi para o armazém. Na semiescuridão lá dentro, encontrou Nivaldo Machado, quase o mesmo de que se recordava... mas não de todo. Estava mais magro agora, se é que isso era possível, e mais calvo; os cabelos restantes eram grisalhos. Despejava feijão de um saco grande para sacos pequenos. Parou de repente, fitando Josep com o olho bom. O olho ruim, o esquerdo, permaneceu meio fechado.

– Josep! Louvado seja Deus! Você está vivo, Josep! Por minha alma, é mesmo você, Tigre?

Era o apelido que ele sempre usara, a única pessoa que o tratava assim. Josep sentiu-se animado pela alegria na voz de Nivaldo, comovido pelas lágrimas em seus olhos. Os lábios curtidados deram beijos em suas faces, os braços velhos, mas ainda vigorosos, o envolveram num abraço apertado.

– Sou eu mesmo, Nivaldo. Como você está?

– Tão bem quanto sempre. Ainda é soldado? Todos pensamos que havia morrido. Foi ferido? Matou metade do exército espanhol?

– Tanto o exército da Espanha quanto os carlistas estiveram a salvo de mim, Nivaldo. Não me tornei um soldado. Passei esse tempo todo fazendo vinho na França. No Languedoc.

– É mesmo? No Languedoc? Como são as coisas por lá?

– Muito francesas. A comida era boa. Neste momento, Nivaldo, estou meio morto de fome.

Nivaldo sorriu, numa felicidade evidente. Pôs mais um pouco de lenha no fogo, e pendurou a panela de ensopado em cima.

– Sente-se.

Josep ocupou uma das duas cadeiras cambaias junto da pequena mesa, enquanto Nivaldo pegava dois copos e servia de um jarro.

– Saúde. Seja bem-vindo.

– Obrigado. Saúde.

Não era tão ruim, pensou Josep, enquanto tomava o vinho. Isto é... aguado, um pouco azedo e rascante, como se lembrava, mas confortadoramente familiar.

– É vinho de seu pai.

– Eu sei... Como ele morreu, Nivaldo?

– Marcel apenas... apenas ficou cansado demais nos últimos anos de vida. Até uma noite em que estávamos sentados aqui, jogando cartas. Ele sentiu uma dor no braço. Esperou até ganhar a partida e depois foi para casa. Deve ter caído no caminho. Seu irmão, Donat, encontrou-o na estrada.

Josep balançou a cabeça, com uma expressão sombria. Tomou um gole do vinho.

– E onde está Donat?

– Em Barcelona.

– O que ele faz ali?

– Donat mora em Barcelona. Casou com uma mulher que conheceu no lugar em que trabalha, uma tecelagem. – Nivaldo fitou-o nos olhos. – Seu pai sempre disse que Donat aceitaria suas responsabilidades no vinhedo quando chegasse o momento. Pois o momento chegou, mas Donat não quer saber do vinhedo. Você sabe que ele jamais gostou desse tipo de trabalho, Josep.

Josep acenou com a cabeça em concordância. Claro que sabia. O cheiro do ensopado quente deixou-o com água na boca.

– E como ela é... a mulher com quem Donat casou?

– Bastante simpática. Seu nome é Rosa Sert. O que um homem pode dizer sobre a mulher de outro só de olhar? Calada, um pouco feia. Já esteve aqui com ele, várias vezes.

– Ele quer mesmo vender o vinhedo?

– Donat quer o dinheiro. – Nivaldo deu de ombros. – Um homem sente a falta de dinheiro quando toma uma esposa.

Nivaldo tirou a panela de ensopado do fogo, removeu a tampa, serviu uma porção generosa no prato. Quando cortou um pedaço de pão e acrescentou vinho aos copos, Josep já estava devorando o ensopado, sentindo o sabor do feijão-preto, presunto, alho. Se fosse no verão, seria feijão-verde, berinjela, talvez couve-rábano. Agora, havia também pedaços de coelho, cebolas, batatas. Diziam que Nivaldo quase nunca lavava a enorme panela do ensopado, porque sempre acrescentava novos ingredientes à medida que o conteúdo diminuía. Josep esvaziou o prato e aceitou uma segunda porção.

– Há alguém interessado em comprar?

– Sempre há algumas pessoas interessadas em terras. Roca mataria pelo vinhedo, mas não tem condições de comprar. O mesmo acontece com a maioria dos outros, que também não têm dinheiro. Mas Angel Casals quer a propriedade para Tonio, seu filho.

– O alcalde? Mas Tonio é o primogênito.

– Tonio é um escravo do conhaque. Passa a maior parte do tempo bêbado. Angel não pode confiar nele para assumir a propriedade. Os dois filhos mais novos são trabalhadores. Angel deixará tudo para eles, e procura uma terra para ficar com Tonio.

– Ele já fez uma oferta?

– Ainda não. Angel prefere esperar, deixar Donat se afligir, até roubar a terra pelo menor preço possível. Angel Casals é o único homem que conheço por aqui que tem condições de instalar um filho em terra comprada. Esta aldeia vai do pobre ao mais pobre. Todos os filhos mais jovens foram embora, como você fez. Nenhum dos seus amigos continua por aqui.

– Manel Calderon?

– Foi embora. Há quatro anos que não tenho notícias dele.

Josep sentiu uma pontada de medo e perguntou pelo companheiro do clube de caça que era seu maior amigo:

– E Guillem Parera?

– Uma coisa terrível, Josep. Guillem morreu.

Guillem morto?

– Oh, não!

Eu disse a ele. Deveria ter me acompanhado, Guillem.

– Você está bem, Tigre?

– O que aconteceu com ele? – perguntou Josep, com medo de ouvir a resposta.

– Depois de partir com você e os outros, ele também deixou o exército. Soubemos que foi para Valência e encontrou trabalho na reforma da catedral, deslocando aqueles enormes blocos de pedra. Um deles caiu e esmagou-o.

– Uma maneira terrível de morrer.

– É verdade. Um mundo agonizante, meu jovem amigo.

Pobre Guillem... Nervoso e deprimido, Josep finalmente levantou-se.

– Preciso de feijão e arroz. Chouriço... um pedaço grande, Nivaldo, se não se importa. E azeite e banha.

O velho pegou os itens perdidos. Acrescentou ao cesto um pequeno repolho, como presente de boas-vindas. Ele nunca cobrava de ninguém pelo ensopado ou vinho. Josep acrescentou algumas moedas à conta quando pagou, era assim que se fazia negócio com Nivaldo. Antes de ir embora, Josep não pôde mais se conter:

– Teresa Gallego ainda vive aqui?

– Não. Ela casou há dois ou três anos com um sapateiro chamado Luis... Montres, Mondres, alguma coisa assim... um primo dos Calderons que veio de Salamanca para uma longa visita à aldeia. Usava um terno branco no casamento. Fala espanhol como um português. Levou-a para Barcelona, onde tem uma oficina de sapateiro na Sant Doménech del Call.

O medo consumado, Josep balançou a cabeça, saboreando a amargura do pesar. Guardou o sonho de Teresa no fundo de sua mente.

– Lembra-se de Maria del Mar Orriols? – perguntou Nivaldo.

– A namorada de Jordi Arnau?

– A própria. Ele deixou-a de barriga quando partiu com vocês. Ela teve um menino, a quem deu o nome de Francesc. Mais tarde, casou com o vizinho, Ferran Valls, que deu seu nome à criança.

– Ferran?

Era um homem mais velho e retraído. Baixo, corpo largo, cabeça grande. Viúvo, sem filhos.

– Ferran Valls também morreu. Cortou a mão e teve uma febre alta que o levou, menos de um ano depois do casamento.

– Como ela vive agora?

– O vinhedo de Valls é agora de Maria del Mar. Durante algum tempo, no ano passado, Tonio Casals viveu com ela. Alguns achavam que eles acabariam casando, mas Maria logo compreendeu que ele é terrível como uma cobra quando bebe... e está sempre bebendo. Ela expulsou-o de sua casa. Vive agora sozinha com o menino. Trabalha muito. Cuida da terra como se fosse um homem. Cultiva uvas e vende vinho para fazer vinagre, como todos os outros por aqui.

Nivaldo fez uma pausa, fitando-o nos olhos.

– Houve um tempo em que também deixei a vida de soldado. Quer me contar o que aconteceu com você?

– Não.

– Tudo mudou lá em Madri, mas não como seu pai e eu esperávamos... Pusemos você no cavalo que não venceu.

Josep acenou com a cabeça em concordância.

– Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você em sua volta para casa?

– Bem que gostaria de tomar outra tigela de ensopado.

O velho sorriu e levantou-se para servi-lo.

Josep foi até o cemitério da igreja. Encontrou a sepultura no lugar indicado por Nivaldo. Não havia mais espaço para sepultar o pai junto da mãe. A sepultura dela continuava como antes.

*Maria Rosa Huertas*

*Esposa e Mãe*

*2 de janeiro de 1835 – 20 de maio de 1860*

O pai fora sepultado mais para o lado, no canto sudeste, perto da cerejeira. Todos os anos, as cerejas nessa árvore se tornavam enormes tentações púrpura. Os aldeões evitavam-nas, achando que poderiam estar contaminadas pelos cadáveres nas sepulturas. Mas o pai e Nivaldo sempre as colhiam.

A terra na sepultura do pai já tivera tempo de assentar, mas ainda não estava coberta pela relva. Triste, Josep arrancou as poucas ervas daninhas, quase distraído. Se estivesse na sepultura de Guillem, poderia ter conversado com o velho amigo. Mas não sentia nenhuma ligação com o pai e a mãe. Tinha apenas oito anos quando a mãe morrera, e refletiu agora que nunca mantivera uma conversa mais séria com o pai.

A sepultura do pai não tinha lápide. Teria de providenciá-la.

Ele deixou o cemitério e foi para a praça. Amarrou o balde na corda e desceu-o pelo poço. Registrou o intervalo até ouvir o barulho do balde batendo na água. Como já observara no rio, o nível da água estava bastante baixo. Bebeu muito quando puxou o balde. Tornou a enchê-lo e levou-o para casa, com todo cuidado, a fim de guardá-la nos dois cântaros, os cântaros em que a água ficaria sempre fresca.

Ao passar agora pela propriedade do alcalde, sua presença foi notada. Tonio e Jaume interromperam o que faziam para olhar. Jaume ergueu a mão em cumprimento. Josep tinha as mãos ocupadas, com o cesto e o balde, mas gritou um jovial olá! em resposta. Poucos minutos depois, quando largou o balde para flexionar a mão com câibra, percebeu que o caçula dos irmãos Casals – seu nome era Jordi, ele lembrou de repente – fora enviado para segui-lo, a fim de se certificar de que era mesmo Josep Alvarez.

Quando chegou à casa da família, Josep pôs o balde no chão. Arrancou a placa de À VENDA com a maior facilidade e jogou-a longe, entre as moitas.

Olhou para a estrada e sorriu ao ver o jovem Jordi Casals correr como um animal em pânico para relatar ao pai e aos irmãos o que acabara de testemunhar.

## A limpeza do ninho

As evidências do desleixo de Donat deixaram Josep irritado, mas quando começou a trabalhar, não foi na casa, mas sim no vinhedo. Arrancou o mato e podou as videiras, as mesmas tarefas que haviam sido suas últimas no vinhedo maior de Mendes. O que fizera com eficiência e orgulho na França por um salário, retomou-o agora com um prazer ainda maior naquela pequena e malcuída propriedade que pertencia à sua família havia 108 anos. Nos primeiros tempos da agricultura espanhola, seus antepassados haviam sido servos. Mais tarde, tornaram-se empregados nas plantações da Galícia empobrecida. Mas a situação da família Alvarez mudou no ano de 1766, quando o rei Carlos III constatara que grande parte da região era de terra sem cultivo. Os lavradores concentravam-se nas aldeias, sem trabalho... descontentes e, por isso mesmo, politicamente perigosos. O rei designara o conde Pedro Pablo de Aranda, um líder militar que se destacara como comandante geral dos exércitos reais, para supervisionar um ambicioso programa de reforma agrária, parcelando e redistribuindo as terras públicas, além das extensas propriedades que a Coroa comprara da Igreja Católica.

Uma das primeiras transações envolveu 51 hectares nas colinas isoladas e ondulantes junto do rio Pedregós, na Catalunha. Não havia habitantes ali. Aranda determinou que a área fosse dividida em doze propriedades de quatro hectares. Os restantes três hectares cercavam uma construção de pedra, o Priorado de Santa Eulália, que ele designou como igreja. Para receber as terras, o conde escolheu doze veteranos de guerra afastados do exército, antigos sargentos que haviam liderado tropas, sob seu comando. Como jovens soldados, todos haviam lutado em campanhas difíceis e insurreições sangrentas. Cada um dos sargentos tinha direito a soldos atrasados. Não chegavam a ser grandes quantias, mas o total era uma soma respeitável. Exceto pelos pequenos estipêndios que cada novo lavrador recebeu, a fim de poder produzir a primeira colheita, as concessões de terra serviram para saldar os soldos atrasados. Esse subproduto foi considerado muito satisfatório por Aranda, num ano de dificuldades financeiras da Coroa.

Apenas uma das doze propriedades era ideal para a exploração agrícola. Ficava localizada no canto sudeste da nova aldeia, num antigo curso do rio. Durante séculos, nos raros anos de enchente do rio, as correntes transbordando retiravam a camada superficial do solo rio acima e depositavam na curva do rio, formando uma grossa camada de solo aluvial. O primeiro beneficiário a examinar a nova aldeia foi Pere-Felip Casals, que escolheu o terreno fértil sem a menor hesitação. Com isso, garantiu a prosperidade que proporcionara poder político a seus descendentes e os convertera, geração após geração, em alcaldes de Santa Eulália.

O bisavô de Josep, José Alvarez, fora o quarto sargento a conhecer Santa Eulália e receber sua propriedade. Tinha sonhos de se tornar um próspero plantador de trigo. Mas ele e os outros sargentos, todos nascidos camponeses, tinham algum conhecimento de solos. Observaram que as propriedades restantes eram compostas por um solo à base de ardósia e calcário.

Conversaram muito a respeito. Pere-Felip Casals já começara a plantar batatas e centeio em sua terra fértil. Os outros sabiam que teriam de ser flexíveis.

– Não são muitas as colheitas que podem vicejar nesta merda tão inóspita – declarou José

Alvarez, cansado.

Os outros sargentos concordaram.

Desde o primeiro plantio, cada um optara por uma colheita que vicejava ao sol ardente do verão e se renovava na tréguia do inverno brando no norte da Espanha. Era uma colheita cujas raízes podiam penetrar fundo pelo solo rochoso, sugando toda e qualquer umidade que encontrassem na terra.

Todos plantaram uvas.

O movimento de reforma agrária não foi muito longe. A Coroa logo decidiu estimular um programa pelo qual extensas propriedades eram arrendadas, os beneficiários por sua vez arrendando pequenas áreas a camponeses indigentes. Em menos de dois anos, Aranda deixou de distribuir terras. Mas os lavradores de Santa Eulália haviam recebido seus títulos e eram proprietários.

Agora, mais de um século depois da concessão das terras, menos da metade das propriedades de Santa Eulália era possuída e explorada por descendentes dos antigos sargentos. As outras haviam sido vendidas a grandes proprietários e eram cuidadas por pagesos, camponeses que arrendavam pequenas áreas. As condições de vida de proprietários e rendeiros não eram muito diferentes; mas além de vinhedos maiores, os proprietários sentiam-se seguros no conhecimento de que ninguém poderia aumentar o preço do arrendamento para obrigá-los a sair da terra. Enquanto arrancava as ervas daninhas, de joelhos, Josep cravava os dedos bem fundo na argila quente e cheia de seixos, sentindo que ela penetrava por baixo de suas unhas. Aquela terra... como era maravilhoso possuí-la, da superfície crestando ao sol ao ponto mais profundo que um homem quisesse escavar! Não importava que aquele solo produzisse uvas azedas, em vez de trigo. Tê-la era possuir uma parte da Espanha... uma parte do mundo!

No final da tarde, ele entrou na casa e começou a arrumá-la. Levou os pratos e utensílios sujos para fora e removeu a sujeira e o mofo, primeiro com punhados de areia, depois com água e sabão. Deu corda no relógio francês, acertando a hora pelo relógio de Nivaldo na loja e acrescentando os poucos minutos da caminhada até a casa. Varreu o chão, a terra compacta que fora polida por pés da família Alvarez durante um século. No dia seguinte, ele disse a si mesmo, lavaria suas roupas no Pedregós, assim como as roupas que Donat abandonara na casa. Tinha consciência de que seu corpo fedia. O ar ainda não estava quente, mas ele precisava do luxo de um banho completo. Quando foi guardar a vassoura, notou que os cabos de madeira de todos os utensílios estavam ressequidos. Levou algum tempo a passar óleo, com todo cuidado. Só depois, quando o sol já mergulhava no horizonte, é que se permitiu pegar uma pequena barra de sabão marrom e seguir para o rio.

Ao passar pela propriedade de Torras, ele verificou que ainda era cuidada, mas muito mal. As videiras, muitas ainda não podadas, davam a impressão de que precisavam muito de fertilizante.

O vinhedo seguinte era o que pertencera a Ferran Valls. Havia quatro oliveiras grandes e retorcidas à margem da estrada, as velhas raízes tão grossas quanto o braço de Josep. Uma

criança brincava entre as raízes da segunda árvore.

O menino observou sua aproximação. Era bonito, olhos azuis e cabelos escuros, braços finos, as pernas queimadas de sol. Os cabelos eram muito compridos, quase como os de uma menina. Josep parou e limpou a garganta.

– Boa-tarde. Você deve ser Francesc. Sou Josep.

Mas o menino levantou-se de um pulo e correu para trás das árvores. Os passos eram meio tortos; havia alguma coisa errada com suas pernas. Ao passar pela última árvore, Josep permitiu-se olhar mais fundo pelo vinhedo. Viu que o menino em andrajos corria na direção de uma pessoa trabalhando entre as videiras com uma pá.

Maria del Mar Orriols. Eles a chamavam de Marimar. A garota que ele recordava como a namorada de Jordi, agora uma viúva. Josep experimentou uma estranha sensação.

Quando o menino apontou, a mulher parou de trabalhar e olhou o homem na estrada. Ela parecia mais corpulenta do que Josep lembrava, quase como homem, exceto pelo vestido sujo de trabalho e o lenço na cabeça.

– Olá, Maria del Mar!

Ela não respondeu; era óbvio que não havia reconhecido o homem na estrada. Josep parou e esperou por um momento. Mas ela não se adiantou para lhe falar, não fez nenhum sinal para que se aproximasse.

Depois de um instante, ele acenou e continuou a se encaminhar para o rio. Ao final da propriedade, uma curva na estrada levou-o à margem do Pedregós, longe da vista da mulher.

## A santa das virgens

Por toda parte de Santa Eulália para onde olhava, Josep via Teresa Gallego. Havia um ano de diferença na idade. Quando eram pequenos, Teresa era apenas uma das muitas crianças que corriam pela rua da aldeia e começavam a trabalhar cedo na lavoura. O pai, Eusebi Gallego, arrendara um hectare e ganhava a vida de forma precária com o cultivo de uvas. Josep sempre a vira, mas ela nunca se registrara em sua consciência, mesmo numa aldeia tão pequena, até os sete anos de idade. Compacta para sua idade, mas ágil e forte, ela era a mascote dos castelões de Santa Eulália. A predileta da comunidade, era a criança que todos sabiam que seria a escolhida – se ao menos fosse homem! – para o ponto mais alto da estrutura humana de catalães, todos de camisa verde e calça branca, que nas ocasiões especiais celebravam Deus e a Catalunha ao subirem para o céu, nos ombros uns dos outros.

Alguns diziam que os catalães reproduziam a ascensão de Cristo. Enquanto músicos tocavam canções antigas, em tambores e nos tradicionais oboés catalães, chamados de *grallas*, o quarteto de homens mais fortes assumia posição. Com faixas bastante apertadas, para dar apoio às costas e barriga, eram cercados por centenas de voluntários ansiosos, a multidão a pressioná-los e escorá-los, dezenas de mãos estendendo-se para proporcionar uma base firme. Quatro outros homens fortes subiam em cima dos primeiros, os pés descalços em seus ombros. Depois, subiam mais quatro e mais quatro. E assim por diante, até que havia oito camadas de homens, cada camada mais leve do que a anterior, porque teria de suportar menos peso. Os níveis superiores eram formados por jovens. O último a subir no castelo era o menino pequeno que se tornava o enxaneta, o pináculo.

A pequena Teresa Gallego era forte e ágil como um macaco, uma escaladora melhor do que qualquer menino da aldeia. Ela comparecia a todos os treinos dos catalães porque seu pai, Eusebi, emprestava sua força valiosa ao quarto nível de homens. Embora uma garota não pudesse ser pináculo, a pequena Teresa era tão admirada e amada que às vezes permitiam que ela subisse para a quinta fileira durante os ensaios, pisando em panturrilhas, nádegas, costas, braços estendidos e ombros, até ficar por cima do pai. Ela subia com todo cuidado e suavidade, não fazendo movimentos bruscos para não balançar o castelo. Mesmo assim, o castelo às vezes tremia e cambaleava enquanto ela subia. Uma ocasião, durante um ensaio, o castelo se desmanchou por baixo dela. Teresa caiu, uma pequena fruta humana entre corpos adultos, resistentes e fortes. Ela sofreu pequenas lesões, mas Deus protegeu-a de males maiores.

Embora fosse reconhecida como a melhor escaladora entre as crianças, quando havia esplêndidas ocasiões de sucesso público, durante as apresentações programadas dos catalães em festivais, era sempre um menino, mais lento e menos ágil, que subia pelo castelo para completá-lo, como a nona camada. O pináculo, ele erguia o braço em triunfo, como a cereja num bolo de várias camadas, enquanto a multidão aclamava em delírio. Nesses momentos, Teresa permanecia lá embaixo, olhando em frustração e anseio, a música dos tambores e *grallas* provocando calafrios por todo o seu corpo. O castelo humano vitorioso se desmanchava, descendo em perfeita ordem, camada por camada.

Ela só fez a escalada nos ensaios durante dois anos. Na metade da segunda temporada, o pai começou a apresentar os primeiros sinais de saúde em deterioração, com dificuldades para sustentar sua parte do peso na torre. Ele foi substituído e Teresa deixou de comparecer aos ensaios dos catalães. Tornou-se menos graciosa à medida que ficava mais velha. Deixou de ser a queridinha de todas. Mas Josep continuou a admirá-la, embora de longe.

Não tinha a menor ideia do que a tornava tão interessante. Observou-a deixar de ser criança, virando uma jovem alta e forte. Aos dezesseis anos, tinha os seios pequenos, mas o corpo era de uma mulher. Josep passou a observá-la atentamente, quando pensava que não era notado. Admirava as pernas quando ela levantava a bainha da saia para a cintura, a fim de evitar que ficasse suja com a terra do vinhedo. Teresa sabia que ele a observava, mas nunca se falavam.

No Dia de Santa Eulália, naquele ano, os dois se descobriram juntos a assistir a procissão, perto da oficina do ferreiro.

Havia uma controvérsia sobre o dia da santa, porque havia duas santas com o mesmo nome: Santa Eulália padroeira de Barcelona e Santa Eulália de Mérida. As pessoas não conseguiam concordar sobre qual das duas dera nome à aldeia. As duas santas eram mártires que haviam morrido em agonia por sua fé. O dia da Eulália de Mérida era 10 de dezembro, mas a aldeia celebrava sua festa a 12 de fevereiro, dia da santa de Barcelona, porque estava mais próxima de Barcelona que de Mérida. Alguns aldeões acabaram juntando os poderes consideráveis das duas santas em suas mentes, tornando a Santa Eulália combinada mais poderosa que qualquer das outras duas. A Eulália da aldeia era a santa padroeira de várias coisas: chuva, viúvas, pescadores, virgindade, a prevenção de abortos. Podia-se rezar para Santa Eulália pela maioria dos problemas da vida.

Cinquenta anos antes, os habitantes da aldeia notaram que os restos mortais de uma das Eulálias estavam na Catedral de Barcelona, enquanto os fiéis em Mérida tinham relíquias de sua Santa Eulália na basílica da cidade. Os aldeões de Santa Eulália também queriam homenagear sua padroeira, mas não tinham nenhuma relíquia, nem mesmo um ossinho de um dedo. Juntaram seus escassos recursos e encomendaram uma estátua para a igreja. O escultor contratado foi um fabricante de lápides, um homem de talento limitado. Sua estátua era grande e desgraciosa, com um rosto desaprovador, bastante feio para ser humano. Mas a estátua foi pintada com cores fortes e toda a aldeia sentiu-se orgulhosa. Todos os anos, no Dia de Santa Eulália, as mulheres vestiam sua santa com uma túnica branca, ornamentada com pequenos sinos. Os homens mais fortes da região, incluindo os que serviam de base para a torre humana, carregavam a santa numa plataforma quadrada, feita de pranchas resistentes. Enquanto os homens na vanguarda da plataforma caminhavam de frente, com gemidos e resmungos, os da retaguarda andavam de costas; percorriam devagar, cambaleando, toda a extensão da aldeia, depois davam duas voltas pela praça. Os pequenos sinos retiniam, como se a santa aprovasse. Crianças e cachorros seguiam na esteira da plataforma. Bebês berravam, cachorros latiam. O progresso de Santa Eulália era acompanhado por uma onda de aplausos e exclamações de prazer da multidão, que comparecia em suas roupas de igreja, algumas pessoas vindo de muito longe para participar das festas e prestar sua homenagem à santa.

Josep tinha plena consciência da jovem perto dele. Não falaram nada. Josep mantinha os

olhos fixados no prédio no outro lado da rua estreita, a fim de não olhar para Teresa. Talvez a jovem se sentisse tão enfeitada quanto ele. Antes de despertarem para a aproximação da procissão, Santa Eulália já quase os alcançava. A rua era muito estreita naquele ponto. Havia apenas uns poucos centímetros de espaço nos dois lados da plataforma, que às vezes roçava de maneira alarmante contra as paredes de pedras, até que os homens faziam pequenos ajustamentos para garantir a passagem.

Josep olhou para a frente e percebeu no mesmo instante que a rua à frente da oficina do ferreiro era mais larga, mas já estava ocupada por uma multidão de espectadores.

– *Señorita...* – murmurou ele, em tom de advertência, a única vez em que falou com Teresa.

Havia um nicho na parede da oficina do ferreiro. Josep pegou a jovem pelo braço e empurrou-a para esse espaço, comprimindo-se contra ela em seguida, no instante mesmo em que a plataforma os alcançava. Se ficassem na rua, o peso enorme da plataforma os teria esmagado. Mesmo no nicho, ele sentiu a beira da plataforma roçar em suas coxas, por trás. Se a plataforma fosse sacudida, ele poderia sofrer uma grave lesão.

Mas não estava nem pensando no perigo. Comprimia-se contra o corpo da jovem, experimentando as sensações mais espantosas.

Pela primeira vez, pôde examinar o rosto de Teresa de perto, sem se sentir forçado a desviar os olhos depois de dois segundos. Ninguém jamais a confundiria com uma das maiores beldades do mundo, disse Josep a si mesmo. Para ele, no entanto, o rosto de Teresa era de certa forma melhor do que isso.

Os olhos eram de um tamanho comum, de um castanho suave; as pestanas eram compridas, as sobrancelhas espessas e escuras. O nariz era pequeno e reto, com narinas estreitas. Os lábios eram cheios, o superior rachado. Os dentes eram fortes e brancos, um tanto grandes. Josep sentiu o cheiro do alho que ela comera no almoço. O queixo era muito bonito. Por baixo do maxilar, no lado esquerdo, havia um sinal marrom, quase redondo, que ele teve vontade de tocar.

Queria tocar em tudo que via.

Ela não piscou. Seus olhos permaneceram fixados uns nos outros; não havia outro lugar para olhar.

Um momento depois, a procissão de Santa Eulália passou. Josep recuou. Sem dizer nada, a jovem passou por ele e afastou-se apressada pela rua.

Ele continuou parado ali, sem saber para onde olhar, convencido de que todos nas proximidades observavam-no, acusadores, por ter comprimido sua virilidade contra a pureza daquela jovem. Mas quando ergueu o rosto, envergonhado, e olhou ao redor, descobriu que ninguém o observava com algum interesse, que ninguém parecia ter notado coisa alguma. E também se afastou apressado.

Por semanas depois, Josep evitou a jovem, incapaz de fitá-la nos olhos. Pensava que era inevitável que ela nunca mais quisesse encontrá-lo. E se arrependia, amargurado, por ter ido à oficina do ferreiro naquele dia. Até a manhã em que se encontrou com Teresa Gallego no poço

da aldeia. Enquanto pegavam água, começaram a conversar.

Fitaram um ao outro e conversaram durante muito tempo, calmos, a sério, como convinha a duas pessoas que haviam sido reunidas por Santa Eulália.

## Um assunto entre irmãos

Exatamente uma semana depois do retorno de Josep, seu irmão Donat apareceu na casa com a mulher, Rosa Sert, seu rosto uma estranha mistura de boas-vindas e maus presságios. Donat sempre fora corpulento, mas agora tinha uma papada e uma barriga que parecia com massa de pão crescendo. Josep compreendeu que Donat seria muito gordo.

O irmão mais velho, um semiestranho gordo que vivia na cidade grande.

Os dois trocaram beijos com ele. Rosa era baixa e gorducha, uma mulher simpática. Embora cautelosa, sorriu para ele.

– Papai disse que você foi embora para se tornar um soldado, provavelmente no País Basco – comentou Donat. – Não era esse o propósito daquele clube de caça... treiná-lo para ser um soldado?

– Não foi assim que aconteceu.

Josep não deu explicações, mas contou que passara mais de três anos trabalhando no Languedoc. Serviu-lhe o resto do vinho no odre que trouxera da França. Os dois elogiaram o *vin ordinaire*, embora já tivesse passado do melhor ponto.

– Quer dizer que trabalha agora numa tecelagem? É um bom trabalho?

– Eu gosto. Recebo o pagamento duas vezes por mês, haja grânizo, seca ou qualquer outra calamidade.

Josep balançou a cabeça.

– Ter certeza de que vai receber seu dinheiro é uma boa coisa. Qual é seu trabalho?

– Sou ajudante de um trabalhador que toma conta dos carretéis que alimentam os teares. Estou aprendendo uma porção de coisas. Se o fio arrebenta, temos de atá-lo com o nó de tecelão. E antes que um carretel fique vazio, tenho de trocá-lo por outro. É uma fábrica grande, com muitos teares, movidos a vapor. Há muita oportunidade de progresso. Espero um dia me tornar um mecânico dos teares ou dos motores a vapor.

– E você, Rosa?

– Eu? Examinos os panos e conserto os defeitos. Cuido das manchas e coisas parecidas. Às vezes há uma imperfeição ou um pequeno buraco. Uso agulha e linha para fazer reparo, de tal forma que ninguém percebe.

– Ela é muito competente – comentou Donat, orgulhoso. – Mas pagam às mulheres competentes menos do que aos homens sem nenhuma habilidade.

Josep balançou a cabeça em compreensão.

Houve um hiato momentâneo.

– O que você pretende fazer agora? – perguntou Donat.

Josep sabia que eles haviam notado que a placa de À VENDRE desaparecera.

– Cultivar uva. Produzir vinho para vinagre.

– Onde?

– Aqui.

Os dois se mostraram horrorizados.

– Ganho menos de duas pesetas por dia – declarou Donat. – Continuarei com meio salário por mais dois anos, enquanto aprendo o ofício. Preciso do dinheiro. Por isso, venderei esta terra.

– E eu comprarei.

Donat ficou boquiaberto, enquanto Rosa comprimia os lábios em preocupação. Tão paciente quanto era possível, Josep explicou:

– Só há uma pessoa disposta a comprar esta terra... Casals, que pagaria uma ninharia. E, da ninharia do alcalde, um terço viria para mim, como a parte do irmão mais moço.

– Papai sempre deixou bem claro que todo o vinhedo seria meu!

Era verdade.

– A terra ficaria toda para você porque somente uma família pode sobreviver do cultivo de uvas e da produção de vinho para vinagre. Mas papai não deixou a terra toda para você para que a vendesse. Sabe disso. E sabe muito bem. Com certeza absoluta, Donat.

Eles se fitaram, furiosos. Donat foi o primeiro a desviar os olhos.

– Portanto, a regra deve ser aplicada: dois terços para o irmão mais velho, um terço para o mais jovem.

– E de onde vai tirar o dinheiro? – perguntou Donat.

– Venderei as uvas, como papai sempre fez. Farei um pagamento a você a cada três meses, até completar todo o preço de venda acertado.

Os três permaneceram calados por um longo momento.

– Poupei a maior parte dos meus salários durante quatro anos de trabalho duro na França. Posso efetuar o primeiro pagamento imediatamente. Você terá dinheiro extra a cada três meses durante muito tempo. Somando ao que vocês dois ganham, poderão ter uma vida mais fácil. E a terra continuará na família Alvarez.

Donat olhou para Rosa, que deu de ombros.

– Você deve assinar um papel – disse ela para Josep.

– Por que um papel? Isso é uma coisa entre irmãos.

– Ainda assim, há uma maneira apropriada de fazer um negócio – insistiu ela, parecendo determinada.

– Desde quando irmãos precisam de um papel? – pergunto Josep a Donat, bastante irritado. –

Por que irmãos devem dar um bom dinheiro a um mercador da lei?

Donat não respondeu.

– É assim que se tem de fazer – reiterou Rosa. – Meu primo Carles é advogado. Pode providenciar o documento legal por um preço mínimo.

Os dois fitaram-no, obstinados. Agora, foi Josep quem desviou os olhos e deu de ombros.

– Está bem. Podem me trazer a droga desse papel.

Voltaram no domingo seguinte. O documento era em papel branco, parecendo uma coisa muito importante. Donat segurava-o como se fosse uma cobra. Entregou-o a Josep com um alívio evidente.

Ele tentou ler, mas estava muito nervoso e irritado. As palavras, em duas páginas, pareciam se misturar diante de seus olhos. Mas ele sabia o que devia fazer.

– Esperem aqui.

Josep deixou-os sentados à mesa que ainda pensava como sendo de seu pai.

Nivaldo estava em seus aposentos, em cima do armazém, lendo o jornal *El Cascabel*. Aos domingos, só abria o armazém depois da missa, quando os fiéis apareciam para comprar os mantimentos para a semana. O olho ruim estava fechado, enquanto o bom se contraía para a leitura do jornal, da maneira como lia qualquer coisa. Sempre fazia Josep pensar num gavião.

Nivaldo era o homem mais inteligente que Josep já conhecera. Achava que Nivaldo poderia ter sido ou ter feito qualquer coisa. Ele contara uma ocasião a Josep que não podia se lembrar de jamais ter entrado numa sala de aula. Na mesma semana de 1812 em que os britânicos obrigaram José Bonaparte a fugir de Madri, Nivaldo também fugira das plantações de cana-de-açúcar de Cuba, onde nascera. Aos doze anos de idade, ele se escondera num navio a caminho de Maracaibo. Fora um gaúcho na Argentina e um soldado no exército espanhol... do qual desertara, como o pai de Josep revelara um dia. Servira em vários navios. Pelas coisas enigmáticas que ele dizia de vez em quando, Josep tinha certeza de que Nivaldo fora corsário, antes de se estabelecer como comerciante na Catalunha. Josep não sabia onde Nivaldo aprendera a ler e escrever. Mas ele sabia o suficiente para ensinar a Josep e Donat quando eram pequenos. As aulas eram dadas naquela pequena mesa, interrompida sempre que aparecia alguém para comprar um chouriço ou queijo.

– O que está acontecendo, Nivaldo?

Nivaldo suspirou e dobrou *El Cascabel*.

– Este é um momento terrível para o exército do governo, uma de suas piores derrotas. Dois mil soldados foram capturados pelos carlistas, depois de uma batalha no norte. E há problemas em Cuba. Os americanos estão fornecendo armas e suprimentos aos rebeldes. Os americanos na Flórida podem praticamente mijar em Cuba e não ficarão felizes enquanto não forem donos da ilha. Não suportam que uma joia como Cuba pertença a um país tão distante quanto a Espanha.

Ele fez uma pausa, antes de perguntar, com algum mau humor:

– O que o trouxe até aqui?

Josep estendeu o documento. Nivaldo leu em silêncio.

– Então você vai comprar o vinhedo. Isso é ótimo.

Ele leu de novo o documento. Deu um suspiro.

– Você leu isto direito?

– Não.

– Jesus... – Ele devolveu o documento a Josep. – Leia com toda atenção. E depois leia de novo.

Nivaldo esperou, paciente, enquanto Josep lia o documento. Pegou-o de novo.

– Aqui. – Ele espetou o dedo indicador no parágrafo. – O advogado diz que se você atrasar em um único pagamento, a terra e a casa reverterem para Donat.

Josep deixou escapar um grunhido.

– Deve dizer a eles que essa parte tem de ser alterada. Se eles insistirem, deve pelo menos dizer que não perderá a terra, a menos que tenha falhado em três pagamentos consecutivos.

– Eles que se danem. Assinarei essa coisa como está. Eu me sinto sujo por barganhar e discutir com meu irmão por causa da terra de nossa família.

Nivaldo inclinou-se, apertou com força o punho de Josep, fitou-o nos olhos.

– Preste atenção, Tigre. Você não é mais uma criança. E não é um tolo. Deve se precaver.

Josep sentiu-se como uma criança.

– E se eles não aceitarem a mudança?

– Claro que aceitarão. Esperam que você negocie. Diga a eles... que se você algum dia atrasar um pagamento, concorda em acrescentar dez por cento ao pagamento seguinte.

– E acha que eles aceitarão isso?

Nivaldo acenou com a cabeça.

– Creio que sim.

Josep agradeceu e levantou-se para ir embora.

– A mudança deve ficar escrita, com você e Donat assinando ao lado da alteração. Espere um instante.

Nivaldo pegou o vinho e dois copos. Apertou a mão de Josep.

– Eu lhe dou minha bênção. E desejo que sempre tenha sorte, Josep.

Josep agradeceu de novo. Tomou o vinho depressa, da maneira como nunca se deve tomar vinho, e voltou para casa.

Donat calculara que Josep fora consultar Nivaldo, a quem respeitava tanto quanto o irmão.

Por isso, não estava disposto a questionar a mudança solicitada. Mas Rosa protestou no mesmo instante, como Josep já esperava.

– Você tem de saber que deve pagar no dia marcado sem falta – declarou ela, firme.

– Sei disso.

Mas quando Josep fez a oferta de dez por cento de multa pelo atraso, ela pensou por um longo momento, até que acenou com a cabeça em concordância.

Os dois ficaram observando enquanto Josep escrevia as alterações. Quando ele terminou, Rosa disse:

– Meu primo Carles, o advogado, disse que devia ler de novo se fossem feitas alterações, antes de Donat assinar. Por que você não vai a Barcelona para buscar sua cópia do documento?

Josep sabia o que ela estava querendo dizer: para entregar nosso dinheiro. Mas não tinha a menor vontade de ir a Barcelona.

– Acabo de chegar da França.

Donat parecia embaraçado. Era evidente que queria apaziguar o irmão.

– Voltarei à aldeia a cada três meses para receber o pagamento. Mas por que você não pode nos visitar na noite de sábado, Josep? Pegará sua cópia do documento, fará o primeiro pagamento e teremos uma festa de verdade. Mostraremos a você como se comemora em Barcelona!

Josep sentia-se cansado. E queria que os dois sumissem de sua vista o mais depressa possível. Por isso, concordou que os visitaria no fim de semana.

Depois que eles foram embora, Josep continuou sentado à mesa, na casa silenciosa, como se estivesse atordoado.

Finalmente levantou-se, saiu e começou a caminhar pelo vinhedo.

Era como se tivesse de repente se transformado no filho mais velho. Sabia que devia sentir excitação e alegria; em vez disso, porém, sentia-se sufocado pela dúvida.

Andou de um lado para outro das videiras, estudando-as. As fileiras não eram espaçadas com tanto cuidado quanto as fileiras impecáveis do vinhedo de Mendes. Além disso, eram curvas e contorcidas como cobras, em vez de serem relativamente retas. As videiras haviam sido plantadas de uma maneira descuidada, uma confusão de variedades. Seus olhos registraram pequenos e grandes grupos de Garnacha, Samso e Tempranillo, tudo misturado. Gerações de seus antepassados haviam feito vinho com aquelas uvas, só para transformá-lo num vinagre indiferente. Seus ancestrais não se importavam com variedades, desde que cultivassem uvas pretas com bastante sumo.

Fora assim que haviam sobrevivido. E ele deveria ser capaz de sobreviver da mesma maneira, disse a si mesmo. Mas sentia-se perturbado; parecia-lhe que a mudança de sorte havia ocorrido com muita facilidade. Seria capaz de enfrentar os desafios dessas responsabilidades?

Não precisava sustentar uma família, refletiu Josep, e tinha poucas necessidades pessoais,

exceto pela comida mais simples. Mas haveria despesas com o vinhedo. Ele especulou se teria condições de comprar uma mula. O pai vendera sua mula quando os dois filhos já estavam bastante crescidos para fazer o trabalho de um homem. Com três homens no vinhedo, poderiam fazer tudo, sem terem de se preocupar com os cuidados adicionais exigidos por um animal.

Mas agora ele contava apenas com seu próprio trabalho e uma mula seria uma dádiva.

Ao longo dos anos, seus antepassados haviam plantado videiras em todas as terras aproveitáveis. Agora, enquanto andava pela propriedade, ele viu o sol do final da tarde iluminando o alto da colina que era o limite posterior. Só metade da encosta tinha videiras; a inclinação era bem próxima do ângulo que Leon Mendes lhe dissera ser o máximo possível, de 45 graus. Aquela encosta era íngreme demais para trabalhar com uma mula, mas Josep passara muitas horas plantando e cuidando de videiras em terrenos similares na França, usando apenas ferramentas manuais.

A maioria das videiras mais antigas era Ull de Llebre. Mas havia a Garnacha num trecho da encosta. Josep subiu até o ponto em que as videiras eram lindas e antigas, talvez com cem anos de existência, as partes inferiores retorcidas e grossas como suas coxas. Havia algumas frutas duras ainda aderindo aos galhos; e quando ele as colheu e comeu, descobriu que o sabor ainda persistia.

Ele subiu mais, apoiando-se no joelho várias vezes, quando o pé não encontrava onde se firmar. Parava aqui e ali para arrancar tojos e ervas daninhas. Muitas videiras poderiam ser plantadas ali. Aumentaria de forma considerável a produção de uvas.

Ele compreendeu que talvez tivesse aprendido algumas coisas que o pai ignorava. E estava disposto a trabalhar como um animal, a experimentar como o pai jamais tentaria.

Naquela noite começaria a dormir na cama do pai.

Refletiu e concluiu que era milagroso o que ocorrera, tão importante para ele quanto o dia em que o rei e o general Pedro Pablo de Aranda deram a terra ao sargento José Alvarez. Nesse momento, toda e qualquer dúvida se desfez. Josep foi invadido pela felicidade de que vinha se esquivando. Agradecido, sentou-se na terra quente da encosta e contemplou o sol manchar o horizonte de vermelho, antes de desaparecer entre duas colinas. Não demorou muito para que o crepúsculo assentasse sobre o pequeno vale de Santa Eulália, coberto de videiras, e a noite escurecesse sua propriedade.

## Uma viagem a Barcelona

N a manhã de sábado, Josep capinou e cavou durante duas horas, ao longo de uma fileira e que videiras Ull de Llebre bastante antigas estavam muito malcuidadas, a terra dura e lascada como rocha. Mas parou de trabalhar ainda cedo, pois não sabia quanto tempo levaria para chegar à tecelagem em que Donat trabalhava. Foi andando pela estrada para Barcelona; a longa jornada desde a França ainda se encontrava gravada em sua memória e não tinha a menor intenção de cobrir a pé todo o percurso até a cidade. Em vez disso, parou e esperou por um veículo apropriado. Deixou que várias carruagens particulares passassem. Quando avistou uma carroça grande, transportando barris novos, puxada por quatro enormes cavalos de carga, ergueu a mão e apontou para a estrada.

O cocheiro era um homem de rosto vermelho, tão enorme quanto os cavalos. Puxou as rédeas pelo tempo suficiente para que Josep subisse. Afável, desejou-lhe um bom dia. Foi uma viagem afortunada. Os cavalos avançavam em passos firmes e o cocheiro era bastante tranquilo para passar o tempo absorvido numa conversa agradável, o que pareceu encurtar a viagem. Disse que seu nome era Emilio Rivera, com uma tanoaria em Sitges.

– Excelentes barris – comentou Josep, olhando para a carga. – Está levando para produtores de vinho?

Rivera sorriu.

– Não.

Ele explicou que não vendia para produtores de vinho, embora alguns de seus barris fossem usados no comércio de vinagre.

– Estes aqui são para pescadores de Barcelona. Eles enchem meus barris com abrótea, brema, atum... anque... às vezes sardinhas e anchovas. Quase nunca guardam enguias, pois vendem a maior parte quando ainda estão frescas. Gosto muito de enguias.

Nenhum dos dois mencionou a Guerra Civil; era impossível saber se um estranho era um carlista conservador ou um liberal que apoiava o governo. Quando Josep admirou os cavalos, a conversa desviou-se para animais de carga:

– Pretendo comprar muito em breve uma mula forte e ainda jovem – comentou Josep.

– Então deve ir à feira de cavalos em Castelldefels, que será realizada dentro de quatro semanas. Meu primo Eusebi Serrat é comprador de cavalos, mulas e outros animais. Por uma pequena taxa, ele o ajudará a escolher a melhor mula oferecida ali.

Josep balançou a cabeça, pensativo, registrando o nome na cabeça. Os cavalos de Rivera andavam bem. Não passava muito do meio-dia quando alcançaram a tecelagem, fora da muralha de Barcelona. Mas como combinara se encontrar com Donat ali às cinco horas, Josep seguiu adiante na carroça do *señor* Rivera. Os sinos na torre da catedral badalaram quatorze vezes quando ele saltou da carroça do tanoeiro, na Praça de la Seu.

Atravessou a basílica e as galerias em arcadas. Comeu seu pão com queijo num banco no claustro. Jogou algumas migalhas para os gansos por baixo das nespereiras, magnólias e palmeiras do jardim da catedral. Depois, foi sentar na escadaria de pedra na frente da catedral, desfrutando o sol ainda fraco, mas que esquentava o ar frio no início da primavera.

Sabia que era curta a distância do lugar em que se encontrava até a oficina de sapateiro do marido de Teresa, segundo Nivaldo informara.

Sentia-se nervoso com a possibilidade de encontrá-la na rua. O que poderia lhe dizer?

Mas Teresa não apareceu. Ele continuou sentado ali, observando as pessoas entrarem e saírem da catedral, padres, membros das classes superiores em boas roupas, freiras em hábitos diferentes, trabalhadores com expressões de esgotamento, crianças de pés sujos. As sombras já se alongavam quando ele deixou a catedral e foi andando por pátios e ruas estreitas.

Ouviu o barulho da tecelagem antes de avistá-la. A princípio, era como uma onda distante, enchendo os ouvidos com um som abafado, que o deixou inquieto e estranhamente apreensivo. Quando se encontraram, Donat abraçou-o, feliz e ansioso em mostrar a Josep onde trabalhava.

– Venha comigo.

A tecelagem era enorme, de tijolos vermelhos. Na entrada, o rugido era mais intenso. Um homem bem-vestido, de casaco preto e colete cinza, olhou para Donat.

– Você! Há um fardo de lã estragada perto dos cardadores. Está podre e não pode ser usada. Jogue fora, por favor.

Josep sabia que o irmão estava trabalhando desde as quatro horas da manhã. Mas Donat acenou com a cabeça em concordância.

– Pois não, *señor* Serna. Pode deixar que cuidarei disso. *Senyor*, posso apresentar meu irmão, Josep Alvarez? Acabei meu turno e queria lhe mostrar nossa tecelagem.

– Pode mostrar, mas depois jogue fora o fardo de lã estragada... Seu irmão procura emprego?

– Não, *señor* – respondeu Josep.

O homem virou-se, encerrando a conversa. Donat parou junto de um engradado com lã crua e mostrou a Josep como pegar um pouco e tapar os ouvidos.

– Para proteger do barulho.

Mesmo assim, o barulho se tornou ensurdecedor depois que passaram por um conjunto de portas. Entraram numa passarela por cima de um vasto galpão com chão de concreto, em que fileiras intermináveis de máquinas faziam tamanho pandemônio que Josep sentiu a pele estufar e todos os espaços vazios de seu corpo ser preenchidos pelo barulho. Donat bateu em seu braço para atrair sua atenção.

– Fiandeiras... e... teares. – Ele se limitou a mexer os lábios para enunciar as palavras. – E... outras... coisas.

– Quantas?

– Trezentas.

Ele levou Josep através de um mar de som. Os gestos de Donat indicaram como os carregadores despejavam o carvão direto das carroças para um plano inclinado. O carvão caía no depósito perto das duas caldeiras. Quatro foguistas seminus jogavam o carvão sem nenhuma pausa na fornalha, a fim de criar o vapor que impulsionava os enormes teares. Ao final de um corredor de tijolos havia uma sala em que a lã crua era tirada dos fardos, separada pela qualidade e comprimento da fibra – Donat indicou por gestos que as fibras de comprimento maior eram as melhores – antes de ser levada para mesas mecanizadas. Ali, a lã era sacudida para que a terra passasse por uma tela para um recipiente por baixo. Outras máquinas lavavam e encolhiam a lã, enquanto as máquinas de cardar esticavam as fibras e preparavam-nas para a fição. Na sala de cardar, Donat sorriu para um amigo e tocou em seu braço.

– Meu... irmão.

O colega de trabalho sorriu para Josep e apertou sua mão. Depois tocou em seu próprio rosto e virou-se. Era um sinal dos operários, Josep aprenderia, indicando que um chefe os observava. Ele avistou o capataz – sentado por trás de uma mesa, em cima de uma plataforma, no centro da sala – observando-os atentamente. Ao lado do capataz, um cartaz grande proclamava:

**TRABALHE EM SILÊNCIO!**

**FALAR NÃO PERMITE QUE VOCÊ FAÇA UM TRABALHO PERFEITO!**

Donat apressou-se em levá-lo para fora da sala. Seguiram o caminho da lã através dos muitos processos que levavam à preparação do fio, tecelagem e tintura. Josep sentia-se atordoado com o barulho e os cheiros combinados de lã crua, óleo das máquinas, lâmpões de carvão e o suor de mil operários em atividade. Quando Donat, orgulhoso, recomendou que ele passasse a mão pelos rolos prontos de panos coloridos, Josep sentia-se tão atordoado que estava disposto a dizer ou fazer qualquer coisa que lhe permitisse escapar daquela confusão incessante de máquinas ruidosas.

Ele ajudou Donat a levar o fardo de lã estragada para um depósito de lixo por trás da fábrica. O som das máquinas seguiu-os, mas ele sentia-se grato por estar longe agora.

– Posso levar um saco dessa coisa? Acho que posso usá-la.

Donat riu.

– Por que não? Essa porcaria fedorenta não serve para nós. Pode levar tudo o que conseguir carregar.

Ele encheu um saco com a lã. Sorriu, indulgente, quando seu estranho irmão carregou o saco ao se afastarem.

Donat e Rosa residiam na vila operária, numa pequena “casa barata” que a companhia alugava para os empregados quase de graça. Havia várias fileiras de casas idênticas. Cada uma tinha dois cômodos mínimos – um quarto e uma combinação de cozinha e sala – e compartilhava uma latrina externa com a casa vizinha. Rosa cumprimentou Josep efusiva e apresentou o contrato de venda.

– Meu primo Carles, o advogado, concorda com as mudanças.

Ela observou com os olhos contraídos quando as duas cópias foram assinadas. Josep pegou sua cópia e entregou o dinheiro que era o primeiro pagamento pela terra. Rosa e Donat ficaram radiantes.

– Vamos comemorar – disse Donat.

Ele saiu para comprar as coisas para a festa. Durante sua ausência, Rosa deixou Josep sozinho na casa por um momento. Não demorou a voltar, acompanhada por uma jovem rechonchuda.

– Minha amiga Ana Zulema, de Andaluzia.

Era evidente que as duas haviam se preparado para a ocasião. Vestiam saias escuras quase idênticas e blusas brancas engomadas. Donat voltou pouco depois, com comida e bebida.

– Fui até o armazém da companhia. Também temos uma igreja e um padre da companhia. E uma escola da companhia para as crianças pequenas. Temos aqui mesmo tudo o que precisamos. Nunca temos de sair.

Ele pôs na mesa a carne temperada, salada, bacalhau, pães, azeitonas. Josep calculou que ele devia ter gastado a maior parte do primeiro pagamento em comida.

– Também trouxe conhaque e este vinagre, fabricado pelas pessoas que compravam a produção de papai. Talvez esta garrafa tenha sido feita com as uvas de papai!

Donat começou a tomar o conhaque. Mesmo quando estava em casa, não podia deixar de falar sobre seu trabalho.

– É um mundo novo isto aqui. Os operários desta fábrica vêm de toda a Espanha. Muitos são do sul, porque não há empregos ali. Outros tiveram a vida antiga destruída pela loucura da guerra... casas arrasadas pelos carlistas, colheitas queimadas nos campos, comida roubada pelos soldados, crianças passando fome. Há um novo começo aqui, um grande futuro para eles e para mim com as máquinas. Não acha que as máquinas são maravilhosas?

– Acho sim – respondeu Josep, mas hesitante, porque as máquinas intimidavam-no.

– Só serei aprendiz até completar dois anos de trabalho, quando me tornarei tecelão. – A vida não era fácil para os operários da tecelagem, admitiu Donat. – As regras são duras. É preciso ter cuidado com o tempo que se passa na latrina quando é necessário. Não há intervalo para a refeição. Por isso, levo um pedaço de queijo ou um pouco de carne no bolso e como enquanto trabalho.

A tecelagem funcionava 24 horas por dia, em dois turnos compridos, ele explicou.

– Só para aos domingos, quando as máquinas são lubrificadas e reparadas. Esse é o trabalho que eu gostaria de fazer um dia.

Quando os quatro terminaram de beber a garrafa de conhaque, Donat bocejou, pegou a mão da esposa e anunciou que estava na hora de ir para a cama.

Josep também tomara o conhaque e sentia a cabeça flutuar. Descobriu-se a deitar ao lado de

Ana na enxerga que Donat estendera para ele no chão. Além da porta de madeira fina, Donat e Rosa faziam amor, ruidosos. Ana riu e chegou mais perto. Tinha o rosto coberto de pó de arroz e usava um perfume forte. Quando se beijaram, ela estendeu a perna por cima do corpo de Josep.

Já fazia bastante tempo que Josep fora para a cama com Margit, no Languedoc. Sentia o corpo fraco com a força de sua necessidade. Ana tentou puxá-lo para cima de seu corpo, mas ele teve uma visão de pesadelo: aquela jovem grávida; um casamento às pressas na igreja da companhia; um emprego para ele como peão da companhia naquele inferno estrondoso.

– Josep? – murmurou a jovem.

Mas ele forçou-se a fingir que dormia. Não demorou para que ela se levantasse e deixasse a casa.

Josep passou o resto da noite acordado, desejando-a de volta, angustiado e envergonhado por tê-la deixado partir. Escutou a fúria das máquinas, preocupou-se com a dívida que tinha agora com o irmão e a cunhada. Levantou-se antes do amanhecer, pegou o saco com lã, que deixara no lado de fora, junto da porta, e iniciou a viagem de volta.

Já era o final da tarde quando chegou a Santa Eulália. Conseguira cinco caronas separadas e caminhara nos intervalos. Estava cansado, mas foi direto para a fileira do vinhedo cuja terra compacta começara a revolver no dia anterior. Espalhou generosos punhados da lã em círculos largos em torno de cada videira Ull de Llebre, cavando em seguida. Achava que a lã, já em decomposição, poderia fornecer substâncias que ajudariam as videiras. De qualquer maneira, a lã resiliente afrouxaria o solo, permitindo que a água e o ar alcançassem as raízes. Ele trabalhou até o saco ficar vazio. Lamentou não ter trazido mais lã. Talvez, pensou, pudesse convencer Donat a lhe trazer outro saco.

Enquanto o crepúsculo começava, ele entrou na velha casa de pedra, que de repente parecia sólida e confiável. Pegou chouriço, pão e um odre de vinho. Subiu pela encosta. Sentou-se numa pedra na metade e comeu sua refeição noturna, acompanhada pelo vinho azedo. O entardecer era fresco e agradável. Dentro de poucas semanas o ar estaria perfumado pelo cheiro de plantas verdes e crescendo.

Quando ele era pequeno, Nivaldo lhe contara que no fundo da terra de seu pai havia uma aldeia de pequenas criaturas peludas, nem homens nem animais: eram os Pequenos. A função dessas criaturas, segundo Nivaldo, era fornecer umidade e sustento às raízes sedentas e famintas das videiras, a fim de produzir uvas regularmente, ano após ano. Muitas vezes, quando ia dormir, assustado mas fascinado, Josep imaginava Os Pequenos, parecidos com crianças pequenas, peludas, mãos de unhas afiadas, que usavam para escavar, comunicando-se através de guinchos e grunhidos, trabalhando sem parar dentro da terra escura.

Agora, ele derramou um pouco de vinho no solo, um sacrifício aos Pequenos. Uma coruja passou pela sua frente. Por um breve instante, ficou delineada contra a lua cheia, as penas nas pontas das asas parecidas com dedos abertos. E logo desapareceu. Tudo era tão quieto que ele podia ouvir o silêncio. Nesse momento, com um tremendo alívio, Josep teve certeza de que fizera um negócio maravilhoso com Donat e Rosa.

## Vizinhos

Ele andava devagar entre as fileiras de videiras, apreciando a vista dos caroços claros e das gavinhas ansiosas nas videiras a despertar, à procura de caramujos ou qualquer outro sinal de uma praga que exigisse tratamento com enxofre.

Ouviu Maria del Mar Orriols gritar em seu vinhedo:

– Francesc! Onde você está, Francesc?

A princípio, ela chamava a intervalos de poucos minutos, mas logo passou a gritar com mais frequência, da estrada, a irritação evidente em sua voz:

– FRANCESC!

Josep descobriu que o menino observava-o, da extremidade da fileira de videiras, como um espírito de jardim imaginário.

O menino não viera da estrada. Josep sabia que ele devia ter deixado a propriedade da mãe pelos fundos e atravessado a terra de Torras para alcançar seu vinhedo. Não havia cercas. Pouco mais que a largura de uma pessoa separava as videiras de um lavrador das videiras de seus vizinhos; todos conheciam muito bem os limites de suas propriedades.

– Olá – disse Josep.

O menino não respondeu.

– Estou circulando entre as videiras. Voltando a conhecê-las. Cuidando do meu trabalho, entende?

Os olhos grandes do menino não se desviavam do rosto de Josep. Ele vestia calça e camisa puidas, mas remendadas com todo cuidado, sem dúvida cortadas e costuradas pela mãe das melhores partes de roupas muito usadas de adultos. Um dos joelhos da calça estava sujo de terra e havia um pequeno rasgão por cima do outro joelho.

– Francesc! Francesc!

– Ele está aqui em cima comigo! – Josep estendeu o braço para pegar a mão do menino. – É melhor ir ao encontro de sua mãe.

Francesc não parecia diferente de qualquer outro menino de uma região rural. Mas depois que começaram a andar, sua manqueira acentuada foi uma experiência dolorosa para Josep. A perna direita era mais curta do que a outra. A cada passo da perna mais curta, a cabeça era atraída para a direita, mas logo voltava a se erguer no passo seguinte da perna esquerda.

Encontraram a mãe no meio do caminho para a estrada. Josep nunca a conhecera muito bem, mas constatou no mesmo instante que ela se tornara diferente da garota de que lembrava. Mais velha, mais esguia... Mais dura, com uma cautela inequívoca nos olhos, como se esperasse más notícias ou um incidente desagradável a qualquer momento. Tinha uma boa postura. O corpo parecia maduro e grande, as pernas compridas ocultas por uma saia preta suja, enlameada

nos joelhos; algum esforço extremo recente deixara-a com os cabelos desmanchados, o rosto corado e suado. Quando se ajoelhou na frente do filho, Josep viu uma mancha escura úmida nas costas da camisa de trabalho, entre as omoplatas. Ela pegou a mão de Francesc.

– Mandei você ficar em nossa terra enquanto eu trabalhava. Por que não fez isso?

O tom era de severidade, mas o menino sorriu.

– Olá, Maria del Mar.

– Olá, Josep.

Josep tinha medo de que ela perguntasse por Jordi. Porque Jordi havia morrido; Josep vira-o pela última vez com a garganta cortada. Mas, quando Del Mar o fitou, seus olhos eram impessoais, sem nada de inquisitivos.

– Sinto muito se ele o incomodou.

– Não incomodou. É um bom menino. Será sempre bem-vindo... Estou trabalhando na terra de meu pai agora.

Ela acenou com a cabeça. Àquela altura, todos na aldeia já deviam saber que ele se tornara o proprietário.

– Desejo boa sorte.

– Obrigado.

Ela tornou a se virar para o filho.

– Sabe que não deve fazer isso, Francesc. Tem de ficar perto quando estou trabalhando.

Maria del Mar inclinou a cabeça para Josep, pegou a mão do menino e afastou-se. Josep notou que ela não andava depressa, apesar de sua irritação, para que o menino pudesse acompanhá-la sem grande dificuldade. E ficou comovido.

Ele sentou-se com Nivaldo naquela tarde, tomando café, pensativo.

– Nossas mulheres não esperaram muito tempo por nós, não é mesmo?

– E por que deveriam esperar? – indagou Nivaldo, razoável. – Vocês partiram sem avisá-las se voltariam ou não. Nunca mandaram nenhuma notícia para nenhuma delas depois disso, nem mesmo para avisarem se estavam vivos ou mortos. Todos na aldeia passaram a acreditar que haviam saído daqui para sempre.

Josep sabia que o velho tinha razão.

– Acho que nenhum de nós poderia enviar nenhum aviso. Eu não podia. Havia... razões.

Nivaldo esperou por um momento, caso houvesse mais informações. Como isso não aconteceu, ele limitou-se a acenar com a cabeça.

Se alguém devia compreender, era Nivaldo; havia coisas em sua vida sobre as quais o velho cubano não podia falar.

– O que está feito, está feito – disse Nivaldo. – Há um limite para o tempo em que um homem e uma mulher podem permanecer separados e ainda formarem um casal.

Josep não queria falar sobre Teresa, mas não pôde evitar um comentário amargo:

– Maria del Mar não esperou muito tempo para casar.

– Por Deus, Josep! Ela tinha de encontrar alguma maneira de sobreviver. O pai havia morrido fazia muito tempo e a mãe estava doente de tísica. Tenho certeza de que você se lembra que elas mal ganhavam o suficiente para comer.

Josep lembrava.

– A mãe morreu logo depois que vocês foram embora. Ela tinha apenas aquele corpo saudável e um filho pequeno. Muitas mulheres nas mesmas condições teriam ido para uma cidade grande, passando a se vender em algum parque. Ela decidiu aceitar quando Ferran Valls propôs casamento. É uma mulher de muita coragem. Trabalha como um cavalo. Desde que Ferran morreu que cultivava aquelas uvas sozinha. Trabalha melhor que a maioria dos homens, mas enfrenta muitas dificuldades. Não são poucos os que pensam que não é nada demais uma mulher trabalhar no campo, mas não suportam quando veem uma mulher que é sua própria patroa, que cuida de seu próprio negócio. Os merdas invejosos dizem que ela é uma vaca gananciosa.

Nivaldo balançou a cabeça, com uma expressão desolada.

– Clemente Ramirez, que compra para a companhia de vinagre, paga a ela menos do que paga pelo vinho produzido por um homem. Já tentei conversar a respeito, mas ele apenas riu. Ela não pode vender suas uvas para outro. E mesmo que conseguisse se ligar a uma companhia diferente, seria enganada da mesma maneira. Uma mulher sem marido fica à mercê dos homens. Ela tem de aceitar o que oferecem, para poder sustentar o filho.

Josep ficou pensativo.

– Estou surpreso de ela não ter casado de novo.

Nivaldo sacudiu a cabeça.

– Acho que ela não quer coisa alguma de nenhum homem, se entende o que estou querendo dizer. Ferran já era velho quando casaram. Tenho certeza que ele queria acima de tudo uma pessoa forte para trabalhar de graça. Depois que ele morreu, Del Mar se ligou a Tonio Casals, que viveu em sua casa durante a maior parte do ano passado. Tonio continuou a trabalhar para o pai e nunca fez nada no vinhedo dela. E é do tipo que costuma fazer ruindades com suas mulas e com suas mulheres. Ela deve ter percebido logo que ele era um péssimo exemplo para o menino e mandou-o embora. Pense um pouco, Josep. Primeiro, Jordi engravidou-a e foi embora. Depois, Ferran casou com ela só para que trabalhasse de graça. E Tonio Casals... tenho quase certeza de que ele a maltratava. Com essas coisas em seu passado, não acha que ela deve considerar uma bênção viver sem um homem?

Josep pensou a respeito e teve de acenar com a cabeça em concordância.

Como às vezes acontece, o verão expulsou a primavera com um período de muito calor. O tempo quente prolongou-se por cinco semanas, forçando os botões a desabrocharem e secando as flores, os prenúncios de outra estiagem, com uma colheita mínima. Josep vagueava pelo vinhedo, observando as videiras atentamente. Sabia que as videiras mais antigas, em sua busca constante por umidade, haviam afundado raízes sinuosas. As raízes mais profundas ajudavam-nas na sobrevivência. Depois de algum tempo, no entanto, algumas videiras começaram a desenvolver brotos flácidos e folhas amareladas, sinais de intenso estresse.

E, depois, ele acordou uma manhã ao som de trovoadas e de um aguaceiro. A chuva caiu incessante por três dias e foi acompanhada pelo retorno do calor. As videiras mais resistentes sobreviveram, a chuva e o calor combinando-se para produzir novos rebentos e uma profusão de novas flores, o que proporcionaria uma colheita de uvas enormes. Josep sabia que se o tempo fosse o mesmo no Languedoc, Leon Mendes estaria desesperado, pois as uvas muito grandes e de crescimento vigoroso eram inferiores em sabor e características, não muito boas para a produção de vinhos. Mas o que era má notícia no Languedoc era uma boa notícia em Santa Eulália, onde o volume e peso maior das uvas significavam mais vinho para ser vendido às companhias de vinagre e conhaque. Josep sabia que o tempo lhe possibilitaria ter lucro em sua primeira temporada como proprietário do vinhedo, pelo que se sentia grato. Mesmo assim, ficou intrigado ao notar que a fileira das velhas videiras Ull de Llebre em torno das quais fizera sulcos para pôr lã, a fim de aerar o solo, estavam cheias e densas, carregadas de cachos. Não pôde resistir a tratar as uvas de apenas uma fileira como sabia que Leon Mendes teria feito, tirando cachos e cortando folhas, a fim de que a essência de cada videira pudesse se concentrar nas uvas que restavam.

O calor e a umidade também contribuíram para que as ervas daninhas proliferassem. Não demorou muito para que o espaço entre as fileiras fosse outra vez invadido pelo mato. O cultivo do vinhedo apenas com as mãos seria um trabalho interminável. A feira de cavalos em Castelldefels viera e passara, e Josep resistira ao impulso de comprar uma mula. Lentamente, mas sem parar, sua pequena reserva de dinheiro se esgotava e ele sabia que devia conservar os recursos ao máximo possível.

Mas Maria del Mar Orriols tinha uma mula. Josep forçou-se a procurá-la em seu vinhedo.

– Bom-dia, Marimar.

– Bom-dia.

– As ervas daninhas estão terríveis, não é?

Ela limitou-se a fitá-lo, sem dizer nada.

– Se me deixar usar sua mula para puxar meu arado, arrancarei suas ervas daninhas, além das minhas.

Maria del Mar pensou por um momento e depois acenou com a cabeça em concordância.

– Obrigado – murmurou Josep.

Ela observou-o ir buscar o animal. Mas levantou a mão quando ele começou a se afastar.

- Faça o meu trabalho primeiro.

Houve um tempo em que ele e Teresa Gallego eram inseparáveis, quando tudo era claro para os dois, o mundo e o futuro fáceis de contemplar, como os caminhos indicados num mapa simples. Marcel Alvarez parecia então forte como pedra; Josep pensava que o pai viveria por muito tempo. Sabia vagamente que Donat assumiria o vinhedo quando o pai finalmente morresse e tinha uma noção meio indefinida de que precisaria então encontrar uma maneira de ganhar sua própria vida. Ele e Teresa dariam um jeito de casar, teriam filhos, trabalhariam muito para ganhar o pão de cada dia e depois morreriam como devia acontecer com todo mundo, que Jesus nos proteja! Não havia nada de complicado em tudo isso. Eles compreendiam muito bem o que era possível na vida e o que era necessário.

Os aldeões logo se acostumaram a vê-los juntos sempre que não estavam trabalhando nos vinhedos de seus pais. Era mais fácil manter o decoro durante as horas do dia, quando todos os olhos da aldeia observavam os dois. À noite, sob a cobertura da escuridão, era mais difícil, pois o chamado da carne se tornava mais forte. Começaram a ficar de mãos dadas enquanto andavam, um primeiro contato erótico que os levou a quererem mais. A escuridão era como uma câmara particular, permitindo que Josep começasse a abraçá-la, desse os primeiros beijos desajeitados. Comprimiam-se um contra o outro, a fim de absorverem as impressões tácteis de coxas, peitos e virilhas. Beijavam-se cada vez mais à medida que o tempo passava e se tornavam mais familiares.

Uma noite, em agosto, quando a aldeia ofegava com o calor e o ar pesado, eles foram até o rio. Tiraram a roupa e sentaram-se na água, que corria gentilmente, enquanto exploravam um ao outro com emoção e espanto, tocando em toda parte, cabelos, nudez, músculos, curvas, sulcos na pele, as unhas duras nos pés, arranhões e calos decorrentes do trabalho duro. Ela amamentou-o como se fosse uma criança. Ele descobriu e tocou com o maior cuidado em sua barreira, a prova de sua inocência, como se uma aranha tivesse entrado ali e feito uma teia de carne quente. Os amantes mais ingênuos, eles desfrutaram a novidade proibida, mas não sabiam direito o que fazer. Já haviam visto animais unidos, mas quando Josep tentou imitar o ato, Teresa tornou-se intransigente, furiosa e assustada.

– Não! Não! – gritou ela, angustiada. – Eu nunca mais poderia olhar para Santa Eulália!

Josep mexeu na mão de Teresa que o segurava, deslocando-a para cima e para baixo, até que ele ejaculou em quantidade suficiente para povoar uma aldeia, levado pela correnteza do rio Pedregós. Não era o maravilhoso destino sensual que eles sabiam, instintivamente, que se encontrava em algum lugar além do horizonte. Mas reconheceram que haviam superado um marco, e pelo menos por enquanto ficaram satisfeitos por permanecer insatisfeitos.

O ardor logo dissolveu a complacência dos dois sobre o futuro. Josep sabia que a resposta para o dilema era um casamento cedo; para isso, no entanto, tinha de arrumar um emprego. Numa aldeia rural, de propriedades agrícolas pequenas, conseguir um emprego era uma impossibilidade. Quase todos os proprietários tinham herdeiros e os filhos mais jovens competiriam com Josep no evento improvável de uma oportunidade de emprego.

Ele ansiava em escapar da aldeia que o mantinha como um prisioneiro sem esperança, sonhava em encontrar um lugar em que poderia trabalhar com todo afincio e vigor para ganhar a vida.

Enquanto isso, ele e Teresa tinham cada vez mais dificuldade para manter as mãos longe um do outro.

Josep se mostrava cada vez mais irritado, os olhos injetados. Talvez o pai tivesse notado e falado com Nivaldo.

– Tigre, quero que vá comigo a um lugar amanhã de noite – disse-lhe Nivaldo.

– Que lugar?

– Você saberá quando chegarmos.

Na noite seguinte, eles deixaram a aldeia e andaram por quatro quilômetros pelos campos, até uma estrada deserta, em que havia uma pequena construção de pedra, coberta de reboco.

– A casa de Nuria – disse Nivaldo. – Há anos que a visito. Agora ela não trabalha mais e visitamos sua filha.

Lá dentro, foram recebidos cordialmente por uma mulher que já passara da meia-idade. Ela parou de tricotar pelo tempo suficiente para pegar a garrafa de vinho e o dinheiro que Nivaldo estendeu.

– Aqui está meu amigo Nivaldo. Portanto, é a quarta quinta-feira. Onde está Marcel Alvarez?

Nivaldo lançou um olhar rápido para Josep.

– Ele não pôde vir esta noite. Este é seu filho, meu amigo Josep.

A mulher olhou para Josep e acenou com a cabeça.

– Criança? – chamou ela.

Uma mulher mais jovem abriu o pano que separava os dois cômodos da pequena casa. Ao ver Nivaldo sentado ao lado da mãe e Josep de pé, embaraçado e sozinho, ela fez sinal com o dedo. Josep foi empurrado pela mão de Nivaldo em suas costas. O pequeno quarto por trás da cortina tinha dois catres.

– Sou Renata.

A jovem tinha o corpo atarracado, cabelos pretos e compridos, rosto redondo, com um nariz grande.

– Sou Josep.

Quando ela sorriu, Josep viu que seus dentes eram quadrados e grandes, com alguns faltando. Calculou que a jovem tinha mais ou menos a sua idade. Por um momento, ficaram imóveis, olhando um para o outro. Depois, ela tirou o vestido preto, num movimento rápido.

– Tire suas roupas. Tudo. Fica mais gostoso assim.

Era uma jovem feia, mas amável. Os seios grandes tinham mamilos imensos. Consciente de

que as pessoas no outro lado da cortina que servia como porta podiam ouvir tudo, Josep despiu-se. Quando ela deitou de costas na cama desarrumada e abriu as pernas curtas, Josep não foi capaz de olhar para a mancha escura entre as pernas. A jovem recendia a cebola e alho, como o ensopado de Nivaldo a que se acrescentara uma barra de sabão. Guiou-o na penetração, com a maior habilidade, e tudo acabou quase que no mesmo instante.

Depois Nivaldo também foi para o quarto, brincando com Renata e rindo. Josep, sentado na sala, escutava tudo e observava a mãe. Enquanto tricotava, Nuria cantarolava hinos, alguns dos quais ele reconheceu.

Quando voltavam para casa, Josep agradeceu a Nivaldo.

– Não foi nada – respondeu Nivaldo. – Você é um bom rapaz, Josep. Sabemos como é difícil ser um segundo filho, com uma doce jovem para levá-lo à loucura e sem emprego.

Permaneceram calados por algum tempo. Josep sentia o corpo mais relaxado, mas a mente continuava perturbada e confusa.

– Coisas importantes estão começando a acontecer – disse Nivaldo. – Haverá outra guerra civil, e das grandes. Desde que a rainha Isabela fugiu para a França que Carlos VII vem reunindo um exército, uma milícia que será constituída por regimentos, usando boinas vermelhas. O movimento conta com o apoio do povo de toda a Espanha e da Igreja, além de muitos soldados e oficiais do exército espanhol.

Josep limitou-se a balançar a cabeça. Tinha pouco interesse por política. Nivaldo sabia disso e virou o rosto para fitá-lo.

– Isso vai afetar-lo – declarou ele. – Afetará toda a Catalunha. Há 150 anos...

Nivaldo fez uma pausa para cuspir, antes de acrescentar:

– ... Felipe V proibiu a língua catalã, revogou a Constituição catalã e acabou com o fórum, que outorgava direitos, privilégios e autodeterminação à Catalunha. Carlos VII assumiu o compromisso de restaurar os fóruns da Catalunha, Valência e Aragón.

Uma pausa.

– O exército espanhol está preocupado com o levante em Cuba. Creio que Carlos tem boas possibilidades de sair vitorioso. Se isso acontecer, a milícia pode se tornar o exército nacional do futuro. Seria uma boa carreira.

Outra pausa e Nivaldo acrescentou, cauteloso:

– Seu pai e eu soubemos que um homem está vindo para Santa Eulália, um oficial ferido que vai se recuperar aqui. E aproveitará sua estada para procurar jovens que possam se tornar bons soldados carlistas.

O pai de Josep havia lhe dito que seu futuro estaria na Igreja ou no exército. Ele nunca desejara ser um soldado, mas também não tinha a menor intenção de virar padre.

– Quando esse homem virá?

Nivaldo deu de ombros.

– Se eu me tornasse um soldado, teria de deixar a aldeia. Iria servir em outro lugar, não é mesmo?

– Claro. Soube que estão formando regimentos de milicianos no País Basco.

Melhor assim, pensou Josep, apático. Detestava a aldeia, que nada tinha para lhe oferecer.

– Mas não será de imediato. Terá de conquistar a aceitação. Esse homem vai trabalhar com um grupo de jovens e escolherá apenas os melhores para serem soldados. Procura jovens que possam transmitir a outros soldados tudo o que aprenderam. Tenho certeza de que você poderá se qualificar. Se alguém ingressa no exército bem jovem e fica registrado em sua ficha que foi selecionado dessa maneira, na base do mérito, as promoções podem ser bastante rápidas.

Nivaldo esperou um momento, antes de acrescentar:

– Os carlistas não desejam atrair atenções para o recrutamento. Quando os jovens começarem a treinar em Santa Eulália, vão se encontrar como se fosse uma reunião de amigos.

– Uma reunião de amigos.

– Isso mesmo. Chamam de organização social. Um clube de caça.

PARTE DOIS

O clube de caça

*Aldeia de Santa Eulália*

*Catalunha, Espanha*

*3 de abril de 1870*

## O homem

Por várias semanas, que pareceram muito mais tempo, nada mudou. Até que finalmente Josep teve de falar com Nivaldo:

– O homem já deveria ter chegado. O que aconteceu? Ele não vem mais?

Nivaldo estava abrindo um pequeno barril de bacalhau.

– Acho que ele virá. É preciso ter paciência. – O olho bom fixou-se em Josep. – Quer dizer que já se decidiu? Deseja mesmo se tornar um soldado?

Josep deu de ombros e acenou com a cabeça. Não tinha outras perspectivas.

– Também fui soldado, por vários anos. Há algumas coisas sobre essa vida que não se pode esquecer, Tigre. Às vezes é um trabalho muito chato e os homens começam a beber, o que é uma desgraça. E como mulheres ordinárias estão sempre procurando os soldados, é preciso tomar cuidado para não pegar uma doença. “Não morda toda a isca do prazer até saber que não há nenhum anzol por baixo.” – Nivaldo sorriu. – Algum sábio escreveu isso. Um alemão ou inglês.

Ele cortou um pequeno pedaço do bacalhau e mastigou, para ter certeza de que não estava estragado.

– Outro aviso. Não deve revelar que sabe ler e escrever, porque seria com certeza designado para uma função burocrática. E os postos baixos aderem ao pessoal nessas funções como o fedor à pele de um porco. Deixe o exército lhe ensinar a ser um bom combatente, pois esse é o caminho para subir. Só diga que sabe ler e escrever quando for vantajoso para você. Acho que um dia você pode se tornar um oficial. Por que não? Depois disso, qualquer coisa na vida seria possível para você.

Às vezes Josep sonhava em se postar na frente de uma formação de muitos homens, usando uma espada, exortando a unidade a avançar. Tentava não pensar em possibilidades menos agradáveis, como ter de lutar com outros seres humanos, feri-los, matá-los, talvez sofrer ferimentos dolorosos ou perder a própria vida.

Não podia entender por que Nivaldo o chamava de Tigre. Tinha muito medo de muitas coisas.

Havia um trabalho a ser feito no vinhedo. Todos os tonéis grandes precisavam ser lavados, assim como vários barris. Além disso, uma pequena parte da casa de pedra devia ser reparada. Como sempre acontecia quando uma tarefa exigia um trabalho duro ou desagradável, Donat desapareceu.

Naquela noite, Josep e o pai sentaram-se com Nivaldo no armazém.

– Ele está aqui – anunciou Nivaldo. – O homem.

Josep arregalou os olhos.

– Onde?

– Ficará com os Calderon. Dormirá naquela velha cabana da família.

– Como Nivaldo teve experiência no exército, pedi a ele para interceder por nós – disse o pai de Josep.

Nivaldo acenou com a cabeça.

– Já conversamos. Ele está disposto a permitir que você faça uma tentativa, Josep. Vai se reunir com alguns jovens amanhã de manhã, numa clareira na floresta por trás do vinhedo de Calderon. Na hora da primeira missa na igreja.

Ainda estava escuro na manhã seguinte quando Josep chegou ao vinhedo de Calderon. Seguiu devagar entre as fileiras até a extremidade do vinhedo. Não tinha a menor ideia do rumo que devia seguir. Por isso, parou e esperou no ponto em que as videiras acabavam e a beira da floresta começava.

Uma voz indagou da escuridão:

– Qual é o seu nome?

– Josep Alvarez.

O homem apareceu ao seu lado.

– Venha comigo.

Ele levou Josep por uma trilha estreita na floresta até a clareira.

– Você é o primeiro a chegar. Agora, volte ao lugar em que o encontrei. Guiará os outros até aqui.

Não demoraram a chegar.

Enric Vinyes e Esteve Montroig quase ao mesmo tempo.

Manel Calderon, que veio tropeçando de sua casa, a esfregar os olhos.

Xavier Miró, cujo coro matutino de peidos Josep ouviu antes de vê-lo.

Jordi Arnau, mal-humorado e sonolento demais para sequer oferecer um cumprimento.

O desajeitado Pere Mas, que tropeçou numa raiz quando entraram na clareira.

Guillem Parera, esperto, calado e vigilante.

Miquel Figueres, com um sorriso nervoso.

Aqueles jovens se conheciam desde pequenos. Agacharam-se na clareira, à claridade cinzenta do amanhecer. Observavam o homem, que se sentou no chão, calmo e sisudo, as costas empertigadas. Era de estatura média e pele escura, talvez do sul da Espanha, com o rosto fino, malares salientes, um nariz adunco tão desafiador quanto o de um gavião. Os cabelos pretos eram curtos e o corpo esguio parecia forte e resistente. Os jovens perceberam que seus olhos eram frios e avaliadores.

Depois que Lluís Julivert chegou – o nono jovem a se juntar ao grupo, o homem acenou com a cabeça. Era evidente que sabia quantos devia esperar. Levantou-se e foi até o centro da clareira. Josep constatou agora o que não percebera quando o seguia pela trilha no escuro: o homem mancava um pouco.

– Sou o sargento Peña.

Ele virou-se quando outro jovem entrou na clareira. Era alto e magro, com cabelos pretos eriçados. Carregava um mosquete comprido.

– O que você quer aqui? – perguntou o homem chamado Peña, os olhos fixados na arma.

– Este é o clube de caça?

Alguns jovens começaram a rir, pois o recém-chegado era o parvo do Jaumet Ferrer.

– Como soube que devia vir para cá?

– Saí para caçar e encontrei Lluís. Perguntei para onde ele ia. Lluís respondeu que ia para uma reunião do clube de caça. Decidi segui-lo, pois sou o melhor caçador de Santa Eulália.

Todos os jovens riram de novo, embora fosse verdade. Apesar da desvantagem no nascimento, incapaz de aprender muitas habilidades, Jaumet Ferrer encarava a caça com ansiedade e seriedade desde pequeno. As pessoas já haviam se acostumado a ver sua figura de espantinho voltar de uma caçada com duas aves grandes, meia dúzia de pombos ou uma lebre gorda. A carne era cara e as esposas da aldeia sempre ficavam felizes em aceitar os animais que ele caçava em troca de uma pequena moeda.

O sargento Peña estendeu a mão e pegou o mosquete. Em alguns lugares, o cano estava tão desgastado que o metal azul aparecia. Mas a arma era limpa e bem cuidada. Ele observou a expressão obtusa em seus olhos e percebeu a confusão inocente em sua voz.

– Não, meu jovem, este não é um clube de caça. É muito bom em matemática?

– Matemática? – repetiu Jaumet, aturdido. – Não sei nada de matemática, *senyor*.

– Neste caso, não vai gostar daqui, pois é um clube de matemática. – Ele estendeu o mosquete para o jovem. – Deve voltar para sua caçada, está bem?

– Claro, *señor*.

Muito sério, Jaumet pegou o mosquete e deixou a clareira, acompanhado por um novo coro de risadas.

– Fiquem quietos. A frivolidade não será tolerada.

O sargento não elevou a voz, mas sabia como tratar com homens.

– Só os jovens inteligentes podem fazer o nosso trabalho, pois é preciso uma cabeça em bom funcionamento para receber ordens e cumpri-las. Estou aqui porque nosso exército exige jovens espertos. Vocês estão aqui porque precisam de uma ocupação. Sei que não há um só primogênito neste grupo. Compreendo muito bem a situação de vocês. Eu mesmo sou o terceiro filho em minha família. Estão recebendo a oportunidade de serem escolhidos para servir à pátria, talvez

mesmo para fazer grandes coisas. Serão tratados como homens. O exército não quer meninos.

Aos ouvidos de Josep, o catalão do sargento era afetado por um sotaque de outro lugar, talvez de Castela.

O sargento Peña pediu que cada um dissesse seu nome e observou atentamente cada um que falava.

– Vamos nos encontrar aqui três vezes por semana, na segunda, quarta e sexta-feira, ao amanhecer, enquanto ainda estiver escuro. O treinamento exigirá muitas horas. O trabalho será difícil. Devo aprontar seus corpos para os rigores da vida militar e preparar suas mentes para que possam pensar e agir como soldados.

Esteve Montroig perguntou, ansioso:

– Vai nos ensinar a usar armas de fogo e outras coisas?

– Sempre que falar comigo... Você é Montroig? Esteve Montroig. Deve se dirigir a mim da maneira apropriada, como “sargento”.

Houve um momento de silêncio. Esteve continuou a fitá-lo, confuso, até compreender o que o homem queria.

– Está bem, sargento.

– Não aceitarei perguntas ociosas ou estúpidas. Este é um momento em que vocês devem aprender a obedecer. Obedecer! Sem perguntas. Sem hesitação, sem a menor demora. Entendido?

– Sim, sargento – responderam os jovens, hesitantes, num coro irregular.

– Prestem muita atenção. Uma coisa que devem eliminar de suas mentes para sempre é “por quê?”. Cada soldado de cada posto tem alguém por cima, a quem deve obediência imediata, sem nenhum questionamento. Deixem que a pessoa que dá as ordens se preocupe com o porquê.

Ele fez uma pausa.

– Entendido?

– Sim, sargento!

– Há muita coisa para aprender. Levantem-se agora.

Os jovens seguiram-no em coluna pela trilha através da floresta. Passaram para uma trilha mais larga, que desembocava em campo aberto. Foi ali que o sargento ordenou que corresse. Todos partiram na maior alegria, porque eram jovens e fogosos. Como todos eram camponeses, já tinham o corpo condicionado pelo trabalho físico. A maioria também tinha uma boa saúde. Alguns sorriam enquanto corriam, em passadas largas e vigorosas.

Guillem fazia caretas cômicas enquanto estava de costas para o sargento Peña. Manel tinha de fazer um esforço para reprimir o riso, deixando escapar apenas um grunhido.

Mas na vida cotidiana quase nunca tinham motivos para correr por mais que uns poucos

metros, e logo começaram a ofegar.

Pere Mas, que tinha o corpo cheio como o de Donat, ficou para trás logo depois que partiram. Os pés subiam e desciam sem cessar, meio desajeitados, de tal forma que uns atrapalhavam os outros. Josep começou a sentir uma pontada de dor no flanco.

Os sorrisos desapareceram à medida que as respirações se tornaram mais pesadas.

Depois de algum tempo, o sargento permitiu que arriassem no chão, mas apenas por um breve instante. Ficaram ofegando, sem dizer nada, as roupas de trabalho encharcadas de suor.

Depois, o sargento reuniu-os em formação, na sua frente, ensinando como deviam formar a fila para que ficasse reta do princípio ao fim.

Como assumir posição de sentido no instante em que recebiam a ordem.

Como responder em uníssono, em voz bastante alta, a uma pergunta coletiva que exigia um “Sim, sargento!” ou “Não, sargento!”.

E depois eles tornaram a correr – tossindo, cuspidando, ofegando – de volta à clareira na floresta, por trás do vinhedo de Calderon.

Pere Mas voltou andando, muito depois dos outros. A cabeça latejava e o rosto redondo estava vermelho. Participou do clube de caça apenas no primeiro dia.

Miquel Figueres foi a mais uma reunião, mas confidenciou a Josep, na maior alegria, que ia para Girona, a fim de trabalhar no galinheiro de um tio que não possuía filhos.

– Um milagre. Rezei para Santa Eulália e ela me deu um milagre, um autêntico milagre.

Invejosos, quase todos os outros também rezaram para a santa – Josep rezou com fervor e por muito tempo! –, mas Eulália fez-se de surda. Depois disso, mais nenhum deixou o clube de caça. Ninguém tinha para onde ir.

Durante todo aquele quente mês de agosto e ao longo do mês de setembro, os membros do clube de caça suaram e se esforçaram, sob as ordens do estranho taciturno e vigilante. Eles também o vigiavam, mas tomando cuidado para não serem percebidos. A boca do sargento era uma linha reta e estreita entre os lábios finos. Logo descobriram que era melhor para eles quando os cantos da boca não levantavam. Nunca havia humor naquele sorriso raro e inescrutável, que só aparecia quando eles se comportavam de uma maneira que o sargento considerava desprezível. Depois disso, Peña fazia com que se exercitassem sem misericórdia, correndo por grandes distâncias, marchando por muito tempo. Obrigava-os a repetirem com tanta frequência o que saíra errado – e fora a causa do sorriso – até que os erros desapareciam.

Tinha o dobro da idade daqueles jovens, mas era capaz de superar a todos na corrida. Podia marchar por horas seguidas, sem nenhum sinal de fadiga, embora tivesse sofrido um ferimento grave. Todos haviam visto sua perna quando entraram no rio, depois de uma marcha longa e suada. Tinha um buraco de bala por cima do joelho, como se fosse um umbigo franzido. Devia ter acontecido havia bastante tempo, pois a cicatrização era completa. Mas todos viram também, no lado externo da coxa, o ferimento que o fazia mancar, uma cicatriz comprida e feia. Parecia bastante recente, o que indicava que ele ainda estava se recuperando.

O sargento enviava-os em missões estranhas, às vezes sozinhos, às vezes em grupos, com instruções lacônicas, sempre bizarras.

– Procure nove pedras chatas do tamanho de seu punho. Cinco pedras devem ser cinzentas e conter vestígios de mineral preto. Quatro devem ser totalmente brancas, sem nenhuma mancha.

Ou então:

– Procurem árvores saudáveis e cortem duas dúzias de toras de madeira viva, sete de carvalho, seis de oliveira, o resto de pinheiro. Tirem a casca. Cada tora deve ser absolutamente reta e ter o dobro do comprimento do pé de Jordi Arnau.

Uma manhã ele mandou Guillem Parera e Enric Vinyes a um bosque de oliveiras, à procura de uma chave. Informou que a encontrariam na base de uma das árvores. Havia nove fileiras de oliveiras, com doze árvores em cada uma. Eles começaram pela primeira árvore; de quatro, deram voltas lentas e árduas em torno do tronco, alargando o círculo a cada vez, escavando a terra e os detritos com os dedos, até terem certeza de que a chave não fora escondida ali.

E passaram para a árvore seguinte.

Mais de cinco horas depois de começarem, os dois engatinhavam em torno da segunda árvore da quinta fileira. As mãos, imundas, estavam arranhadas e doloridas. Dois dedos de Guillem sangravam. Mais tarde, ele disse a Josep que ficara angustiado ao pensar que o sargento podia ter escondido a chave mais fundo do que seus dedos haviam escavado, a quinze ou vinte centímetros, por baixo de uma das árvores em que já haviam procurado.

Mas no momento em que o medo era mais forte, Guillem ouviu Enric soltar um grito. Enric

virara uma pedrinha e encontrara por baixo uma pequena chave de latão.

Especularam que fechadura aquela chave abriria, mas sabiam que era melhor não perguntarem. O sargento Peña pegou a chave e guardou-a no bolso, sem dizer nada.

– Ele é um filho da puta louco – comentou Enric para Josep quando o treinamento do dia terminou.

Mas Guillem Parera sacudiu a cabeça.

– Não é não. As coisas que eles nos manda fazer são difíceis, mas não são impossíveis ou loucas. Se você pensar a respeito, há uma lição em cada tarefa. Por exemplo, a procura das pedras especiais e das toras: tomem cuidado com os menores detalhes. A procura da chave: continuem tentando até conseguirem.

– Creio que ele está nos acostumando a obedecer sem pensar – comentou Josep. – A cumprir qualquer ordem.

– Por mais estranha que seja a ordem? – indagou Enric.

– Exatamente.

Logo se tornou patente para Josep que não tinha o talento nem a aptidão para ser soldado. Tinha certeza de que isso também se tornaria óbvio para o homem reservado e determinado que os treinava.

O sargento Peña levava-os em marchas forçadas na escuridão e sob o sol de meio-dia. Foram para o rio uma manhã e seguiram-no pela água por quilômetros, tropeçando em pedras, carregando os que não sabiam nadar nos trechos mais fundos. Os jovens haviam crescido ao longo do rio e o conheciam muito bem, por uns poucos quilômetros nas proximidades da aldeia. Mas o sargento levou-os muito além da área conhecida, até uma pequena caverna. A entrada era através de moitas e não se podia avistá-la com facilidade. Mas Peña entrou ali sem a menor hesitação, o que fez Josep pensar que ele já estivera antes naquele lugar. Molhados e exaustos, eles arriaram no chão de pedra.

– Vocês devem se manter sempre alertas para lugares como este – disse o sargento. – A Espanha é uma terra de cavernas. Há muitos lugares em que podem se esconder quando outros tentarem encontrá-los e matá-los... um buraco escuro, uma árvore oca, uma moita. Podem até se esconder numa depressão na terra. Devem aprender a se tornar pequenos por trás de uma pedra, a respirar sem emitir nenhum som.

Naquela tarde, ele ensinou como rastejar até uma sentinela e atacar pelas costas, puxar a cabeça do inimigo para trás e deixar o pescoço exposto, para cortar sua garganta com um único golpe.

Fez com que praticassem a técnica, revezando-se como sentinela e atacante. Usavam varetas, em vez de facas, a ponta sempre apontada para o outro lado, de tal forma que era a parte do punho que tocava na garganta da “vítima”. Mesmo assim, quando Josep puxou a cabeça de Xavier Miró e expôs seu pescoço, não foi capaz sequer de simular o corte da garganta, num breve momento de fraqueza.

Para aumentar seu nervosismo, ele percebeu que os olhos frios e calculistas haviam registrado a hesitação... e a boca sorria.

– Mexa a mão – ordenou Peña.

Humilhado, Josep passou a mão pela garganta de Xavier. O sargento tornou a sorrir.

– A parte mais difícil de matar é pensar a respeito. Mas quando é necessário matar... repito, quando é necessário matar... então qualquer pessoa pode fazê-lo, pois se torna muito fácil matar.

Como se pudesse ler os pensamentos de Josep, ele acrescentou, outra vez exibindo o sorriso um pouco amargo:

– Não tenha medo, Alvarez, porque vai gostar da guerra. Um jovem de sangue quente e colhões adora a guerra, depois que sente o gosto.

Josep sentiu que o sargento Peña, apesar de suas palavras, reconhecera que ele não tinha bastante colhões e sangue quente e passaria a observá-lo mais atentamente.

Mais tarde, quando sentavam na floresta, encharcados de suor depois da corrida final do dia, o sargento disse:

– Haverá ocasiões durante uma guerra em que o exército avança além de sua linha de suprimentos. Quando isso acontece, os soldados devem sobreviver do que encontram na terra. Devem obter comida da população civil ou passar fome... Pode entender isso, Josep Alvarez?

– Sim, sargento.

– Na próxima semana, Alvarez, quero que leve duas galinhas para o nosso encontro.

– Galinhas... Sargento?

– Isso mesmo. Duas galinhas. E gordas.

– *Señor...* não tenho dinheiro para comprar galinhas, sargento.

O homem fitou-o com as sobrancelhas levantadas.

– Claro que não tem. Vai tirá-las de um civil, como um soldado às vezes deve fazer.

O sargento estudou-o por um momento, antes de acrescentar:

– Entendeu a ordem, Alvarez?

– Sim, *señor* – murmurou Josep, angustiado.

Na manhã seguinte, Marcel Alvarez e os filhos iniciaram a colheita em seu vinhedo, corta os cachos de uvas escuras e grandes, enchendo cestos e mais cestos, que eram esvaziados em duas carroças de bom tamanho. Josep adorava o cheiro adocicado e o peso dos cachos sumarentos em sua mão. Empenhou-se ao máximo no trabalho, mas o esforço não lhe trouxe paz de espírito.

*Jesus! De quem devo roubar as galinhas... as duas galinhas gordas?*

Era um problema terrível. Podia se lembrar sem nenhuma dificuldade de meia dúzia de aldeões que criavam galinhas, mas faziam isso porque os ovos e a carne eram preciosos. Precisavam das galinhas para alimentar suas famílias.

No meio da manhã ele foi distraído de suas preocupações quando dois franceses bem-vestidos apareceram no vinhedo. Num catalão cortês, estranhamente afrancesado, apresentaram-se como André Fontaine e Leon Mendes, do Languedoc. Fontaine, alto e muito magro, com um cavanhaque aparado e cabeça grisalha, era o comprador de vinho de uma grande cooperativa de produtores de vinagre. Seu companheiro, Mendes, era mais baixo e corpulento, com a careca rosada, rosto redondo e barbeado, olhos castanhos compenetrados, animados pelo sorriso. Como seu catalão de sotaque era melhor que o de Fontaine, ele conduziu a maior parte da conversa. Revelou que também era produtor de vinho.

– Meu amigo Fontaine está com uma escassez de boas uvas este ano – disse Mendes. – Como já devem saber, tivemos duas desastrosas tempestades de granizo no sul da França nesta primavera. Vocês não tiveram esse infortúnio, não é mesmo?

– Pela graça do céu, não – respondeu Marcel.

– A maior parte das uvas em meu vinhedo nada sofreu. O vinhedo de Mendes terá uma boa safra este ano, como sempre. Mas alguns dos produtores na cooperativa de vinagre perderam muitas uvas. Por isso, Fontaine e eu decidimos vir à Espanha para comprar vinho jovem.

Marcel acenou com a cabeça. Ele e os filhos não pararam de trabalhar durante a conversa com os visitantes.

Fontaine tirou um canivete do bolso do colete. Cortou um cacho de Ull de Llebre e um de Garnacha. Provou várias uvas de cada cacho, mastigando devagar. Depois, os lábios contraídos, olhou para Mendes e acenou com a cabeça.

Mendes estivera observando Josep. Reparara na eficiência e rapidez com que ele enchia e esvaziava o cesto.

– *Dieu*, esse rapaz trabalha como uma máquina de movimento perpétuo – comentou ele para Marcel Alvarez. – Eu adoraria ter uns poucos trabalhadores como ele.

Josep ouviu e respirou fundo. Quando Miquel Figueres fora trabalhar com o tio em Girona, dissera para Josep que fora um milagre ter conseguido escapar do desemprego em Santa Eulália.

Aquele homenzinho gorducho, em seu terno francês, poderia ser um milagre similar, uma fonte de emprego para Josep? Uma das carroças ficou cheia e Marcel virou-se para os filhos.

– É melhor levar essa para a prensa.

Os visitantes ajudaram a levar a carroça cheia de uvas para a praça da aldeia.

– A prensa é usada por toda a comunidade? – perguntou Mendes.

– É sim. Compartilhamos seu uso. Meu pai e outros construíram esta prensa grande e bonita há mais de cinquenta anos – informou Marcel, orgulhoso. – Meu avô havia construído uma enorme cisterna de granito para esmagar as uvas com os pés. Ainda existe, por trás de nosso galpão. Uso agora para guardar suprimentos. Vocês têm sua própria prensa no Languedoc?

– Não, não temos. Ainda esmagamos as uvas com os pés. Achamos que isso permite a produção de um vinho mais suave e com mais sabor, pois os pés não arrebentam as pevides, o que liberaria o amargor que elas contêm. Enquanto tivermos pés, vamos usá-los em nossas uvas, por mais que isso custe. Precisamos contratar empregados extras e convocar os amigos para esmagar as uvas de nossos dezoito hectares.

– É mais barato e mais fácil usar a prensa. E ninguém precisa lavar os pés.

Os visitantes acompanharam Marcel nas risadas. Fontaine pegou um dos cachos.

– Ainda estão com a haste, monsieur.

Marcel acenou com a cabeça.

– Estaria disposto a remover as hastes, se eu pedisse? – perguntou Fontaine.

– As hastes não fazem mal nenhum. Afinal, *señor*, quer apenas um vinho que se tornará vinagre. Como nós.

– Produzimos um vinagre muito especial. E muito caro também. Precisamos de uvas especiais para fazer esse vinagre especial... Se eu comprasse sua produção, estaria disposto a pagar um extra pela retirada das hastes.

Marcel deu de ombros e acenou com a cabeça.

Quando chegaram à prensa, os dois franceses ficaram aturdidos ao verem Josep e Donat jogarem os cachos lá dentro com pés. Fontaine tossiu.

– Não é necessário lavar a prensa primeiro?

– Foi lavada esta manhã – disse Marcel. – Desde então, recebeu apenas uvas.

– Mas há uma coisa lá dentro! – exclamou Mendes.

Era verdade. Havia uma massa pastosa amarelada de frutas e hastes esmagadas no fundo da tina da prensa.

– Meu vizinho, Pau Fortuny, esteve aqui antes e me deixou um pequeno presente de uvas brancas... Não é problema. Tudo dá sumo.

Fontaine viu que Donat Alvarez encontrara um cesto cheio pela metade de uvas brancas, esquecido pelo desleixado Pau Fortuny. Jogara também essas uvas na prensa.

Ele olhou para Mendes. O homem menor compreendeu sua expressão no mesmo instante. Acenou com a cabeça, pesaroso.

– Bom, meu amigo, nos lhe desejamos toda sorte que precisar – disse Mendes para Marcel.

Josep compreendeu que os franceses se preparavam para ir embora.

– *Señor...* – balbuciou ele.

Mendes virou-se para ele.

– Eu gostaria de trabalhar para o senhor e ajudá-lo a produzir seu vinho em... em...

– Meu vinhedo fica perto da aldeia de Roquebrun, no Languedoc. Mas... trabalhar para mim? Sinto muito, mas acho que seria impossível.

– Mas acabou de dizer, *señor...* ouvi quando disse... que gostaria de ter alguém como eu para trabalhar com suas uvas.

– Foi apenas uma maneira de falar, meu jovem. Uma maneira de fazer um elogio.

O francês observava Josep, cuja expressão deixou-o embaraçado e pesaroso.

– É um excelente trabalhador, meu jovem. Mas já tenho meu pessoal no Languedoc, trabalhadores de Roquebrun muito bons. Trabalham para mim há muitos anos e sabem o que quero que façam. Pode compreender?

– Claro, *señor*. É importante usar o pessoal local.

Josep sabia que o pai e Donat olhavam para ele. Virou-se e recomeçou a jogar as uvas na prensa com a pá.

Durante o resto da colheita, Josep voltou a se concentrar em pensamentos objetivos e práticos, sem permitir que fossem contaminados por esperanças infantis ou sonhos de milagres.

Onde poderia conseguir duas galinhas?

Disse a si mesmo que se tinha de roubar, deveria ser de um homem rico, cuja família não sofresse por causa do roubo. E só conhecia um homem rico que criava galinhas.

O alcalde.

– Angel Casals – disse ele, em voz alta.

Donat virou a cabeça para fitá-lo.

– O que tem ele?

– Ahn... passou perto daqui, em sua mula, inspecionando a aldeia.

Donat voltou a cortar os cachos de uvas.

– Por que eu haveria de me importar com isso?

Seria perigoso. Angel Casals tinha um rifle de que se orgulhava, uma arma comprida, de coroa de mogno, que mantinha sempre lubrificada e polida como uma pedra preciosa. Quando Josep ainda era pequeno, o alcalde usara o rifle para matar uma raposa que tentava pegar suas galinhas. As crianças da aldeia afagaram a raposa morta. Josep podia lembrar com nitidez a beleza do animal, a suavidade perfeita do pelo marrom avermelhado, branco e macio na barriga, os olhos amarelos vidrados na morte.

Tinha certeza de que Angel atiraria num ladrão com a mesma disposição com que atirara na raposa.

O roubo das galinhas teria de ocorrer durante a noite, quando todos na aldeia estivessem mergulhados no sono profundo dos trabalhadores honestos. Josep refletiu que não teria problemas depois que entrasse no galinheiro. As galinhas deviam estar acostumadas à entrada dos filhos do alcalde para pegar ovos; se seus movimentos fossem lentos e silenciosos, era bem provável que não fizessem nenhum alarido.

O grande problema era o momento anterior à entrada no galinheiro. Angel tinha um mastim preto, grande e feroz, que latia por qualquer coisa. A maneira mais segura de lidar com o cachorro seria matá-lo. Mas Josep sabia que não seria capaz de matar um cachorro, assim como não poderia cortar a garganta de um homem.

E o cachorro assustava-o.

Durante vários dias ele comeu apenas parte de seu chouriço no jantar. Juntou uma modesta coleção de pedaços de carne. Mas sabia que não seria suficiente. Depois que a colheita terminou, quando ele e Donat levaram o barril com o sumo da última carga de uvas e o acrescentaram ao

que já estava nos tonéis enegrecidas pelo tempo para fermentação, Josep foi até o armazém. Perguntou a Nivaldo se não tinha algum salame tão estragado que não poderia ser vendido.

– O que você quer fazer com salame podre? – perguntou Nivaldo, rabugento.

Josep explicou que precisava para um exercício inventado pelo sargento, que exigia iscas para armadilhas de animais. O velho levou Josep para o depósito em que guardava uma ampla variedade de salames, pendurados para curtir de uma viga. Havia salames inteiros, outros já cortados e parcialmente vendidos: morcilla feita com cebola e páprica, lomo com e sem pimentão vermelho, salsichón, sobresada. Josep apontou para um pedaço de lomo esverdeado na extremidade cortada. Mas Nivaldo sacudiu a cabeça.

– Não pode estar falando sério. Esse pedaço de carne de porco ainda está ótimo. Basta cortar a ponta e o resto estará delicioso. Essa coisa é boa demais para jogar fora. Mas espere aqui.

Nivaldo afastou-se, entre uma montanha de sacos de feijão e uma caixa de batatas enrugadas. Voltou pouco depois com um pedaço comprido de... alguma coisa, quase toda coberta por um mofo branco.

– Ahn... será que os animais... vão querer isso?

Nivaldo fechou os olhos.

– Se vão querer? Salame de sangue com arroz? Isso é muito bom para eles... morcilla que foi esquecida por tempo demais. É justamente o que você procurava, Tigre.

Quando Josep era pequeno, fora mordido por um cachorro sem raça, esquelético e amarelo, que pertencia à família Figueres. Sempre que ele passava pelo vinhedo, o cachorro começava a saltar e latir, frenético. Aterrorizado, ele tentava intimidar o animal, gritando e fitando com uma falsa ameaça os olhinhos escuros, que pareciam a encarnação do mal. Mas isso só servia para deixar o cachorro ainda mais furioso. Um dia, quando o cachorro avançou, rosnando, ele lhe deu um chute, de susto. Os dentes afiados cravaram-se em seu tornozelo, arrancando sangue quando ele puxou a perna. Durante dois anos, até o cachorro morrer, Josep evitara passar próximo do vinhedo de Figueres. Nivaldo o aconselhara:

– Nunca se deve fitar os olhos do cachorro de outro homem. O cachorro considera o olhar de um estranho como um desafio, e, se for feroz, reage com um ataque, talvez mesmo para matar. Só se deve olhar o cachorro de passagem. Desvie os olhos em seguida, sem fugir nem demonstrar medo. E fale com o animal em voz suave e tranquilizadora.

Josep não tinha a menor ideia se as teorias de Nivaldo funcionavam, mas considerou-as ao esfregar o salame de sangue com punhados de capim, a fim de remover o mofo branco. Cortou o salame em pedaços pequenos. Ao final do dia, quando o crepúsculo estendeu-se sobre Santa Eulália, ele atravessou a praça da aldeia e passou pela plantação de legumes de Casals. O solo fértil era adubado, mas não arado. O cachorro cochilava na frente do galinheiro, preso à estrutura frágil por uma corda comprida, como um dragão defendendo um castelo.

A casa do alcalde ficava à vista do galinheiro, mais ou menos no meio da plantação.

Josep caminhou a esmo até que a escuridão fosse total, depois voltou à propriedade de Angel

Casals.

Desta vez, sempre atento ao lampião aceso na janela da casa, ele atravessou o campo devagar, seguindo direto para o cachorro, que logo começou a latir. Pouco antes de Josep chegar bastante perto para ver o animal, o cachorro avançou, retido apenas pela limitação da corda. Casals, descansando do trabalho na plantação e de seus deveres como alcalde, devia estar num sono profundo, assim como os filhos. Mas Josep sabia que alguém sairia de casa para verificar se os latidos se prolongassem.

– Calma, calma, meu bom guapo. Só vim lhe fazer uma visitinha, seu monstro pavoroso, cachorro de merda.

Ele falava num tom cordial que Nivaldo aprovaria, enquanto tirava do bolso um pedaço de morcilla. Quando o jogou, o cachorro esquivou-se para o lado, como se fosse uma pedra. Mas o cheiro forte do salame de sangue atraiu-o e foi engolido no mesmo instante. Josep jogou outro pedaço, que foi engolido com a mesma rapidez. Quando ele virou-se e afastou-se, os latidos recomeçaram, mas não duraram muito. Enquanto ele deixava o campo, a noite voltou a ficar silenciosa.

Josep voltou depois de meia-noite. A esta altura, a lua já se encontrava no alto do céu; se alguém olhasse da casa, sua presença seria percebida. Mas a casa estava escura. O cachorro latiu de novo no início, mas depois se calou, como se esperasse por mais pedaços de morcilla. Josep sentou-se no chão, um pouco além da extremidade da corda. Ficaram se olhando. Ele falou com o animal por muito tempo, sem pensar, sobre uvas e o corpo das mulheres, os dias dos santos e o tamanho do membro do animal, as bolas comichando e a falta de chuva. Depois, deu mais um pedaço de salame ao cachorro – pequeno, porque tinha de fazer com que o estoque durasse – e foi para casa.

Ele voltou duas vezes à propriedade do alcalde na noite seguinte. Na primeira, o cachorro latiu duas vezes, antes de Josep começar a falar. Quando voltou, na segunda vez, o cachorro esperou-o em silêncio.

Na noite seguinte, o cachorro não latiu nem na primeira vez. Quando chegou o momento de partir, Josep aproximou-se do cachorro, até chegar a um ponto em que podia ser mordido. Falou em voz suave:

– Seu cachorro velho, fedorento e estúpido, se quiser se tornar meu amigo, também posso ser seu amigo...

Ele tirou do bolso um pedaço do salame de sangue e estendeu-o. Com um movimento brusco, o cachorro rosnou, um som baixo e ameaçador. Mas no instante seguinte a enorme cabeça preta se aproximou da mão estendida. Josep sentiu primeiro o focinho úmido, depois a língua grossa, ansiosa e áspera, como a de um leão, lambendo sua palma, sugando o cheiro que restava do salame.

Suas excursões noturnas foram notadas. Josep sabia, pelos sorrisos insinuantes que via pela manhã, que o pai presumia que ele saía para se encontrar com Teresa Gallego. Não disse nada para contestar essa convicção. Naquela noite, ele esperou até que o relógio francês de carrilhão,

gentil e asmático, batesse as duas horas da madrugada, antes de deixar sua enxerga e sair de casa sem fazer barulho.

Deslizou pela escuridão como um espírito. A aldeia começaria a despertar dentro de duas ou três horas, mas naquele momento o mundo inteiro dormia.

Até o cachorro.

Não havia tranca no galinheiro – as pessoas de Santa Eulália não roubavam umas das outras –, apenas um pequeno pedaço de pau enfiado em duas argolas para manter a porta fechada. Ele entrou sem dificuldade alguma.

Fazia calor e o cheiro de bosta de galinha era forte. A metade superior de uma parede era de tela, através da qual a lua baixa projetava um brilho pálido. A maior parte das galinhas dormia, massas escuras ao luar. Mas várias ciscavam e bicavam a palha no chão. Uma delas olhou para Josep, cacarejou inquisitiva, mas logo perdeu o interesse.

Havia algumas galinhas em prateleiras elevadas numa parede. Josep pensou que deviam ser poedeiras em seus ninhos, ou seja, galinhas com toda certeza. Não queria pegar um galo de esporão afiado por equívoco. Saber que qualquer agitação ou barulho poderia se transformar num desastre ruidoso, com o barulho das galinhas e os latidos do cachorro lá fora. Estendeu as mãos para um dos ninhos. Enquanto a mão direita apertava o pescoço da galinha para impedir a passagem de qualquer grito, a esquerda comprimia a galinha contra seu corpo, para evitar que as asas batessem. Com um esforço para não pensar no que fazia, ele torceu o pescoço empenado. Esperava ouvir um estalo alto quando o pescoço partisse, mas foi apenas um estalido, como o crepitar de muitos ossinhos partidos. A galinha debateu-se por uns poucos momentos, os pés se erguendo na tentativa de escapar da pressão, as asas querendo bater. Mas depois, enquanto ele continuava a torcer, como se quisesse arrancar a cabeça, a galinha estremeceu e ficou imóvel, morta. Josep largou-a no ninho e tentou aquietar a respiração.

Quando pegou a segunda galinha, as coisas foram quase como antes, mas com uma diferença importante. Puxou a galinha contra o peito, não contra a barriga. Com isso, dobrou o pulso da mão direita num ângulo que restringia o movimento. Podia torcê-lo apenas por uma distância limitada, que não era suficiente para partir o pescoço da galinha. Não podia fazer nada além de segurar firme a galinha e continuar a apertar o pescoço empenado, com tanta força que os dedos começaram a doer quase que no mesmo instante. A galinha debateu-se, com vigor a princípio, depois cada vez mais fraca. As asas pulsavam contra seu corpo. Cada vez mais fraca... ah, Deus, estava extinguindo o futuro daquela criatura! Pôde sentir a saída da vida, o último fragmento de existência indistinta subindo pelo pescoço apertado por sua mão de ferro, como uma bolha escapando de uma garrafa. E, depois, desapareceu.

Josep arriscou uma nova posição e torceu com firmeza, embora isso não fosse mais necessário.

Quando deixou o galinheiro, deparou com o enorme cachorro preto parado na sua frente. Aninhou as galinhas num braço, como se fosse um bebê, e com a outra mão tirou do bolso os sete ou oito pedaços restantes de salame, que jogou para o cachorro do alcalde.

Afastou-se com pernas que haviam se tornado fracas e trêmulas, um ladrão assassino na escuridão da noite. Ao seu redor, todos – o pai, o irmão, Teresa, a aldeia, o mundo inteiro – dormiam em inocência e integridade. Tinha a sensação de que, de certa forma, atravessara um abismo e mudara. O significado da missão do sargento Peña se tornou subitamente claro.

*Mate alguma coisa.*

Quando o clube de caça se reuniu, pela manhã, encontraram-no na clareira, cuidando de duas pequenas fogueiras nas quais assara as galinhas em espetos de madeira verde pendurados sobre forquilhas.

O sargento avaliou a cena com a maior discrição, mas os outros jovens ficaram exultantes.

Josep cortou as galinhas e distribuiu os pedaços, queimando ligeiramente os dedos na gordura quente.

Peña aceitou uma coxa.

– A pele está bem tostada, Alvarez.

– Passei um pouco de azeite, sargento.

– Ficou ótimo.

Josep comeu um pedaço. Achou a carne deliciosa. Todos os jovens comeram e relaxaram, riram e mastigaram, desfrutaram o banquete inesperado.

Quando acabaram, limparam as mãos gordurosas no chão da floresta, antes de se esparramarem no chão ou se encostarem em árvores. Sentiam-se satisfeitos, arrotavam a todo instante, queixavam-se dos peidos de Xavier. Parecia um feriado. Não ficariam surpresos se o sargento distribuísse balas.

Em vez disso, ele ordenou que Miquel Figueres e Josep o seguissem. Levou-os até a cabana em que dormia. Mandou que Miquel e Josep carregassem caixas para a clareira. Eram de madeira, surpreendentemente pesadas. Na clareira, o sargento abriu a caixa que Josep trouxera. Tirou alguns pacotes volumosos, enrolados com um grosso algodão oleado e presos com corda de juta.

Cada jovem recebeu um pacote. Peña ordenou que soltassem a corda e desenrolassem o oleado. Josep soltou a corda, com todo cuidado, e guardou-a no bolso. Descobriu que havia mais dois oleados por baixo do primeiro.

E dentro do terceiro oleado – em todos os pacotes, esperando para ser descoberta, como a polpa de uma noz – havia uma arma.

– É uma arma de soldado, um Colt 44 – disse o sargento. – Muitas dessas armas são remanescentes da Guerra Civil dos americanos. Abre um buraco enorme. E não é pesada demais para carregar... pouco mais de um quilo. Se fosse uma arma de um único tiro, seria uma pistola. Mas essa arma tem seis cargas num cilindro que gira. Portanto, é um revólver. Entendido?

Ele mostrou como remover a pequena cunha na frente da câmara, o que permitia que o cano fosse separado do resto da arma para limpeza. A caixa trazida por Miquel continha pedaços de pano. Não demorou muito para que os jovens estivessem ocupados em limpar a camada oleosa que protegera as armas.

Josep esfregou um pano na arma, que já fora usada, limpada e usada de novo, muitas e muitas vezes, até que metade do esmaltado azul não existia mais. Experimentou o pressentimento assustador de que aquela arma já fora usada em combate, um instrumento mortífero que ferira e matara homens. Temeu-a muito mais do que sentira medo do cachorro de Angel.

O sargento distribuiu o resto dos suprimentos da caixa de Miquel: para cada jovem, uma meia cheia de pólvora preta, um saco pesado com balas de chumbo, uma pequena tigela de madeira com banha, uma vareta de limpeza, um saco com pequenos objetos, moldados como copos, mas menores do que a unha do dedo mindinho de Josep, e dois estranhos instrumentos de metal, um deles terminando numa ponta afiada.

Todas essas coisas e as armas foram guardadas em sacos de pano. Com os sacos pendurados no pescoço por tiras de corda, os jovens deixaram a clareira por trás do vinhedo de Calderon. Em suas roupas de trabalho, em vez de uniformes, ainda pareciam desajeitados e pouco militares. Mas sentiam-se poderosos e importantes por carregarem as armas. O sargento levou-os para fora da aldeia por uma hora de marcha, até outra clareira na floresta. Ali, o som dos tiros não acarretaria comentários e alarme.

Ele ensinou como puxar o cão até parar, meio engatilhado, para que o gatilho ficasse preso numa posição de segurança e não pudesse ser apertado até o fim.

– É necessária a explosão de trinta grãos de pólvora preta para disparar uma bala de chumbo pelo cano – explicou o sargento. – Quando estiverem sob fogo, não terão tempo para medir os grãos de pólvora ou dançarem uma sardana. Por isso...

Ele suspendeu o tubo de couro de medição, enquanto acrescentava:

– ... devem despejar a pólvora neste saco, que comporta a medida correta. Do saco, despejem na câmara vazia da arma. Em seguida, ponham a bala de chumbo na câmara. Empurrem a alavanca de carga para compactar a pólvora com firmeza. Acrescentem um pouco de graxa por cima, depois ponham esses copinhos... as espoletas que explodem quando atingidas pelo cão da arma... por cima da bala e da pólvora, usando a vareta. Podem girar o cilindro com a mão e carregar cada câmara, uma a uma. Em combate, um soldado deve ter a capacidade de carregar todas as seis câmaras em menos de um minuto. Vocês devem praticar isso muitas e

muitas vezes. Agora, cada um pode começar a carregar sua arma.

Os jovens foram lentos e desajeitados. Sentiam-se perdidos. Peña acompanhou todo o processo, atento. Fez vários jovens descarregarem uma câmara e repetirem o processo de carregar. Quando achou que cada arma fora carregada direito, ele tirou o canivete do bolso e fez um corte no tronco de uma árvore. Depois postou-se a seis ou sete metros da árvore, levantou sua própria arma e disparou seis tiros rápidos. Vários buracos se tocavam e não havia mais do que dois dedos de largura entre quaisquer deles.

– Xavier Miró, é a sua vez de tentar.

Xavier assumiu a mesma posição que o sargento ocupara, na frente da árvore, o rosto pálido. Quando levantou a arma, a mão tremia.

– Deve segurar a arma com firmeza, mas aplicar apenas uma pressão mínima no gatilho. Pense numa borboleta pousando numa folha. Pense na ponta de um dedo mal roçando no corpo de uma mulher.

As palavras de nada adiantaram para Xavier. O dedo apertou o gatilho em movimentos bruscos nas seis vezes. A arma deu um solavanco e se sacudiu em sua mão mole, as balas de chumbo acertando as moitas.

Jordi Arnau foi o seguinte e não se saiu muito melhor. Uma das balas acertou no tronco, talvez por acaso.

– Alvarez.

Josep foi o terceiro a enfrentar a árvore-alvo. Quando estendeu a mão, o ódio que já sentia pela arma tornou seu braço rígido. Mas ouviu de novo, em sua mente, as palavras do sargento, e pensou em Teresa enquanto acariciava o gatilho. A cada estampido, fumaça, fogo e faíscas saíam do cano, como se Josep fosse Deus, como se sua mão lançasse raios para acompanhar os trovões. Quatro novos buracos apareceram no grupo que os tiros do sargento Peña haviam feito. Dois outros buracos surgiram a não mais do que três centímetros do agrupamento.

Josep permaneceu no mesmo lugar, imóvel.

Sentia-se espantado e envergonhado pelo súbito conhecimento de que havia uma protuberância em sua calça, que podia ser observada pelos outros jovens. Mas ninguém riu.

O mais desconcertante de tudo: quando olhou para o sargento Peña, Josep notou que o homem o estudava com um interesse evidente.

## Aumento da área de tiro

– A coisa que lembro com mais nitidez de meu tempo de soldado era a companhia dos outros soldados – comentou Nivaldo para Josep uma noite, no armazém. – Quando lutávamos com pessoas que tentavam nos matar, eu me tornava muito chegado a meus companheiros, até com aqueles de que não gostava.

Josep podia considerar Manel Calderon e Guillem Parera como seus bons amigos. Gostava também de quase todos os outros no clube de caça. Mas havia também aqueles de quem não tinha o menor desejo de se tornar íntimo.

Como Jordi Arnau.

Teresa, que se tornara mal-humorada e queixosa ultimamente, usara Jordi para comunicar a Josep o que queria.

– Jordi Arnau e Maria del Mar Orriols vão se casar em breve.

– Eu sei.

– Marimar me disse que poderão casar porque Jordi será um soldado. Como você.

– Não é certo que qualquer de nós será um soldado. Ainda seremos selecionados. E Jordi e Marimar precisam casar depressa, porque ela engravidou.

– Eu sei. Ela me contou.

– Jordi tem se gabado para todo mundo. É um idiota.

– Marimar é boa demais para ele. Mas se Jordi não for selecionado para o exército, o que eles farão?

Josep deu de ombros, sombrio. A gravidez não era uma desgraça; muitas noivas haviam percorrido a nave da igreja da aldeia com uma barriga imensa. O padre Felipe Lopez, o pároco da aldeia, não agravava tais situações com recriminações; em vez disso, preferia dar uma bênção rápida e passar a maior parte de seu tempo com seu amigo fiel, Quim Torras, vizinho de Josep.

Mas embora um casal unido em casamento “necessário” sofresse poucas recriminações, era uma loucura tentar sustentar uma nova família sem emprego, e Josep sabia que o futuro era incerto para os aprendizes no clube de caça.

Os jovens não tinham a menor ideia de quem seria selecionado e quem seria rejeitado, ou como seria o processo de seleção.

– Há alguma coisa... estranha... em tudo isso – comentou Guillem para Josep. – O sargento já teve uma chance de nos julgar a esta altura. Já estudou todo mundo atentamente. Mas até agora não eliminou ninguém. Deve ter ficado evidente logo no início, por exemplo, que Enric é sempre desajeitado e o mais lento do grupo. Mas Peña parece não se importar.

– Talvez ele esteja esperando até o final do treinamento, para só então escolher os que terão

permissão para ingressar no exército – sugeriu Manel.

– Acho que ele é um homem estranho – insisti Guillem. – Eu gostaria de saber mais a seu respeito. E me pergunto onde e como ele sofreu aquele ferimento.

– Ele não responde a perguntas – disse Manel. – Não é um homem cordial. Desde que se instalou em nossa cabana, meu pai já o convidou várias vezes para comer à nossa mesa. Mas ele sempre come sozinho. Depois, senta sozinho na frente da cabana e fuma aqueles charutos pretos, finos e compridos, que fedem mais do que mijo. Bebe muito e tem dinheiro. Todas as noites meu pai compra para ele um jarro cheio de conhaque do barril de Nivaldo.

– Talvez ele precise de uma mulher – disse Guillem.

– Acho que ele tem uma mulher por perto. – Manel sorriu. – Há ocasiões em que não passa a noite na cabana. Já o vi voltar ao amanhecer.

– Pois ela deveria aprender a fazer um trabalho melhor... aprender a fazer coisas para deixá-lo de bom humor – sugeriu Guillem.

E os três desataram a rir.

Eles tiveram cinco sessões de exercício de tiro com os Colts, cada uma precedida pelo treinamento para carregar as armas e acompanhada pela limpeza obrigatória. Todos foram se tornando mais rápidos e eficientes, mas nunca chegavam a ponto de agradecer o sargento Peña.

Na sexta sessão, o sargento ordenou que Josep e Guillem lhe entregassem seus Colts. Depois de recebê-los, tirou outras armas de um saco.

– Estas armas são só para vocês dois, porque são nossos melhores atiradores.

A nova arma era mais pesada do que a outra. Parecia formidável e importante na mão de Josep. Ele era um ignorante em armas de fogo, mas mesmo assim era evidente que a nova arma era muito diferente do Colt. Para começar, tinha dois canos. O de cima era comprido e parecido com o cano do Colt, mas por baixo havia um segundo cano, mais curto e mais grosso do que o outro. O sargento explicou que era o revólver LeMat, fabricado em Paris.

– Tem nove câmaras giratórias, em vez de seis. Dispara as balas pelo cano superior.

Também mostrou que a parte de cima do cão tinha um percussor que virava, a fim de disparar um tiro do cano inferior, que podia ser carregado com pedaços de chumbo menores, os projéteis espalhados por uma área mais ampla.

– Para todos os efeitos, o cano de baixo é como uma espingarda de cano serrado – disse Peña.

Acrescentou que esperava que eles aprendessem a carregar as nove câmaras no mesmo tempo que levavam para carregar seis.

O LeMat era parecido com o Colt quando se usava o cano de cima. Mas quando Josep disparou pela primeira vez o cano de baixo, teve a sensação de que um gigante pusera a palma da mão sobre a boca do cano, empurrando para trás. O tiro saiu deslocado, os fragmentos de chumbo acertando os galhos superiores de um plátano.

Guillem teve a vantagem de observá-lo. Por isso, usou as duas mãos quando disparou pelo cano de espingarda, estendendo os braços com firmeza ao puxar o gatilho.

Todos ficaram impressionados com a extensão da área atingida pelo disparo do cano inferior. Abriu buracos no tronco de quatro árvores, em vez de apenas um.

– Lembrem-se de uma coisa quando atirarem com o LeMat – declarou o sargento. – Não há desculpa possível para errar o alvo com essa arma.

## O sargento

Ninguém viu o homem chegar, em seu cavalo preto. Numa manhã de quarta-feira, quando os membros do clube de caça se encaminharam para a clareira, viram o cavalo amarrado no lado da cabana; e quando o sargento saiu para encontrá-los, estava acompanhado por um homem de meia-idade. Os dois eram um caso de contrastes. Peña, alto e magro, usava roupas de trabalho, sujas e remendadas. Tinha uma adaga numa bainha presa na perna esquerda, por cima da bota. Havia um revólver enorme no coldre de couro em seu quadril. O recém-chegado era corpulento, mais baixo do que o sargento por uma cabeça. O terno preto estava amarrotado da viagem, mas era bem cortado, de um pano de primeira qualidade. Usava um chapéu-coco, o melhor que Josep já vira.

O sargento Peña não o apresentou.

O homem foi andando ao lado de Peña enquanto seguiam para a clareira mais remota, onde faziam os exercícios de tiros. O recém-chegado observou cada um atirar para o alvo numa árvore.

O sargento pediu a Josep e a Guillem que atrasassem por mais tempo do que os outros; depois que cada um disparou todas as câmaras e os dois canos do LeMat, duas vezes, o estranho conversou em voz baixa com o sargento, que os mandou recarregarem e atirarem de novo. Enquanto eles o faziam, Peña e o homem corpulento trocaram um olhar, sem dizerem nada.

Assim que acabaram, o sargento mandou que o grupo ficasse à vontade. Ele e o visitante se afastaram. O homem corpulento falava em voz baixa, em tom de urgência. Os jovens se refestelaram no chão.

Quando os dois retornaram, Peña levou o grupo de volta através do bosque da propriedade de Calderon. Enquanto os jovens se preparavam para limpar suas armas, viram o sargento bater continência para o civil, não inibidos, como eles eram propensos a fazer, mas num movimento ágil e descontraído, de tal forma que parecia descuidado. O outro homem pareceu surpreso com o gesto, até embaraçado. Acenou com a cabeça, num movimento brusco, tocou de leve com a mão no chapéu preto, montou no cavalo e partiu. Nenhum dos jovens jamais tornou a vê-lo.

Nas semanas seguintes, o tempo de dezembro tornou-se frio e úmido. A chuva era mais úmida, acrescentando pouca umidade ao solo. Todos vestiam uma camada extra de roupas contra o frio e procuraram serviços que pudessem ser feitos dentro de casa. Josep varreu e tirou a poeira da casa. Depois, sentou-se à mesa para afiar facões, pás e enxadas com uma pequena lima.

A chuva parou duas semanas depois da visita do estranho. Mas quando o clube de caça se reuniu na floresta, ninguém se sentou no chão úmido.

Era o dia seguinte ao Natal; a maioria ainda mantinha o ânimo de festa e alguns haviam ido à missa no início da manhã.

O sargento Peña surpreendeu-os com um anúncio:

– O treinamento de vocês em Santa Eulália terminou. Partiremos amanhã de manhã para participar de um exercício. Depois disso, vocês se tornarão soldados. Não vão precisar das armas. Devem lubrificá-las e acrescentar um pouco de graxa. Enrolem com três camadas de algodão oleado, como estavam quando as receberam. Façam um segundo pacote com a munição e as ferramentas para as armas, embrulhando também com três camadas de oleado, que vou distribuir. Sugiro que enterrem os dois pacotes em algum lugar em que a água não acumule. Se o exercício for cancelado, voltaremos para cá e precisarão das armas.

Jordi Arnau tossiu e se atreveu a fazer uma pergunta:

– Todos nós vamos para a milícia?

O sargento Peña exibiu seu sorriso típico e respondeu, sardônico:

– Todos vocês. Saíram-se muito bem.

Naquela noite, Josep lubrificou a arma e enterrou-a ainda desmontada. Repousava em paz. O terreno mais seco que ele conhecia por ali era um pequeno trecho arenoso no fundo do vinhedo de Torras, um metro além do limite da propriedade de seu pai. O vizinho, Quim Torras, era um lavrador descuidado e preguiçoso, que passava a maior parte do tempo com o padre Lopez. A amizade dos dois era um escândalo na aldeia. Quim trabalhava o solo do vinhedo o mínimo possível, e Josep tinha certeza de que ele não revolveria a terra naquele canto seco e negligenciado.

Sua família recebeu a notícia da partida iminente com visível espanto, como se nunca tivesse realmente acreditado que o clube de caça levaria a qualquer coisa. Josep percebeu o alívio no rosto de Donat; sempre soubera que não era fácil para Donat ter um irmão mais moço que era, obviamente, um trabalhador melhor. O pai deu a Josep uma grossa suéter marrom, que tinha fazia menos de um ano.

– Contra o frio – resmungou ele.

Josep aceitou, agradecido, para usar por baixo de seu casaco de inverno. Era apenas um

pouco acima de seu tamanho, mas tinha o cheiro de Marcel Alvarez, o que era sempre um conforto. Marcel também foi até o pote por trás de seu relógio e pegou algumas notas, oito pesetas, que pôs na mão de Josep, “para alguma emergência”.

Quando Josep foi até o armazém para se despedir, Nivaldo também lhe deu dinheiro, seis pesetas.

– Aqui está um presente das festas... Feliz Natal. Use para comprar uma experiência em alguma noite e lembre-se deste velho soldado.

Ele abraçou Josep por um longo momento.

Josep achou todas essas despedidas muito difíceis, mas o pior de tudo foi a conversa com Teresa, que empalideceu ao ouvir suas palavras:

– Você nunca voltará para mim.

– Por que diz isso?

A angústia de Teresa aumentou seu próprio medo de um futuro desconhecido e transformou seu pesar em raiva.

– Esta é a nossa chance – acrescentou ele, ríspido. – Ganharei dinheiro na milícia. Voltarei para você assim que puder, ou mandarei buscá-la. Terá notícias minhas o mais depressa possível.

Era insuportável para ele refletir que estava deixando para trás tudo o que se relacionava com Teresa: sua generosidade, presença de espírito e senso prático, a terna sensualidade daquela carne macia, como gordura de bebê, que ornamentava os ombros, seios e quadris. Quando a beijou, ela reagiu com fúria, como se quisesse devorá-lo. O rosto de Josep ficou molhado com as lágrimas dela. Mas quando ele ergueu a mão para acariciar um seio, Teresa empurrou-o para longe e saiu correndo entre as videiras do pai.

No início da manhã seguinte, Peña apareceu no vinhedo de Calderon com duas carroças de duas rodas, com estruturas de caniço por cima, sobre as quais estavam esticadas lonas compridas, uma azul e nova, a outra vermelha, desbotada e remendada. Cada carroça coberta era puxada por duas mulas, atreladas em filas, com dois pequenos bancos de madeira por trás do condutor, com espaço suficiente para quatro passageiros. Peña sentou-se em uma das carroças com Manel, Xavier e Guillem. Enric, Jordi, Josep e Esteve instalaram-se na outra.

Deixaram Santa Eulália.

A última coisa que Josep viu de sua aldeia, através da lona da carroça, foi Quim Torras. Em vez de trabalhar em suas videiras malcuidadas, que precisavam de toda a ajuda que pudessem obter, Quim tentava carregar o gordo padre Felipe Lopez através da ponte em seu carrinho de mão, às gargalhadas.

E o último som de Santa Eulália que Josep ouviu, enquanto se afastava na carroça, foi o latido gutural de seu bom amigo, o cachorro do alcalde.

## A viagem de trem

Os jovens estavam famintos quando as carroças pararam na estação ferroviária de Barcelona. Peña levou-os para uma cantina de operários. Mandou servir pão e sopa de repolho. Eles comeram avidamente, com uma sensação de feriado pela súbita mudança na rotina. Mais tarde, na plataforma da estação, Josep observou, nervoso, a aproximação da locomotiva, que avançava para eles como um dragão estrondoso, arrotando fumaça. Entre todos, apenas Enric já viajara de trem. Embarcaram num vagão de terceira classe, de olhos arregalados. Desta vez Josep compartilhou um banco de madeira com Guillem, enquanto Manel sentava em um dos bancos à frente.

Enquanto o trem estremeceu e voltava a andar, aos solavancos, eles foram advertidos pelo condutor de não abrirem as janelas, a fim de evitar que fagulhas e a fumaça fuliginosa da locomotiva entrassem no vagão. Mas fazia um pouco de frio e eles não se incomodaram em manter as janelas fechadas. O barulho das rodas e o balanço do vagão logo se tornaram corriqueiros. Os jovens ficaram olhando, extasiados, para a paisagem da Catalunha que passava pelas janelas.

Muito antes de a escuridão começar a excluir o mundo lá fora, Josep já se cansara de espiar além do rosto de seu amigo Guillem, que sentava junto da janela. Peña levava pão e salame para o trem e todos comeram. Não demorou muito para que o condutor aparecesse e acendesse os lampiões a gás, que projetaram sombras em permanente movimento pelo vagão. Josep contemplou essas sombras até ser dominado pela misericórdia do sono.

A tensão esgotara-o mais do que um dia de trabalho árduo poderia ter feito. Acordou a intervalos ao longo da noite desconfortável, a última vez para contemplar um dia escuro e inóspito, quando o trem partiu aos solavancos depois de uma parada em Guadalajara.

Peña distribuiu mais salame e pão, até que seu suprimento acabou. Beberam a água do trem, que tinha gosto de carvão e arranhava os dentes. Todo o resto foi tédio, até três horas além de Guadalajara, quando Eric Vinyes olhou pela janela e gritou:

– Neve!

Todos se agruparam nas janelas para ver os flocos brancos que caíam de um céu cinzento. Só haviam visto neve umas poucas vezes, e mesmo assim por períodos mínimos, antes que derretesse. Agora, a neve parou de cair antes que eles cansassem de observar. Mas, três horas depois, quando o trem parou em Madri e desembarcaram, havia uma fina camada branca no chão.

Logo ficou evidente que Peña conhecia a cidade. Conduziu-os da estação ferroviária por uma avenida larga e prédios imponentes até um labirinto de ruas antigas e estreitas, escuras, estendendo-se sinuosas entre prédios de apartamentos de pedra. Havia um mercado numa pequena praça. Peña afastou dois vendedores da beira de uma fogueira pelo tempo suficiente para comprar pão, queijo e duas garrafas de vinho. Depois, levou os jovens por uma viela próxima até uma porta, que se abria para um vestibulo escuro e dilapidado, com uma escada que

mal permitia a subida de uma pessoa de cada vez. Foram para o terceiro andar, onde Peña bateu três vezes numa porta em que havia uma pequena placa: PENSÃO EXCELSIOR.

A porta foi aberta por um homem idoso, que acenou com a cabeça quando viu Peña.

O quarto em que os membros do clube de caça foram instalados era pequeno demais para oferecer qualquer conforto a tantas pessoas. Eles sentaram-se nas camas e no chão. Peña distribuiu o pão e o queijo. Desapareceu em seguida para voltar pouco depois com uma chaleira fumegante e uma bandeja com copos. Despejou vários dedos de vinho em cada copo e acrescentou água quente. Os jovens tomaram a mistura com sofreguidão.

Peña deixou-os. Eles ficaram sentados na pensão imunda, esperando, enquanto as horas da tarde longa e estranha passavam lentamente.

A claridade além da janela chegava ao fim quando Peña voltou. Parou no meio do quarto e disse:

– Quero que prestem muita atenção. Terão agora uma oportunidade de demonstrar sua utilidade. Um homem que é traidor de nossa causa deverá ser capturado esta noite. Vocês ajudarão em sua captura.

Todos o observavam num silêncio nervoso.

Ele tirou uma caixa de baixo de uma das camas. Continha fósforos de enxofre, compridos, com cabeças grossas. Entregou alguns a Josep, junto com um pequeno quadrado de lixa para riscá-los.

– Deve guardar os fósforos no bolso e evitar que se molhem, Alvarez. Ficaremos esperando no lugar em que ele embarcará numa carruagem. Vamos segui-lo quando partir. Se a carruagem virar uma esquina, entraremos na nova rua também. A cada esquina, Alvarez, você deve acender um fósforo.

Peña riscou um fósforo, que produziu um cheiro acre.

– Quando eu der o sinal, o grupo deve cercar a carruagem, para que o homem possa ser capturado. Guillem Parera e Esteve Montroig, cada um de vocês deve segurar as rédeas de um cavalo, para impedir que continuem. Se tivermos de nos separar, cada um deve seguir para a estação ferroviária, onde os encontrarei. Quando tudo acabar, vocês receberão um elogio e poderão ingressar num regimento. Suas carreiras militares começarão.

Deixaram a pensão em seguida. Desceram a escada e saíram para as ruas estreitas. Uma neve fina caíra durante o dia inteiro, a intervalos. Agora, os flocos brancos eram maiores e mais firmes. Na praça do mercado, o acúmulo de neve apagara a fogueira. Os vendedores haviam se retirado e só voltariam na manhã seguinte. Josep olhava para os flocos muito brancos contra os cabelos muito pretos de Peña. Na esteira do sargento, o clube de caça avançava por um estranho mundo perolado.

Não demorou muito para deixarem a parte velha da cidade e atravessarem avenidas ladeadas por enormes estruturas. Num bulevar, o Carrera San Jerónimo, Peña parou diante de um prédio grande e imponente. Perto da entrada, havia homens parados, em duplas e grupos,

conversando em voz baixa, à luz bruxuleante de lampião de gás. O porteiro lançou apenas um olhar rápido para os jovens, quando se agruparam em torno de Peña.

A pesada porta foi aberta. Josep ouviu vozes de homens lá dentro. Alguém fazia um discurso, a voz subindo e descendo. Ocasionalmente, quando o homem fazia uma pausa, soavam gritos; era impossível saber se eram manifestações de concordância ou de raiva. Houve um momento de gemido coletivo e risos em duas ocasiões.

O clube de caça esperou, sentindo mais e mais frio à medida que a neve caía, enquanto quase uma hora passava.

Dentro do prédio, homens gritavam e aplaudiam.

Uma velha surgiu no campo de visão de Josep, claudicando. Tinha os cabelos grisalhos, cobertos por dois xales esfarrapados, olhos pequenos e escuros num rosto que parecia uma maçã marrom e murcha. Em passos cuidadosos, ela se aproximou do homem mais próximo, estendendo um cesto.

– Uma esmola... uma esmola... Um pouco de comida, pela misericórdia de Deus, *señor*... Misericórdia em nome de Jesus!

O alvo de seu pedido sacudiu a cabeça, como se estivesse afugentando uma mosca, e continuou a conversar.

Persistente, a velha aproximou-se do grupo seguinte, estendeu o cesto e fez a súplica. Desta vez foi recompensada com uma moeda e retribuiu a caridade com uma bênção. Por algum tempo, Josep observou-a claudicar em sua direção, como um velho animal ferido.

Dois homens saíram do prédio.

– É ele – murmurou Peña.

Um deles era obviamente um cavalheiro de meia-idade, barba aparada, usando uma capa grossa e uma cartola formal. Era baixo e corpulento, mas empertigado, de porte orgulhoso.

O outro homem, andando um passo atrás, era muito mais jovem e se vestia com simplicidade. Josep ficou aturdido. Qual dos dois era o traidor?

– Uma carruagem, excelência?

Quando o cavalheiro acenou com a cabeça, o porteiro adiantou-se para a poça de luz, sob o lampião de gás, e ergueu o braço. Uma carruagem afastou-se da linha de veículos que esperava na rua. Os dois cavalos pararam na frente da entrada do prédio. O porteiro adiantou-se para abrir a porta da carruagem, mas o homem vestido com simplicidade chegou na sua frente. Era obviamente um criado. Inclinou a cabeça quando o outro homem entrou, fechou a porta e correu para a rua, a fim de entrar pelo outro lado.

Josep estava impressionado. A carruagem era luxuosa e parecia enorme. Mal dava para ver seus ocupantes através das duas janelas altas e estreitas. Ali perto, um homem tossiu e riscou um fósforo, levantando-o antes de acender seu cachimbo. Surpreso, o porteiro lançou um rápido olhar e foi até o banco do cocheiro. Sussurrou alguma coisa, o cocheiro inclinando a cabeça para ouvi-lo. Depois, o porteiro bateu de leve na porta da carruagem e abriu-a.

– Minhas desculpas, excelência. Parece que há um problema com o eixo. Se me perdoa o incômodo, chamarei outra carruagem para servi-lo.

Se o homem lá dentro respondeu, Josep não pôde ouvir. Enquanto os passageiros desembarcavam, o porteiro seguiu apressado até a fila de carruagens. Uma segunda carruagem

se adiantou, ainda mais ornamentada do que a primeira, mas com janelas mais estreitas e ainda mais profundas. Antes que o cavaleiro embarcasse no novo veículo, Josep viu seus olhos exaustos e as feições contraídas; tinha as faces morenas cobertas de pó de arroz, o que fazia com que seu rosto parecesse tão artificial quanto o da estátua de Santa Eulália.

Havia pouco tráfego por causa do tempo. Os cavalos partiram devagar, desacostumados à neve sobre as pedras do calçamento.

Peña e o clube de caça tiveram pouca dificuldade para acompanhar a carruagem pelo Carrera San Jerónimo. Passaram pela mendiga e deixaram-na para trás. Quando os cavalos viraram na primeira esquina e entraram na Calle del Sorto, Josep obedeceu às instruções. A mão tremia quando riscou o fósforo e levantou-o, um círculo amarelo crepitando.

Eles seguiram os cavalos que avançavam lentamente por outra curva, entrando na Calle del Turco. Josep riscou outro fósforo.

Era uma rua mais estreita e mais escura, com apenas um lampião projetando uma poça amarela no chão.

– Agora! – murmurou Peña, pouco antes de a carruagem alcançar a poça de luz.

Guillem e Esteve avançaram apressados pela rua e pegaram as rédeas dos cavalos, enquanto os outros membros do clube de caça cercaram a carruagem. Alguns vultos surgiram da escuridão no outro lado da rua. Vários deram a volta até o lugar em que Josep se postava, olhando para o rosto surpreso do homem dentro da carruagem.

Agentes da milícia, pensou Josep, ao ver os recém-chegados, três deles empunhando armas. Josep deu um passo para trás, a fim de que os homens tivessem um fácil acesso até a porta da carruagem.

Em vez de se adiantarem, no entanto, eles estenderam as armas.

Houve uma série de estampidos.

O homem na carruagem virara-se para olhar pela janela e oferecia um alvo fácil. Teve um sobressalto quando foi atingido no ombro esquerdo. Tocou no ferimento com a mão esquerda. Ergueu a mão direita, como se fosse protestar, e Josep viu quando parte do dedo médio foi arrancada. Outra bala o acertou no peito, abrindo um pequeno buraco escuro na capa, como as centenas de buracos que os membros do clube de caça haviam aberto nas árvores que serviam de alvos.

Josep ficou chocado ao perceber a amarga compreensão no rosto do homem.

Alguém exclamou “Jesus Cristo!”. Houve um grito longo e feminino. A princípio, Josep pensou que partira de uma mulher, mas logo compreendeu que era a voz de Enric. E, subitamente, todos corriam pela escuridão. Josep correu também, pela rua coberta de neve, afastando-se o mais depressa que podia dos cavalos empinando e da carruagem virando.

PARTE TRÊS

À solta no mundo

*Madri*

*28 de dezembro de 1870*

## A caminhada na neve

Ele caiu uma vez, na neve fria e úmida, levantou-se, continuou a correr. Respirava com dificuldade. Finalmente parou e encostou-se num prédio.

Recomeçou a fugir em seguida. Passou a andar, em vez de correr, mas ainda em terror. Não sabia para onde os pés o levavam. E espantou-se ao ouvir alguém chamá-lo quando passava sob um lampião da rua.

– Josep, espere!

Era Guillem.

– O que aconteceu, Guillem? Por que atiraram no pobre coitado? Por que não se limitaram a capturá-lo, como fomos informados?

– Não sei. Mas... não aconteceu como Peña previu, não é mesmo? Talvez ele possa explicar. Disse que deveríamos ir para a estação ferroviária se acontecesse alguma coisa...

– Isso mesmo, a estação... Sabe como encontrá-la? Não tenho a menor ideia do lugar em que estamos.

– Acho que fica mais ou menos nessa direção... – murmurou Guillem, desamparado.

Caminharam por um longo tempo, antes que Guillem admitisse que estava tão perdido quanto Josep. Encontraram uma fileira de carruagens de aluguel. Josep perguntou a um dos cocheiros como alcançar a estação ferroviária, e só então souberam que seguiam para o norte, quando deveriam ir para o sul.

O homem deu instruções longas e complicadas. Os dois começaram a voltar pelo caminho que já haviam percorrido.

Acima de tudo, não queriam voltar para as proximidades do local do ataque. Isso exigia um desvio e Josep e Guillem acabaram esquecendo alguns detalhes das orientações. Com frio e cansado, Josep apontou para um letreiro próximo, que anunciava uma pequena cantina, Metropolitá.

– Vamos perguntar ali.

Lá dentro, até os preços baixos no quadro-negro intimidaram-nos, pois tinham pouco dinheiro. Mas cada um pediu um café.

A chegada dos dois interrompeu uma discussão entre o dono, alto e corpulento, e seu idoso garçom.

– Gerardo, Gerardo! A louça do almoço! Não foi lavada! Como vai servir a comida em pratos sujos?

O garçom deu de ombros.

– Não é culpa minha. Gabino não apareceu.

– Por que você não arrumou outro, seu estúpido de merda? O período de festas sem alguém para lavar os pratos! O que espera que eu faça agora?

– Não poderia lavar os pratos, *señor*?

O garçom tornou a dar de ombros, entediado. Quando ele serviu o café, Guillem perguntou como poderiam chegar à estação ferroviária.

– Estão a oeste da linha do trem. Devem descer por esta rua e virar na segunda à direita. Depois de seis ou sete quarteirões, encontrarão os trilhos. E o caminho mais curto será seguir os trilhos até os fundos da estação.

Enquanto eles tomavam o café, ansiosos pelo calor que proporcionava, o garçom acrescentou:

– É seguro atravessar o terreno da ferrovia, desde que não sejam bastante idiotas para andar pelos trilhos.

Parara de nevar quando eles alcançaram os trilhos, mas não havia estrelas no céu. Foram andando entre os depósitos de carvão e as pilhas de lenha. Os vagões de carga fechados, pintados de branco, pareciam com monstros adormecidos. Logo avistaram os lampiões de gás que indicavam a área da estação. Seguiram em sua direção, ao longo de um trem vazio. Quando espiaram da beira da locomotiva, Josep murmurou:

– Lá está Peña. E Jordi também.

Peña estava parado ao lado de uma carruagem à espera, junto com Jordi Arnau e dois outros homens. Peña disse alguma coisa para Jordi e abriu a porta da carruagem. A princípio, Jordi parecia disposto a entrar, mas depois avistou alguma coisa lá dentro que o fez recuar. Um dos homens começou a empurrá-lo.

– Mas o que está acontecendo? – murmurou Josep.

Mais três homens aproximaram-se da carruagem e ficaram observando, enquanto Jordi se virava e levantava os punhos.

O homem mais próximo sacou uma faca e passou-a pela garganta de Jordi. Josep não podia acreditar.

Isso não pode estar acontecendo, ele disse a si mesmo. Mas Jordi caíra no chão, o sangue escuro à luz do lampião.

Josep sentiu-se atordoado.

– Temos de fazer alguma coisa, Guillem.

O amigo segurou-o pelos braços.

– São muitos e ainda há outros chegando. Fique calado, Josep. Não faça barulho.

Dois homens suspenderam o corpo de Jordi e meteram-no na carruagem. Mais para a esquerda, Josep viu outros homens cercarem Manel Calderon.

– Pegaram Manel.

Guillem puxou Josep para trás.

– Temos de sair daqui. Agora. Mas não corra.

Os dois se viraram e foram andando em silêncio, voltando pelo pátio de manobras. Uma fatia de lua prateada e fria apareceu no alto do céu, mas a noite continuou escura. Josep tremia. Aguçou os ouvidos, apavorado com a possibilidade de ouvir tiros e o barulho de pés correndo. Mas não houve nenhum som. Já estavam quase deixando a área do pátio de manobras quando ele ousou falar:

– Guillem, não consigo entender... o que está acontecendo?

– Também não sei, Josep.

– Para onde vamos agora?

Mas Guillem apenas sacudiu a cabeça.

Passaram de novo pela cantina Metropolitano. Guillem pôs a mão no braço de Josep e voltaram. Entraram na cantina. O idoso garçom limpava as mesas com um pano úmido.

– *Señor*, podemos falar com o dono? – perguntou Guillem.

– *Señor* Ruiz...

O garçom apontou com o queixo. Encontraram o dono numa sala nos fundos, diante de uma cuba de cobre amassada, os braços mergulhados na água.

– *Señor* Ruiz, gostaria de nos contratar como seus lavadores de pratos? – sugeriu Guillem.

O rosto vermelho do homem estava suado, mas ele tentou esconder a súbita ansiedade em seus olhos.

– Quanto?

O acordo foi logo celebrado. Refeições, umas poucas moedas e permissão para dormir no chão, depois que o último freguês fosse embora. O dono limpou os braços, baixou as mangas da camisa e foi para a cozinha. Poucos segundos depois, Guillem e Josep ocuparam seu lugar na pia.

Estabeleceram uma rotina sem nenhuma dificuldade. Guillem lavava os pratos na água quente e largava-os para serem enxaguados com água fria. Josep enxaguava e empilhava os pratos.

A água não permanecia quente por muito tempo e eles tinham a todo instante de acrescentar água fervendo de um dos três caldeirões pendurados na lareira. Usavam a pequena bomba na pia para reencher os caldeirões. A cantina tinha um grande movimento. A todo instante eles trocavam os pratos lavados por pilhas de pratos sujos. De tempos em tempos, quando não cabia mais água na cuba e a mistura ali se tornava fria e gordurosa, eles esvaziavam-na na viela nos fundos e começavam tudo de novo. O pequeno compartimento era quente e eles foram tirando camadas de roupas.

Josep via a todo instante a imagem de Jordi, revivendo aquele momento terrível. Dali a pouco, ele comentou:

– Estavam se livrando das testemunhas.

Ele não foi capaz de disfarçar o medo em sua voz. Guillem parou de trabalhar.

– Acha mesmo?

Ele parecia estar passando mal.

– Tenho certeza.

Guillem ficou muito pálido.

– Eu também.

E pegou outro prato para enxaguar.

Várias horas depois de meia-noite, Gerardo, o velho garçom, levou-lhes tigelas com ensopado de carne de cabra e metade de um pão meio dormido. Observou-os comerem por um momento, antes de comentar:

– Sei por que vocês procuravam a estação ferroviária.

Os dois fitaram-no em silêncio.

– Queriam se esconder num trem, para uma viagem de graça. Não era isso? Mas não há a menor possibilidade de embarcarem sem pagar num trem em Madri. Meu primo Eugenio trabalha para a ferrovia e diz que há guardas com cassetetes e que eles verificam cada vagão que deixa o pátio de manobras. Seriam espancados e jogados na cadeia. O que vocês devem fazer é embarcar num trem de carga quando parar em algum lugar fora da cidade. É assim que se faz.

– Obrigado, *señor* – murmurou Josep.

Gerardo acenou com a cabeça, orgulhoso.

– Foi apenas um pequeno conselho.

Eles dormiram perto do conforto do fogo agonizante. Ficou frio na cantina quando o fogo apagou, mas tinham a barriga cheia e era muito melhor do que dormir lá fora, no chão imundo, em pleno rigor do inverno.

No dia seguinte, varreram o chão e removeram as cinzas, antes de Gerardo chegar, no meio da manhã. Ele recompensou-os com uma boa refeição.

– O patrão quer que vocês fiquem por mais alguns dias para nos ajudar. Disse que ficará muito agradecido se quiserem permanecer até o Ano-novo.

Josep e Guillem trocaram um olhar.

– Por que não? – murmurou Josep.

E Guillem acenou com a cabeça em concordância. Eles passaram os dois dias e duas noites

seguintes como lavadores de pratos da cantina, conscientes de que a sala dos fundos era o lugar perfeito para se esconderem. Apesar de ouvirem o barulho dos fregueses nas horas de maior movimento, apenas Gerardo entrava ali e eles só saíam para irem à latrina ou despejarem a água usada na viela.

Na véspera do Ano-novo, Gerardo levou-lhes cachos de uvas antes de meia-noite. Quando os sinos da catedral começaram a dar as doze badaladas, eles interromperam o trabalho e seguiram o costume, pondo uma uva na boca a cada badalada.

Depois, com o sumo das uvas ainda escorrendo pela garganta, enquanto as pessoas na cantina se juntavam ao alarido geral, os dois recomeçaram a lavar pratos.

Mais tarde, quando Gerardo e Ruiz deixaram a cantina, depois que o último freguês foi embora, Guillem encontrou um jornal abandonado debaixo de uma mesa. Como não sabia ler, ele levou o jornal para Josep. À luz de duas velas, Josep leu.

*La Gaceta*, publicada naquele dia.

– E então? – indagou Guillem, ansioso.

Josep tremia, não sabia se de medo ou alegria.

– O homem está vivo. Foi ferido, mas não conseguiram matá-lo.

– Graças a Deus! Somos abençoados, Josep!

– O nome dele é Juan Prim. Um homem importante. Muito importante. Um general. O presidente das Cortes da Espanha.

Guillem arregalou os olhos.

– Jesus! Menciona os carlistas?

– Não. Madre! Diz aqui que ele foi capitão-general de Porto Rico e herói da guerra com o Marrocos. Diz também... que ele é duas vezes um fidalgo, um marquês e um conde. E é um catalão, Guillem, nascido em Reus!

– Diz aí que ele foi atacado pela milícia?

– Não, Guillem. Diz que ele foi atacado por assassinos desconhecidos, que tiveram a ajuda de um grupo de cúmplices.

Havia outras informações sobre o atentado.

– Diz que o general Prim foi proeminente no movimento que levou a rainha Isabela a abdicar e fugir para a França.

Guillem deu de ombros. Josep entendia a reação. Santa Eulália ouvia falar de vez em quando sobre as questões políticas da monarquia, mas... afetariam o preço das uvas?

– Acha que... os atacantes... eram membros da milícia, Guillem?

– Não sei. Um homem como aquele... tão poderoso! Não acha que ele deve ter grandes inimigos? Mas... quem pode saber se eram da milícia... ou qualquer outra coisa? É bem provável

que Peña não seja um sargento. Talvez nem seja um carlista.

– E provavelmente seu nome verdadeiro não é Peña – murmurou Josep.

No dia seguinte, o segundo dia de 1871, Guillem sugeriu:

– Talvez devêssemos continuar aqui por mais algum tempo.

Josep mostrou-se receptivo à ideia, pois gostava da segurança do lugar, a certeza de comida e calor. Mas isso não aconteceria.

– Ruiz vai dispensá-los – informou Gerardo. – Contratou Paulina, filha de seu irmão, para trabalhar conosco.

Ele deu de ombros, para depois acrescentar:

– Ela é uma vagabunda, mas também é uma boa trabalhadora. Ruiz tem uma família grande e queria contratar um parente.

Mas Gerardo tinha uma proposta para os dois:

– Vocês dois são simpáticos, obviamente catalães. Não estão interessados em voltar para o leste?

Quando os dois acenaram com a cabeça em concordância, Gerardo ficou radiante.

– Um homem chamado Dario Rodríguez é um antigo freguês da cantina. Produz salames... e que salames! – Ele beijou as pontas dos dedos em sinal de excelência. – Há anos que compramos e servimos seus salames. Amanhã ele vai para Guadalajara, entregando seus salames a restaurantes e armazéns pelo caminho. Conversei com ele. Em troca de algum trabalho de vocês, Rodríguez os levará até La Fuente. É uma estação intermediária da ferrovia. O trem faz uma breve parada ali, para se abastecer de água e carvão. Um trem de carga deve passar por lá na noite de amanhã, às nove e dez. Meu primo Eugenio diz que é um excelente lugar para se embarcar num trem de carga, já que não há guardas ameaçadores com cassetetes em La Fuente.

Parecia uma excepcional oportunidade para Josep e Guillem.

No início da manhã seguinte, modestamente enriquecidos por Ruiz e contemplados com um presente de Gerardo – um saco contendo salame de porco e dois pedaços grandes de tortilla de batata e ovo –, eles embarcaram na carroça de Dario Rodríguez. Tão corpulento quanto Ruiz, embora mais afável, Rodríguez indicou as regras:

– Vocês viajarão atrás, com os presuntos. Em cada parada, gritarei a quantidade de salames que deverá ser entregue. Se a ordem for de um apenas, vocês deverão se revezar. Se for mais de um, os dois carregarão.

Partiram de Madri sentados num espaço vazio na traseira da carroça, espremidos entre salames e pernis, cujo aroma intenso e apetitoso apregoava os mistérios da defumação e dos condimentos.

Já era quase o crepúsculo quando Rodríguez deixou-os no pátio de manobras de La Fuente,

uma versão menor do pátio que haviam conhecido em Madri.

Josep, muito nervoso, notou vários homens parados nas sombras de alguns vagões. Mas ninguém se adiantou para detê-los quando se encaminharam para trás de um dos vagões.

A espera foi difícil. Finalmente, quando a escuridão envolvia o pátio, eles ouviram o tremendo barulho de uma composição se aproximando. Inseguros, hesitaram quando o trem parou, rangendo, até que viram os outros homens correr, abrir portas...

– Vamos! – gritou Guillem.

Ele grunhia com o esforço enquanto corria, acompanhado por Josep. Cada vagão de carga tinha um cadeado na porta.

– Este aqui! – gritou Josep, depois de passarem por vários.

A porta sem cadeado protestou quando eles a puxaram. Entraram depressa. A porta tornou a fazer o maior barulho ao ser fechada.

– Todo mundo deve ter ouvido – murmurou Guillem.

Eles permaneceram num desespero silencioso, na mais absoluta escuridão, à espera dos guardas com cassetetes.

Ninguém apareceu.

Um momento depois, com um tremendo solavanco, o vagão andou. Parou em seguida. Andou de novo e desta vez não parou mais.

O cheiro forte no vagão revelava a natureza de sua última carga.

– Cebolas! – exclamou Josep.

Guillem riu. Josep circulou cauteloso pelo perímetro do vagão, estendendo as mãos para as paredes balançando, a fim de ter certeza de que não compartilhavam a escuridão com mais ninguém. Mas o vagão estava vazio de pessoas e cebolas. Ele sentia um profundo alívio quando voltou para o lado de Guillem.

Ao meio-dia, haviam comido tigelas de sopa de lentilhas na cozinha de um restaurante em que deixaram salames. Por isso, Josep ainda tinha intacto o saco com comida que Gerardo lhes dera. Dali a pouco se sentaram e comeram, começando pelo salame e o pão duro. As tortillas haviam se desmanchado, mas eles saborearam cada migalha. Depois, deitaram-se de costas no chão vibrante.

Josep peidou.

– Pelo menos não é tão terrível quanto o peido de Xavier Miró – comentou Guillem.

– Nada é pior que o peido de Xavier.

A risada de Guillem foi tensa.

– Eu gostaria de saber onde ele está.

– Seria bom se pudéssemos saber onde todos estão – murmurou Josep.

Ficaram preocupados com a possibilidade dos guardas inspecionarem o trem em Guadalajara. Mas quando lá chegaram, pouco antes de meia-noite, ninguém se deu ao trabalho de abrir a porta do vagão durante os poucos minutos em que o trem ficou parado na estação. Logo o trem tornou a partir, com alguns solavancos. Foi avançando a chocalhar e balançar. O barulho e o movimento formavam uma estranha música ritmada, que a princípio manteve Josep acordado, mas depois o embalou para o sono.

Acordou com o rangido da porta sendo puxada por Guillem, a luz do dia diluindo a escuridão dentro do vagão. O trem avançava a uma boa velocidade, através de extensos campos plantados. Guillem mijou através da porta. Não havia pessoas ou animais à vista, exceto por uma enorme ave pairando no céu.

Josep sentia-se descansado, mas com muita sede e faminto de novo; lamentou não ter guardado um pouco da comida. Ele e Guillem, sentados no vagão, ficaram observando plantações, campinas, florestas e pequenas cidades aparecerem e desaparecerem. Houve uma parada longa e nervosa em Zaragoza, depois em Caspe... população pequena, campos abertos, imensos areais... Ele assobiou.

– Um vasto país, não é?

Guillem acenou com a cabeça em concordância.

Entediado, Josep dormiu de novo, por três ou quatro horas. Já era a tarde quando Guillem o sacudiu pelo ombro e o acordou.

– Acabo de ver uma placa indicando que faltam dezesseis quilômetros para Barcelona.

Gerardo advertira-os de que era bem provável que houvesse guardas em Barcelona para inspecionar todos os vagões de carga.

Eles esperaram até que o trem estivesse subindo lentamente por uma longa inclinação. Saltaram pela porta aberta sem nenhuma dificuldade. Permaneceram parados por um momento, observando o trem se afastar. Depois, começaram a andar entre os trilhos na direção seguida pelo trem. Meia hora mais tarde, encontraram uma estrada arenosa que corria paralela aos trilhos, mais fácil de andar.

A placa numa oliveira malcuidada dizia LA CRUÏLLA, 1/2 LÉGUA.

O sol quente tornava o tempo ameno. Não demorou para que desabotoassem os grossos casacos, depois os tirassem e passassem a carregar. La Cruïlla era uma pequena aldeia, um agrupamento de casas caiadas de branco e umas poucas lojas, construídas no ponto em que outro caminho de terra cruzava os trilhos e a estrada que percorriam. Havia uma cantina ali e eles estavam com muita fome. Sentaram-se a uma mesa. Josep pediu três ovos, tomate, pão, café.

A mulher que servia nas mesas perguntou se queriam salame. Os dois sorriram, mas não fizeram o pedido.

Josep viu um jornal deixado numa mesa próxima e foi buscá-lo. Era *El Cascabel*. Ele começou a ler na volta para a mesa, andando muito devagar. Parou duas vezes.

– Não, não.

– O que foi? – perguntou Guillem.

A notícia saía na primeira página. Havia uma tarja preta ao redor.

– Ele morreu – murmurou Josep.

Josep leu toda a reportagem para Guillem, em voz baixa e rouca de tensão.

O jornal dizia que o Primeiro-ministro Prim fora um dos responsáveis pela queda da rainha Isabela, a restauração de uma monarquia e a eleição pelas Cortes de um membro da realeza italiana – Amadeu, príncipe de Savoia e duque de Aosta – para novo rei da Espanha.

Amadeu I chegara a Madri para assumir o trono apenas horas depois da morte do general Prim, seu principal partidário. Por ordem do novo monarca, o corpo do general Prim ficaria exposto para visitação pública durante quatro dias. E junto do cadáver Amadeu prestara o juramento de obedecer à Constituição da Espanha.

– A Guarda Civil está na iminência de prender várias pessoas que teriam participado do assassinato – leu Josep.

Guillem soltou um gemido.

Eles comeram sem sentir o gosto da comida. Depois, vaguearam sem destino, duas pessoas num pesadelo compartilhado.

– Acho que devemos procurar a Guarda Civil, Guillem.

Mas Guillem sacudiu a cabeça, sombrio.

– Não acreditarão que fomos apenas enganados. Se não capturarem Peña e os outros, terão o maior prazer em nos atribuir toda a culpa pelo assassinato.

Continuaram a andar, em silêncio.

– Talvez eles sejam mesmo carlistas – disse Josep, depois de algum tempo. – Quem sabe? Fomos escolhidos porque queriam camponeses estúpidos para serem apresentados como os criminosos. Peões desesperados e desempregados, que poderiam ser treinados para fazer qualquer coisa que ordenassem.

Guillem balançou a cabeça em concordância.

– Peña escolheu nós dois para seus principais atiradores. Mas depois decidiram que não podiam confiar em nós. Por isso, providenciaram outros homens para matar aquele pobre coitado. – Uma pausa e ele acrescentou, amargurado: – Nós fomos considerados com inteligência apenas suficiente para segurar as rédeas de um cavalo e riscar um fósforo.

– Não podemos voltar para a aldeia. Os carlistas, ou quem quer que sejam, talvez estejam à nossa procura. E a polícia também... o exército, a milícia!

– Então, o que faremos? – indagou Josep. – Para onde podemos ir?

– Não sei. Temos de pensar.

Quando chegou o crepúsculo, eles ainda seguiam pela estrada, ao lado dos trilhos, na direção de Barcelona.

– Temos de encontrar um lugar para passar a noite – disse Josep.

Por sorte, o tempo era ameno. Mas como era inverno, o ar no norte da Espanha podia se tornar frio de um momento para o outro.

– O importante é estarmos abrigados, se o vento começar a soprar – acrescentou Josep.

Logo encontraram um bueiro que passava por baixo da estrada. Concordaram que era um local apropriado.

– Estaremos bem, a menos que caia um aguaceiro – comentou Josep. – Se isso acontecer, morreremos afogados.

O bueiro era como um funil para as águas de um riacho que passava sob a estrada e os trilhos. Mas anos de seca haviam causado o desaparecimento do riacho. Dentro do bueiro enorme, o ar era parado e quente. Havia areia macia e limpa acumulada ali.

Precisaram apenas de uns poucos minutos para recolher gravetos secos no leito do riacho. Josep ainda tinha no bolso vários fósforos do punhado que Peña lhe dera. Logo acenderam uma pequena fogueira, com estalidos satisfatórios, irradiando luz e calor.

– Acho que vou para o sul – disse Guillem. – Talvez Valência ou Gibraltar. Talvez mesmo a África.

– Está bem. Iremos para o sul.

– Não. É melhor eu ir sozinho, Josep. Peña sabe que somos grandes amigos. Ele e a polícia vão procurar dois homens viajando juntos. Um homem sozinho pode desaparecer em qualquer ambiente com mais facilidade. Por isso, será mais seguro se cada um viajar separado. E como deverão nos procurar perto de casa, devemos ficar longe da Catalunha. Outra coisa: se eu for para o sul, você deve ir para o norte.

As propostas faziam sentido.

– Mas ainda acho que não devemos nos separar – insistiu Josep, obstinado. – Quando dois amigos viajam juntos, se um deles enfrenta algum problema, o outro está por perto para ajudar.

Os dois se fitaram em silêncio por um momento. Guillem bocejou.

– Vamos dormir agora. Podemos continuar a conversa pela manhã.

Eles deitaram nos lados da fogueira. Logo Guillem pegou no sono e roncou alto. Josep passou muito tempo acordado, de vez em quando acrescentando lenha à fogueira. A pilha de gravetos quase desaparecera quando ele finalmente adormeceu. Não demorou muito para que a fogueira se tornasse um pequeno círculo de cinzas, com o centro em brasa.

A fogueira não irradiava mais calor quando Josep acordou. O ar era frio.

– Guillem?

Ele estava sozinho.

Guillem se afastara para dar uma mijada, pensou Josep, antes de voltar a dormir.

O ar se tornara mais quente quando ele acordou de novo. O sol entrava pela abertura do bueiro.

Continuava sozinho ali.

– Ei!

Josep levantou-se.

– Guillem?

Uma pausa.

– Guillem?

Ele saiu do bueiro e subiu para a estrada. Não avistou criatura alguma em nenhuma direção.

Gritou por Guillem várias vezes, sua consternação aumentando.

Impulsionado por um súbito pensamento, ele enfiou a mão no bolso do casaco. Sentiu alívio quando constatou que o dinheiro dado pelo pai e Nivaldo continuava ali.

Mas... parecia diferente.

Quando tirou o dinheiro do bolso e contou as notas, descobriu que metade – sete pesetas – havia desaparecido. O dinheiro fora roubado de seu bolso!

Pelo próprio amigo!

Quase atordoado de tanta raiva, Josep ergueu o punho e sacudiu-o para o céu.

– FILHO DA PUTA! NOJENTO! VÁ SE FODER, GUILLEM!

Josep voltou ao bueiro sem nenhum motivo, como um animal rastejando de volta a seu co. Sentou-se na areia, ao lado da fogueira extinta.

Confiara em Guillem. O amigo não sabia ler nem escrever. Mas depois de Nivaldo, Guillem Parera era a pessoa mais inteligente que Josep conhecia. Lembrou como Guillem o impedira de ir ao encontro do sargento Peña, no pátio de manobras da estação ferroviária de Madri, e como Guillem percebera no mesmo instante que a sala para lavar louça na Metropolitá seria um refúgio seguro para os dois. Josep não se sentia tão inteligente e não sabia se seria capaz de sobreviver sozinho.

Enquanto transferia as pesetas do bolso para a meia, ocorreu-lhe que Guillem poderia ter levado todo o dinheiro, não apenas metade, e pensou que Guillem transformara seus problemas numa competição.

Era como se Guillem tivesse lhe falado.

“Vamos partir daqui em condições de igualdade em relação ao dinheiro. E veremos qual dos dois pode se sair melhor.”

O que o deixou outra vez com raiva, que prevaleceu sobre o medo. Foi capaz, assim, de abandonar a segurança temporária do bueiro. Voltou à estrada, piscando à claridade do sol quente, e começou a andar.

Logo depois, chegou a um lugar em que os trilhos de trem seguindo para o leste, na direção de Barcelona, eram cruzados por trilhos seguindo para o norte e o sul. Embora o irritasse admitir, sabia que Guillem tinha razão em várias coisas, em sua divergência na noite anterior. Não podia voltar para Santa Eulália. Seria perigoso ir para Barcelona, seria perigoso até permanecer na Catalunha.

Ele virou-se e seguiu os novos trilhos para o norte.

Sentia-se justificado ao aceitar agora o conselho de Guillem; afinal, pagara por isso.

Josep não sabia onde os trens parariam ou onde poderia embarcar em segurança. Mas quando chegou a uma encosta longa e íngreme, subiu até quase o topo, depois deitou por baixo de uma árvore e esperou.

Menos de uma hora depois ouviu o rumor distante, o uivo animal do apito. Esperou, com crescente expectativa e esperança. O movimento do trem foi se tornando cada vez mais lento enquanto subia a encosta, como ele previra. Quando passou, Josep constatou que poderia embarcar com a maior facilidade. Mas todos os vagões eram de passageiros, e por isso de nada lhe adiantavam.

Pelas janelas, os passageiros nos apinhados vagões de terceira classe olhavam para ele, enquanto passavam a caminho de vidas muito mais seguras do que a sua.

Menos de outra hora passou quando ele tornou a ouvir os sons de um trem se aproximando.

Desta vez era o que esperava, uma longa composição de vagões de carga. Enquanto passavam, ele avistou um vagão com a porta parcialmente aberta. Correu ao lado e conseguiu embarcar, sem nenhuma dificuldade.

Quando rolou pelo interior escuro e levantou-se, teria ficado contente com o cheiro de cebolas, pois aquele carro recendia a urina. Devia ser uma das razões pelas quais os guardas usavam seus cassetetes quando surpreendiam passageiros clandestinos, pensou ele. E foi nesse instante que ouviu uma voz murmurar:

– Olá.

– Olá.

Quando seus olhos ajustaram-se à escuridão dentro do vagão, Josep avistou um homem, encostado numa parede, baixo e magro, com uma pequena barba escura.

– Sou Ponç.

– Josep.

– Estou indo para Girona.

– Eu também, embora a minha parada final seja a França, aonde vou em busca de trabalho. Sabe de alguma cidade em que possa arrumar um emprego?

– O que você faz?

– Faço de tudo num vinhedo.

– Há muitos vinhedos na França. – O homem sacudiu a cabeça. – Mas os tempos são difíceis por toda parte.

Ele fez uma pausa, pensativo.

– Conhece o vale de Orb?

– Não, *señor*.

– Ouvi dizer que a situação é melhor ali, um vale com um clima especial, mais quente do que a Catalunha no inverno, perfeito para as uvas. Há muitos vinhedos no vale. Talvez consiga arrumar um emprego.

– Esse vale fica muito longe?

O homem deu de ombros.

– Talvez a cinco horas de viagem depois da fronteira. O trem passa por lá.

– Este trem?

O homem soltou uma risada.

– Não, neste você chega a Girona. Os homens que pensam nessas coisas em Madri determinaram que a bitola dos trilhos espanhóis fosse mais larga que a bitola francesa. Assim, se os franceses, por acaso, invadissem a Espanha, não poderiam transportar soldados e armas

através de nossas ferrovias. Terá de atravessar a fronteira a pé e pegar outro trem na França.

Josep acenou com a cabeça, arquivando a informação.

– Tem de saber que revistam todos os vagões quando o trem chega ao destino final. Deve ter a cautela de deixar o trem antes que ele pare em Girona. O trem diminui a velocidade para subir um morro, logo depois de uma enorme torre branca de água.

– Fico muito agradecido.

– Não foi nada. E agora chega de conversa, pois quero dormir.

Josep recostou-se na parede, perto da porta aberta do vagão. Em diferentes circunstâncias, poderia ter dormido também, mas sentia-se muito nervoso agora. Com a ponta do sapato direito, cutucou as sete pesetas na meia esquerda, para ter certeza de que o dinheiro continuava ali. Manteve os olhos fixados nos contornos escuros de seu companheiro de viagem, estendido no chão. O trem passou pelo alto da encosta, estrepitoso, balançando, e começou a aumentar a velocidade ao descer pelo outro lado.

Tês horas mais tarde, Josep deixou o trem, sem nenhum incidente. Um homem convidou-subir na sua carroça e juntos eles chegaram, mais tarde, à costa. Josep disse-lhe adeus e começou a descer um caminho sinuoso que acabou por lhe deparar o Mediterrâneo, brilhante e ofuscante ao sol quente. Passou por uma dúzia de barcos de pesca catalães puxados para a areia. Logo alcançou a praça central de uma aldeia, onde descobriu que a sexta-feira era o dia do mercado. Sentia o estômago roncar enquanto passava por braseiros em que galinhas, peixes e porcos chiavam, espalhando os aromas mais deliciosos pelo ar.

Finalmente, ele comprou uma tigela de ensopado bem temperado de grão-de-bico, que comeu devagar, com enorme satisfação, sentado no chão, encostado num muro de pedra.

Ali perto havia uma velha vendendo cobertores. Depois que terminou de comer o ensopado e devolveu a tigela de madeira, Josep foi até sua barraca. Tocou em um cobertor e levantou-o, sentindo a espessura e maciez, quase com reverência. Quando o abriu, constatou que era bastante largo para cobrir duas pessoas. Sabia que um cobertor como aquele faria toda a diferença para alguém obrigado a dormir ao ar livre. A velha avaliou-o com os olhos experientes de uma mercadora.

– A melhor lã e do tear da melhor tecelã, que é minha filha. Uma autêntica barganha. Para você... uma peseta.

Josep suspirou e sacudiu a cabeça.

– Cinquenta cêntimos?

Mas a mulher sacudiu a cabeça, desdenhosa. Ergueu a mão para evitar qualquer negociação. Josep virou-se, mas parou em seguida.

– Talvez sessenta?

Os olhos experientes da mulher assumiram uma expressão de censura, enquanto ela tornava a sacudir a cabeça.

– Conhece alguém que precise de um bom trabalhador?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não há emprego por aqui.

Josep afastou-se. Quando estava fora de vista, tirou as moedas do bolso e contou 75 cêntimos. Voltou a procurar a velha e estendeu-lhe o dinheiro.

– Isto é tudo o que tenho. Absolutamente tudo.

Ela sentiu que era a oferta final e pegou o dinheiro com a mão que parecia uma garra. Contou as moedas e suspirou, mas acenou com a cabeça em concordância. Quando Josep pediu o pedaço de corda que aparecia por baixo da pilha de cobertores, a mulher entregou-o. Ele enrolou o cobertor e amarrou a corda nas extremidades, formando uma espécie de tira, que

pendurou no ombro.

– Siga a estrada que atravessa a cidade e encontrará o posto. Não fica longe.

Ele fitou-a nos olhos e decidiu correr o risco.

– Não quero atravessar o posto na fronteira.

A velha sorriu.

– Claro que não, meu belo jovem. Poucas pessoas sensatas fazem isso. Meu neto mostrará o caminho. Vinte cêntimos.

Josep caminhava um pouco atrás do menino magricela, cujo nome era Feliu. Fazia parte do acordo que ele daria as moedas antes e não andariam lado a lado. Atravessaram a cidade e saíram para os campos além, sempre à vista do mar, à direita. Dali a pouco Josep avistou o posto da fronteira, um portão de madeira através da estrada, com guardas uniformizados interrogando os viajantes. Ele especulou se os guardas haviam sido alertados para seu nome e descrição. Mesmo que isso não tivesse acontecido, ele não poderia atravessar o posto, pois exigiam documentos, uma prova de identidade.

Feliu continuou a se encaminhar para o posto. Josep seguiu-o, com crescente alarme. Talvez a velha e o menino estivessem levando-o direto para a prisão, em troca do dinheiro que fosse encontrado em seu poder, além de mais algum dos guardas, que sempre recompensavam quem entregasse um contrabandista.

No último momento, porém, Feliu virou à esquerda, por um estreito caminho poeirento, que se afastava da estrada. Josep também seguiu por ali.

Percorreram alguns minutos, até que Feliu parou, pegou uma pedra e jogou-a para a direita. Era o sinal combinado. O menino virou-se e afastou-se apressado, sem olhar para trás. Quando chegou ao local para onde Feliu jogara a pedra, Josep avistou um caminho ainda mais estreito, que se estendia ao longo de uma plantação de cebolas, sem cultivo no inverno. Cebolas não colhidas projetavam dedos verdes através da terra. Ele colheu várias. Quando as comeu, enquanto andava, sentiu que eram fortes e amargas.

A plantação de cebolas foi a última área cultivada que ele encontrou. O pequeno vale se transformou em colinas cobertas por uma floresta. Ele caminhou por quase uma hora antes de encontrar uma bifurcação.

Não havia nenhuma placa indicativa, nem Feliu ou outra pessoa para orientá-lo. Ele seguiu pela trilha da direita. A princípio, não percebeu nenhuma diferença no caminho, que serpenteava entre as colinas. Depois, pouco a pouco, a trilha foi se estreitando. Às vezes parecia desaparecer, mas ele sempre avistava marcas deixadas por viajantes entre as árvores e se apressava em frente para reencontrar o caminho.

E, depois, a trilha desapareceu por completo.

Josep seguiu em frente, através da floresta, convencido de que redescobriria a trilha alguns passos adiante, como acontecera nas ocasiões anteriores. Quando finalmente admitiu que não

havia sinal de nenhuma trilha, ele tentou voltar pelo caminho percorrido desde a bifurcação. Por mais que procurasse, porém, não conseguiu encontrá-lo.

– Merda! – exclamou ele, em voz alta.

Por algum tempo ele vagueou a esmo pela floresta, mas não encontrou nenhuma trilha. E o pior de tudo, perdera por completo o senso de direção. Deparou com um regato e decidiu segui-lo. Muitas vezes construíam casas perto de uma fonte de água, ele raciocinou; talvez houvesse uma casa nas proximidades.

Era difícil a caminhada através de árvores pequenas e mato crescido. Tinha de rastejar por baixo de troncos caídos e contornar penhascos. Várias vezes passou por abismos profundos, de rochas pontiagudas. Ficou com os braços arranhados por espinhos, ofegante, nervoso e apavorado.

Mas, finalmente, o regato entrou por dentro de um cano de madeira, um tronco comprido e oco.

E o tronco passava por baixo de uma estrada.

Era uma boa estrada, deserta naquele momento, mas... levava a algum lugar! Com um imenso alívio, ele parou no meio da estrada e notou os sinais de vida, os sulcos deixados por rodas de carroças, as marcas de cascos na terra. Caminhar por uma estrada, sem nenhum estorvo, era um verdadeiro luxo, depois de lutar com árvores e moitas. Josep já andava por ali havia cerca de dez minutos quando encontrou a prova de que alcançara a França, uma placa pregada numa árvore:

VILLE DE ELNE  
2 léguas

Letras pequenas, no fundo da placa, indicavam:

Province de Roussillon

Ele encontrou os trilhos em Perpignan. Era uma cidade com prédios imponentes, muitos medievais, com o vermelho dos tijolos estreitos e empoeirados usados na construção. Havia um bairro de boas casas, perto de áreas de ruas estreitas, com roupas penduradas para secar de um lado a outro, onde viviam os ciganos e outros pobres. Também tinha uma imponente catedral, onde Josep passou uma noite, dormindo num banco. Consumiu toda a manhã seguinte em visitas a cantinas e outras lojas, indagando sobre a possibilidade de trabalho, sempre sem êxito.

No início da tarde, seguiu os trilhos que deixavam a cidade. Encontrou um ponto apropriado e esperou. Quando o trem de carga apareceu, o ritual parecia natural. Ele escolheu um vagão com a porta parcialmente aberta, correu ao lado e pulou para dentro.

Ao se levantar, descobriu que já havia quatro homens no vagão.

Três deles agrupavam-se em torno de um quarto homem, no chão.

Dois dos homens de pé eram enormes, com a cabeça grande e redonda; o terceiro era de altura média, magro, cara de rato.

O homem no chão estava de quatro. Um dos grandalhões, de calça arriada, agarrava as costas do homem no chão com uma das mãos, enquanto a outra se estendia por baixo, levantando as nádegas expostas.

Naquele primeiro segundo, Josep viu-os como um quadro. Os homens de pé olharam para ele, espantados. O homem no chão era mais jovem do que os outros, talvez da idade de Josep. Tinha a boca escancarada e o rosto contorcido, como se soltasse um grito silencioso.

O que segurava o homem mais jovem não o largou, mas os outros dois se viraram na direção de Josep, que também se virou...

E saltou pela porta aberta.

Não estava preparado para o salto. Já se encontrava desequilibrado quando tocou no chão. Foi como se a terra subisse ao seu encontro, com toda força. Caiu de joelhos e depois bateu com a barriga na escória ao lado dos trilhos. O impacto expeliu todo o ar de seus pulmões e por um momento breve e assustador ele teve dificuldade para respirar.

Depois, tudo o que pôde fazer foi continuar deitado ali, enquanto os vagões passavam, estrepitosos.

Enquanto o trem se afastava, ele condenou Guillem por deixá-lo sozinho e vulnerável. Primeiro, Josep deixou de ouvir o barulho da locomotiva. Depois, o estrépito dos vagões foi diminuindo, até desaparecer na distância.

Depois disso, Josep não pensou mais em viajar de trem. Iniciou uma jornada a pé para o norte, como se fosse um sonho, sentindo muito frio. Pedia trabalho por onde quer que passasse. Logo se acostumou com as rejeições, a ponto de quase não ouvir as recusas esperadas. Suas esperanças deixaram de se concentrar no autossustento e um futuro promissor; em vez disso, passaram a se limitar à necessidade diária de comida e um lugar seguro para dormir. A cada dia sentia-se mais como um forasteiro. Quando entrara na província de Roussillon, descobrira que as pessoas ali falavam catalão quase tanto quanto em Santa Eulália. À medida que foi se deslocando para o norte, no entanto, havia mais e mais palavras e expressões do francês. Depois de entrar na província do Languedoc, ainda podia compreender as pessoas e se fazer compreender, mas o sotaque e a maneira hesitante de falar indicavam claramente que era um emigrado.

As pessoas aceitavam seu dinheiro espanhol, mas ele era dominado pela noção assustadora de que tinha de esticar suas poucas pesetas ao máximo possível, sem sequer cogitar de pagar por um lugar para dormir. Procurava catédrais, propensas a passarem a noite inteira abertas para os fiéis, oferecendo alguma escuridão e um banco para deitar. Dormiu também em várias igrejas grandes, embora descobrisse que muitas eram trancadas à noite. Em uma igreja, o pastor levou-o para a casa paroquial na manhã seguinte e ofereceu-lhe um prato de mingau. Em outra, um padre jovem e furioso acordou-o, sacudindo-o rudemente pelo ombro, e ordenou que saísse para a noite escura. Quando não havia outro jeito, Josep envolvia-se com o cobertor e dormia no chão, ao ar livre; mas tentava evitar isso, porque sempre tivera medo de cobras.

Tomou uma decisão ainda cedo, de comprar apenas pão. Procurava padarias dispostas a vender pães velhos por um preço menor. Os pães logo ficavam duros como pau. Ele serrava pedaços de pão com uma faca e roía o pão como se fosse osso enquanto andava.

Numa rua na cidade de Béziers, parou de repente ao deparar com um grupo grande de homens com olhos opacos e uniformes listrados de condenados. Estavam acorrentados pelos tornozelos. Arrastavam os pés e faziam o maior barulho ao andarem. Usavam pás, marretas e martelos. Quebravam rochas para produzir cascalho, que era espalhado pelo leito da estrada.

Guardas uniformizados carregavam enormes espingardas, com um alcance maior do que as armas que Josep usara no clube de caça; ele calculou que o disparo de uma daquelas armas podia cortar um homem ao meio. Os guardas, de olhos duros, pareciam entediados, enquanto os presos, sob vigilância constante, trabalhavam sem parar, os rostos vazios, a parte superior do corpo em incessante atividade, mas movendo os pés tão pouco quanto possível, por causa das grossas correntes nos tornozelos.

Josep observou-os, atônito. Sabia que alguma coisa assim seria seu destino, se fosse apanhado.

Foi durante aquela noite, na Cathédrale de St. Nazaire, em Béziers, que ele começou a ter o sonho. O grande homem entrava na carruagem; Josep via seu rosto com nitidez. O clube de caça seguia a carruagem pelas ruas escuras, cobertas de neve. Sempre que virava uma esquina, Josep

riscava um fósforo. Até que um dos assassinos surgiu ao seu lado, atirando várias vezes. Josep via as balas atingindo o homem horrorizado na carruagem.

Josep foi acordado por um velho cujas orações ele interrompera com seus gemidos.

Nesse dia ele deixou Béziers e entrou na região montanhosa. Nas áreas rurais, só se podia comprar comida em pequenos armazéns, que muitas vezes não tinham nenhum tipo de pão. Por isso, ele tinha de comprar queijo ou salame. Seu dinheiro minguava cada vez mais. O dono de uma pequena estalagem concordou que ele lavasse pratos em troca de três pedaços pequenos de salame e um prato de grão-de-bico cozido. Mas ele sempre se sentia cansado e faminto.

Cada dia fundia-se com o seguinte. Ele foi se tornando confuso, seguindo na direção para onde seus pés o levavam. Onze dias depois de cruzar a fronteira, tinha apenas uma peseta na meia, uma nota amassada, faltando um canto. Conseguir trabalho antes de gastar aquela última peseta tornou-se a coisa mais importante de sua vida.

Às vezes ficava tonto da falta de alimentação adequada. Sentia um crescente terror de que a fome pudesse levá-lo a roubar alguma coisa que não pudesse pagar, um pão ou um pedaço de queijo, o furto inesperado e inevitável que o deixaria com correntes nos tornozelos e um uniforme listrado.

A placa indicava duas direções. Uma flecha apontada para leste dizia BÉZIERS, 3 LÉGUAS, enquanto a flecha apontada para oeste dizia ROQUEBRUN, 1 LÉGUA.

Ele conhecia o nome da aldeia.

Lembrou dos dois franceses que haviam aparecido em Santa Eulália querendo comprar o vinho que seu pai produzia. Um deles dissera que era da aldeia de Roquebrun.

Fora o homem que gostara da maneira como Josep trabalhava. Fontaine? Não. Esse era o nome do homem mais alto. O outro homem era mais baixo, mais corpulento. Como era mesmo seu nome?

Josep não podia lembrar.

Meia hora depois, no entanto, o nome aflorou em sua mente e ele o enunciou em voz alta:

– Mendes... Leon Mendes.

Ele avistou Roquebrun a distância, uma aldeia confortavelmente aninhada na encosta de uma pequena montanha. Ao se aproximar, Josep constatou que era cercada em três lados pela curva de um rio, que atravessou por uma ponte de pedra parecendo uma corcunda. O ar era ameno e a folhagem, muito verde. Havia laranjeiras nas margens do rio. A aldeia era limpa e bem cuidada. Havia mimosas que desabrochavam no inverno por toda parte; algumas flores ainda pareciam passarinhos rosa, mas a maioria já começara a embranquecer e murchar.

Um homem num avental de couro varria o calçamento de pedras na frente de uma oficina de conserto de sapatos. Josep perguntou-lhe se conhecia Leon Mendes.

– É claro que conheço.

O sapateiro informou que os vinhedos de Mendes ficavam na planície do vale, a vários

quilômetros de Roquebrun. Apontou o caminho que Josep deveria seguir.

A vinícola era tão bem cuidada quanto a aldeia. Três anexos de bom tamanho e uma residência, todos de pedras, telhas por cima. A residência e um dos outros prédios eram cobertos de hera. A terra que se estendia da casa – duas encostas íngremes e um vale plano – era ocupada pelas videiras.

Ele bateu na porta, talvez com uma timidez excessiva, pois ninguém atendeu. Tentava decidir se deveria bater de novo quando a porta foi aberta por uma mulher de meia-idade, os cabelos brancos e o rosto redondo e vermelho.

– *Oui?*

– Eu gostaria de falar com Leon Mendes, por favor, madame.

– Quem é você?

– Josep Alvarez.

A mulher fitou-o com frieza.

– Espere aqui, por favor.

O homem apareceu na porta momentos depois, exatamente como Josep o lembrava, baixo e gorducho, vestido de maneira impecável – talvez um pouco rebuscada –, os cabelos penteados com perfeição. Fitou Josep com uma expressão inquisitiva.

– Monsieur Mendes, sou Josep Alvarez.

Houve um longo momento de silêncio.

– Não se lembra de mim, monsieur... Josep Alvarez, filho de Marcel Alvarez, de Santa Eulália?

– Na Espanha?

– Isso mesmo. Visitou nosso vinhedo no outono. Disse que eu era um bom trabalhador... um excelente trabalhador. Pedi um emprego.

O homem acenou com a cabeça, lentamente. Não convidou Josep a entrar. Em vez disso, saiu e fechou a porta. Parou na pedra larga e plana que servia como um degrau para a entrada da casa, com uma expressão cautelosa.

– Eu me lembro disso. E agora tudo me volta. Eu disse que não tinha trabalho para você. Percorreu toda essa distância na esperança de me fazer mudar de ideia se aparecesse aqui?

– Não, monsieur. Tive de partir. E posso lhe assegurar de que estou aqui... por acaso.

– Teve de partir? Isso significa... que cometeu um erro... fez alguma coisa errada que o obrigou a fugir?

– Não, monsieur. Não fiz nada de errado.

Outro longo momento de silêncio.

– Não fiz nada de errado!

Josep pôs a mão no braço do homem, mas Leon Mendes não se encolheu nem recuou.

– Testemunhei outras pessoas fazerem uma coisa errada. Uma coisa terrível, um crime... e as pessoas que cometeram esse crime sabem que eu vi. Tive de partir para salvar minha vida.

– É mesmo?

Mendes falou em voz suave. Retirou a mão de Josep de seu braço e deu um pequeno passo à frente. Os olhos escuros e rigorosos pareciam penetrar fundo nos olhos de Josep.

– Você é um homem de bem, Josep Alvarez?

– Sou! – exclamou Josep. – Juro que sou!

Subitamente, para seu horror, para sua profunda e angustiante vergonha, Josep desatou a chorar, em soluços roucos que sacudiam todo o corpo, como uma criança.

Pareceu durar anos, uma eternidade... Tinha a vaga noção de que Leon afagava seu ombro.

– Acredito em você – murmurou Mendes.

Ele esperou que Josep recuperasse o controle.

– Em primeiro lugar, acho que você precisa comer imediatamente. Depois terá permissão para dormir. E, finalmente... – Mendes torceu o nariz e sorriu. – Eu lhe darei um pedaço do sabão mais forte que pudermos encontrar... e terá água suficiente no rio para se enxaguar.

Duas manhãs depois, Josep estava na encosta íngreme de uma das colinas. Tinha uma nova senhoria, uma viúva atraente cujo falecido marido possuía as roupas de trabalho usadas, mas limpas, que Josep agora usava, embora fossem grandes demais na cintura e apertadas nos tornozelos e pulsos.

Havia uma faca de poda no cinto e uma enxada em sua mão. Ele estudava as longas fileiras de videiras. A terra ali era mais vermelha que a de seu pai, mas também pedregosa. Leon Mendes dissera-lhe que os cepos das videiras podadas podiam ter folhas e gavinhas mais cedo do que se devia esperar no vinhedo de seu pai, por causa do clima mais ameno do vale de Orb. Josep sabia que não conhecia aquelas variedades de uvas e estava impaciente em verificar as diferenças nas folhas e frutos.

Sentia que era um novo homem.

Não era apenas porque estava alimentado e dormira bem, pensou Josep. A força vinha direto do solo, como acontecia em Santa Eulália. Parado num vinhedo, sob um sol benevolente, fazendo coisas que conhecia bem; e às vezes, se não ouvisse ninguém falando francês, ou não pensasse que os Pequenos peludos alimentavam aquelas videiras, por baixo da marga cor-de-rosa, pudesse relaxar por tempo quase suficiente para imaginar que se encontrava em sua terra.

PARTE QUATRO

A terra de Alvarez

*Aldeia de Santa Eulália*

*2 de outubro de 1874*

No primeiro outono depois que voltou, Josep sentiu uma nova alegria quando as folhas das videiras de Santa Eulália começaram a mudar. Não acontecia todos os anos e ele não sabia o que desencadeava a transformação... as quentes tardes espanholas e as noites mais frescas no último outono? Certas combinações de sol, vento e chuva? O que quer que fosse, aconteceu de novo naquele mês de outubro e alguma coisa dentro dele reagiu. As folhas da Ull de Llebre adquiriram uma variedade de tonalidades, de laranja a vermelho brilhante; as folhas verdes lustrosas da Garnacha se tornaram amarelas, a haste marrom amarelada; e as folhas da Samsó se tornaram de um verde mais rico, com hastes vermelhas. Era como se as videiras desafiassem sua morte iminente; para ele, no entanto, tudo era parte de um novo começo. E circulava entre as fileiras com um excitamento contido.

A primeira colheita em sua própria terra foi maior e mais pesada do que as videiras do pai costumavam produzir. Muitas das uvas eram grandes, do tamanho da metade do polegar de um homem, de um púrpura escuro. Todas as variedades tinham uma grande quantidade de sumo, da abundância de chuvas exatamente nos momentos errados. O fato de que o sumo fermentado seria menos do que maravilhoso não tinha importância para plantadores que vendiam seu vinho novo barato e pela quantidade. Os negócios no armazém de Nivaldo eram bons. As pessoas que Josep encontrava na aldeia pareciam sorrir mais do que o habitual e andar com um novo vigor nos passos.

Josep conversou com Quim Torras sobre a possibilidade de juntarem seus esforços para a colheita. O vizinho deu de ombros.

– Por que não?

Depois de muita reflexão e indecisão, ele foi também ao vinhedo de Valls. Apresentou a mesma proposta a Maria del Mar. Ela demorou apenas um instante para concordar. Josep compreendeu, por sua ansiedade e pela maneira como seu rosto desanuviou, que a perspectiva de colher e esmagar as uvas sem ajuda a afligia.

Assim, os três colheram suas uvas como uma equipe. Decidiram nas cartas a ordem da colheita. Quim tirou o valete de copas, Maria del Mar o nove de espadas, e Josep o sete de ouros. Com isso, o risco maior era de Josep, pois sempre havia a possibilidade de que uma tempestade de granizo atrasada ou um aguaceiro prolongado pudesse arruinar as uvas antes de serem prensadas.

Mas o tempo manteve-se bom. Começaram a colher as uvas de Quim. Embora os três tivessem quantidades de terra iguais, Torras tinha a colheita menor. Era um plantador descuidado e preguiçoso. Suas videiras eram sufocadas por ervas daninhas e ele sempre tinha alguma coisa para fazer que o impedia de usar a enxada... como passear e jogar cartas com seu bom amigo padre Felipe, ou vadear o rio para determinar até que ponto o nível da água baixara, ou sentar na praça e discutir o que fazer para melhorar a horrível porta da igreja. Metade de suas videiras era da variedade Garnacha, muito antigas, produzindo uvas pretas bem pequenas. Quando Josep

pegou algumas para aliviar sua sede, descobriu que o sabor era intenso e delicioso. Mas percebeu que Maria del Mar disfarçava seu desdém ao examinar aquelas uvas. Os três vizinhos ignoraram a pressão das ervas daninhas sobre as videiras; apenas cortavam os cachos de uvas e levaram poucas cargas nas carroças para a prensa comunitária. Mas Quim ficou satisfeito.

O vinhedo de Maria del Mar parecia ainda melhor do que no tempo em que era cuidado por Ferran Valls, embora seu falecido marido fosse um bom trabalhador. Josep abriu sulcos entre suas fileiras com a mula, e Maria del Mar usara a enxada para arrancar quase todas as ervas daninhas. Sua colheita era grande e tiveram de trabalhar bastante. Francesc era pequeno demais para lembrar muita coisa sobre a colheita do ano anterior. Pairava em torno deles, observando tudo. Em diversas ocasiões, a mãe lhe falou com rispidez.

– Ele é um bom menino, Marimar – comentou Quim Torras, com seu sorriso fácil, enquanto esvaziava o cesto cheio de cachos na carroça. – Gosto quando ele está aqui.

Mas ela não retribuiu o sorriso.

– Ele tem de aprender a não atrapalhar.

Maria del Mar não mimava Francesc, mas Josep já a observara abraçando e falando ternamente com o filho. Achava que ela se saía muito bem, criando o menino sem pai ao mesmo tempo que trabalhava árdua e constantemente.

Pouco depois, quando Quim foi até a latrina, Josep virou-se para ela e disse:

– Ouvi dizer que o comprador de vinho a engana.

Ela estava inclinada para uma videira carregada. Empertigou-se e fitou-o, sem nenhuma expressão definida. Josep acrescentou:

– Por isso, quando Clemente Ramirez aparecer em Santa Eulália, com seus barris de vinagre vazios, eu gostaria de dizer a ele que comprei a terra de Valls, além do vinhedo de meu pai. Dessa maneira, ele pagará o preço normal por seu vinho.

– Por que faria isso?

Ele sacudiu a cabeça e deu de ombros.

– Por que não deveria fazer?

Maria del Mar fitou-o nos olhos, deixando-o constrangido.

– Não quero nada em troca. Nem dinheiro... nem nenhuma outra coisa. Guap é mesquinho. Eu ficaria satisfeito só de vê-lo pagar um preço justo para você.

– Sou tão competente no cultivo das uvas quanto qualquer homem! – exclamou ela, amargurada.

– Melhor do que a maioria. Qualquer pessoa pode ver o quanto você se empenha no trabalho e como se sai bem.

– Está certo – murmurou Maria del Mar, virando-se em seguida.

Josep sentiu-se curiosamente aliviado quando ele recomeçou a trabalhar, mas pensou, um pouco irritado, que uma simples palavra de agradecimento não faria mal nenhum.

Choveu durante algumas horas duas manhãs depois, quando iniciaram a colheita das uvas de Josep. Mas foi apenas uma chuva miúda, que cobriu as frutas de gotas, deixando-as mais belas. Os três vizinhos cooperaram sem problemas, agora familiarizados com o ritmo de trabalho uns dos outros. Acostumado a trabalhar sozinho, Josep quase lamentou quando todos os seus cachos foram espremidos pela enorme prensa e o sumo foi levado para os tonéis de fermentação no galpão por trás de sua casa. Agradeceu aos vizinhos e disse a si mesmo que ele e os Pequenos haviam começado muito bem.

Quando Ramirez e seus dois ajudantes chegaram, a enorme carroça cheia de barris, o comprador de vinho foi desajeitado com as palavras de pêsames e efusivo nos parabéns ao novo proprietário do vinhedo. Josep agradeceu.

– Também assumi o vinhedo dos Valls.

Guap inclinou a cabeça para o lado, os lábios contraídos.

– Entendo... você e ela...

– Não é isso. Comprei o vinhedo.

– Ah... Para onde ela vai?

– Não vai para lugar nenhum. Continuará a cultivar uvas aqui.

– Quer dizer que ela vai trabalhar para você?

– Isso mesmo.

Guap sorriu. Abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas percebeu a expressão de Josep e mudou de ideia.

– Esvaziarei estes tonéis primeiro. Teremos de fazer várias viagens. E depois iremos para o vinhedo dos Valls. Comece a transferir o vinho, está bem?

Ao meio-dia, ele e seus homens sentavam à sombra da carroça, comendo pão, quando Josep passou.

– Sabia que há um ponto apodrecido em um de seus tonéis? – perguntou Guap, jovial.

– Não.

Guap mostrou a área apodrecida no velho tonel de carvalho. Era fácil passar despercebida, já que quase toda a madeira estava escurecida pelo tempo.

– Pode aguentar mais uma ou duas colheitas sem vaziar.

– Espero que sim – murmurou Josep, desolado.

Maria del Mar estava ocupada com suas videiras quando eles chegaram ao vinhedo dos Valls. Limitou-se a acenar com a cabeça e continuou a trabalhar.

Depois que recolheu todo o vinho dos tonéis, Ramirez levou os cavalos para o lado da estrada.

Ele e Josep encostaram-se na carroça e acertaram as contas. Josep fez as contas várias vezes, antes de aceitar o dinheiro.

Várias horas depois, quando ele voltou ao vinhedo dos Valls, Maria del Mar ainda trabalhava de joelhos, no meio de uma fileira de videiras.

Josep tivera o cuidado de separar corretamente a parte dela no dinheiro. Ela acenou com a cabeça, sem fitá-lo. Aceitou o dinheiro em silêncio, o que Josep considerou como uma prova adicional de sua raiva e frieza. Ele murmurou uma despedida e foi embora.

Na manhã seguinte, quando saía de casa para iniciar o trabalho do dia, Josep quase tropeçou em uma coisa que fora deixada na frente de sua porta. Era um prato grande, com tortilla de batata, ainda quente do fogo, exalando um aroma de cebolas e ovos. Havia um pedaço de papel, preso por uma pedra pequena, em cima do pano limpo que cobria a tortilla.

Um lado do papel era um velho recibo, mostrando que seu falecido marido pagara 93 cêntimos por um ancinho de lâmina estreita, comprado numa loja de utensílios agrícolas em Vilafranca.

No meio do outro lado do papel havia duas palavras, na letra torta e espremida de uma mulher que raramente precisava escrever:

*NÓS AGRADECEMOS*

## Inverno

N uma manhã de janeiro, ele carregava baldes, três em cada mão, para lavá-los no rio, quando avistou Francesc sentado ao sol, na frente da propriedade de sua mãe. O rosto do menino se iluminou ao vê-lo.

– Olá, Josep!

– Olá, Francesc. Como se sente esta manhã?

– Muito bem, Josep. Estou esperando que as azeitonas amadureçam para poder subir de novo em minhas árvores.

– Entendo – murmurou Josep, solene.

Os lavradores das variedades que amadureciam cedo vinham colhendo azeitonas desde novembro ou dezembro. Mas aquelas eram da variedade que amadurecia mais tarde. As árvores enormes só ficavam carregadas cada seis ou sete anos. A colheita daquele ano seria mínima, as azeitonas de um verde-claro amadurecendo para um púrpura escuro. Serviriam apenas para comer, não para fazer azeite. Maria del Mar estendera panos por baixo de cada oliveira, para recolher as azeitonas que amadureciam e caíam. Também usava uma vara para arrancar as que permaneciam na árvore. Era uma maneira eficiente de colhê-las quando estavam prontas para serem curtidas em sal ou salmoura, mas ocorreu a Josep que o processo de envelhecimento devia ser irritantemente lento para um menino ansioso em escalar as árvores de novo.

– Posso sentar um pouco com você? – perguntou ele, num impulso súbito.

Francesc acenou com a cabeça. Josep largou os baldes e arriou no chão.

– Preciso dessas árvores – declarou Francesc, muito sério. – Tenho de praticar a escalada, pois quero me tornar um dia exaneta dos catalães.

– O pináculo... – murmurou Josep, em dúvida se essa ambição seria realista por causa do quadril deformado do menino. – Espero que consiga o que deseja.

Ele lançou um olhar à procura de Maria del Mar, que não se encontrava em qualquer lugar à vista.

– O que sua mãe pensa dessa ideia?

– Ela diz que todas as coisas são possíveis, se eu praticar com afinco. Enquanto isso, meu trabalho é vigiar as azeitonas.

– Elas demoram a cair, não é?

– É sim. Mas são boas árvores para se escalar.

Era verdade. As oliveiras eram muito antigas e enormes, com troncos grossos e galhos retorcidos.

– São árvores muito especiais. Alguns acham que estas oliveiras foram plantadas pelos

romanos.

– Os romanos?

– Os romanos vieram para a Espanha há muito tempo. Eram guerreiros, mas também plantaram oliveiras e videiras, abriram estradas e construíram pontes.

– Há muito tempo?

– Isso mesmo. No tempo em que Jesus era vivo.

– Jesus Cristo?

– O próprio.

– Minha mãe me falou Dele.

– Falou?

– Josep, Jesus foi pai?

Ele sorriu e abriu a boca para dizer não. Mas quando olhou para o rosto do menino, ficou espantado com a extensão de sua própria ignorância.

– Não sei.

Josep estendeu a mão, hesitante, e tocou no rosto do menino. Francesc era magricela, mas ainda havia uma gordura infantil naquele ponto, um pouco acima do maxilar.

– Gostaria de ir até o rio comigo? Por que não pergunta à sua mãe se pode ir para me ajudar a lavar os baldes?

Ele sorriu pela rapidez com que o menino podia correr, mesmo mancando. Francesc não demorou a voltar.

– Mamãe disse que não, não e não. Tenho de vigiar as azeitonas. Esse é o meu trabalho.

Josep sorriu.

– É bom ter um trabalho, Francesc.

Ele pegou os baldes e desceu até o rio para limpá-los.

Uma manhã ele se encontrou com Jaumet Ferrer, que voltava de uma caçada com duas gordas perdizes que acabara de matar. Pararam para conversar. Jaumet continuava o mesmo de que Josep se lembrava, um garoto jovial e com deficiência mental que se tornara um homem jovial e com deficiência mental.

Jaumet não lhe fez perguntas. Não deu sinal de que Josep passara um longo período fora da aldeia. Conversaram sobre as perdizes, que seriam servidas à mesa da *señora* Figueres no domingo, e sobre o tempo. Depois, Jaumet sorriu e continuou em seu caminho.

Tanto Jaumet quanto o gordo Pere Mas haviam se interessado pelo clube de caça, mas foram considerados incapazes de suportar o treinamento.

Como haviam sido afortunados!

Naquela noite Josep levou para o armazém um jarro do vinho novo que guardara para seu uso pessoal quando Ramirez esvaziara os tonéis. Enquanto Nivaldo fazia ovos fritos com pimentão e cebola, eles beberam o vinho, sem alegria, pois era insípido para começar e o calor deixara-o azedo.

– Horrível! – resmungou Josep.

Nivaldo acenou com a cabeça em concordância.

– Não é um vinho maravilhoso, mas... a colheita deu uma boa safra. Tem o suficiente para pagar seu irmão e Rosa, preparar a colheita do próximo ano e comprar comida. Por falar nisso, Tigre, devo lhe dizer que tem comido como um animal estúpido. Só faz uma refeição decente quando vem me visitar. Afora isso, sobrevive com chouriço, pão velho e queijo. Tornou-se meu melhor freguês de chouriço.

Josep pensou na tortilla de batata, que lhe rendera duas boas refeições.

– Sou um homem que trabalha muito e não conta com uma mulher em casa. Não tenho tempo para perder com refeições complicadas.

Nivaldo soltou uma risada.

– Deveria arrumar uma esposa. Mas sou um homem que vive sem mulher e isso não me impede de cozinhar. Um homem não precisa de uma mulher para fazer uma refeição decente. Um homem sensato pesca um peixe, atira numa ave, aprende a cozinhar para si mesmo.

Josep perguntou, numa tentativa de mudar de assunto:

– O que aconteceu com Pere Mas? Não o tenho visto na aldeia.

– Pere foi embora. Arrumou emprego numa tecelagem, como Donat. Em Sabadell.

– Ahn...

Josep sentia-se quase tão solitário em Santa Eulália quanto fora no Languedoc. Os primogênitos da aldeia estavam absorvidos em suas vidas. E os amigos mais chegados de sua geração de filhos mais jovens haviam partido.

– Nunca vejo um homem na casa de Maria del Mar.

– Acho que não houve ninguém desde Tonio. Quem sabe? Talvez ela esteja esperando pela volta de Jordi Arnau.

– Jordi Arnau morreu.

– Tem certeza?

– Tenho. Mas não contei para ela. Não fui capaz.

Nivaldo limitou-se a balançar a cabeça, sem julgá-lo.

– Seja como for, ela sabe que algumas pessoas voltam – comentou ele, pensativo. – Você voltou, não é?

E Nivaldo tomou outro gole do vinho azedo.



O primeiro inverno de Josep como proprietário de um vinhedo começou com tempo ruim. Intensa satisfação pelo êxito de sua colheita logo definiu e desapareceu. As videiras perderam quase todas as suas lindas folhas e ficaram secas, esqueletos frágeis. Era tempo de iniciar uma poda pra valer. Ele circulou pelo vinhedo, avaliando tudo em termos críticos. Constatou que já cometera erros e concentrou-se em aprender com eles.

Por exemplo, as videiras que plantara com tanta presunção na área vazia da encosta íngreme, pensando que era mais imaginativo e mais esperto do que seu pai e seus antepassados, secaram e morreram ao calor ardente do verão, porque – como o pai certamente compreenderia! – a camada superior assentava em rocha impenetrável. Para sobreviver ali, as videiras teriam de ser irrigadas, mas tanto o rio quanto o poço da aldeia ficavam longe demais para que isso fosse viável.

Josep especulou o que mais o pai sabia sobre a terra que ele deixara de absorver enquanto crescia.

Ele não tinha a menor inclinação para se tornar um caçador, mas quando se encontrou de novo com Jaume, recordou a preleção de Nivaldo sobre a necessidade de comer melhor.

– Pode me trazer um coelho?

Jaume ofereceu seu sorriso lento e acenou com a cabeça. Apareceu na casa de Josep na tarde seguinte, com um coelho ainda novo que atingira no pescoço. Mostrou-se exultante com as moedas que Josep lhe deu. Ensinou Josep a esfolar e limpar o animal.

– Como você costuma cozinhá-los? – perguntou Josep.

– Fritando na banha.

Jaume foi embora, com uma bonificação, a cabeça e o pelo do animal. Josep lembrou como o pai preparava coelho. Foi até o armazém e comprou alho, uma cenoura, uma cebola e um pimentão vermelho, comprido e picante. Nivaldo ergueu as sobrancelhas quando Josep pagou.

– Estamos cozinhando alguma coisa?

Em casa, Josep encharcou um pano com vinho azedo, esfregou a pequena carcaça, por dentro e por fora, para depois esquartejá-la. Pôs os pedaços numa panela com vinho e azeite, acrescentou meia dúzia de dentes de alho esmagados, cortou os legumes na panela, antes de pôr em fogo baixo, para cozinhar. Quando comeu dois pedaços, horas mais tarde, a carne estava tão macia e saborosa que ele se sentiu santificado. Largou pedaços de pão velho no molho picante, até ficarem quase líquidos e deliciosos.

Quando acabou de comer, levou a panela para o armazém, onde Nivaldo cortava repolho para o ensopado.

– Tenho uma coisa para você provar.

Enquanto Nivaldo comia, Josep lia *El Cascabel*.

Apesar de sua resistência, os acontecimentos em que fora envolvido haviam-no deixado mais interessado em política e na monarquia. Sempre lia o jornal com toda atenção, mas quase nunca encontrava as informações que procurava. Pouco depois de sua volta à aldeia, *El Cascabel* publicara uma reportagem sobre o general Prim, no quarto aniversário de seu assassinato. Revelava que várias pessoas haviam sido detidas no dia seguinte ao crime, mas a polícia as soltara depois do interrogatório.

Nivaldo continuava a comer.

– Ainda não li o jornal. Há alguma coisa interessante?

– Os combates encarniçados continuam. Em Navarra, os carlistas atacaram uma unidade do exército, capturaram armas e peças de artilharia, e fizeram trezentos prisioneiros. Deus! – Josep sacudiu o jornal. – Quase capturaram também o novo rei.

Nivaldo fez uma pausa, olhando para Josep.

– É mesmo? O que o rei Alfonso estava fazendo no meio das tropas?

– Diz aqui que ele estudou em Sandhurst, a academia militar britânica, e decidiu participar ativamente da repressão à Guerra Civil.

– É verdade? Isso é muito interessante.

Nivaldo comeu o resto da carne e, para imensa satisfação de Josep, passou a roer os ossos.

Francesc brincava sozinho durante a maior parte do tempo, enquanto Maria del Mar trabalhava nas proximidades. O menino aparecia com frequência no vinhedo de Alvarez, para acompanhar Josep como uma sombra. A princípio, quase nunca conversavam, e, quando isso acontecia, era sempre sobre coisas simples, como o formato de uma nuvem, a cor de uma flor ou por que não se podia deixar que as ervas daninhas crescessem e se espalhassem. Com mais frequência, Josep trabalhava em silêncio e o menino observava-o, fascinado, embora já tivesse visto a mãe fazer as mesmas coisas em seu vinhedo.

Quando era evidente que Josep alcançava o fim de uma tarefa, o menino sempre repetia as mesmas palavras:

– O que vamos fazer agora, Josep?

– Agora, vamos usar a enxada para arrancar algumas ervas daninhas – respondia Josep.

Ou:

– Vamos lubrificar as ferramentas.

Ou então:

– Vamos desenterrar uma pedra.

Qualquer que fosse a tarefa, o menino sempre acenava com a cabeça, como se desse permissão, antes de começarem.

Josep desconfiava que Francesc, além da necessidade de companhia, também se sentia

atraído pelo som da voz de um homem. Às vezes discorria em voz baixa e suave sobre coisas que o menino era pequeno demais para absorver, como uma pessoa que fala sozinha enquanto trabalha.

Uma manhã ele explicou por que estava transplantando roseiras silvestres para a frente e para trás de cada fileira de videiras.

– É uma coisa que vi na França. As flores são lindas, mas também têm uma função: dão o alerta. As roseiras não são tão fortes quanto as videiras. Por isso, se alguma coisa sair errada... um problema com o solo, por exemplo... as roseiras apresentarão os sinais primeiro. Poderei então tomar as providências necessárias, antes que destrua as videiras.

O menino observou em silêncio, até que o transplante foi concluído.

– O que vamos fazer agora, Josep?

Maria del Mar acostumou-se ao fato de que o filho devia estar no vinhedo de Alvarez quando não o encontrava em casa.

– Você deve mandá-lo para casa quando ele começar a incomodar – disse ela a Josep.

Mas Josep foi sincero ao responder que gostava da companhia de Francesc. Sentia que Maria del Mar acalentava um ressentimento contra ele. Não compreendia a razão, mas sabia que a desconfiança a fazia hesitar em aceitar favores seus. Ele assentara na identidade de vizinho, um relacionamento que ambos pareciam aceitar.

Nivaldo tinha razão, ele disse a si mesmo. Precisava de uma esposa. Havia viúvas e solteiras na aldeia. Deveria começar a prestar atenção, até encontrar uma mulher que compartilhasse o trabalho no vinhedo, cuidasse da casa, preparasse refeições de verdade. E lhe desse filhos, dividisse sua cama...

Ah, compartilhar sua cama!

Solitário e ansioso, ele saiu pelos campos um dia, até a casa torta de Nuria. Mas encontrou a casa vazia, a porta aberta ao vento e a qualquer ave ou animal de terra. Um homem que espalhava fertilizante num campo próximo informou-o de que Nuria morrera havia dois anos.

– E a filha, Renata?

– Ela se sentiu livre com a morte da mãe. E foi embora.

O homem deu de ombros. Disse que plantava feijão ali.

– O solo não é bom, mas tenho bastante bosta de cabra dos Llobet. Conhece a propriedade deles?

– Não – respondeu Josep, com um súbito interesse.

– Uma criação de cabras, muito antiga. – O lavrador sorriu. – E enorme, com tantas cabras que eles estão agora atolados na bosta. Que se empilha em seus campos. Não têm mais onde guardar. E sabem que, no futuro, ainda terão mais e mais bosta de cabra. Por isso, ficam agradecidos quando você leva uma carga.

– Onde fica a propriedade?

– Para o sul, depois do morro.

Josep agradeceu ao plantador de feijão, cuja informação, ele sabia, era um golpe de sorte, melhor do que se encontrasse Nuria e Renata ainda vivendo na casa.

## Um mulo especial

Nas raras ocasiões em que encontrara uma fonte de fertilizante, o pai tomara emprestado cavalo e uma carroça para levar o produto ao vinhedo. Mas Josep não tinha relacionamento com os amigos do pai que lhe permitisse solicitar o empréstimo. E sabia que não poderia continuar a usar indefinidamente a mula de Maria del Mar. Como a primeira colheita bem-sucedida lhe proporcionara uma coragem cautelosa para gastar algum dinheiro, uma manhã ele foi para Sitges e procurou a tanoaria de Emilio Rivera. A fábrica de barris era um prédio comprido e baixo, com toras sem casca empilhadas no pátio. Perto das pilhas, encontrou o tanoeiro de cara vermelha, Rivera, e um idoso trabalhador, rachando as toras com cunhas e malhos. Rivera não reconheceu Josep, até ser lembrado da manhã em que fora bastante generoso para dar carona a um estranho até Barcelona.

– Comentei que precisava comprar uma mula, e me disse que tinha um primo que é comprador de cavalos.

– Isso mesmo. Eusebi Serrat. Ele mora em Castelldefels.

– Disse que havia uma feira de cavalos ali. Não pude ir antes, mas agora...

– A feira de cavalos é realizada quatro vezes por ano. A próxima será daqui a três semanas. Sempre acontece na sexta-feira, o dia do mercado. – Rivera sorriu. – Diga a Serrat que eu o mandei. Por uma pequena taxa, ele o ajudará a comprar uma boa mula.

– Obrigado, *señor*.

Mas Josep não se retirou.

– Mais alguma coisa?

– Sou um fabricante de vinho. Tenho um velho tonel de fermentação em que há duas aduelas apodrecidas que precisam ser trocadas. Pode fazer esse tipo de reparo?

Rivera ficou consternado.

– Humm... Pode trazer o tonel até aqui?

– Não. É muito grande.

– E eu sou um tanoeiro ocupado, com muitos pedidos para atender. Se eu fosse até seu vinhedo, sairia muito caro... – Ele virou-se para o trabalhador. – Juan, pode começar a empilhar o que já cortamos.

Rivera tornou a fitar Josep.

– Além do mais, não posso dispor de todo esse tempo.

Josep balançou a cabeça, resignado.

– *Señor*... acha que poderia me aconselhar sobre a melhor maneira de fazer o reparo pessoalmente?

Rivera sacudiu a cabeça em negativa.

– Não há a menor possibilidade. Precisaria de uma longa experiência para isso. Não seria capaz de apertar com a pressão necessária e acabaria vazando. Não conseguiria sequer usar as pranchas dos troncos cortados. As pranchas devem sair de troncos como estes, rachados no sentido da granulação, para que a madeira seja impermeável.

Ele percebeu a expressão desolada de Josep. Largou o malho e disse:

– Podemos fazer uma coisa. Você me diz onde fica exatamente sua propriedade. Um dia desses, quando eu estiver por perto, irei até lá para fazer o reparo no tonel.

– Deve ser consertado até o outono, quando esmago as uvas.

Ou estarei perdido. Ele apenas pensou isso, mas o tanoeiro pareceu compreender.

– Isso nos dá alguns meses. Provavelmente chegarei lá a tempo.

A palavra “provavelmente” deixou Josep apreensivo, mas sabia que não havia mais nada que pudesse fazer.

– Tem alguma serventia para barris de segunda mão de 225 litros? – perguntou Rivera. – Eram usados para guardar arenques.

Josep riu.

– Não, obrigado. Meu vinho já é bastante ruim sem precisar do fedor de arenque.

O tanoeiro sorriu.

Castelldefels era uma cidade de tamanho médio que se tornara uma grande feira de cavalos. Para onde quer que Josep olhasse, havia animais de quatro patas, cercados por homens falando. Ele tinha de se manter atento para não pisar em bosta de cavalo por toda parte, o mau cheiro impregnando o ar.

A feira começou muito mal para Josep. Avistou um homem que se afastava dele mancando. O jeito de andar parecia familiar, assim como a estrutura do corpo, o formato da cabeça e a cor dos cabelos.

O medo de Josep foi tão intenso que o surpreendeu.

Teve vontade de fugir; em vez disso, forçou-se a contornar o grupo de negociantes de cavalos a que o homem se juntara.

O homem era da idade errada pelo menos por quinze anos. Tinha o rosto jovial, a pele avermelhada, o nariz enorme.

Não era nem um pouco parecido com Peña.

Levou algum tempo para Josep se acalmar. Vagueou pela feira, perdido e anônimo na multidão, até recuperar o controle.

Ainda bem que demorou bastante tempo para conseguir localizar Alano Serrat.

Espantou-se por saber que Serrat e Emilio Rivera eram primos. Em contraste com Rivera,

rude e com aparência de trabalhador, o primo era um aristocrata seguro e distinto, num impecável terno cinza e chapéu elegante, a camisa branca adornada com uma gravata preta de tira.

Mesmo assim, Serrat escutou Josep polidamente, com toda atenção. Concordou em orientá-lo na compra em troca de uma modesta taxa. Durante as horas seguintes, eles visitaram oito vendedores de mulas. Examinaram atentamente treze animais, mas Serrat disse que só poderia recomendar três.

– Mas antes de sua decisão, quero que veja mais um animal.

Ele levou Josep pela massa de homens, cavalos e mulas, até um animal marrom, com três meias brancas e o focinho da mesma cor.

– Um pouco maior do que os outros, não é? – comentou Josep.

– Os outros animais eram mulas comuns, nascidas de éguas emprenhadas por jumentos. Mas este é especial, de uma jumenta emprenhada por um garanhão árabe. Observei-o desde que nasceu. Sei que é gentil, capaz de trabalhar mais que dois cavalos. Custa um pouco mais do que os outros animais que examinamos, mas recomendo sua compra, *señor* Alvarez.

– Como também preciso de uma carroça, meus recursos são limitados – murmurou Josep.

– Quanto dinheiro o *señor* tem?

Serrat franziu o rosto quando Josep lhe disse.

– Acho que faria sentido investir a maior parte nesse mulo. É um animal valioso. Vamos ver o que podemos fazer.

Josep observou enquanto Serrat mantinha uma conversa cordial com o dono do mulo. O primo do *señor* Rivera era afável e calmo. Não havia as discussões aos berros que Josep ouvira entre outros compradores e vendedores. Quando uma cifra foi mencionada pelo vendedor, Serrat assumiu uma expressão pesarosa, mas insistiu na conversa, com toda polidez.

Finalmente Serrat foi até Josep e comunicou o preço mais baixo que o homem admitia... mais do que Josep planejava, mas não muito mais.

– Ele está incluindo os arreios.

Serrat sorriu quando Josep acenou com a cabeça em concordância. Josep entregou as pesetas. O recibo foi escrito e assinado.

– Há mais uma coisa que quero lhe mostrar.

Serrat levou Josep à área em que vendedores ofereciam carroças, arados e outros instrumentos agrícolas. Quando ele parou diante de um objeto no fundo da área, Josep achou que era brincadeira. O leito da carroça estava no chão. Fora outrora uma carroça do tipo que ele queria, com laterais baixas. Mas havia um longo espaço aberto no meio, onde faltava uma tábua. Além disso, a tábua ao lado tinha duas rachaduras largas.

– Só precisa de duas tábuas – disse Serrat.

– Não tem eixo nem rodas.

Ele observou quando Serrat foi até o vendedor e começou a conversar. O vendedor escutou, acenou com a cabeça e deu ordens a dois assistentes.

Poucos minutos depois, Josep ouviu um guincho alto, o som de um animal sentindo dor. Os assistentes voltaram, inclinados e arrastando um eixo preso a duas rodas de carroça, que protestaram, estridentes, quando foram viradas.

Os homens prenderam outras duas rodas no eixo. Serrat tirou um canivete do bolso. Abriu-o, raspou o eixo, acenou com a cabeça.

– Só tem ferrugem na superfície. O metal por baixo está sólido. Vai durar anos.

O preço total estava dentro do orçamento de Josep. Ele ajudou alguns homens a levantar o leito avariado da carroça, prender os eixos e passar graxa nas rodas.

Em pouco tempo, o mulo foi atrelado. Josep sentou-se na carroça, segurando as rédeas. Serrat estendeu-se e apertou sua mão.

– Leve para meu primo Emilio. Ele consertará para você.

O *señor* Rivera e Juan trabalhavam no pátio quando Josep chegou à tanoaria. Examinaram a carroça quebrada.

– Há alguma coisa em seu vinhedo que não esteja arrebitada? – perguntou Rivera.

Josep sorriu.

– Minha fé na humanidade, *señor*. E em sua pessoa, pois o *señor* Serrat disse que consertaria minha carroça.

Rivera parecia contrariado.

– Alano disse isso, hem?

Ele gesticulou para que Juan o seguisse. Josep pensou que o haviam abandonado, mas dali a pouco eles voltaram com duas tábuas grossas.

– Há tábuas que não são boas para barris, mas servem para carroças. Vendo por um preço especial para os meus fregueses antigos e importantes.

Juan mediu os espaços e gritou os números. Rivera cortou as tábuas nos tamanhos exatos. Juan abriu os buracos para as cavilhas. Prenderam as tábuas num instante.

Josep deixou a tanoaria numa carroça sólida, que sentia ser capaz de transportar qualquer carga. As rodas giravam com um rangido mínimo e o mulo era tranquilo e reagia bem aos comandos. Sua animação aumentou. Havia uma diferença entre ser um menino conduzindo uma carroça emprestada ao pai, como um ato de caridade, e um homem conduzindo a sua própria. Era similar à diferença entre ser um jovem desempregado, sem perspectivas, e um proprietário de vinhedo trabalhando em sua própria terra.

Ele desatrelava a carroça e levava o mulo para o abrigo por baixo do telhado projetado nos

fundos quando Francesc apareceu.

O menino observou-o em silêncio por um momento.

– É seu?

– É sim. Gosta dele?

Francesc acenou com a cabeça.

– É parecido com nosso animal. Só tem a cor diferente e as orelhas um pouco mais compridas. Ele pode ser um papai?

Josep coçou o queixo.

– Não, ele não pode ser um papai.

– Não? Mamãe diz que o nosso também não pode ser um papai. Qual é o nome dele?

– Humm... não sei. O seu tem um nome? – perguntou Josep, embora estivesse trabalhando fazia meses com a mula de Maria del Mar.

– Tem sim. O nome é Mula.

– Então por que não chamamos este de Mulo?

– É um bom nome. Você pode ser um papai, Josep?

– Ahn... acho que sim.

– Isso é bom. O que vamos fazer agora, Josep?

## Uma batida na porta

No início da manhã seguinte, ele partiu com a carroça, a caminho da criação de cabras de Llobet. Ouviu os sons e sentiu o cheiro muito antes de avistá-la. Foi guiado no resto do caminho pelos balidos e o cheiro, mais acentuados à medida que se aproximava. Como fora informado, havia esterco de sobra e os donos da criação não se importaram com que ele levasse tudo o que quisesse.

No vinhedo, ele descarregou o esterco no carrinho de mão. Usou uma pá para espalhá-lo ao longo das fileiras de videiras. Estava velho e farelento, tão fino que não queimaria as videiras. Apesar da abundância do suprimento, ele pôs apenas uma tênue camada. O pai lhe ensinara que era bom alimentar as plantas, mas até um excesso mínimo de fertilizantes poderia arruiná-las. E ouvira Leon Mendes comentar que as uvas exigiam “um pouco de adversidade para desenvolver o caráter”.

Ao final de um único dia de trabalho, ele fertilizara todo o vinhedo. No dia seguinte, atrelou Mulo ao arado e misturou o esterco com a terra. Depois ajustou o arado para revirar e empurrar um pouco de terra contra a parte inferior de cada videira. Geava em Santa Eulália em alguns invernos e suas plantas ficariam, assim, protegidas até que o tempo esquentasse.

Só então, finalmente, Josep pôde dedicar-se à poda, uma atividade que adorava. Enquanto o inverno se instalava, ele sentia-se satisfeito e seguro no sentimento de que fazia progressos.

No meio de uma noite de fevereiro, ele foi despertado de um sono sem sonhos por uma batida na porta. Desceu de ceroula os degraus de pedra e deparou com Maria del Mar na porta, os olhos desvairados, os cabelos despenteados.

– Francesc!

A lua em três quartos tornava o mundo uma mistura recortada de sombras e luz. Josep correu pelo caminho mais curto, através do seu vinhedo e do de Quim. Entrou na casa e subiu a escada de pedra, muito parecida com a sua. Encontrou o menino num quarto pequeno. Maria del Mar chegou no momento em que ele se inclinava sobre a enxerga. A cabeça e o rosto do menino estavam muito quentes. Francesc começou a tremer, braços e pernas agitados.

Maria del Mar deixou escapar um som estrangulado.

– É uma convulsão por causa da febre – murmurou Josep.

– De onde veio? Ele parecia feliz. Jantou bem. Depois, começou a vomitar e passar mal.

Josep observava o menino, que não parava de tremer. Não tinha a menor ideia do que poderia fazer para ajudá-lo. Não havia médico que pudesse ser chamado. Um homem que cuidava de animais vivia a meia hora de distância e, às vezes, tratava de seres humanos. Mas havia uma piada de humor negro a seu respeito: as pessoas diziam que o cavalo morria sempre que ele era consultado.

– Traga-me vinho e um pano.

Quando Maria del Mar voltou, Josep tirou o camisolão de Francesc. Derramou um pouco de vinho no pano e começou a esfregar o corpo do menino, que parecia um coelho esquelético. Pôs um pouco de vinho na mão em concha e massageou as pernas e os braços de Francesc. O menino magricela, com a deformação no quadril, encheu Josep de tristeza e apreensão.

– Por que está fazendo isso?

– Lembro que minha mãe fazia isso comigo quando eu ficava doente.

Com extrema gentileza, mas com firmeza, ele massageou o peito e as costas de Francesc com o vinho. Enxugou-o e tornou a pôr o camisolão. O menino parecia agora ter mergulhado num sono tranquilo. Josep ajeitou o cobertor ao seu redor.

– Essa tremedeira vai acontecer de novo?

– Não sei. Acho que às vezes acontece. Donat teve convulsões quando éramos pequenos. Ambos tivemos febre alta várias vezes.

Maria del Mar suspirou.

– Vou fazer um café.

Josep acenou com a cabeça e acomodou-se ao lado da enxerga. Francesc emitiu pequenos ruídos duas vezes; não chegavam a ser gemidos, eram mais protestos contidos. Quando a mãe voltou, a segunda convulsão já começara a sacudi-lo. Foi um pouco mais forte e mais prolongada do que a primeira. Ela largou as canecas com café, pegou o menino, beijou seu rosto e cabeça, apertou-o com força, embalou-o, até que os tremores passaram.

Josep tornou a limpá-lo e massageá-lo com vinho. E logo Francesc mergulhou no sono, com a total imobilidade de um gato ou cachorro cochilando ao lado do fogo, sem movimentos ou sons.

O café esfriara, mas tomaram mesmo assim. Observaram Francesc em silêncio por um longo tempo.

– Ele vai ficar com o corpo sujo e desconfortável.

Maria del Mar foi buscar uma tigela com água e mais panos. Josep observou-a banhar e enxugar o filho, depois trocar o camisolão. Ela tinha dedos compridos e sensíveis, com unhas um pouco escuras, mas curtas e limpas.

– Ele não pode dormir neste lençol – murmurou Maria del Mar.

Ela foi para o quarto ao lado e tirou o lençol de sua própria cama. Quando voltou, Josep levantou o menino, que não acordou. Ela estendeu o lençol na enxerga. Ele pôs o menino na cama. Ela ajeitou o cobertor ao redor. Deitou ao lado do filho. Fitou Josep.

Obrigada, disse ela, silenciosamente.

– Não foi nada – sussurrou Josep.

Ele observou mãe e filho por um momento. Depois, compreendendo que dali por diante seria um intruso, murmurou uma despedida e voltou para casa.

Ele esperou durante todo o dia que Francesc descesse ao seu encontro, através dos vinhedos. Mas o menino não apareceu.

Preocupado, pensando que Francesc poderia ter piorado, foi até a casa de Valls no final do dia. Bateu à porta.

Maria del Mar demorou um pouco para abrir.

– Boa-noite. Eu só queria saber como ele está.

– Melhorou bastante. Entre.

Josep seguiu-a até a cozinha.

– A febre passou e ele não teve mais tremores. Mantive-o dentro de casa durante o dia inteiro. Ele cochilou várias vezes. Agora está dormindo, como sempre.

– Isso é ótimo.

– É sim. – Ela hesitou. – Eu ia fazer um bule de café fresco. Você quer?

– Quero sim, por favor.

O café estava num pote de barro numa prateleira alta. Ela ficou na ponta dos pés e estendeu a mão para pegar. Mas Josep adiantou-se e pegou-o primeiro. Maria del Mar virou-se; sem pensar, sem planejar, Josep beijou-a.

Não foi um beijo intenso, mas apenas de leve, uma surpresa para ambos. Ele esperou que Maria del Mar o empurrasse, dissesse que deixasse sua casa. Mas apenas fitaram-se em silêncio por um longo momento. E depois, sabendo agora o que fazia, Josep tornou a beijá-la.

Desta vez, ela retribuiu o beijo.

E logo passaram a se beijar freneticamente, as quatro mãos explorando, as respirações aceleradas.

Arriaram no chão. Josep devia ter deixado escapar algum som.

– Não acorde o menino! – sussurrou ela, veemente.

Josep acenou com a cabeça e continuou a fazer o que começara.

Sentaram-se à mesa e tomaram o café com gosto de chicória.

– Por que você não voltou para Teresa Gallego?

Ele hesitou por um momento.

– Não pude.

– É mesmo? Ela passou por um inferno, à sua espera. Pode acreditar em mim.

– Lamento tê-la feito sofrer assim.

– Lamenta mesmo? Então o que o impediu de voltar?

A voz era um sussurro, mas controlada:

– Não posso contar, Maria del Mar.

– Pois então eu direi.

As palavras pareciam sair com facilidade:

– Sentia-se solitário. Conheceu uma mulher... talvez uma porção de mulheres... e eram mais bonitas do que Teresa, com rostos mais atraentes, ou mais... – Ela deu de ombros. – Ou talvez apenas estivessem mais disponíveis. E você pensou: Teresa Gallego está longe, em Santa Eulália, e não é grande coisa. Por que eu deveria voltar para ela?

Pelo menos agora ele sabia a causa do ressentimento de Maria del Mar.

– Não foi isso que aconteceu.

– Não foi? Pois então me conte o que foi.

Josep tomou um gole do café e fitou-a.

– Não posso contar.

– Corri para chamá-lo ontem à noite, Josep, porque é o vizinho mais próximo e sempre ajudou meu filho. Agradeço por isso. Do fundo do meu coração. Mas o que aconteceu... peço que esqueça para sempre.

Ele experimentou um alívio imediato; era também o que queria. Maria del Mar era como seu café, amarga demais para se apreciar.

– Está bem.

– Quero um homem em minha vida. Já tive homens horríveis, mas acho que na próxima vez mereço um bom homem, que me trate bem. Acho que você é perigoso, o tipo de homem que pode desaparecer de um momento para o outro, como fumaça.

Josep não via a menor razão para se defender.

– Sabe se Jordi ainda está vivo? – acrescentou ela.

Ele teve vontade de dizer que Jordi havia morrido. Maria del Mar merecia saber. Mas Josep compreendeu que isso levaria a muitas outras perguntas, a muitos perigos. Ele deu de ombros.

– Tenho o pressentimento de que não está mais.

Era o melhor que ele podia fazer.

– Acho que ele já teria voltado para conhecer o filho se ainda estivesse vivo – murmurou Maria del Mar. – Jordi sempre teve um coração afetuoso.

– Tem razão – disse Josep, talvez um pouco sarcástico.

– Ele não gostava de você.

Eu também não gostava dele, Josep teve vontade de dizer. Mas quando a fitou, compreendeu que os ferimentos ainda estavam abertos. Por isso, apenas levantou-se e disse a ela, gentilmente, que não permitisse que nada a impedisse de procurá-lo de novo, se Francesc precisasse de sua

ajuda.

## Dívida antiga

Dois dias depois, Francesc voltou a procurá-lo, regularmente, parecendo tão vigoroso quanto antes. Josep gostava do menino, mas a situação era constrangedora. Ele e Maria del Mar tratavam-se com toda cordialidade na presença de outros. Mas Josep tinha a impressão de que Clemente Ramirez espalhara a notícia de que os dois estavam ligados de alguma forma. Além disso, a aldeia notou que ele passava muito tempo com o menino.

E se apressou em tirar conclusões, certas ou erradas.

Uma noite, quando seguia para o armazém de Nivaldo, Josep passou por Tonio Casals e Eduardo Montroig, o irmão mais velho de Esteve, que conversavam na frente da igreja. Josep achava que Eduardo era bastante simpático, mas sério demais para alguém que não era um velho. Eduardo quase nunca sorria e, naquele momento, parecia muito contrafeito, enquanto Tonio fazia uma preleção sobre alguma coisa, em voz alta e truculenta. Tonio Casals era grande e bonito, como o pai, mas a semelhança terminava por aí, porque ele se mostrava com frequência bêbado e agressivo. Josep não tinha o menor desejo de participar da conversa. Por isso, limitou-se a acenar com a cabeça e desejar boa-noite. Teria seguido adiante se Tonio não sorrisse e dissesse:

– Ah, o filho pródigo! Qual é a sensação de cuidar de novo de sua própria terra, Alvarez?

– Uma sensação agradável, Tonio.

– E qual é a sensação de arar uma mulher que homens melhores já abriram?

Josep levou um momento para se controlar, antes de responder, jovial:

– Depois que se passa além do pedacinho de nada que foi usado antes, é de fato maravilhoso, Tonio.

Um punho enorme acertou Josep no lado da boca quando Tonio o atacou. Josep reagiu em fúria, com dois socos rápidos, o punho esquerdo acertando o lado do queixo de Tonio, o punho direito por baixo do olho esquerdo. Tonio caiu quase que no mesmo instante. Para sua vergonha posterior, Josep chutou o homem caído. E ainda cuspiu nele, como um garotinho enfurecido.

– Não, Josep, não!

Eduardo Montroig pôs a mão no braço dele, para contê-lo. Olharam para Tonio. A boca de Josep sangrava. Ele lambeu o lábio. E contou a Montroig a razão para enganar o comprador de vinho.

– Eduardo, Maria del Mar e eu somos apenas vizinhos. Por favor, diga isso a todo mundo.

Eduardo acenou com a cabeça, muito sério.

– Maria del Mar é uma boa pessoa. Oh, Deus, isso é horrível, não acha? Quando éramos mais jovens, ele não se comportava dessa maneira.

– Vamos levá-lo para casa?

Montroig sacudiu a cabeça.

– Pode ir embora. Chamarei seu pai e os irmãos. – Ele suspirou. –Infelizmente, eles já estão acostumados a cuidar de tudo quando Tonio fica assim.

Na manhã seguinte, Josep podava as videiras quando Angel Casals foi procurá-lo.

– Bom-dia, alcalde.

– Bom-dia, Josep.

Com a respiração pesada, o alcalde tirou do bolso um enorme lenço vermelho e enxugou o suor do rosto.

– Vou buscar um vinho – disse Josep.

O homem mais velho sacudiu a cabeça.

– Ainda é muito cedo.

– Então... um pouco d'água?

– Água seria ótimo, se não se incomoda.

Josep foi até a casa. Voltou com dois copos e um cântaro. Acenou com a cabeça, respeitoso, para o banco ao lado da porta. Os dois se sentaram e tomaram a água.

– Vim verificar se você está bem.

– Estou sim, alcalde.

– Sua boca?

– Não é nada. Apenas uma marca da minha vergonha. Não deveria ter agredido seu filho, porque ele estava bêbado. Deveria ter me afastado.

– Duvido que isso fosse possível. Conversei com Eduardo e conheço meu filho Tonio. Peço desculpas em seu nome.

O alcalde hesitou.

– Meu filho... Para ele, cada gole de conhaque é uma praga. Basta provar um pouco para que sua alma e seu corpo clamem por mais. Mas pouco mais além de um gole e, lamentavelmente, ele parece enlouquecer e se comporta como um animal. É a cruz que Tonio e sua família têm de carregar.

– Não se preocupe comigo, alcalde. Só espero não ter causado nenhum ferimento mais grave.

– Ele vai se recuperar. Tem um olho inchado. Parece muito pior do que você.

Os lábios de Josep doeram quando ele deu um sorriso pesaroso.

– Desconfio que as conseqüências seriam lamentáveis para mim se brigássemos quando ele estivesse sóbrio.

– Não vai mais brigar com ele. Tonio está deixando Santa Eulália.

– Hem?

– Como ele é incapaz de assumir sua responsabilidade de primogênito com a fazenda, cada dia que permanece aqui só serve para lembrá-lo de sua fraqueza. Tenho um amigo antigo, Ignasi de Balcells, que tem uma plantação de oliveiras na aldeia de Las Granyas. D. Ignasi foi alcalde ali durante muitos anos. Agora é juiz do tribunal, além de servir como diretor da prisão regional. Conhece Tonio desde que nasceu e o ama. Ignasi está acostumado a lidar com as fraquezas dos homens. Ofereceu-se para aceitar Tonio em sua casa. Vai ensiná-lo a cultivar azeitonas e produzir azeite. Também vai trabalhar na prisão. Esperamos que ele aprenda a ter disciplina.

O alcalde sorriu.

– Aqui entre nós, Alvarez... meu amigo Ignasi tem um incentivo para alcançar o sucesso com Tonio. Ele tem uma filha solteira, uma boa moça, mas que já está quase passando da idade de casar. Não nasci na semana passada. Acho que Ignasi tentará reformar meu filho para transformá-lo em genro.

– Torço para que tudo dê certo – murmurou Josep, embaraçado.

– Acredito em você e agradeço.

Angel Casals olhou ao redor. Balançou a cabeça em aprovação pelas videiras podadas, as roseiras recém-plantadas, o solo arado e amontoado entre as fileiras.

– Você é um autêntico fazendeiro, Alvarez... ao contrário de alguém que não passa de uma borboleta, uma *papallona*.

O alcalde olhava para o vinhedo malcuidado de Quim Torras ao fazer o comentário. Josep não disse nada. Todos sabiam que o alcalde era um dos mais veementes críticos do relacionamento de Quim com o padre da aldeia. Mas Josep não queria discutir Quim nem o padre Lopez com Angel Casals. O alcalde levantou-se. Josep fez a mesma coisa.

– Mais um momento, por favor, alcalde.

Josep entrou em casa. Voltou um momento depois e largou algumas moedas na mão de Angel.

– O que é isso?

– O pagamento por duas galinhas.

Angel inclinou a cabeça para o lado.

– Roubei duas galinhas suas há cinco anos.

– Essa não! – exclamou Angel. – Por que roubou?

– Precisava muito das galinhas e não tinha dinheiro para pagar.

– E por que decidiu me pagar agora?

Josep deu de ombros e disse a verdade:

– Não suporto sequer passar pelo seu galinheiro.

– Mas que ladrão sensível! – O alcalde olhou para as moedas. – Pagou demais.

Ele enfiou a mão no bolso, tirou uma pequena moeda e entregou-a a Josep.

– Um ladrão honesto não deve enganar a si mesmo, Alvarez – disse o alcalde, ressoando sua risada ao redor.

Ào final de fevereiro, os primeiros botões amarelos e verdes surgindo, enquanto o inverno transformava em primavera, Josep passava dias compridos trabalhando no vinhedo. Terminou a poda e afastou a terra acumulada na base das videiras. Em abril, as primeiras e delicadas folhas se abriram. Logo depois, o sol se tornou mais quente e mais ardente e as flores deixaram o vinhedo inebriante com seu perfume.

O pai sempre dissera que as uvas estariam prontas para serem colhidas cem dias depois que as flores aparecessem. As flores atraíam os insetos, que as polinizavam e tornavam as uvas possíveis. Mas as videiras verdes também atraíam animais daninhos.

Francesc estava em sua companhia na manhã em que Josep descobriu meia dúzia de plantas destruídas, desenraizadas e mastigadas. Os danos haviam ocorrido perto da base da encosta. Havia rastros na terra.

– Mas que droga!

Josep teve de fazer um esforço para se controlar e não dizer coisas piores na presença do menino.

– Por que as videiras foram destruídas, Josep?

– Foi um javali.

Quim Torras também perdera videiras – num total de oito –, mas Maria del Mar nada sofrera.

Naquela noite, Josep procurou Jaumet Ferrer e pediu-lhe que caçasse o javali, antes que causasse mais danos aos vinhedos.

Jaumet agachou-se perto das videiras destruídas.

– Os rastros são de um javali... acho que apenas um. As fêmeas e os... como é mesmo que se chamam os filhotes?

– Bâcoros.

– Bâcoros... – repetiu Jaumet, como se saboreasse a palavra. – As fêmeas e os bâcoros sempre andam juntos, mas os machos andam sozinhos. Este aqui deve ter se aproximado do rio por causa do tempo seco. Procurou as raízes de suas videiras. Os porcos selvagens comem qualquer coisa. Carniça. Um cordeiro ou um bezerro vivo.

Josep pediu a Maria del Mar para manter Francesc em casa, à sua vista, durante algum tempo.

Jaumet apareceu pouco antes do amanhecer, com seu rifle de caça, e patrulhou os vinhedos durante o dia inteiro, ao sol quente. Ao crepúsculo, quando já estava escuro demais para ver qualquer coisa, ele foi para casa.

Voltou no dia seguinte, antes do amanhecer, e também no outro. Mas avisou a Josep que no

dia seguinte ia caçar coelhos e aves.

– O javali talvez nunca mais o incomode.

Uma pausa e Jaumet acrescentou, cauteloso:

– Mas também pode voltar.

Josep saiu de casa muito cedo na manhã seguinte. Ao entrar no vinhedo, ouviu grunhidos de animais entre as videiras. Saiu correndo, uma pedra em cada mão. Fez barulho demais, pois alcançou a fileira invadida bem a tempo de ver o dorso e o rabo enroscado do javali empenhando-se entre as videiras de Quim.

Jogou as pedras e correu atrás, gritando como um louco. Mas perdeu o animal de vista quase no mesmo instante. Ao correr para o vinhedo de Valls, surpreendeu Maria del Mar e Francesc, que não haviam visto o animal.

Maria del Mar franziu o rosto ao ouvir a descrição do javali.

– Ele pode nos custar caro. O que vamos fazer? Chamar Jaumet de novo?

– Não. Jaumet não pode ficar para sempre no meio das videiras.

– Então o quê?

– Pensarei em alguma coisa.

Ele lembrava exatamente onde cavar para pegar os dois pacotes enterrados no canto abandonado em que a propriedade de Quim se encontrava com a sua. Encontrou-os intactos, sem serem afetados pelas raras chuvas que haviam passado pelo terreno poroso. Limpou os pacotes com todo cuidado, removendo a terra, antes de levá-los para casa. Cortou os cordões e abriu-os em cima da mesa. A camada externa escurecera do contato com os minerais do solo, mas as duas camadas internas de oleado estavam absolutamente intactas, em perfeitas condições, assim como o conteúdo dos pacotes. As partes do revólver LeMat estavam cobertas com tanta graxa que ele demorou até tarde da noite para limpá-las, usando todos os trapos disponíveis que tinha. Depois, ainda sacrificou uma camisa velha, um pouco esfarrapada, mas ainda usável. Rasgou-a em pedaços, até que só restava um quadrado quando a arma ficou montada, à sua frente, sem graxa, mas oleada, limpa e brilhante, assustando-o, porque acalentara a esperança de nunca mais tornar a vê-la.

Ele expôs o conteúdo do segundo pacote. Carregou os cartuchos devagar, com todo cuidado, sem lembrar direito, a princípio, como se fazia. Despejou a pólvora da meia no pequeno saco de couro que era a medida, passando do saco para uma das câmaras vazias.

A arma e o ato de carregá-la traziam recordações que ele preferia evitar. Teve de parar durante algum tempo porque as mãos tremiam. Mas pôs uma bala de chumbo na câmara e empurrou o soquete para cravá-la na pólvora. Passou um pouco de graxa por cima da pólvora e da bala e acrescentou a espoleta. Girou o cilindro com a mão e carregou todas as outras câmaras, menos duas, porque só havia pólvora na meia para sete cargas.

Arrumou a mesa e pôs o LeMat no consolo da lareira, ao lado do relógio da mãe. Subiu em

seguida. Deitou e passou muito tempo acordado, com medo de sonhar, se dormisse.

Durante quase uma semana o javali que destruiu as videiras era o assunto sempre que os aldeões se encontravam. Mas o animal não tornou a aparecer e foi substituído nas conversas por discussões acaloradas sobre a porta da igreja, amassada, arranhada e escalavrada. A lenda local dizia que fora avariada assim pelos canos dos mosquetes dos soldados de Napoleão, mas o pai de Josep falara, irônico, sobre um bêbado da aldeia com uma pedra na mão. Uma rachadura longa e irregular também desfigurava a madeira. Não chegava a afetar a integridade estrutural da porta, mas dividia a comunidade. Paroquianos haviam tentado várias vezes preencher a fissura com massas feitas de diversos ingredientes. Mas a abertura era tão larga e profunda que todas as tentativas desgraciosas haviam fracassado. A igreja dispunha de recursos suficientes para comprar uma nova porta de madeira. Alguns achavam que se deveria mesmo fazer isso, enquanto outros relutavam em esvaziar o tesouro da igreja, preferindo guardar o dinheiro para a eventualidade de uma emergência mais importante. Uma pequena minoria, liderada por Quim Torras, achava que um sacerdote com a sensibilidade do padre Lopez merecia uma porta mais elegante em sua igreja. Quim propôs uma porta artística, com relevos sobre um tema religioso, e exortou a aldeia a começar a levantar recursos para isso.

Uma manhã, quando ia buscar água no poço da aldeia, Josep encontrou Angel Casals, que lhe perguntou:

– O que você acha da porta da igreja?

Josep coçou o nariz. Na verdade, dispensara pouca ou nenhuma consideração à porta da igreja, mas a perspectiva de qualquer retirada de seus recursos já escassos deixava-o alarmado. As pessoas diziam fazia anos que Angel mantinha um pequeno fundo de reserva da aldeia. Nunca revelava a ninguém a quantidade de dinheiro nesse tesouro, nunca queria gastar um cêntimo sequer porque nenhuma emergência era tão importante.

– Eu não gostaria de pagar uma taxa para levantar o dinheiro, alcalde.

– Não haverá nenhuma taxa para financiar a igreja. Ninguém pagaria. Seria a mesma coisa que tentar espremer vinho de uma pedra.

– Acho que não precisamos do tipo de porta que ornamenta uma catedral. Temos uma atraente igreja rural. Precisa de uma porta de madeira, simples, resistente e bonita. Se dependesse de mim, gastaria algum dinheiro com a madeira. Nós mesmos faríamos uma porta apropriada e ainda deixaríamos a igreja com uma parte de seus recursos.

O alcalde fitou-o com um súbito interesse.

– Você tem toda razão, Alvarez. Sabe onde se poderia comprar a madeira apropriada?

– Acho que sei... ou pelo menos onde perguntar para encontrá-la.

– Então faça isso, por favor, Josep – disse Angel, com evidente satisfação.

Ao final da tarde, quando o sol já baixara no céu e seu corpo sinalizava que em breve deveria

encerrar um dia de trabalho árduo, Josep ouviu o barulho tão temido.

Parou de podar no mesmo instante e ficou imóvel, escutando...

Ouviu de novo o barulho, os estalos vigorosos da vegetação. Foi direto para casa. O LeMat continuava no consolo da lareira. Josep pegou-o e voltou ao vinhedo. Foi andando entre as fileiras, tão silenciosamente quanto podia, ouvindo o som mais e mais alto. Mantinha o revólver apontado para a frente, pronto para disparar. Mas disse a si mesmo que não devia se precipitar, pois o som podia ser de Francesc, ou talvez de Quim.

Mas no momento seguinte ele avistou o javali, maior do que poderia imaginar pelo que vislumbrou antes.

O javali tinha uma espessa pelagem preta e marrom, diferentemente de qualquer porco doméstico. O corpo era volumoso e compacto, a cabeça assustadoramente grande em proporção. Tinha as pernas curtas, mas largas, e pareciam fortes. O animal olhou para ele, como se não tivesse medo, mas cauteloso, os olhos pequenos e escuros, por cima do focinho preto e liso.

É apenas um porco, disse Josep a si mesmo.

Presas!

Josep viu as presas, duas pequenas, apontadas para baixo, nos cantos do maxilar superior, duas mais compridas, saindo dos cantos do maxilar inferior, talvez com doze a quinze centímetros de comprimento, curvando para as pontas ameaçadoras. O javali soltou um grunhido e levantou a cabeça num movimento brusco. Josep compreendeu que era assim que o animal lutava, usando as presas para estripar o inimigo.

O javali deu uma guinada para o lado, a fim de fugir. Josep descobriu-se subitamente controlado e implacável.

Deixou o animal se afastar apenas um pouco, o braço rígido e firme, o dedo mal tocando no gatilho. O estampido foi alto. Ele viu a bala penetrar no pelo, logo abaixo do ombro direito. O javali parou, virou-se e deu um passo na direção de Josep, que disparou mais duas vezes.

Três tiros.

*(Estampidos secos, como latidos. O homem na carruagem parada, a tragédia já estampada em seu rosto, que se contorceu em espasmos, enquanto as balas atingiam seu corpo. Cavalos empinando, carruagem sacudida. Os gritos estridentes de Enric, como os de uma mulher. E todos correndo.)*

Josep esquecera a lufada de fumaça que surgia a cada tiro, o cheiro de alguma coisa queimando.

O javali virou-se e correu direto para a única cobertura nas proximidades, algumas moitas na encosta. Houve um súbito silêncio. Josep ficou parado ali, tremendo, sem desviar os olhos das moitas em que o animal desaparecera.

O tempo passou devagar, talvez meia hora. Josep mantinha os olhos fixados nervosamente

nas moitas, a arma de prontidão para novos disparos. Mas o javali não saiu do lugar em que se escondera.

Dali a pouco Jaumet apareceu, com seu rifle.

– Ouvi os tiros. – Jaumet estudou as manchas de sangue que seguiam até as moitas. – É melhor esperar.

Josep acenou com a cabeça em concordância, sentindo um grande alívio pela presença de Jaumet.

Os dois ficaram de vigia.

Esperaram talvez por uma hora, mas nada aconteceu.

– Juntos – sussurrou Jaumet finalmente, gesticulando com o rifle.

Rifle e revólver apontados, os dois se adiantaram. O coração de Josep batia forte. Imaginou o javali prestes a atacá-lo quando Jaumet abriu a folhagem.

Mas não havia nada ali.

A trilha de sangue nas moitas levava até uma abertura sob uma projeção de rocha e terra. Jaumet sinalizou que era um refúgio.

– Alguma espécie de covil. Ele está lá dentro.

– Acha que continua vivo?

Jaumet deu de ombros.

– Ficaré escuro em duas ou três horas.

Josep estava preocupado. Se o javali ferido ainda vivesse e escapasse durante a noite, poderia se tornar muito perigoso.

– Precisamos de uma vara – disse Jaumet.

Josep foi até em casa e pegou um machado. Foi até o rio e cortou e limpou uma árvore nova.

Jaumet acenou com a cabeça ao ver a vara. Deixou o rifle encostado numa árvore e gesticulou para que Josep o seguisse até o covil.

– Esteja preparado.

Ele agachou-se diante da abertura. Enfiou a vara, cutucou para um lado e outro e pulou para trás. Depois, voltou e cutucou mais um pouco.

– O bicho está morto.

– Tem certeza?

Jaumet enfiou-se pela abertura e começou a puxar, grunhindo com o esforço.

Josep apontou o LeMat para a carcaça quando começou a sair do buraco, primeiro as pernas traseiras e o rabo, depois os quartos eriçados.

Os dois ficaram olhando para os ferimentos ensanguentados.

O javali estava indiscutivelmente morto, mas continuava a parecer indomável e feroz. Josep ainda o temia. Os dentes eram verdes e davam a impressão de ser muito afiados. Uma das presas inferiores estava rachada como a porta da igreja, estendendo-se a fenda da ponta afiada até a carne do javali.

– A presa devia doer bastante – comentou Josep.

Jaumet acenou com a cabeça.

– É uma boa carne.

– É o momento errado para esquartejar. Todos estão ocupados demais nos vinhedos. E se amanhã fizer calor...

Jaumet tirou a faca comprida da bainha. Josep ficou observando enquanto ele fazia um corte longo em diagonal pelo dorso do javali, mais dois na vertical. Arrancou um pedaço grande da pele e da camada de gordura. Cortou e removeu dois generosos pedaços quadrados da carne rosa que havia por baixo.

– O lombo, a melhor parte. Um pedaço para você, um para mim.

O resto da carcaça ensanguentada do javali, com dois enormes buracos no dorso, parecia inaproveitável. Josep foi guardar a carne em casa. Quanto voltou, Jaumet pegara duas pás e esperava-o para indicar o lugar apropriado para enterrarem o javali.

Josep deu seu pedaço de carne para Maria del Mar, que a princípio não se mostrou muito satisfeita em recebê-lo. Tivera um árduo dia de trabalho e não se sentia nem um pouco animada com a necessidade de cozinhar carne de javali imediatamente, antes que estragasse. Mas também se sentia tão aliviada pela eliminação da ameaça do javali que seus agradecimentos efusivos foram sinceros.

– Venha amanhã para comer conosco – disse ela, embora com alguma relutância.

Ao final da tarde seguinte, Josep sentou-se à mesa com Maria del Mar e Francesc. Ela fizera um ensopado do lombo com batatas e ameixas secas. Josep admitiu para si mesmo que o resultado era muito melhor do que ele conseguira com o coelho.

Uma noite, quando passava por Santa Eulália, ele avistou um bando de garotos gritando insultos uns para os outros, rolando pelo chão, engalfinhados, como animais. Eram jovens, à beira da vida adulta, ainda crianças sob muitos aspectos. Os que não eram primogênitos teriam de enfrentar muito em breve o desemprego, as dificuldades do mundo, a necessidade de lidar com o futuro.

Naquela noite ele sonhou com os garotos da aldeia desafiando uns aos outros e brigando... com a diferença de que eram a sua turma: Esteve, com o sorriso torto; Jordi, sempre mal-humorado; Xavier, muito sério, o rosto redondo; Manel, rindo para Enric, enquanto o imobilizava no chão; o esperto Guillem, observando os outros em silêncio. Quando acordou, Josep permaneceu na cama e especulou por que todos haviam partido – por que sempre seriam garotos em sua imaginação – enquanto ele sobrevivera para se preocupar com as coisas corriqueiras.

Ele trabalhava à vista da estrada naquela tarde quando, para sua surpresa e imenso prazer, Emilio Rivera aproximou-se, numa carroça puxada por um único cavalo.

– Ah, então teve negócios para tratar nas proximidades? – indagou Josep, depois dos cumprimentos.

Mas Rivera sacudiu a cabeça.

– Era um lindo dia de primavera. Senti a brisa agradável que soprava do mar e compreendi que não poderia permanecer na tanoaria. E pensei: subirei por aquelas lindas colinas e consertarei o tonel que pode criar problemas para o jovem Alvarez.

Josep mostrou o tonel avariado. Rivera examinou-o e balançou a cabeça. Trouxera algumas tábuas de carvalho na carroça, cortadas no sentido da granulação, já com o macho e a fêmea preparados. Logo Josep voltou a seu trabalho, enquanto ouvia, do telheiro atrás da casa, os sons confortadores do serrote e do martelo.

Rivera precisou de várias horas de trabalho até sair para o vinhedo e declarar que o tonel estava reparado, com a garantia de que não mais vazaria. Ao considerar a viagem e todo o tempo de trabalho que o homem consumira, Josep preparou-se para a má notícia ao perguntar quanto devia. Mas a resposta deixou-o agradecido e em dívida com Rivera. Desejou poder preparar o jantar para o tanoeiro, em agradecimento, um coelho ou uma galinha; em vez disso, porém, fez a melhor coisa seguinte. Logo os dois se sentaram à pequena mesa de Nivaldo, tomando vinho azedo com ele e comendo seu ensopado.

– Há uma coisa que eu gostaria de lhe mostrar – disse Josep, quando acabaram.

Ele levou o tanoeiro para examinar a porta rachada da igreja.

– Quanto custaria a madeira para trocar esta porta?

Rivera gemeu.

– Alvarez, Alvarez! Será que não tem único negócio lucrativo para me oferecer?

Josep sorriu.

– Talvez algum dia eu tenha. Eu deveria tê-lo preparado com um pouco mais de vinho antes de lhe mostrar esta porta.

– Diz que só querem a madeira?

– Isso mesmo.

– Tenho algumas boas tábuas de carvalho. Custarão mais do que a madeira que forneci para sua carroça. Devem ser bem aplainadas para que possam ser lixadas e pintadas, para fazer uma linda porta... Mas cobrarei um preço baixo pela madeira porque é para uma igreja.

– Como eu faria para juntar as tábuas?

– Como você as juntaria?

Rivera fez uma pausa, aturdido. Sacudiu a cabeça.

– Por um pouco mais de dinheiro, Juan pode abrir sulcos, ou canais, nos lados das tábuas. Pode também fazer as fasquias, com uma largura duas vezes maior do que o canal. Você cobre o canal de cola e mete a fasquia nele. Depois, põe cola no canal da outra tábua. Ajusta essa tábua na parte exposta da fasquia, pressionando com todo cuidado até que as beiras das tábuas fiquem unidas.

Josep contraiu os lábios e acenou com a cabeça.

– Depois que juntar as tábuas, use tornos bem grandes para apertar com firmeza. Deixe a porta assim durante uma noite, até a cola secar.

– Tornos grandes?

– Isso mesmo. Devem ser bem grandes e firmes. Alguém na aldeia tem tornos assim?

– Não.

Eles fitaram-se em silêncio por um momento.

– Você possui tornos desse tipo? – perguntou Josep.

– São tornos muito caros. Não permito que os meus saiam da tanoaria. – Rivera suspirou. – Mas que droga! Terei de usar os grampos durante as duas próximas semanas. Mas se você aparecer sozinho daqui a duas semanas, a contar de amanhã... e sozinho! Não quero um comitê da igreja em minha tanoaria. Não precisarei dos tornos durante uma semana e deixarei você trabalhar sozinho num canto. Pode montar e aprontar a porta. Juan e eu ficaremos de olho, para que não faça nada errado. Afora isso, não vamos perturbá-lo. Combinado?

– Combinado, *señor*.

Durante as duas semanas seguintes Josep trabalhou no vinhedo com um vigor redobrado, porque precisava completar a maior parte do trabalho para poder se dedicar à porta.

No dia marcado, atrelou Mulo à carroça, desceu das colinas e chegou à tanoaria por volta de meio-dia.

Rivera cumprimentou-o com alguma rispidez, mas a esta altura Josep já se acostumara com sua personalidade. Rivera cortara pedaços de barbante com as medidas da velha igreja, antes de deixar Santa Eulália. Tinha cinco tábuas aplainadas e bem canalizadas à espera de Josep, além de quatro fasquias e um recibo para a igreja. O custo da madeira era razoável. Mas quando as ajeitou em cima da mesa, no canto prometido, e examinou-as com todo cuidado, refletiu, ansioso, que se fossem estragadas por sua falta de habilidade, seria o responsável pela despesa.

Emilio Rivera, no entanto, não deixara muita coisa para que ele pudesse estragar. Levou bem pouco tempo, um fato que o surpreendeu, para juntar as duas primeiras tábuas. Seguiu as instruções de Rivera, pondo um bloco de madeira na fasquia e depois na segunda tábua, para absorver os choques das marteladas sem desfigurar a madeira da porta. Rivera ignorou-o, mas Juan verificou o trabalho e mostrou como prender os pesados tornos, necessários para manter as tábuas unidas sob pressão enquanto a cola secava. Josep deixou a tanoaria quando ainda restavam várias horas de claridade na tarde.

Com o novo conhecimento do tempo que passaria a cada dia absorvido com a fabricação da porta, Josep podia trabalhar de cinco a seis horas no vinhedo antes de partir para Sitges. Isso significava que, em geral, já era quase o crepúsculo quando deixava a tanoaria e seguia para o sul. Mas valia a pena ocupar aquelas poucas horas extras com as videiras. Além disso, ele achava agradável a viagem de volta para a aldeia, na escuridão, ao ar fresco da noite.

Na terceira noite, ao deixar Sitges, ele passou por algumas casas pequenas à beira-mar. Quase todas eram de pescadores, mas havia mulheres na frente de uma casa, murmurando convites para os homens que passavam.

Josep sentiu-se bastante tentado, mas a repulsa prevaleceu, pois eram mulheres desgraciosas, de aparência dura, cujo excesso de cosméticos não conseguia disfarçar como haviam sido maltratadas de maneira impiedosa pela vida. Já havia passado por uma das mulheres quando alguma coisa em suas feições despertou uma lembrança antiga.

– Solitário, *señor*?

– Renata? É você?

Ela usava um vestido preto amarrotado que aderira ao corpo, com um lenço escuro cobrindo a cabeça. Emagrecera e o corpo parecia mais sedutor, mas também dava a impressão de ser mais velha do que sua idade e de estar cansada demais.

– Isso mesmo, sou Renata. – Ela fitou-o atentamente. – Quem é você?

– Josep Alvarez. De Santa Eulália.

– De Santa Eulália? Deseja minha companhia, Josep?

– Claro.

– Então vamos para o quarto, meu amor.

Ela esperou enquanto Josep prendia Mulo numa cerca na frente da casa vizinha. Seguiu-a por um lance de escada recendendo a urina. Um homem corpulento, de terno branco, sentava a uma

mesa no alto da escada. Acenou com a cabeça para Renata quando os dois passaram.

O quarto era pequeno e sujo, com um catre, um lampião a óleo, roupas sujas empilhadas em dois cantos.

– Estive ausente por alguns anos. Fui procurá-la quando voltei, mas você havia partido.

– Mas agora me encontrou.

Ela estava nervosa. Falava depressa. Disse o que faria para lhe proporcionar prazer. Era evidente que não se lembrava dele.

– Estive na casa de sua mãe para vê-la, junto com Nivaldo Machado, o dono do armazém de Santa Eulália!

– Nivaldo!

Josep começara a tirar suas roupas. Viu-a estender a mão para o lampião.

– Não apague – disse ele. – Deixe aceso, por favor. Prefiro assim.

Renata deu de ombros. Levantou a bainha do vestido até os quadris, deitou no catre e ficou esperando.

– Não vai pelo menos tirar o lenço da cabeça?

Josep falou meio em tom de gracejo. Estendeu a mão e tirou o lenço, antes que ela pudesse impedi-lo. A frente da cabeça estava careca, coberta de suor, enquanto os cabelos da outra metade eram emaranhados e irregulares, como relva seca.

– O que aconteceu?

– Não sei. Alguma doença que você não vai pegar ao deitar comigo uma vez.

O tom era irritado. Ela estendeu a mão para abrir a calça de Josep, mas ele recuou.

Havia na perna uma erupção vermelha e inchada.

– Renata, Renata... prefiro esperar.

Ele deu outro passo para trás. Viu o rosto dela se contrair todo, enquanto os ombros tremiam, sem emitir nenhum som.

– Por favor...

Ela olhou para a porta e acrescentou:

– Ele fica muito zangado.

Josep enfiou a mão no bolso e tirou o dinheiro que havia ali. Renata pegou-o. Enxugou os olhos.

– Isso não vai durar muito tempo, *señor*. Não creio que seja variola. Mas mesmo que seja, dura apenas um ou dois meses e depois desaparece. Ficarei perfeita de novo. Voltará para me ver quando eu não tiver mais nada?

– Claro, Renata.

Josep saiu do quarto e desceu a escada. Subiu na carroça e sacudiu as rédeas para Mulo trotar até estarem bem longe da cidade.

Quando as tábuas ficaram unidas para formar a porta, Josep passou a trabalhar horas e horas, lixando a madeira, numa superfície lisa, sem nenhuma interrupção. Pintou-a com um verde-escuro, a única cor que Emilio Rivera podia oferecer. Arrematou com três camadas de verniz, cada uma brunida com uma lixa fina, até que o resultado final parecesse faiscar como vidro.

Levou a porta pronta para Santa Eulália na carroça, sobre um leito de cobertores. Assim que chegou a Santa Eulália, a porta sã e salva, ele deixou que os homens da igreja assumissem a responsabilidade por instalá-la, o que eles fizeram sem demora, utilizando os acessórios de bronze tirados da porta antiga.

Ele foi reembolsado do custo da madeira. Houve uma pequena cerimônia de inauguração. O padre Felipe aceitou a porta e agradeceu com uma bênção. O alcalde falou com entusiasmo da contribuição do tempo e energia de Josep, o que o deixou embaraçado.

– Por que fez isso? – perguntou Maria del Mar, no dia seguinte, quando se encontraram na aldeia. – Nem sequer vai à missa.

Josep balançou a cabeça e deu de ombros, incapaz de explicar... como era incapaz de explicar qualquer coisa para ela.

Para seu espanto, a resposta aflorou subitamente. Não fizera pela igreja.

Fizera por sua aldeia.

Cinco dias depois da inauguração da nova porta, dois clérigos apareceram na aldeia, numa carruagem puxada por dois cavalos. Entraram na igreja e passaram meio dia conversando com o padre Felipe Lopez. Saíram sozinhos e foram para o armazém com o cocheiro. Os três comeram pão com salame e beberam água do poço, antes de voltarem para a carruagem e partirem.

Naquela noite, Nivaldo falou com Josep sobre a breve visita dos padres. Nenhum dos dois soube de mais nenhuma coisa por mais três dias, quando o padre Felipe despediu-se de várias pessoas e deixou Santa Eulália para sempre, depois de doze anos de serviço como pastor da igreja da aldeia.

A notícia espalhou-se depressa e surpreendeu a aldeia. Os visitantes eram monsenhores do Centro Diocesano de Vocações, em Barcelona. Havia comunicado ao padre Felipe que ele fora transferido. Seria agora o confessor da congregação de mulheres religiosas no Convento das Reais Freiras Descalças, na Diocese de Madri.

A igreja ficou sem pastor por apenas cinco dias. Até que uma tarde um cavalo velho e cansado, puxando uma pequena carruagem de aluguel, atravessou a ponte, trazendo um padre magro e sombrio, usando um chapéu de aba larga. Quando saltou da carruagem, o padre correu os olhos pela praça, de trás dos óculos de lentes grossas, antes de entrar na igreja com sua mala.

O alcalde seguiu apressado para a casa paroquial assim que soube da chegada. Depois, Angel foi até o armazém e comunicou a Nivaldo e aos outros ali que o novo pároco era o padre Pio, natural de Salamanca. Viera para Santa Eulália depois de dez anos como pastor associado em Girona.

Naquele domingo, as pessoas que foram à missa acharam esquisito encontrar um estranho alto e magro de batina preta sacragrando a Eucaristia, em vez da visão familiar do rotundo padre Felipe. Em vez do estilo alternadamente jovial e untuoso do padre Felipe, o novo sacerdote era quase lacônico. Sua homilia foi uma história enigmática, como madre Maria mandara um dia um anjo à casa de uma família pobre, a fim de levar todos para o amor de Jesus, através da água de um cântaro que se transformava em vinho.

Era uma manhã de domingo como qualquer outra, exceto pelo fato de que havia um padre diferente na porta da igreja quando os fiéis foram embora. Surpreendentemente, poucas pessoas em Santa Eulália pareceram se importar com a mudança.

Ao longo da semana seguinte, o alcalde levou o padre Pio a todas as casas da aldeia, visitando cada família. Apareceram na casa de Josep no terceiro dia, quando ele estava no meio do trabalho da tarde. Mesmo assim, ele interrompeu o que fazia e convidou-os a sentarem no banco. Serviu vinho, observando o rosto do padre enquanto tomava os primeiros goles. O padre Pio bebeu como um homem, impávido, e Josep registrou, com aprovação, que ele não fez nenhum esforço para elogiar o vinho horrível.

– Acho que seria uma bênção, padre, se a madre ou o senhor pudesse de vez em quando transformar o nosso vinho em água – comentou Josep.

O padre não sorriu, mas alguma coisa faiscou em seus olhos.

– Acho que não estive na igreja no domingo, *señor*.

Não era uma acusação, mas a declaração de um fato.

– Não, padre, não estive.

– Mas está se referindo à minha homilia?

– Nesta aldeia, cada notícia é compartilhada e recebida como o bom pão.

– Foi Josep quem fez a nova porta de nossa igreja – informou Angel. – Não acha que é uma bonita porta, padre?

– É mesmo bonita. Uma excelente porta, e seu trabalho, uma generosa contribuição. – Agora o padre sorriu. – Espero que se lembre de que sua porta da igreja abre com facilidade.

Ele tomou o resto do vinho, corajoso, e levantou-se.

– Deixaremos que volte agora ao seu trabalho, *señor* Alvarez.

O novo padre parecia estar lendo os pensamentos de Josep. Angel apontou com o queixo para a propriedade de Quim.

– Sabe quando ele voltará? Batemos em sua porta, mas não havia ninguém em casa.

Josep deu de ombros.

– Não sei, alcalde.

– Tenho certeza de que o verá com frequência, padre – disse Angel, com evidente aversão. – Ele parece ser um homem muito religioso.

Josep gostava de passear à noite entre as fileiras de videiras, nas quais passava o dia inteiro trabalhando. Foi por isso que se encontrava na beira de seu vinhedo naquela noite, em plena escuridão, sentindo um pouco de frio, quando ouviu o som desconhecido. Por um momento de pânico, pensou que era outro javali. Mas compreendeu no instante seguinte que eram soluços humanos. Saiu de sua propriedade, à procura da origem do som.

Quase tropeçou em um corpo, no meio do mato crescido.

– Ah, meu Deus...

As palavras irradiavam uma mágoa profunda. Josep conhecia aquela voz rouca.

– Quim?

O homem continuou a chorar. Josep podia sentir o cheiro de conhaque. Ajoelhou-se ao lado.

– Venha comigo, Quim. Deixe-me levá-lo para casa, meu velho amigo.

Josep levantou-o com alguma dificuldade. Meio arrastando, meio carregando, levou-o para a casa. As pernas de Quim estavam bambas, incapazes de sustentar o corpo. Dentro da casa, Josep bateu no escuro, até encontrar o lampião a óleo. Mas não fez nenhuma tentativa de subir com Quim. Em vez disso, foi sozinho até o quarto fétido e desceu com o colchão, que estendeu no chão da cozinha.

Quim havia parado de chorar. Sentou-se no chão, encostado na parede, e ficou observando, apático, enquanto Josep acendia o fogo e punha para esquentar um bule com café, talvez feito fazia vários dias. Havia um pedaço de pão duro na caixa. Quim pegou o pão estendido pelo vizinho, mas não comeu. Quando o café esquentou, Josep serviu-o numa caneca. Soprou até que desse para beber, antes de levar a caneca aos lábios de Quim.

Quim tomou um gole e gemeu.

Josep sabia que o café devia estar horrível, mas não retirou a caneca.

– Só mais um gole, Quim, com um pedaço do pão.

Mas Quim voltara a chorar, agora silenciosamente, o rosto virado para o lado. Momentos depois, suspirou e esfregou os olhos, ainda com o pão na mão.

– Foi o desgraçado do Angel Casals.

Josep ficou confuso.

– Como assim?

– Angel Casals, aquele nojento. Foi Angel quem conseguiu a transferência do padre Felipe.

– Angel? Não é possível.

– É sim. O alcalde, o velho ignorante e sórdido. Não suportava olhar para nós. Sabíamos disso.

– Não pode ter certeza.

– Mas tenho. O alcalde queria que deixássemos a aldeia. Conhece alguém que conhece alguém nos altos escalões da Igreja em Barcelona. Só precisou disso. Fui informado.

– Sinto muito, Quim. – Mas Josep não podia oferecer nenhuma cura, nem sequer conforto. – Deve tentar se controlar, Quim. Passarei por aqui amanhã e baterei em sua porta. Tem algum problema se eu deixá-lo sozinho agora?

Quim não disse nada. Demorou um pouco para fitar Josep e acenar com a cabeça.

Josep virou-se para sair. Parou de repente, com a visão de Quim derrubando o lampião e incendiando a casa. Apagou-o e levou-o para fora.

– Boa-noite, Quim.

Ele fechou a porta na noite escura e silenciosa.

Pela manhã, ele foi cedo até o armazém. Comprou pão, queijo e azeitonas. Deixou a comida na porta de Quim, junto com um jarro de água fresca. Na volta, passou pelo lugar em que encontrara o vizinho embriagado dando vazão a seu sofrimento, entre as videiras. Encontrou ali perto os cacos de uma garrafa de conhaque vazia, que acertara numa pedra ao ser jogada para longe. Recolheu os cacos, com todo cuidado, antes de se permitir o alívio bem-vindo de voltar a seu próprio trabalho.

## Uma conversa com Quim

Josep adorava ver o que o advento do verão fazia com suas videiras. No Languedoc, podava variedades de videiras que não eram tão resistentes quanto as plantas nativas da Espanha. Havia videiras francesas que precisavam ser sustentadas por arames caros, estendidos ao longo de cada fileira e presos em estacas. Em sua própria terra, Josep podava as videiras espanholas como sempre haviam sido preparadas por sua família, para que cada uma fosse capaz de se sustentar sozinha, como um pequeno vaso verde, os galhos projetados para o sol.

Em contraste com seu vinhedo sempre bem cuidado, a propriedade de Quim Torras era uma autêntica selva, as videiras mal podadas ou ignoradas, o mato alto por toda parte. Quim parecia estar evitando Josep, talvez por embaraço. Nivaldo informou a Josep que seu vizinho vinha jantando no armazém, de uma forma mais ou menos regular. Josep encontrou-o duas vezes na estrada e parou, com a intenção evidente de conversar. Mas Quim passou apressado, desviando os olhos vermelhos. Nas duas ocasiões, Josep percebeu que seu andar era trôpego.

Por isso, Josep ficou surpreso, mas satisfeito, quando Quim bateu em sua porta ao final de uma tarde. Parecia sério e sóbrio. Josep cumprimentou-o efusivamente. Ofereceu pão, chouriço e queijo, mas Quim sacudiu a cabeça em negativa.

– Preciso conversar com você sobre outra coisa.

– Como quiser.

Quim hesitou, como se procurasse a maneira certa de começar. Finalmente, suspirou e disse:

– Estou deixando Santa Eulália.

– Vai embora, Quim? Por quanto tempo?

Quim deu um sorriso desanimado.

– Para sempre.

– Mas como? – Josep estava preocupado. – Para onde vai?

– Tenho uma prima em San Lorenzo de El Escorial, uma boa mulher, a quem sou muito devotado. Ela tem uma lavanderia em San Lorenzo. Lava as roupas dos nobres e dos ricos, um bom negócio. Mas está velha. No ano passado me convidou para morar com ela, para ajudá-la a cuidar da lavanderia. Na ocasião, eu disse que não podia. Mas agora...

– Vai permitir que Angel o expulse da aldeia?

Josep se dava bem com Angel, mas não gostava da maneira como ele tratava Quim. Mas Quim descartou a ideia com um aceno de mão.

– Angel Casals não tem a menor importância. San Lorenzo não fica perto de Madri, mas também não é muito longe. Poderei me encontrar com o padre Felipe de vez em quando. Entende agora?

Josep entendia.

– E o que acontecerá com seu vinhedo, Quim?

– Quero vendê-lo.

Josep achou que compreendia agora o motivo da conversa.

– E quer que eu negocie com Angel por você?

– Angel? Ele não está mais procurando uma terra para Tonio. Além do mais, não quero que aquele desgraçado fique com minha propriedade.

– Mas... não há mais ninguém.

– Há você.

Josep não sabia se ria ou chorava.

– Não tenho dinheiro para comprar sua terra. – Quim já devia saber disso, pensou ele, irritado. Amargurado, Josep acrescentou: – Tenho de usar até os últimos cêntimos para pagar meu irmão e a esposa. Depois que vendo as uvas, sobra muito pouco para luxos, como comida. Acorde, homem!

Mas Quim se manteve obstinado:

– Trabalhe a minha terra como trabalha a sua. Venda as uvas. Isso não tornará sua vida muito mais difícil. Preciso de um pouco de dinheiro agora e mais um pouco quando fizer a primeira colheita de minha terra, a fim de me instalar em San Lorenzo. Depois disso, sempre que tiver algum dinheiro de sobra, mande para mim. Não me importa que leve muitos anos para pagar o vinhedo.

Josep ficou assustado com essa nova complicação. Pressentia o perigo e desejou que Quim nunca tivesse batido em sua porta.

– Está bêbado, Quim? Tem certeza de que sabe o que faz?

Quim sorriu.

– Não estou bêbado. – Ele apertou o braço de Josep. – Além do mais, não tenho de escolher entre muitos compradores.

Josep aprendera uma coisa com Rosa.

– Devemos ter um papel que os dois assinem.

Quim deu de ombros.

– Pois então providencie esse papel.

Josep passou a maior parte da noite sentado à sua mesa, o lampião a óleo projetando uma amarelada e sombras escuras ao redor, enquanto se remexia na cadeira, lendo e relendo sua cópia do acordo que permitia comprar a terra de Rosa e Donat.

Finalmente, pegou tinta em pó, uma pena rombuda num cabo de madeira e dois papéis dobrados, tudo tirado de uma pequena caixa de madeira em que o pai os guardara, ninguém sabia havia quanto tempo. Um dos papéis continuava branco, mas o outro se tornara amarelado; Josep não se importava com qual daria a Quim e com qual ficaria. Ele pôs um pouco do pó preto num copo, acrescentou água e mexeu com uma vareta seca de videira até virar tinta.

Depois, começou a copiar a maior parte do documento que fora escrito pelo primo de Rosa, o advogado. Josep não tinha experiência de escrever. Apertava a pena quase desesperadamente. Às vezes a ponta da pena prendia na superfície do papel, espalhando tinta sobre a palavra que escrevia. Em outras ocasiões, esquecia de raspar a pena na borda do copo para tirar o excesso de tinta, o que deixava o papel cheio de manchas escuras, por duas vezes cobrindo metade de uma palavra. Teve então de riscar as letras remanescentes e escrever a palavra de novo. Muito antes de chegar ao meio da primeira transcrição, já suave demais e sentia o maior nervosismo.

Passou muito tempo pensando no preço justo para a propriedade de Quim. O vinhedo de Torras era negligenciado e malcuidado fazia gerações. Não parecia justo para Josep que valesse tanto quanto a terra de sua família, que sempre fora bem cuidada. Ao mesmo tempo, sabia que Quim estava lhe vendendo o vinhedo em termos extremamente generosos. Ao final, ele calculou o preço da terra de Torras como igual ao que pagara pela propriedade do pai, sem o desconto fraternal que pedira e recebera de Donat, como seu direito. Copiou o primeiro contrato literalmente, exceto por quatro mudanças. O nome do vendedor era diferente, a data era diferente e ele omitiu qualquer menção à frequência com que os pagamentos seriam efetuados, ou qualquer indicação de que haveria uma penalidade para pagamentos atrasados.

Quim não sabia ler. Josep leu o documento para ele, devagar, em voz muito alta. Parava de vez em quando e indagava se Quim tinha alguma pergunta a fazer. Mas não havia nenhuma. Quim aprendera a escrever seu próprio nome. Quando Josep terminou a leitura, ele pegou a caneta, mergulhou-a na tinta e rabiscou as letras nas duas cópias.

Josep também assinou. Depois, contou o primeiro pagamento e entregou-o. A transação parecia irreal e talvez injustificada; sentia-se culpado, como se estivesse fraudando o vizinho para lhe tirar a propriedade da família Torras.

– Tem certeza, Quim? Ainda podemos rasgar os papéis e cancelar o negócio.

– Tenho certeza.

Josep entregou a Quim a cópia no papel branco e ficou com o amarelado.

Dois dias depois, ele atrelou Mulo na carroça e levou Quim até Sitges. Ali, Quim pegaria uma diligência puxada por bois para o oeste. A diligência fazia várias paradas e era muito mais lenta

do que o trem, mas também era muito mais barata. Pertencia e era conduzida por um velho amigo de Quim, Faustino Cadafalch. Quim apresentou-o a Josep.

– Quando quiser me mandar uma mensagem, pode entregar a Jonatán, que providenciará para que eu a receba.

Josep compreendeu que uma mensagem, naquele caso, significava um pagamento. Nunca fora íntimo de Quim, mas sentiu-se bastante comovido quando se despediram. Quim era um lavrador descuidado e negligente, bêbado ainda por cima, mas também era uma boa alma, um espírito alegre, um vizinho indulgente e cordial, uma ligação com sua infância e com seu pai. Trocaram um abraço longo e apertado.

Depois, Quim entregou sua mala a Jonatán e embarcou na diligência, junto com outro homem e duas freiras idosas. Jonatán sentou-se em seu banco, pegou as rédeas, estalou o chicote e os bois partiram.

Ao voltar para casa, Josep cuidou primeiro do conforto de Mulo, depois foi para o vinhedo.

Era estranho.

Um papel assinado, um pouco de dinheiro entregue e o limite invisível entre o vinhedo de Torras e o de Alvarez desaparecera.

Mas ele sabia que, em sua mente, o limite sempre persistiria, mais tênue e não mais proibitivo, assinalando a separação entre a terra de seu pai...

... e a sua própria.

Ele embrenhou-se pelo que fora outrora o vinhedo do vizinho. Estudou a confusão de mato incontrolado com uma nova consternação. Uma coisa era observar com uma desaprovação fria a negligência do vinhedo de outro, outra muito diferente era encarar o fato de que agora tinha responsabilidade pelas ervas daninhas que desviavam os nutrientes e a umidade das videiras.

Quim simplesmente fora embora deixando múltiplos problemas, as ferramentas rombudas e sem lubrificação, a casa uma sujeira fedorenta, as videiras lutando por luz e ar.

Josep teria de cuidar de tudo, mas sabia qual era a prioridade. Em seu barracão de ferramentas, encontrou uma foice e a lima do pai. Afiou a lâmina até se tornar perigosa para testar com o dedo.

Depois, tirou a camisa e foi com a foice para o vinhedo de Quim. Um momento depois, começou a trabalhar, a lâmina subindo alto, os braços balançando ao baixá-la, para subir de novo, descrever outro arco. E Josep foi avançando, devagar, mas determinado, deixando em sua esteira um espaço aberto entre as fileiras de videiras.

No dia seguinte, ele atrelou Mulo ao arado e revolveu o solo nas áreas que ceifara no dia anterior. Só depois pôde iniciar o trabalho mais árduo, de arrancar com as mãos as raízes e ervas daninhas que haviam se acumulado perto das videiras. Lentamente, as plantas saíam quando ele puxava e puxava. Ficou impressionado ao constatar que muitas videiras eram antigas. A maioria dos plantadores, ele sabia, substituía as videiras a intervalos de 25 anos, quando alcançavam a

meia-idade, em termos humanos, passando do período de máxima produção de uvas. Seu pai substituíra videiras nas fileiras que eram de acesso mais fácil, deixando intactas as nos lugares mais difíceis de trabalhar, as encostas e cantos quase inacessíveis. A família de Quim quase nunca substituíra uma videira. Josep calculou que algumas das videiras agora livres das ervas daninhas deviam ter cem anos. Embora ainda produzissem uvas pequenas, com um sabor maravilhoso, eram enroscadas e tortas, como troncos ressequidos que as ondas levavam para a praia... velhas estendidas ali para assarem ao sol.

Precisou de vários dias para arrancar o mato com as mãos, até alcançar os limites externos do vinhedo. Quando parou para tirar um lenço do bolso e enxugar o rosto suado, contemplou com satisfação o vinhedo transformado, as videiras não mais atacadas pela selva.

Olhou para o vinhedo vizinho, a bem cuidada propriedade de Valls. Nem Francesc nem Maria del Mar estavam à vista. No dia anterior, avistara Maria del Mar, que interrompera seu trabalho para trocarem um aceno. Ela devia estar ansiosa para saber por que ele trabalhava no vinhedo de Torras, preocupada com a possibilidade de Quim ter sofrido alguma calamidade. Josep sabia que no próximo encontro ela se aproximaria para perguntar. E se perguntava como ela reagiria ao saber que agora eram vizinhos.

Agora, seu mundo de trabalho dobrara. Logo se acostumou a percorrer longas fileiras sem parar ao alcançar o limite do vinhedo de Alvarez e entrar no que sempre seria em sua mente o vinhedo de Torras.

À medida que os dias foram se tornando mais longos e mais quentes, enquanto as uvas se formavam e cresciam, ele compreendeu que era melhor cuidar agora da casa abandonada de Quim, antes que a ansiedade da colheita não lhe deixasse tempo para mais nada.

A casa era um desastre.

Ele tirou o lixo – um cesto grande de grãos fermentados e estragados que estava no sótão, roupas imundas, trapos enegrecidos que nem valia a pena lavar, dois colchões fedorentos. Empilhou tudo, derramou um pouco de óleo e ateou fogo. Afiou as ferramentas de Quim, passou óleo nos cabos de enxadas, pás e ancinhos. Salvou o que podia: dois barris que pareciam ainda sólidos, fragmentos de madeira que podiam alimentar seu fogo no inverno, um cesto cheio de pregos, parafusos, duas sovelas, um dedal e uma dobradiça enferrujada, uma pequena panela de cobre e uma frigideira de ferro enferrujada e 31 garrafas de diferentes formatos, algumas ainda com crostas da lama do rio de onde Quim as tirara. Encontrou uma caixa com sete copos de vinho empoeirados. Lavados, descobriu que eram antigos e belos, feitos com um frágil vidro verde. Um deles estava bastante rachado e Josep jogou-o fora. Guardou os outros seis como um tesouro.

Quando a casa de Quim ficou vazia, ele deixou a porta e as janelas abertas por dez dias. Depois, passou a usar a casa como uma combinação de barracão de ferramentas e depósito. Era mais conveniente percorrer uma distância menor para buscar o que precisava quando trabalhava no vinhedo de Torras.

Em Sitges, onde fora comprar um saco de enxofre, ele encontrou na rua com Juan, o idoso

trabalhador na tanoaria de Emilio Rivera. Polido, parou para uma conversa. Juan falou do trabalho na tanoaria, do calor que fazia, da falta de chuva. Fitou Josep com uma expressão especulativa, antes de comentar:

– Emilio me disse que você não é casado.

Josep esperou.

– Tenho uma sobrinha. Casada durante apenas seis anos. Viúva há seis anos. Juliana.

Josep limpou a garganta.

– Filhos?

– Infelizmente, sem filhos.

– Ahn... Que idade?

– Ainda jovem. Forte. Pode gerar filhos. E pode ajudar um homem em seu trabalho. Juliana não tem medo de trabalhar... Falei com ela sobre você.

Josep não disse nada.

– Gostaria de conhecê-la?

– Humm... Por que não?

– Ótimo. Ela trabalha numa cantina perto daqui. Eu lhe pagarei um vinho.

Josep seguiu-o, nervoso.

Era uma cantina para trabalhadores e estava lotada. Juan levou-o para uma mesa escalavrada. Um momento depois, tocou em sua mão.

– Ali.

Josep verificou que a mulher era mais velha do que ele, com o corpo voluptuoso que começava a se tornar flácido, o rosto simpático e bem-humorado. Observou-a trocar gracejos com quatro homens a uma mesa próxima. Ela tinha uma risada alta e estridente.

Quando ela se virou para os dois, Josep sentiu um pânico crescente.

Tentou dizer a si mesmo que era uma oportunidade. Que precisava conhecer novas mulheres.

Ela cumprimentou Juan efusivamente, com dois beijos, chamando-o de tio. Juan fez as apresentações, a voz rouca:

– Juliana Lozano, Josep Alvarez.

Ela acenou com a cabeça e sorriu. Fez uma pequena reverência. Quando pediram vinho, ela trouxe o mais depressa possível. Perguntou a Josep:

– Quer uma sopa de feijão-branco?

Ele acenou com a cabeça em aceitação, embora não estivesse com fome. Mas ela não se referia à comida da cantina.

– Amanhã de noite. Eu faço uma sopa de feijão-branco. Combinado?

Juliana sorriu. Ele retribuiu o sorriso.

– Combinado.

– A casa no outro lado da rua, segundo andar.

Quando Josep inclinou a cabeça, ela acrescentou:

– A porta do meio.

As nuvens escondiam a lua na noite seguinte. A rua era mal iluminada por um lampião. A escada da casa era ainda mais escura. Josep levava um pão comprido, como sua contribuição para o jantar. Subiu a escada na semiescuridão, entrou num corredor estreito e bateu na porta do meio.

Juliana recebeu-o na maior animação. Aceitou o pão, partiu-o ao meio com dois movimentos firmes e pôs na mesa.

Ele foi sentando sem nenhuma cerimônia. A sopa de feijão-branco era bem temperada. Os dois comeram com o maior entusiasmo. Josep elogiou-a pelos dotes culinários. Ela sorriu.

– Trouxe a sopa da cantina.

Os dois riram. Conversaram um pouco sobre o tio Juan. Josep relatou como Juan o tratara muito bem na tanoaria.

Dali a pouco, antes mesmo que ele tomasse a iniciativa de beijá-la, Juliana levou-o para a cama, com a mesma naturalidade com que servira a sopa.

Antes de meia-noite, Josep voltou para casa, o corpo mais leve e relaxado, mas com um inesperado fardo na mente. Fora como um pedaço de um fruto que descobrira ser comestível e sem defeito, pensou ele, mas não tão doce quanto esperava. Ele se manteve encurvado e meditativo, enquanto seguia pela estrada que levava a Santa Eulália.

Josep compreendia a perplexidade de algumas pessoas na aldeia. Deixara Santa Eulália como um garoto sem emprego. Ao voltar, para surpresa de todos, assumira o controle do vinhedo do pai. Agora, possuía também o vinhedo de Torras.

– Será capaz de trabalhar nos dois vinhedos sozinho? – perguntou Maria del Mar, em dúvida.

Josep já pensara a respeito.

– Se você e eu continuarmos a trabalhar juntos na colheita, como fizemos antes, contratarei alguém para colher as uvas das videiras de Quim. Um colhedor deve ser suficiente, já que a colheita de Quim será muito menor do que as nossas.

Ela concordou com a proposta. Josep podia escolher entre os jovens da aldeia um que não era primogênito. Optou por Gabriel Taulé, um jovem de dezessete anos, sério e retraído, que tinha três irmãos mais velhos. Conhecido por todos como Briel, o jovem ficou aturdido com a oferta de trabalho e aceitou com a maior ansiedade.

Josep lavou seus tonéis de vinho e depois foi cuidar dos tanques sob uma extensão do telhado no lado da casa de Quim. Ficou perturbado com o que viu ao começar a limpá-los. Dois dos recipientes tinham áreas que o fizeram lembrar, da maneira mais desagradável possível, da parte apodrecida em seu tonel trocada por Emilio Rivera. Mas disse a si mesmo que não adiantava se preocupar com problemas se não tinha certeza se existiam mesmo. Lavou os tonéis com água e uma solução de enxofre, preparando-os para guardar o sumo das uvas.

À medida que o verão se transformou em outono, os cachos de uvas nas videiras foram se tornando púrpura e escuros. Josep circulava entre as videiras todos os dias, provando e saboreando: ora o sabor picante de uma uva pequena de uma velha Garnacha, ora a promessa suculenta e complexa da uva de uma Ull de Llebre, ora o gosto ácido da uva de uma das Sumolls.

Ele e Maria del Mar concordaram uma manhã que as uvas, de modo geral, haviam alcançado um ponto de amadurecimento ideal. Josep chamou Briel Taulé. Deixou-o com Mulo e a carroça de transporte de uvas no vinhedo de Torras.

Josep, Maria del Mar e Quim haviam trabalhado juntos muito bem, mas ele descobriu agora que era muito melhor a colheita só com ela. Os dois pensavam da mesma maneira sobre as tarefas e atuavam em dupla, quase não precisando falar. Ele atrelara a mula de Maria del Mar à sua própria carroça. Os únicos sons que ouviam eram os estalos das facas afiadas cortando os cachos, largados nos cestos. Trabalhavam sob um sol radiante. As roupas logo ficaram encharcadas de suor, grudadas no corpo, com manchas escuras das intimidades. Francesc pairava por perto, de vez em quando buscando um copo com água para um ou outro, da moringa deixada na sombra, por baixo da carroça. Ou então montava na mula.

Às vezes, Briel, sozinho e perdido no devaneio do trabalho, permitia-se um arroubo de canto, em voz alta e desafinada. Era mais uma sucessão de gritos e uivos do que canto. A princípio, quando ouviam, Josep e Maria del Mar trocavam sorrisos irônicos. Contar com uma carroça

grande era um luxo; embora Maria del Mar e Josep cortassem os cachos mais depressa, Briel enchia a carroça menor num instante. Cada vez que isso acontecia, ele gritava para avisar. Josep largava a faca e se apressava para ajudá-lo a levar a carga até a prensa.

Josep tinha plena noção de que, durante suas frequentes viagens até a prensa com as uvas do vinhedo de Torras, Maria del Mar continuava a trabalhar sozinha em seu próprio vinhedo. Era uma contribuição de tempo e energia acima e além dos termos do acordo de trabalho. Ao final do dia, depois que mandou Briel para casa e Maria del Mar desatrelou sua mula e também foi para casa, a fim de fazer o jantar do filho, Josep continuou a trabalhar sozinho no vinhedo dela.

Uma hora depois, quando saiu de casa para jogar as migalhas de sua mesa para os passarinhos, ela avistou Josep, inclinado para uma videira, usando a faca. Aproximou-se.

– O que está fazendo?

– Minha parte do trabalho.

Ao fitá-la, Josep descobriu que ela estava tensa de tanta raiva.

– Você me insulta.

– Como faço isso?

– Quando eu precisava de ajuda para obter um preço justo por meu trabalho, você deu um jeito. Disse na ocasião que fez o que qualquer homem teria feito. Foram suas palavras exatas. Mas agora não se permite aceitar nenhuma ajuda de uma mulher, por menor que seja.

– Não é bem assim.

– É exatamente assim. Você me desrespeita de uma maneira que não faria com um homem. Quero que saia do meu vinhedo até amanhã.

Josep sentiu que também ficava com raiva. As mulheres são insuportáveis, pensou ele. Maria del Mar distorcia as coisas, deixava-o confuso, como sempre.

Estava irritado, mas também se sentia cansado e sujo, sem a menor disposição para brigas estúpidas. Praguejou silenciosamente, levou a cesta para a carroça e foi para casa.

Na manhã seguinte, por um breve instante, houve certo constrangimento entre os dois. Mas os ritmos do trabalho compartilhado logo relegaram para segundo plano as palavras irritadas que haviam trocado na noite anterior. Josep continuou a interromper seu trabalho e se afastar sempre que Briel avisava que precisava de ajuda. Mas ele e Maria del Mar se davam muito bem juntos. Josep estava satisfeito com o progresso da colheita no vinhedo dela.

A manhã seguia pela metade quando Briel apareceu no vinhedo de Maria del Mar. Josep compreendeu no mesmo instante que havia alguma coisa errada.

– O que foi?

– É o tonel, *señor*.

Josep sentiu um aperto no coração quando viu o tonel. Não chegava a jorrar, mas o sumo das uvas deixava trilhas úmidas na parte externa. Havia seis tonéis enfileirados à sombra no lado da

casa de Quim. Ele estudou-os e apontou para o menos suspeito, embora não houvesse muita coisa para diferenciá-los.

– Use aquele.

Ao final da tarde, quando ainda trabalhava, ele avistou Clemente Ramirez conduzindo sua enorme carroça pela estrada que levava ao rio, a fim de lavar seus barris.

– Olá, Clemente! – gritou Josep.

Ele correu para interceptar a carroça. Levou Clemente para examinar os tonéis. Depois de estudá-los com a maior atenção, Clemente sacudiu a cabeça.

– Esses dois estão perdidos. – Ele apontou. – Repará-los seria jogar dinheiro bom atrás de ruim. Este aqui, eu acho, Quim Torras ainda pode usar por mais alguns anos.

Clemente deu de ombros.

– Posso voltar amanhã e tirar mais cedo o sumo deste aqui. Fermentará na fábrica de vinagre. É claro que isso significa que pagarei um pouco menos a Quim, mas...

– Quim foi embora.

Clemente ficou impressionado ao saber que Josep possuía agora o vinhedo de Torras, além do de Alvarez.

– Jesus Cristo, devo tratá-lo muito bem, pois nesse ritmo você acabará se tornando um grande proprietário de terras e, depois, nosso governador.

Josep não se sentia um grande proprietário e um governador ao voltar ao trabalho. Já sabia que precisaria de um bom tempo antes de tornar lucrativo o vinhedo de Torras. Descobria agora que o retorno pela colheita naquele primeiro ano seria ainda menor do que previra. A avaliação dos tonéis por Clemente era a pior notícia possível.

Novos tonéis eram muito caros.

E ele não tinha dinheiro para novos tonéis.

Amaldiçoou o dia em que ouvira as súplicas de Quim e concordara em comprar seu vinhedo. Era um tolo por ter se compadecido de um vizinho que era um velho bêbado e um lavrador fracassado, disse a si mesmo, amargurado. Agora, antes mesmo de se tornar um verdadeiro cultivador de uvas, tinha medo de ser arruinado por Quim Torras.

Num nevoeiro de desespero, Josep concluiu a colheita em mais quatro dias, forçando-se a não pensar em seus problemas. Mas no dia seguinte à colheita e prensagem de todas as uvas, ele seguiu para Sitges. Encontrou Emilio Rivera em sua refeição do meio-dia, na tanoaria, o rosto avermelhado expressando prazer enquanto tomava uma sopa de bacalhau temperada com muito alho e vinagre de maçã. Emilio indicou uma cadeira. Josep sentou-se e esperou, contrafeito, que o homem mais velho acabasse de comer.

– O que aconteceu? – perguntou Emilio.

Josep contou toda a história: a partida de Quim, o contrato dos dois e a desastrosa descoberta dos tonéis de fermentação apodrecidos.

Emilio ouviu com uma expressão grave.

– Não dá para consertar?

– Não, não dá.

– O mesmo tamanho do tonel que reparei para você?

– Isso mesmo. Quanto custariam dois tonéis novos?

Quando Emilio informou, Josep fechou os olhos.

– E esse é o meu melhor preço.

Josep sacudiu a cabeça.

– Não tenho esse dinheiro. Se pudesse trocar os tonéis antes da colheita do próximo ano, teria condições de pagar em seguida.

Isto é, acho que teria condições de pagar, corrigiu Josep, mentalmente.

Emilio empurrou para o lado a tigela vazia de sopa.

– Há coisas que você precisa compreender, Josep. Uma coisa é lhe dar uma ajuda para consertar uma carroça, ou para trocar a porta de uma igreja. Fiz essas coisas com a maior satisfação, porque sei que você é uma boa pessoa. Gosto de você. Mas... não sou um homem rico. Trabalho duro para viver, como você. Mesmo que fosse filho da minha irmã, eu não poderia usar carvalho de primeira para fazer dois tonéis grandes sem receber nenhum dinheiro. E você não é o filho de minha irmã.

Josep acenou com a cabeça.

Os dois permaneceram sentados em silêncio, infelizes.

Emilio suspirou.

– Aqui está o melhor que posso fazer por você. Se me pagar um dos tonéis agora, adiantado... para que eu possa comprar a madeira... farei os dois tonéis e poderá me pagar o segundo depois da colheita do próximo ano.

Josep continuou calado por um longo momento.

Tentou agradecer a Emilio ao se levantar para ir embora. O tanoeiro acenou com a mão para dispensar os agradecimentos. Mas chamou-o antes que ele alcançasse a porta:

– Espere um instante. Venha comigo.

Ele levou Josep através da tanoaria até um depósito abarrotado. Apontou para uma pilha de barris com menos da metade do tamanho dos barris comuns.

– Tem algum proveito para esses barris?

– Eu poderia usá-los, mas...

– São quatorze barris, cada um de cem litros. Fiz há dois anos para um homem que queria usá-los para colocar anchovas. Ele morreu e os barris estão aqui desde então. Todo mundo quer barris de 225 litros. Não encontro ninguém disposto a tirar esses barris de cem litros de minhas mãos. Se tiver como usá-los, acrescentarei uma coisinha de nada à sua conta.

– Não preciso realmente desses barris. E não posso me dar ao luxo de comprá-los.

– Também não pode se dar ao luxo de recusá-los, pois os estou dando praticamente de graça.

– Emilio pegou um dos barris e pôs nas mãos de Josep. – Eu disse uma coisinha. Será mesmo muito pouco. Tire esses barris daqui antes de partir.

Ele falou em tom ríspido, tentando parecer um homem acostumado a fazer negócios difíceis.

Mais três semanas se passaram antes que Clemente Ramirez voltasse e levasse o resto do vinho de Josep. Depois que Ramirez pagou, Josep entregou a parte de Maria del Mar. Depois, seguiu para Sitges, a fim de entregar a Emilio o dinheiro adiantado que haviam combinado.

Teve uma breve disputa em sua consciência sobre o segundo pagamento para Quim Torras. Afinal, era por causa de Quim que se metera na dificuldade financeira que o impedia agora de dormir direito à noite. Mas o homem mais velho deixara claro que precisava do dinheiro para efetuar as mudanças em sua vida, e Josep sabia que era sua a responsabilidade de examinar os tonéis e a casa antes de concordar em assumir o vinhedo.

Perturbava-o ter de entregar o dinheiro em confiança ao amigo de Quim, Cadafalch. O cocheiro era um estranho para Josep. Mas Quim o indicara. Josep, não vendo alternativa, foi procurar Cadafalch.

Contou o dinheiro e entregou a Cadafalch. Entregou também o recibo que escrevera para a transação e mais algumas pesetas.

– Por favor, peça a Quim para assinar o recibo e traga-o de volta. Eu lhe darei mais algum dinheiro quando vier buscá-lo.

Cadafalch fitou-o com um olhar penetrante, mas sorriu para demonstrar que compreendia a posição de Josep. Sem se ofender, ele acenou com a cabeça, guardou o dinheiro e o recibo numa bolsa de couro e desejou um bom dia a Josep.

Naquela noite, Josep sentou-se à sua mesa e pôs o dinheiro à sua frente. Primeiro, separou da

pequena pilha os pagamentos que teria de fazer para Donat e Rosa antes da colheita do próximo ano. Depois, separou uma quantia menor para suprimentos e comida.

O que restava era muito pouco, insuficiente para qualquer emergência que pudesse ocorrer. Ele passou muito tempo sentado ali, imóvel, antes de guardar o dinheiro e ir para a cama, angustiado.

Na tarde seguinte, ele se sentou no banco na frente da casa e preparou-se para provar o vinho que guardara da prensagem para seu consumo pessoal. Acalentava a esperança de que tivesse ocorrido um milagre para tornar o vinho maravilhoso. Quando trabalhava no Languedoc, Leon Mendes insistia num exercício regular depois de cada nova safra. Cada um dos seus empregados recebia um copo do vinho. A cada gole, um homem de cada vez anunciava algum sabor sutil que detectara na boca ou nariz.

– Morango.

– Feno recém-cortado.

– Hortelã.

– Café.

– Ameixa.

Agora, Josep tomou um gole do seu próprio vinho e descobriu-o já estragado, azedo e desagradável, com o gosto forte de cinzas e a acidez de limões apodrecidos. Também saboreou o desapontamento, embora suas expectativas não fossem muito altas. Enquanto ele despejava o resto do copo no jarro, a primeira badalada do sino da igreja penetrou em sua consciência, alta e surpreendente.

Outra badalada seguiu-se. E mais outra.

Um dobre lento e solene, comunicando aos habitantes de Santa Eulália que a vida era difícil, fugaz, triste e que um dos seus deixara aquela comunidade de almas.

Josep fez o que fizera durante toda a sua vida ao ouvir o dobre de finados: foi para a igreja.

Haveria na porta um primeiro buraco, pequeno a desfingurar seu acabamento, pois o aviso de falecimento era pregado ali. Várias pessoas já haviam lido o aviso e se afastado. Quando Josep chegou lá, verificou que o novo padre, numa letra firme e legível, comunicava a morte de Carme Riera, a esposa de Eduardo Montroug.

Carme Riera tivera três abortos e uma quarta gravidez em três anos e meio de casamento. Numa tranquila manhã de novembro ela começara a sangrar, sem sentir dor. Dali a pouco expelira um pouco de tecido ensanguentado, um feto de dois meses. Não demorou muito para que o fluido transparente que saía de dentro dela se transformasse num fluxo vermelho. Isso acontecera na segunda vez em que ela perdera uma criança, mas desta vez a hemorragia não cessou. Ela morrera ao final da tarde.

Naquela noite, Josep foi até a casa de Montroug, a primeira das quatro localizadas na praça, logo depois da igreja. Maria del Mar era uma das pessoas que sentavam em silêncio na cozinha,

velando a falecida.

Com duas velas irradiando uma luz amarelada junto da cabeça e outras duas nos pés, Carme Riera estava deitada em sua própria cama, que fora transformada num esquife por cortinas pretas que a igreja guardava para uso permanente em casos de infortúnio. Era cinco anos mais moça do que Josep, que mal a conhecia. Fora uma garota atraente, um pouco vesga, os seios volumosos desde o início da adolescência. Agora, dava a impressão de que a qualquer momento poderia bocejar, os cabelos lavados e escovados, o rosto branco e doce. O pequeno quarto estava apinhado, com o marido e vários parentes, que passariam a noite inteira ali, além de duas mulheres mais velhas, as carpideiras, contratadas para chorar por ela. Depois de algum tempo, Josep cedeu seu lugar para outros que também desejavam ver a morta. Foi sentar na cozinha, que às vezes parecia estrondear com sussurros e vozes abafadas. Maria del Mar já fora embora. O espaço era limitado e as cadeiras eram poucas, por isso, ele não ficou muito tempo.

Josep sentia-se triste. Gostava de Eduardo e achava difícil contemplar a dor que contorcia seu rosto solene, de queixo comprido, privando-o da serenidade e seriedade habituais.

Ninguém trabalhou na manhã seguinte. A maioria dos habitantes seguiu o caixão, ao ser carregado pela curta distância até a igreja, para o primeiro funeral conduzido em Santa Eulália pelo padre Pio. Josep sentou-se no último banco ao longo da missa de réquiem. Quando a voz calma e sonora do padre recitou o Rosário em latim, as palavras da oração, repetidas pelas vozes abafadas de Eduardo, o pai, a irmã e os três irmãos de Carme, os problemas de Josep haviam se tornado insignificantes.

## O que o javali sabia

A primeira tarefa, na faxina geral que sempre se seguia à colheita, foi a de desmontar os d tonéis defeituosos. Josep foi separando as partes com o mesmo cuidado com que haviam sido outrora montadas, provavelmente por um ancestral de Quim Torras que tinha muito mais habilidade do que ele. O homem usara bem poucos pregos e Josep teve o maior cuidado para não entortá-los. Guardou cada um, pois pregos como aqueles – pedaços de aço forjados à mão, para serem duros e eficientes, como a vida de um lavrador – eram sempre caros.

Ao soltar as tábuas, ele separou-as em duas pilhas. As tábuas apodrecidas seriam cortadas para alimentar seu fogo no inferno. Mas algumas ainda eram boas e Josep empilhou-as como vira Emilio fazer na tanoaria, com pequenas lascas de madeira a separá-las, para que o ar pudesse mantê-las secas e firmes.

Em menos de um dia, os dois tonéis foram desmontados. Josep podia agora iniciar o trabalho que mais apreciava, o de andar atrás do arado para conduzir a lâmina, enquanto Mulo puxava pelo solo pedregoso.

Quase terminara de arar o vinhedo de Alvarez quando passou pelo trecho de moitas em que o javali se refugiara, depois de ser ferido. Decidiu que queria realizar um bom trabalho ali, remover o mato e arar o solo, a fim de plantar mais algumas videiras, e aproveitaria para compactar a terra por baixo da saliência na encosta, para que nenhum animal pudesse se refugiar ali e ameaçar suas uvas.

Começou a trabalhar com a foice. Encontrou bastante resistência das moitas, de tal forma que achou melhor fazer uma pausa ao terminar essa parte. Lembrou que o buraco era bastante grande para que o javali inteiro coubesse lá dentro. Concluiu que teria de jogar e compactar muita terra no espaço.

Ajoelhou-se, inclinou a cabeça e espiou, mas podia ver apenas por uma curta distância, até onde penetrava a luz do dia. Além disso, havia apenas escuridão.

Um ar frio alcançou seu rosto.

A vara usada por Jaumet, para cutucar o javali morto, estava ao lado. Quando Josep estendeu-a pela abertura, foi até o fim.

Uma coisa estranha: quando ergueu a mão tão alto quanto podia no espaço escuro, pôde apontar a vara para baixo, mais longe do que teria esperado.

Quando encostou o pulso na terra e deslocou a vara, apontando para cima, a ponta também se projetou por uma grande distância.

– OLÁ!

Josep ouviu sua voz ecoar.

Mulo, ainda atrelado, preso ao arado, zurrou em protesto. Josep fez um esforço para se afastar do buraco. Desatrelou o animal e providenciou seu conforto, o que lhe proporcionou

algum tempo para pensar. O buraco era estimulante, interessante e assustador, tudo ao mesmo tempo. Pensou em compartilhar com alguém, talvez com Jaumet. Mas depois compreendeu que não podia recorrer a Jaumet sempre que tivesse um problema que não quisesse enfrentar sozinho.

Josep foi até o barracão de ferramentas e pegou um lampião. Verificou se continha óleo suficiente, riscou um fósforo e acendeu o pavio. Levou o lampião aceso pelo sol brilhante até a entrada do buraco. Quando deitou de barriga e estendeu o lampião pela abertura, a luz projetou-se por uma boa distância.

A projeção natural na encosta tinha o dobro da largura dos ombros de Josep e se estendia pelo comprimento de um braço além de seu rosto. Depois, começava um buraco arredondado, talvez com um metro de profundidade.

Além desse ponto, havia um espaço mais amplo e escuro.

Provavelmente havia espaço suficiente para que ele se espremesse pelo buraco, o lampião estendido à sua frente. Disse a si mesmo que o javali era tão largo quanto ele, mais corpulento. Mas a perspectiva de ficar entalado naquele lugar estreito e escuro, sozinho e sem ninguém para ajudá-lo, deixava-o apavorado.

Havia algumas pedras visíveis na saliência da encosta, mas a maior parte parecia ser composta de solo pedregoso, do qual se projetava alguma vegetação. Josep foi até em casa. Voltou com uma barra de ferro, um balde, uma picareta e uma pá. Começou a cavar.

Quando o buraco já tinha abertura suficiente para que pudesse entrar de quatro, ele hesitou na abertura, o lampião estendido à frente, obrigando-se a espiar... o quê?

Ele forçou-se a engatinhar para a frente.

Logo adiante, o solo inclinava-se para baixo. Ele avançou mais um pouco. O solo estava coberto de pedras, mas ele conseguiu ficar de pé, um pouco trêmulo.

Não era uma caverna. O lampião iluminava um espaço menor do que o seu pequeno quarto. Não era sequer bastante grande para ser chamado de gruta. Não passava de uma pequena bolha rochosa na encosta, do tamanho de um tonel de fermentação. A parede à esquerda era acinzentada e se elevava numa arcada.

A luz do lampião parecia balançar vertiginosa quando ele se virou tentando ver alguma coisa. Concluiu que podia haver animais perigosos. Como cobras.

Parado ali, naquela cavidade natural na terra, era possível acreditar que criaturas pequenas e peludas pudessem viver naquele lugar, quando não estavam cuidando das raízes das videiras.

Josep virou-se, tornou a engatinhar pela abertura e voltou ao mundo.

Lá fora, o ar era mais suave e mais quente, o crepúsculo começava. Josep ficou olhando para o buraco por um longo momento, aturdido. Depois, apagou o lampião e guardou as ferramentas.

Naquela noite, ele dormiu apenas por umas poucas horas. Passou o resto do tempo pensando no buraco na colina. Assim que a primeira claridade do amanhecer começou a dissipar a

escuridão, ele saiu apressado para se certificar de que não era um sonho.

A abertura continuava ali.

A bolha na terra era pequena demais para que pudesse aproveitá-la em qualquer coisa.

Mas era um bom lugar para começar. E ele considerou a descoberta como uma mensagem de que deveria iniciar o trabalho.

Josep voltou e pegou as ferramentas. Estudou a saliência por cima da abertura com novos olhos. Nada tinha de extraordinária, até o nível dos olhos, onde um bloco rochoso grande, mais longo do que um homem, embora fino e liso, estendia-se perpendicular, um suporte natural para o solo da entrada. Josep começou a cavar a terra por baixo da saliência rochosa, consciente de que uma porta ali deveria ser bastante larga para a passagem de seu carrinho de mão.

Trabalhou primeiro com a picareta. Usava a pá para retirar a terra solta quando Francesc apareceu. Cumprimentaram-se. O menino sentou-se no chão e observou-o trabalhar. Depois de um longo tempo, Francesc perguntou:

– O que está fazendo agora, Josep?

– Cavando uma adega.

PARTE CINCO

O sangue da uva

*Aldeia de Santa Eulália*

*12 de janeiro de 1876*

L ogo se tornou um tópico de conversa em Santa Eulália que Josep Alvarez consumia seu tempo escavando na encosta. Os vizinhos não demonstravam muito interesse, embora uns poucos achessem que ele estava se tornando esquisito. Havia quem sorrisse ao avistá-lo nas ruas da aldeia.

O inverno era o tempo para a limpeza e a poda. As videiras no vinhedo de Torras precisavam de muitos cuidados e Josep não deixou de dispensá-los; mesmo assim, na maioria dos dias ele ainda encontrava umas poucas horas para trabalhar com a pá e a picareta. Depois que todas as suas videiras foram podadas, ele passou a escavar em tempo integral. Fazia sempre frio agora, mas não dentro do buraco. Como era noite eterna ali, ele cavava junto de um lampião, que projetava uma luz amarelada e sombras escuras.

Nivaldo considerava o projeto com pessimismo.

– Quando se começa a escavar muito fundo, pode-se morrer do ar contaminado. Há vapores nocivos e... como é mesmo que chamam?... miasmas. Como peidos venenosos das entranhas da terra: se você respira, morre. Deve levar um passarinho numa gaiola para lhe fazer companhia lá embaixo, como fazem os mineiros. Se o passarinho morrer, você sai correndo como se o diabo estivesse atrás de você.

Josep não tinha tempo a perder com passarinhos. Era uma máquina de cavar, exausto quando arriava na cama, muitas vezes ainda com as roupas sujas, o fedor do suor em suas narinas. Um dia quente era uma bênção, pois podia tomar um banho no rio e talvez lavar alguma roupa. Afora isso, lavava-se de um balde, sempre que se sentia repugnado com o próprio cheiro.

O espaço aberto na encosta começou a tomar forma. Parecia mais como um túnel do que com uma adega, que para ele deveria ter um formato quadrado ou retangular. Mas ele escava ao longo da parede de rocha e do teto rochoso que encontrara na bolha original por trás do ponto de partida, o refúgio do javali. A parede esquerda da rocha projetava-se para a frente, conservando a forma um pouco curva. Parecia o segmento comprido de um tubo em que o lado direito fora removido. A largura do túnel era determinada pelo fato de que havia apenas terra quando ele escavava além da beira do estreito teto rochoso. Josep não era um mineiro, nada sabia sobre o escoramento da imensidão de terra por cima de sua cabeça. Por isso, limitava-se a remover a terra do teto rochoso existente e da parede de rocha da esquerda, sempre seguindo em frente. Lentamente, um túnel começou a tomar forma, um pouco mais alto do que a cabeça de Josep, um pouco mais largo do que alto, a parede de rocha da esquerda subindo em curva para o teto rochoso, a parede da direita e o chão formados pela terra da encosta.

Uma noite, no jornal de Nivaldo, Josep leu a notícia de um homem condenado por agressão e assalto. O criminoso era um português chamado Carlos Cabral, que seduzia jovens e as mantinha num bordel em Sant Cugat.

Josep lembrou de Renata, seu sofrimento e doença no bordel em Sitges. Recordou também o homem de quem ela sentia pavor, corpulento, num terno branco sujo, sentado na entrada de seu

quarto.

A imaginação começou a atormentá-lo. Nivaldo dissera que o homem que casara com Teresa Gallego e a levava embora era um sapateiro.

O nome era Luis Mondres, ou algo parecido.

Nivaldo dissera que ele vestia um terno branco e fumava charutos portugueses.

Mas... e daí?

Vamos supor, pensou Josep...

Vamos supor que esse sapateiro, o tal de Luis, seja parecido com o cafetão do jornal, que casara com quatro mulheres para transformá-las em prostitutas. Vamos supor que Luis tivesse casado com Teresa só para levá-la para uma casa como a que ele conhecera em Sitges. Vamos supor que Teresa Gallego, mesmo agora, esteja num quarto como o de Renata.

Ele obrigou-se a tirar essa ideia da cabeça.

Mas às vezes, enquanto escavava na encosta, como uma toupeira, ou quando deitava na cama, num momento de insônia, sua memória vagueava para Teresa.

Lembrou como ela era inocente. E sentiu-se atormentado, mais de uma vez, pelo pensamento de que era responsável, pelo fato de não ter voltado antes, por alguma existência terrível que poderia ser agora a tragédia de Teresa.

Em determinado ponto do túnel, Josep descobriu que a parede de rocha virava para a esquerda pela extensão de um braço, depois tornava a virar para a direita, pela mesma distância. Era um recesso com cerca de um metro de largura e meio metro de profundidade. No mesmo instante, ele classificou o lugar em sua mente como “o armário dos vinhos”, porque podia visualizá-lo como um espaço com prateleiras em que centenas de garrafas ficariam guardadas.

Mas depois do “armário”, a parede e o teto de rocha terminavam. Josep determinou então as dimensões finais da adega, um espaço tão comprido quanto um vagão ferroviário e apenas um pouco mais largo.

Ele espalhou metade da terra da escavação pela superfície da estrada para o rio, mas tivera o cuidado de guardar todas as pedras de tamanho apropriado para construir a parede no lado em que havia terra. Agora, encheu o carrinho de mão com a argila do rio e começou a forrar as paredes do fundo e da direita com pedras, formando um muro, pois achava que assim poderia formar uma adega apropriada. Mas esse projeto não iria muito longe, porque ele sabia que o inverno estava prestes a terminar.

Muito em breve o calor penetraria no espaço frio que se esforçara para abrir, a menos que pudesse encontrar uma boa maneira de bloquear a abertura na encosta.

Josep entrou na igreja uma manhã e ficou esperando que o padre aparecesse para cumprimentá-lo.

Trocaram algumas palavras de cortesia e depois Josep foi direto para o que o interessava:

– O que aconteceu com a velha porta da igreja, padre?

– A antiga porta? Está no depósito.

– Eu gostaria de comprá-la.

O padre Pio fitou-o pensativo no breve silêncio que se seguiu.

– Não está à venda.

– Ahn... Está guardando para alguma coisa?

– Guardando? Não... mas estou disposto a fazer uma troca.

Josep começou a se sentir irritado com o padre. Não tinha nada para trocar e por isso esperou.

– Se você estiver disposto a fazer uma confissão e garantir sua presença em minha missa nas manhãs de domingo, estarei disposto a permitir que leve a porta.

Josep estava embaraçado.

– Não tenho... a verdadeira fé, padre. – A esta altura, sabia Josep, o padre já devia estar

informado de sua história anterior, incluindo o fato de ter sido criado pelos dois mais determinados hereges da aldeia, seu pai e Nivaldo. – Não sou um crente.

– Não peço que creia. Apenas que se confesse e acompanhe a missa.

Josep suspirou. Precisava da porta.

E, embora contrariado, acenou com a cabeça em concordância.

– Então temos um acordo.

O padre Pio apertou vigorosamente a mão de Josep. Pegou a estola púrpura comprida e colocou-a no pescoço. Levou Josep até o confessionário, nos fundos da igreja.

Josep passou pela cortina de veludo vermelho para o espaço estreito e escuro. Ajoelhou-se. À tênue claridade que entrava por uma fresta na cortina, ele viu que a divisória era encimada por uma tela de metal cheia de buracos mínimos. A mão invisível do padre Pio puxou uma janelinha nessa tela.

– Deseja se confessar, meu filho?

Josep respirou fundo. As palavras a floraram da memória de sua infância apavorada:

– Abençoe-me, padre, porque eu pequei.

– Há quanto tempo fez sua última confissão?

– Há muitos anos.

– E então?

– Fiz coisas com mulheres.

– Cometeu o ato fora do sacramento do casamento? Algumas vezes?

– Isso mesmo, padre.

O padre Pio ajudou-o:

– Também tem pensamentos impuros?

– Tenho, padre.

– Com que frequência tem esses pensamentos?

– Todos os dias.

– Repita comigo: ó meu Deus, lamento profundamente as minhas ofensas e abomino todos os meus pecados...

Josep repetiu, a garganta ressequida.

– ... porque temo a perda do paraíso e o sofrimento do inferno...

Outra repetição.

– ... mas acima de tudo porque o ofendi, meu Deus, que é tão bom e merecedor do meu amor.

Mais outra.

– E decido firmemente, com a ajuda de sua graça, confessar meus pecados, fazer penitência e corrigir minha vida.

Josep concluiu como um homem se afogando.

– Quando for para casa, recite 25 vezes o Pai-Nosso. Seja ponderado e penitente, meu filho. Eu o absolvo de seus pecados, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Reze para que seu sacrifício possa ser aceito por Deus. Vamos agora sair do confessionário.

No outro lado da cortina de veludo vermelho, piscando contra a claridade, Josep viu o padre Pio remover a estola.

– Veio com a carroça?

– Vim, padre – respondeu Josep, surpreso.

– Eu o ajudarei a carregar a porta.

Josep usou algumas tábuas dos tonéis desmontados para fazer a armação da porta. Prendê-la na encosta foi um desafio. Num lado, ele pregou a madeira da armação em duas grossas raízes de árvore antiga; no outro, cravou espigões numa fenda na rocha. A pesada porta servia a seu propósito, depois que a serrou para tornar menor e mais estreita. As rachaduras desfiguradoras não se estendiam por toda a superfície; as péssimas condições da madeira, bizarras numa porta de igreja, não ficavam mal para cobrir um buraco num morro. No lixo que ele tirara da casa de Quim havia uma dobradiça de porta enferrujada. Ele comprou outra dobradiça no mercado em Sitges, mais longa e mais estreita que a de Quim, mas completa, também um pouco enferrujada. Bem oleadas e instaladas, as dobradiças diferentes funcionavam sem problemas, apenas com um rangido ocasional para alertar os Pequenos para o fato de que Josep estava entrando em seu mundo.

Naquele domingo, ele tomou banho com a água de um balde, no frio do início da manhã, vestiu uma roupa limpa e foi para a igreja. Sentou-se na última fila. Percebeu que algumas pessoas observavam sua presença com interesse. No outro lado da igreja, Maria del Mar viu-o e desviou os olhos. Francesc sorriu e acenou vigorosamente, até que a mãe apertou seu braço.

Para surpresa de Josep, foi agradável estar ali. Quase nunca tinha a oportunidade de sentar em algum lugar e descansar. Agora, os sons vigorosos das orações, as leituras dos textos bíblicos, os salmos e os hinos tornaram-se como um manto de som, que o confortava para uma paz sem pensamento. O sermão do padre, sobre as palavras de São Francisco Xavier, embalaram-no para um breve sono; quando abriu os olhos, deparou com o olhar frio de Maria del Mar e o rosto risonho de seu jovem amigo, o xará do santo.

Eduardo Montroig, com a faixa de luto na manga da camisa, circulou com o cesto para a oferenda. Josep, submisso, acrescentou sua moeda. Logo depois, as pessoas ajoelharam-se. O padre Pio pôs a estola branca e caminhou pela congregação, depositando a hóstia nas bocas à espera.

– Este é o meu corpo. Aceite-o.

Josep escapuliu discretamente.

A comunhão não fazia parte do acordo, disse a si mesmo, respeitoso.

Josep sabia exatamente quais eram as uvas que queria usar, as pequenas e escuras, com u sabor denso, nascidas a cada ano de videiras antigas, quatro vezes mais velhas do que ele.

Ele nunca contara os botões numa videira até chegar à França. Mas agora, quando suas videiras começaram a adquirir vida, ele examinou-as e constatou que a maioria produzia cerca de sessenta botões, exceto as mais antigas, que tinham cerca de quarenta.

Leon Mendes limitava suas videiras a quinze ou vinte botões. Josep começou a limitar as mais antigas para esse número. Maria del Mar foi buscar o filho e observou-o trabalhar.

– O que está fazendo?

Ela estava preocupada, porque sabia que ele jogava fora três cachos de uvas cada vez que removia um botão.

– Quanto menos botões, mais força e sabor as uvas adquirem. Nas uvas que restam, até as pevides amadurecem. Vou produzir vinho.

– Já produzimos vinho.

– Quero produzir um vinho de verdade, um bom vinho, que as pessoas gostem de beber. Se eu puder fazer isso e vendê-lo, posso ganhar mais dinheiro do que consigo com a venda de vinho sem qualidade para Clemente.

– E se o vinho não sair bom? Corre um risco enorme ao desperdiçar tantas uvas. É um segundo filho que conseguiu adquirir duas propriedades, mas ainda não sabe como se contentar. Por que se tortura com grandes sonhos, como a escavação de uma adega? Esquece que é um camponês? Que todos nós em Santa Eulália descendemos de camponeses? Por que não pode ficar satisfeito com o que tem, com a nossa vida?

Ela não esperou por uma resposta. Foi até o lugar em que Francesc brincava, na sombra, pegou-o pela mão e afastou-se.

Josep continuou a remover botões de suas videiras. As palavras de Maria del Mar o exasperavam, mas sabia que ela estava errada. Não tinha nenhuma pretensão. Queria apenas fazer um bom vinho.

Ainda assim... quando pensava a respeito, sabia que era mais do que isso. Se o vinho saísse ruim, talvez ele pudesse aprender a fazer um bom vinagre. Ansiava fazer alguma coisa boa como resultado de seu trabalho.

O primeiro dia quente na aldeia foi prejudicado pela morte de um de seus anciãos. Eugenio Rius, pele e ossos, cabeça branca, encurvado, era uma presença constante no banco à sombra na frente do armazém, onde cochilava quando seu coração parou. Como sempre acontecia quando um dos seus morria, a aldeia em peso compareceu à missa fúnebre.

Rius fora um membro do conselho da aldeia. Por lei, o conselho era integrado por dois conselheiros e o alcalde. Três anos antes, quando morrera outro conselheiro, Jaume Caralt, Angel

Casals não providenciara sua substituição. Mas com o falecimento do único conselheiro restante, o alcalde sabia que teria de realizar uma eleição para preencher os dois cargos e comunicar o resultado ao gabinete do governador, em Barcelona.

Angel não queria se incomodar com essas coisas, que exigiam planejamento e esforço. Compreendeu no mesmo instante que o mais sensato era escolher dois candidatos que pudessem desenvolver a sabedoria com o passar dos anos, mas que também fossem bastante jovens e dinâmicos para servirem por muito tempo.

O primeiro a ser procurado foi Eduardo Montroig, sóbrio, sério, comportamento simpático, líder dos catalães da aldeia, um trabalhador dedicado, para si mesmo e para a Igreja. Para a outra vaga no conselho, ele procurou outro jovem proprietário, Josep Alvarez, que se saíra muito bem na questão da porta da igreja.

Josep ficou surpreso e um pouco divertido. Embora lisonjeado – não podia se lembrar de jamais ter sido escolhido para qualquer coisa –, não tinha o menor desejo de aceitar a indicação de Angel. Com dois vinhedos, uma adega inacabada e planos de tentar produzir um vinho aceitável, não queria assumir mais responsabilidades. Hesitou, tentando decidir uma maneira diplomática de recusar.

– É necessário, Josep. A aldeia ficará agradecida por seus serviços.

Isso fez com que Josep hesitasse de novo. Porque estava implícito no comentário o conhecimento de que os vizinhos ficariam magoados pela recusa de um residente em ajudar a aldeia. E como o convite era apresentado logo depois de Maria del Mar acusá-lo de esquecer as próprias origens, deixava-o com a capacidade apenas de acenar com a cabeça em relutante aceitação e agradecer ao alcalde pela honra.

Angel declarou que a eleição seria no dia 1º de junho. Por lei, apenas os homens alfabetizados e proprietários de terras podiam votar. O alcalde sabia quem integrava o seletivo grupo. Conversou com todos. No dia marcado, dezessete homens, cem por cento dos habitantes com direito ao voto na aldeia de Santa Eulália, incluindo Eduardo Montroig e Josep Alvarez, escreveram os nomes dos dois únicos candidatos nos papéis distribuídos por Angel quando entraram na igreja.

Os dois novos conselheiros encontraram certo conforto no conhecimento de que o conselho quase nunca se reunia e que qualquer reunião, por consenso geral, deveria durar apenas o tempo necessário para que concordassem com as decisões de Angel Casals.

Aquele verão foi muito bom para as uvas, os dias compridos repletos de um calor dourado, as noites refrescadas pela brisa que soprava entre as colinas. Josep mantinha-se atento às mudanças que ocorriam nas uvas amadurecendo. Sua percepção de que havia alguma coisa estranha com a água do poço da aldeia foi se desenvolvendo pouco a pouco. A princípio, era apenas uma ligeira ardência que sentia no fundo da garganta quando fazia uma pausa no trabalho para beber água.

Depois, quando bebia, sentia certo travo, um gosto quase desagradável.

Quando a água começou a feder, a maioria dos habitantes passou a ter diarreia, que os mantinha nas latrinas, fracos e ofegantes, com terríveis cólicas.

Um fluxo incessante de aldeões começou a passar pelo vinhedo de Josep, seguindo a estrada para o rio Leone, com garrafas e jarros, em busca de água potável no rio, como faziam os primeiros moradores de Santa Eulália, antes da abertura do poço.

O alcalde e os dois conselheiros se revezaram em espiar pelo poço, mas a profundidade era de dez metros e viam apenas a escuridão no fundo. Josep prendeu um lampião aceso numa corda e baixou-o pelo poço.

– Há alguma coisa flutuando lá embaixo – disse ele. – Conseguem ver?

– Não – respondeu Eduardo, que não tinha uma vista boa.

– Estou vendo – disse Angel. – O que é?

Não dava para saber.

Josep continuou a olhar para baixo. Não parecia mais assustador do que o buraco na colina.

– Vou entrar no poço – disse ele.

– Não – decidiu Angel. – É mais fácil escolher um garoto forte.

Ele escolheu o irmão mais moço de Briel Taulé, Bernat, que tinha quatorze anos. Prenderam uma corda por baixo dos braços de Bernat, puseram-no dentro do poço e começaram a baixá-lo, devagar, com todo cuidado.

– Já chega! – gritou ele lá de baixo, depois de algum tempo.

Mantiveram a corda nesse nível. Bernat descera com um balde. A corda começou a balançar em suas mãos, como uma linha de pesca quando um peixe era fisgado. Depois, o jovem gritou de novo:

– Já peguei!

Quando ele subiu, o fedor se tornou cada vez mais forte. Bernat estendeu o balde e eles viram uma massa em movimento de vermes nas penas brancas do que fora outrora uma pomba.

Os três se sentaram no banco na frente do armazém.

– Temos de retirar a água estragada do poço, balde por balde – disse Angel. – Levará muito tempo.

– Acho que não é uma boa ideia – murmurou Josep, relutante.

Os outros dois olharam para ele.

– A mesma coisa pode acontecer de novo. O poço é nossa única fonte real de água. Não se pode contar com a água do rio para beber nos períodos de cheia ou estiagem. Acho que devemos cobrir o poço para proteger a água e instalar uma bomba.

– Custaria muito dinheiro – protestou Angel.

– Quanto dinheiro a aldeia tem? – perguntou Josep.

– Um pouco. Mas apenas para emergências.

– Isso é uma emergência.

Os três permaneceram em silêncio por um longo momento, até que Eduardo limpou a garganta.

– Quanto exatamente a aldeia tem, alcalde?

Angel informou. Não era muita coisa, mas...

– Provavelmente é mais do que suficiente – disse Josep. – Se for, acho que devemos comprar uma bomba.

– Também acho.

Eduardo falou em voz suave, mas firme. Angel fitou-os com alguma irritação. Resistiu à rebelião apenas por um instante, pois logo cedeu:

– Onde podemos conseguir uma bomba?

Josep deu de ombros.

– Em Sitges. Ou talvez em Barcelona.

– A ideia foi sua – declarou o alcalde, mal-humorado. – Pode ir procurá-la.

Na manhã seguinte, começou o primeiro dia realmente quente da primavera em Santa Eulália. O trabalho num dia assim causaria uma enorme sede. Enquanto Mulo seguia pela estrada para Barcelona, Josep torcia para que a água do rio permanecesse limpa.

Não perdeu tempo ao chegar a Sitges. Seguiu direto para a tanoaria, sua fonte infalível de bons conselhos.

– Não há lugar nesta pequena cidade de pescadores onde se possa comprar uma bomba – disse Emilio Rivera. – Terá de procurar em Barcelona.

Só ali se poderia comprar uma bomba para água.

– Há uma companhia logo atrás de La Boqueria, mas não presta. Não perca tempo em procurá-la. A melhor companhia é a Terradas. Fica no Barri Gòtic, na Calle Fusteria.

Josep continuou para Barcelona e entrou no bairro gótico. Encontrou a Terradas, uma oficina cheia de máquinas, recendendo a metal, óleo lubrificante e tinta. Um homem sonolento, atrás de um balcão, ouviu sua história, perguntou a largura e profundidade do poço, fez alguns cálculos no papel. Depois, entregou-lhe o papel, com uma cifra circulada, que Josep leu com o maior alívio.

– Quando pode instalar em Santa Eulália?

O homem fez uma careta.

– Temos três equipes e todas estão ocupadas neste momento.

– Precisa compreender que temos uma aldeia inteira sem água. E com este calor...

O homem balançou a cabeça. Pegou uma agenda, abriu-a, verificou as anotações.

– Uma situação terrível. Claro que compreendo. Posso entregar e instalar a bomba dentro de

três dias.

Era o melhor que ele podia fazer. Josep concordou e trocaram um aperto de mãos, sacramentando a transação.

Feito isso, ele podia voltar para casa. Mas, enquanto passava pelo Barri Gòtic, descobriu-se a conduzir Mulo para Sant Domènech del Call. Ao encontrá-la, foi avançando devagar pela rua estreita, examinando as lojas.

Quase passou pela pequena tabuleta no lado do prédio, sem ler.

### CONCERTO DE SAPATOS. L. MONTRÉS

Uma pequena oficina, no lado da sombra, com a porta aberta por causa do calor.

Portanto, pelo menos a oficina era real.

Josep passou por mais duas lojas, saltou da carroça e amarrou Mulo num poste. Foi até uma padaria no outro lado da rua e fingiu examinar os pães. Quando podia, lançava um olhar discreto pela porta aberta da oficina de sapateiro.

Luis Montrés, se era mesmo ele, estava sentado à sua bancada de trabalho, aparando o couro de uma nova sola de sapato. Josep notou uma barba emaranhada e malcuidada, os olhos quase fechados, o rosto moreno e calmo, concentrado no trabalho. Não usava um terno branco, mas uma roupa de trabalho, um avental azul puido, e um boné marrom. Enquanto Josep observava, ele pôs uma pequena fileira de tachas entre os lábios e começou a tirá-las, uma de cada vez, para cravar no sapato, com golpes rápidos e firmes do martelo.

Apreensivo, com receio de ser descoberto a observar, Josep afastou-se.

Ele voltou para Mulo. Ao se virar, avistou uma mulher que contornava uma esquina próxima, carregando um cesto. Ela desceu a Santa Doménech, na direção da pequena oficina. Josep demorou um momento para perceber que era Teresa Gallego.

E voltou para um lugar de onde podia observar a oficina. Ouviu-a cumprimentar e viu o marido acenar com a cabeça. Também a viu tirar do cesto a refeição do meio-dia para o marido.

Montrés interrompeu o trabalho e começou a comer. Uma mulher mais velha entrou na oficina. Josep viu Teresa ir para trás de um pequeno balcão e aceitar um par de sapatos. Ela conversou por um instante com a freguesa. Quando a mulher foi embora, Teresa mostrou os sapatos ao homem que comia, o qual acenou com a cabeça. Ela pôs os sapatos numa prateleira.

Teresa parecia calma e muito diferente da garota que Josep recordava. Mais velha, é claro. E mais corpulenta, pois engordara com o casamento; ou talvez, pensou Josep, estivesse esperando uma criança. Também parecia... contente, decidiu ele. E lembrou de ter acariciado as partes íntimas de Teresa, o que o fez se sentir agora, por alguma razão, como um adúltero.

Para seu espanto, compreendeu que Teresa era agora uma mulher que se tornara uma completa estranha para ele. Não era mais a criatura sensual de seus sonhos.

Dali a pouco o homem na oficina acabou de comer. Teresa começou a guardar as coisas de

volta no cesto. Josep sabia que ela sairia em breve. Quase em pânico, voltou para Mulo, montou e afastou-se, sem correr, para não atrair nenhuma atenção.

Fora da cidade, parou várias vezes, para permitir que Mulo descansasse e pastasse. Josep sentia-se agora calmo e contente. Sabia que a imaginação mentira para ele. Independentemente do que pudesse acontecer com Teresa Gallego no futuro, vira o suficiente para saber que não arruinara sua vida. Era como se pudesse finalmente fechar uma porta que mantivera aberta durante muito tempo, mesmo que apenas por uma fresta.

A noite já caíra quando ele chegou a Sitges. Sentia-se tão cansado quanto Mulo e decidiu que era melhor passar a noite ali e concluir a viagem na manhã seguinte. Ocorreu-lhe de repente, com um imenso tesão, que poderia compartilhar a cama de Juliana Lozano, embora não tivesse feito nenhum contato com ela desde a única experiência. Foi até a cantina em que ela trabalhava. Amarrou Mulo num poste.

Lá dentro, estava lotado e barulhento, mas ele encontrou uma mesa vaga. Juliana viu-o do outro lado da sala e aproximou-se, sorrindo.

– Como tem passado, Josep? É um prazer tornar a vê-lo.

– O prazer é todo meu, Juliana.

– Precisamos conversar. Tenho de lhe dizer uma coisa. Mas, primeiro, deixe-me trazer algo para beber.

– Um vinho.

Josep observou os quadris amplos requebrarem enquanto ela se afastava. Qual seria a notícia?, pensou, apreensivo.

Quando Juliana trouxe o copo cheio de vinho, ele já tivera tempo suficiente para começar a ficar preocupado. Ela inclinou-se e sussurrou:

– Vou casar.

– É mesmo? – Josep torceu para que ela tomasse seu alívio como pesar. – E quem é o noivo?

– É ele.

Juliana apontou para uma mesa em que três homens corpulentos bebiam. Um deles viu-a apontando, deu um sorriso radiante e acenou com a mão.

– Seu nome é Victor Barceló. É cocheiro da tanoaria.

– Ahn...

Josep olhou para o outro homem e levantou o copo em cumprimento. Victor Barceló sorriu de novo e também levantou o copo.

Josep pediu e tomou uma sopa de feijão-branco. Talvez o pensamento de sua aldeia sedenta o levasse a pedir várias vezes a Juliana que enchesse seu copo com água.

Ao deixar a cantina, levou Mulo para a praia e seguiu por uma trilha estreita, passando por

algumas praias, até alcançar uma enseada em que alguns barcos de pesca haviam sido puxados para a areia. Amarrrou Mulo numa argola de atracação e estendeu o cobertor entre dois barcos. Dormiu quase que no mesmo instante. Acordou várias vezes durante a noite para acrescentar sua salinidade ao mar. Não havia lua. Era uma noite silenciosa, escura e confortável. Josep sentia-se em paz com o mundo.

Quando o pessoal de Barcelona chegou a Santa Eulália, trabalhou com rapidez e eficiência. Eram três homens que sabiam o que faziam. Retiraram o sarilho, a corda e a estrutura de madeira do poço. Um dos homens desceu pelo buraco para que o mecanismo fosse fixado da maneira certa na água. Depois, os canos foram instalados, em segmentos, aflorando do solo como uma coisa a crescer.

Os mecânicos haviam trazido uma laje de pedra para cobrir o poço. Tinha um buraco no meio, apenas o suficiente para a passagem do cano. Alguns dos mesmos homens fortes que carregavam o andor da santa nos festivais foram agora escolhidos para ajudar no momento mais delicado da instalação. Tinham de sustentar a pesada laje de pedra por cima do poço enquanto um cano era enfiado pelo buraco no centro e ligado ao cano já instalado. Depois, baixariam a laje com o maior cuidado, sem danificar a tubulação.

A caixa acima da superfície e o longo cabo de aço eram pintados de azul-escuro. Depois da instalação, os mecânicos mostraram como o cabo tinha de ser levantado e baixado várias vezes para erguer a água até a câmara. O primeiro movimento produziu um suspiro mecânico, o segundo um rangido indignado, até que finalmente ouviram o fluxo de água.

Inicialmente, como não podia deixar de ser, a água era fétida. Primeiro, os conselheiros se revezaram na bomba, depois vários outros também ajudaram. De vez em quando o alcalde estendia a mão em concha para a água que saía da torneira, a cheirava e franzia o rosto.

Até o momento em que cheirou a água em sua mão, virou-se para Josep e alteou as sobrancelhas. Eduardo e Josep também recolheram um pouco de água nas mãos em concha e cheiraram.

– Talvez um pouco mais – disse Eduardo.

Josep acenou com a cabeça em concordância e tomou seu lugar junto do fluxo de água. Dali a pouco pegou uma caneca, recolheu um pouco de água e levou aos lábios para provar, hesitante. Depois, tomou um gole da água fria. Estendeu a caneca para o alcalde, que também bebeu e acenou com a cabeça, radiante.

Eduardo também pegou a caneca e experimentou a água. Todos se agruparam em torno deles, esperando para provar, agradecendo ao alcalde.

– Decidi que isso nunca mais aconteceria – declarou Angel Casals, modesto. – Sempre cuidarei de vocês. E me sinto feliz por ter encontrado uma solução permanente para o problema.

Por cima da borda da caneca, os olhos de Eduardo se encontraram com os de Josep. O rosto de Eduardo permaneceu afável e sério, como sempre. Mas quando ele parou de beber, seus olhos compartilhavam um divertido companheirismo com Josep.

A casa de Eduardo Montroig era na praça. Todas as manhãs, assim que acordava, ele saía apressado para preparar a bomba. Josep estabeleceu uma amizade fácil com ele, embora não passassem muito tempo juntos, porque ambos trabalhavam duro e por longas horas. Eduardo não era pomposo, mas seu rosto exibía uma expressão de solene responsabilidade, o que o transformava num líder natural. Era o *cap de colla* dos catalães da aldeia – o capitão e treinador do grupo – e recrutou o companheiro do conselho para ajudá-lo. Com a boa vontade iluminando o rosto feio, mostrou-se chocado quando Josep precisou de mais de um convite para ingressar no grupo.

– Mas precisamos de você, Josep! Precisamos de você!

Ao final, Josep era necessário na quarta fileira. Ele se lembrou de que era essa a posição de Eusebi Gallego, o pai de Teresa.

Tinha dúvidas, mas mesmo assim iniciou o treinamento. Descobriu que a construção de um castelo humano começava com um ritual.

Os membros da trupe usavam um uniforme: pés descalços, calça branca folgada, camisa larga, lenços amarrados na cabeça para proteger as orelhas. Ajudavam uns aos outros a pôr as faixas pretas. A faixa era comprida, com mais de três metros; o ajudante a puxava, bastante esticada, enquanto o catalão segurava a outra extremidade contra o corpo, para depois girar como um pão, várias vezes, até ficar com um colete de pano preto, que sustentava a coluna e as costas, além de oferecer uma base de apoio para os outros.

Eduardo passava longas horas planejando a torre no papel, designando a posição de cada um, baseado em suas forças e fraquezas, fazia análises constantes e promovia mudanças. Insistia em música em todos os ensaios e as *grallas* ressoavam, estridentes, quando ele fazia sinal para os homens começarem a subir.

Não demorou para que ele gritasse “Agora é o quarto!”. Josep, Albert Flores e Marc Rubió subiram pelos ombros dos três primeiros níveis.

Josep não podia acreditar. Quando alcançou sua posição, o castelo ainda estava na metade, mas ele sentia-se tão alto quanto um passarinho podia voar. Por um breve momento de terror, ele balançou, mas o braço forte de Marc manteve-o no lugar. No instante seguinte, recuperou o equilíbrio e a confiança.

Outro momento e eles se mantiveram firmes, enquanto mais catalães subiam. Josep sentiu os pés de Briel Taulé em seus ombros.

Foi no quinto nível que o problema começou. Josep sentiu, a princípio, como uma ondulação por cima, depois uma guinada que ameaçou afastar sua mão do ombro de Marc, até que finalmente perdeu o contato com as mãos que o amparavam. Sentiu os dedos dos pés de Briel roçarem em seu rosto, ouviu um grunhido de Albert, “Merda!”, e todos caíram juntos, corpos sobre corpos.

Josep ficou espremido por um instante com um sovaco úmido de alguém em seu rosto. Mas logo todos se desvencilharam, praguejando ou rindo, de acordo com sua personalidade. Havia muitas equimoses, mas Eduardo logo constatou que nenhuma lesão era grave.

Um estranho passatempo, pensou Josep. Mesmo assim, ele reconheceu uma nova verdade.

Descobriria uma coisa que adoraria fazer.

Numa manhã quente de domingo, Donat foi à aldeia. Sentaram-se no banco perto das videiras e comeram um pão um pouco velho e salame duro.

Donat achava que escavar uma adega era uma forma de loucura, mas ficou muito impressionado com o fato de Josep ter adquirido a propriedade do vizinho.

– Papai não acreditaria – murmurou ele.

– Sei disso. Mas tenho um problema... Não poderei efetuar o pagamento do trimestre para você e Rosa.

Donat fitou-o com uma expressão alarmada.

– Estou com escassez de recursos. Mas farei o que combinamos no contrato. Quando efetuar o próximo pagamento, depois da colheita, também darei o dinheiro deste mais dez por cento.

– Rosa ficará aborrecida – murmurou Donat, nervoso.

– Tem de explicar a ela que será vantajoso esperar um pouco, porque assim receberá a multa de dez por cento.

Donat tornou-se frio e distante.

– Você não compreende. Não é casado.

Josep não tinha o que argumentar.

– Tem mais salame? – perguntou Donat, irritado.

– Não. Mas vamos passar pelo armazém de Nivaldo e você poderá pegar um chouriço para comer na volta para casa.

E Josep apertou o ombro do irmão.

O tempo naquele verão foi exatamente como Josep teria encomendado, se pudesse fazê-lo. Os dias tinham um calor tolerável e as noites eram mais frescas. Ele passava longas horas entre as videiras, vagueando ao longo das fileiras quando o trabalho terminava. Observava atentamente as plantas mais antigas, cujos botões limitara, como se seus olhos pudessem fazer com que as uvas crescessem melhor em cada estágio. As uvas nessas videiras eram bem pequenas. À medida que escureciam na cor, Josep passou a prová-las, saboreando uvas que ainda não estavam maduras, mas já ofereciam muitas promessas.

Ele trabalhou muito pouco na adega, ocupado com outros projetos. Em julho, esvaziou a cisterna de pedra que o bisavô usava para pisotear as uvas, transferindo as coisas guardadas ali – ferramentas, baldes, sacos de cal – para a casa de Quim. Depois limpou o tanque, enxaguando com água tirada do rio, esquentada e misturada com enxofre. A cisterna ainda se encontrava em boas condições, mas a torneira de vazão que permitiria a passagem do sumo das uvas pisoteadas estava em péssimo estado. Ele compreendeu que teria de trocá-la. Compareceu ao mercado em Sitges em várias sextas-feiras, à procura de uma torneira usada, mas finalmente desistiu e comprou uma nova, de latão reluzente.

Era meado de agosto quando Emilio e Juan chegaram ao vinhedo na enorme carroça da tanoaria. Josep trabalhou com eles para descarregar os dois tonéis novos de carvalho. Cheiravam tão bem que ele não podia acreditar que eram seus. Eram os únicos tonéis novos que já vira. Quando instalados na casa de Quim, pareciam ainda melhores do que cheiravam. Ele deu a Emilio o dinheiro combinado. Embora isso o deixasse com pouquíssimo dinheiro e muitas dívidas, sentia-se tão animado que levou Maria del Mar para um lado e pediu que lhe prestasse um favor. Ela seguiu apressada até a fazenda de Angel, comprou ovos, batatas e cebolas. Enquanto os tanoeiros sentavam com Josep e bebiam um vinho de má qualidade, Maria del Mar acendeu um fogo e preparou uma enorme tortilla, que logo todos compartilharam com a maior satisfação.

Josep sentia-se grato a Emilio e Juan, cuja companhia apreciava, mas estava impaciente para que eles fossem logo embora. Quando os dois finalmente partiram na carroça, Josep voltou apressado ao vinhedo de Torras e passou um longo tempo parado diante dos tonéis novos, apenas admirando-os.

Cada dia que passava, ele sentia-se mais ansioso e apreensivo, consciente dos tremendos riscos que assumira. Estudava o céu a todo instante, esperando que a natureza o torturasse com granizo, uma chuva forte ou qualquer outra calamidade. Mas a chuva só caiu uma vez, amena, e os dias continuaram quentes, com as noites cada vez mais frescas.

Maria del Mar gostava da tradição de outono que haviam instituído. Desejou tirar a sorte nas cartas outra vez para determinar que colheita seria a primeira. Mas Josep disse que queria colher as uvas dela primeiro, porque as frutas em suas videiras mais antigas ainda não estavam bastante maduras.

– Podemos esperar para fazer toda a colheita em minha terra.

Ela concordou. Como sempre, Josep gostava quando trabalhavam juntos. Maria del Mar era incansável, com uma energia espantosa. Às vezes ele tinha de se esforçar para acompanhar o ritmo, enquanto avançavam pelas fileiras, colhendo as uvas rapidamente.

Josep descobriu-se a gostar de sua proximidade e a compará-la com as outras mulheres que já conhecera. Ela era mais bonita do que Teresa e muito mais interessante. Ele permitiu-se admitir que ela era mais desejável do que Juliana Lozano, Renata ou Margit Fontaine. Além disso, era uma companhia muito mais agradável do que essas mulheres, quando não o pressionavam por alguma coisa.

Quando terminaram de colher as uvas de Maria del Mar, os dois foram para a terra de Josep. Colheram primeiro as uvas que seriam usadas para fazer vinagre, levando-as para a prensa da aldeia, como sempre. A maior parte dessa colheita foi realizada no vinhedo de Alvarez. Josep encheu seus próprios tonéis como o sumo que iria para a companhia de vinagre. Embora muitas das videiras Garnacha e Cariñena, das quais ele removera muitos botões, estivessem na terra de sua família, as mais antigas videiras Ull de Llebre se encontravam no vinhedo de Torras. Josep vagueava entre elas, pegando uma uva aqui, outra ali, experimentando com todo cuidado.

– Já estão maduras – disse Maria del Mar.

Mas ele sacudiu a cabeça.

– Não o suficiente.

Seu veredicto foi o mesmo no dia seguinte.

– Estão esperando muito tempo, Josep. Ficarão maduras demais.

– Ainda não.

Maria del Mar olhou para o céu. Era azul e sem nuvens, mas ambos sabiam que o tempo podia mudar de repente, com um aguaceiro terrível ou um vento destruidor.

– Parece até que você está desafiando a Deus – comentou ela, com frustração.

Josep não sabia como responder. Talvez ela estivesse certa, mas...

– Acho que Deus compreenderá – murmurou ele.

No início da manhã seguinte, quando pôs na boca uma Ull de Llebre e os dentes romperam a casca grossa, o sumo da pequena uva inundando a boca com o sabor especial, Josep acenou com a cabeça.

– Vamos colher agora.

Josep, Maria del Mar e Briel Taulé começaram a colher as uvas à primeira claridade do amanhecer. Cortavam os cachos. Espalhavam o conteúdo de cada cesto numa mesa, na sombra, e separavam as uvas uma por uma, num trabalho lento e meticuloso. Se o cacho estivesse um pouco mais verde, Josep pediria que tirassem todas as hastes. Mas as uvas estavam tão maduras que ele disse que uma haste ou outra não seria um problema. Com todo cuidado, eles retiravam qualquer uva estragada ou qualquer lixo preso no cacho, antes de levarem aquele tesouro lindo e precioso para a cisterna de pedra.

Colheram uma parte das uvas no frio do amanhecer. Começaram a colher o resto ao final da tarde, trabalhando depressa ao longo do crepúsculo, a fim de vencer a escuridão. Quando toda e qualquer luz desapareceu, pouco antes das dez horas, Josep instalou lampiões e tochas em torno da cisterna de pedra. Maria del Mar levou o filho adormecido para o cobertor que Josep estendera no chão, num lugar em que ela poderia vê-lo.

Sentaram-se na beira da cisterna, lavaram os pés e as pernas e entraram nela. Josep passara a maior parte de sua vida naquele vinhedo, mas nunca pisoteara uvas até ir para a França. Agora, a sensação de umidade das uvas estalando sob seus pés descalços era deliciosamente familiar. Ele sorriu ao ver a expressão de Maria del Mar.

– O que devemos fazer? – perguntou Briel.

– Basta andar – respondeu Josep.

Durante uma hora, foi agradável andar no tanque, ao ar fresco, seis passos no comprimento, três na largura. Os dois homens estavam sem camisa, as pernas da calça enroladas. A bainha do vestido de Maria del Mar estava presa na cintura. Depois de algum tempo, foi se tornando mais difícil, as pernas cansando, cada passo marcado pelo som de sugação do mosto de cheiro doce que parecia soltar dos pés quase com relutância.

Para não esbarrarem uns nos outros, eles andavam em fila. Não demorou muito para que Briel começasse a cantar uma canção sobre uma pega ladra que roubava azeitonas da mulher de um lavrador. O ritmo da música ajudou-os a andar. Quando o jovem parou de cantar, foi a vez de Maria del Mar começar, desafinada, uma canção em que a lua iluminava uma mulher ansiando por seu amor. Ela não cantava bem, mas não tinha o menor constrangimento e repetiu os versos várias vezes. Depois, Briel cantou de novo, outra canção sobre amantes, mas não romântica. Era sobre um garoto gordo cujo excitamento sexual o fazia desmaiar cada vez que se preparava para fazer amor. O início da canção era muito engraçado e os três desataram a rir. Mas Josep achou que Briel era um tolo e desrespeitoso com Maria del Mar.

– Acho que já chega de cantoria – disse ele, secamente.

Briel calou-se. Ao chegar ao final da cisterna e virar, Josep viu que Maria del Mar lhe sorria, um pouco zombeteira, como se fosse capaz de ler seus pensamentos.

Já começava a amanhecer quando Josep achou que as uvas estavam completamente esmagadas. À primeira claridade, Maria del Mar pegou o filho adormecido e levou-o para casa. Mas Josep e Briel ainda tinham trabalho a fazer. Um balde de cada vez, transferiram o mosto para um dos novos tonéis de carvalho. Atrelaram Mulo à carroça. Trouxeram água do rio e lavaram com todo o cuidado a cisterna de pedra.

Quando Josep deitou, o sol já estava alto. Só teria umas poucas horas de sono antes de começarem a colher as uvas Garnacha.

No terceiro dia, quando colheram as uvas Cariñena, estavam exaustos. Briel tinha uma equimose dolorida na sola do pé esquerdo; ao começarem a pisotear as uvas, o jovem sentia muita dor e claudicava tanto que Josep mandou-o para casa.

Pior ainda, Francesc não conseguia dormir e corria de um lado para outro no escuro. Maria del Mar suspirou:

– Meu filho deve dormir em casa esta noite.

Josep concordou prontamente.

– Há menos da metade de uvas Cariñena do que tivemos com a Ull de Llebre e a Garnacha. Posso esmagá-las sozinho.

Mas depois que Maria del Mar levou o menino para casa, ele enfrentou a longa noite pela frente sem nenhum prazer. Não havia lua no céu. O silêncio era total; a distância, um cachorro latiu. O dia fora um pouco mais quente, mas soprava agora uma brisa refrescante. O que era uma boa coisa, pois haviam lhe dito que o movimento levava os fermentos naturais para os tonéis, ajudando no processo de fermentação que transformava o sumo de uva em vinho.

Josep abaixou, pegou um punhado da massa doce e mastigou, enquanto começava a andar. Muito cansado, andava sombrio pela noite suave, a mente se fechando, de tal forma que mal estava consciente. Seu mundo reduzia-se a seis passos para a frente, um passo para o lado, seis na outra direção, um para o lado, seis para a frente...

Um longo tempo passou.

Não percebeu que ela se aproximava, até que viu Maria del Mar entrando na cisterna.

– Ele finalmente dormiu.

– Você deveria ter dormido também.

Ela deu de ombros. Ficaram andando juntos, em silêncio, até que colidiram quando faziam uma volta.

– Jesus!

Josep estendeu a mão para ampará-la, mas no instante seguinte descobriu-se a beijá-la.

– Você tem gosto de uva – murmurou Maria del Mar.

Trocaram outro beijo, prolongado.

– Marimar...

A mão falou por Josep. Ela estremeceu.

– Não aqui, no mosto.

Quando a ajudou a sair do tanque, Josep não se sentia mais cansado.

Na manhã seguinte, depois que o sumo e o mosto foram guardados, os dois se sentaram à mesa de Maria del Mar. Josep conhecia o suficiente de café para saber que o dela não era bom; mesmo assim, tomaram mais de uma caneca enquanto conversavam.

– Afinal, é uma necessidade natural – comentou Maria del Mar.

– Acha que a necessidade para uma mulher é a mesma que para um homem?

– A mesma? – Ela deu de ombros. – Não sou homem, mas... uma mulher também tem uma grande necessidade. Pensava diferente?

Josep sorriu.

– Você não tem ninguém no momento, nem eu. Portanto... é bom podermos proporcionar conforto um ao outro. Como amigos.

– Mas não com muita frequência – murmurou ela, timidamente. – Talvez devamos esperar até que a necessidade se torne tão forte que no momento em que nos encontrarmos... Pode compreender?

Ele acenou com a cabeça, em dúvida. Tomou um gole do café.

Maria del Mar foi até a janela e espiou para fora.

– Francesc está subindo em suas árvores.

Concordaram que era uma oportunidade. Porque, no final das contas, poderia se passar algum tempo antes que isso tornasse a acontecer.

Josep permitiu-se agora ficar bastante nervoso, porque pusera seu sustento nas mãos da natureza e tinha de esperar pelo misterioso processo que transformava o suco de uva em vinho. Havia várias coisas vitais que ele tinha de fazer para ajudar no processo. Tudo no mosto que não fosse sumo – as peles, sementes e hastes – aflorava várias vezes à superfície do líquido para se tornar uma espécie de casca, que logo secava. A intervalos de poucas horas, Josep drenava o líquido do fundo dos tonéis, depois subia uma escada para despejá-lo por cima dos sólidos flutuantes. De vez em quando ele usava um ancinho para empurrar as cascas para baixo, misturando-as com o líquido.

Fazia isso inúmeras vezes, ao longo do dia, e, às vezes, quando acordava durante a noite, ia até os tonéis e realizava o ritual no escuro, quase dormindo.

O tempo permaneceu fresco, tornando mais lento o que acontecia com o sumo de uva. Depois de uma semana, Josep começou a tirar e provar um pouco de cada tonel, duas vezes por dia.

Andava mal-humorado e rabugento, era uma péssima companhia. Maria del Mar deixou-o sozinho. Ela sempre convivera com uvas e ninguém precisava lhe explicar que o tempo era agora crucial. Se Josep interrompesse o processo muito cedo, prejudicaria a coloração do vinho e

sua capacidade de envelhecer; se esperasse tempo demais, o vinho seria insípido. Por isso, ela se mantinha a distância e não permitia que Francesc deixasse seu próprio vinhedo.

Josep esperava, cada dia interminável, umedecendo as cascas e empurrando para baixo, provando as amostras. Os goles revelavam as forças se desenvolvendo nos sumos e suas diferenças.

Quando a mistura já estava nos tonéis fazia duas semanas, o açúcar no sumo transformava-se em álcool. Se fizesse muito calor, a massa de Ull de Llebre se tornaria muito forte. Mas as temperaturas frescas mantiveram o álcool moderado, a doçura permanecendo fresca e atraente. A Ull de Llebre carecia de acidez, mas a Garnacha era ácida e vigorosa, enquanto a Cariñena tinha uma força quase amarga, que Josep sabia ser um ingrediente necessário em qualquer vinho que se esperasse que envelhecesse bem.

Quatorze dias depois de despejar o sumo nos tonéis, ele sentou-se à mesa da cozinha no início de uma manhã, com três tigelas cheias à frente e uma vazia, um jarro com água, um copo grande e outro bem pequeno, papel e pena.

Encheu pela metade o copo pequeno com Ull de Llebre e despejou no copo grande. Acrescentou uma quantidade similar de Cariñena e outra de Garnacha. Misturou tudo com uma colher. Tomou um gole, movimentou o líquido na boca por um momento e cuspiu na tigela vazia. Ficou imóvel, pensando, por algum tempo, antes de enxaguar a boca com água e anotar sua reação à mistura.

Obrigou-se a esperar, até que a boca perdesse o paladar da amostra. Saiu e se ocupou com pequenas tarefas. Voltou para preparar e provar outra combinação, desta vez misturando apenas Garnacha e Cariñena.

A intervalos de poucas horas, ele provava outra mistura, refletia a respeito e escrevia uma breve anotação. A cada vez, trocava o vinho nas tigelas, a fim de evitar que o excesso de exposição ao ar fornecesse uma falsa informação.

Na manhã do décimo sétimo dia de fermentação, ele sabia que os vinhos estavam prontos e que teria de pô-los nos barris naquela tarde. Três folhas de papel na mesa continham suas anotações, mas Josep sabia que muitas outras combinações eram possíveis. Para começar o dia, ele fez uma nova mistura, sessenta por cento de Ull de Llebre, trinta por cento de Garnacha e dez por cento de Cariñena. Tomou um gole, girou na boca, cuspiu.

Ficou imóvel por um momento, depois fez a mesma mistura e repetiu o exercício.

Esperou um pouco mais antes de repetir exatamente o que acabara de fazer duas vezes, com uma única exceção: na terceira vez ele não foi capaz de cuspir.

Outras misturas haviam apresentado promessas, mas aquele vinho parecia encher sua boca. Josep fechou os olhos, recordando o gosto das amostras anteriores. O sabor de uvas e ameixas, mas também de cereja, um pouco de salva, a madeira do tonel. Lembrou as fragrâncias, os vestígios de doçura e acidez que se encontravam pela primeira vez. Aquela mistura tinha uma nova plenitude. Ele deixou que perdurasse nas bochechas, passasse por baixo e por cima da língua, para que um filete escorresse pela garganta, provocante.

Quando engoliu, a mistura desabrochou por completo enquanto descia. Josep recostou-se e avaliou seu crescente prazer. O gosto se prolongou em sua boca por muito tempo depois de ter bebido.

As fragrâncias penetraram pelas narinas e não saíram mais. Josep começou a tremer, como se alguma coisa terrível tivesse acontecido... como se estivesse cheio de medo... como se não compreendesse que acabara de produzir um vinho.

Ele continuou sentado à mesa até tarde, apenas olhando para o vinho, como se pudesse aprender os segredos e a sabedoria só de estudar a tigela. Era rico e escuro, vermelho escarlate, a cor gerada pelas uvas de casca grossa que haviam passado duas semanas e meia em fermentação.

Josep achou que era linda.

E sentiu-se pressionado pela necessidade angustiante de mostrar a alguém.

Se ao menos pudesse encher uma garrafa com aquele vinho e oferecer ao pai... Talvez devesse levá-lo para Nivaldo.

Mas ele pôs o vinho em sua caneca manchada de café e levou-a através das fileiras de videiras até a casa de Maria del Mar. Bateu na porta, com todo cuidado, para não acordar o menino.

Ela finalmente abriu a porta, piscando, atordoada, a expressão preocupada, os cabelos desalinhados. Josep levou-a até o lampião a óleo aceso na mesa, antes de entregar a caneca, pois queria ver seu rosto enquanto bebia.

## Como um irmão

Josep acendeu uma pequena fogueira e manteve cada um dos barris vazios de cem litros para cima, chamuscando o interior, como vira os vinicultores fazerem na França. O vinho misturado encheu todos os quatorze barris de cem litros, além de dois dos quatro barris de 225 litros que ele já possuía. De vez em quando ele tirava vinho de um dos barris grandes e completava os menores, pois o carvalho novo absorvia o vinho como um homem sedento e o ar nos barris estragaria o vinho. Depois que os três tonéis grandes foram esvaziados, Josep e Briel levaram o mosto para a prensa da aldeia e espremeram mais meio barril de vinho. Acrescentado ao vinho não misturado das uvas pisoteadas, obtiveram quase um barril cheio de vinho inferior, que não tinha a qualidade da mistura, mas ainda assim era muito melhor do que qualquer dos vinhos que seu pai produzira.

Josep e Briel começavam a carregar os barris para a adega quando Donat apareceu, caminhando pela estrada. Josep cumprimentou o irmão cordialmente, mas com alguma cautela interior, porque sabia qual era o propósito da visita.

– Deixe-me ajudar – disse Donat.

– Não. Sente-se e descanse. Veio de longe.

Na verdade, até os barris maiores e mais pesados eram mais bem carregados por um homem de cada lado; um terceiro homem só serviria para atrapalhar. Mas Donat seguiu-os e examinou os detalhes da adega.

– Esta adega exigiu muito trabalho. Papai ficaria espantado se a visse aqui.

Josep sorriu e acenou com a cabeça. Donat apontou para o revestimento de pedra inacabado da parede de terra.

– Eu poderia ajudar neste trabalho se conseguir escapar do emprego por alguns dias.

– Não precisa se incomodar, Donat. Gosto de trabalhar com as pedras. E faço mais um pouco sempre que tenho uma folga.

O irmão ficou observando enquanto eles carregavam o resto dos barris para a adega. Josep encheu um jarro com o vinho misturado e foram para o armazém de Nivaldo.

O velho ficou impressionado com o vinho e muito satisfeito pela companhia dos irmãos. Os três passaram várias horas tomando o vinho e comendo o ensopado de Nivaldo, enquanto conversavam. Nivaldo deu um queijo para Donat levar para Rosa.

Josep e o irmão voltaram para casa através do frio da noite.

– Tudo em paz – murmurou Donat. – Uma boa aldeia, não é mesmo?

– É sim.

Josep arrumou a enxerga, com um cobertor e um travesseiro. Donat, sentindo o efeito do vinho, tratou de deitar.

– Boa-noite, Josep.

– Durma bem, Donat.

Josep lavou e enxugou o jarro em que levava o vinho para o armazém. Ao subir, ouvia o som familiar dos roncões do irmão.

Pela manhã, eles comeram pão e queijo duro. Depois, Donat arrotou, empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

– É melhor eu partir logo, pois a esta hora há mais gente na estrada e aumenta a possibilidade de se conseguir uma carona.

Josep acenou com a cabeça em concordância.

– E o dinheiro?

– Ah, os pagamentos... Ainda não tenho o dinheiro.

O rosto de Donat ficou vermelho.

– Como assim? Você me disse que faria dois pagamentos depois da colheita.

– Produzi o vinho. Agora tenho de vendê-lo para conseguir o dinheiro.

– Para quem vai vender? E quando?

– Ainda não sei. É uma coisa que ainda tenho de aprender. Mas não se preocupe, Donat. Você provou o vinho. Sabe que é como o dinheiro em seu bolso, mais dez por cento.

– Rosa vai ter um ataque. – Angustiado, Donat tornou a sentar. – Está difícil para você fazer os pagamentos, não é?

– O momento é difícil. Tive despesas inesperadas. Mas posso pagar. Você só precisa esperar mais um pouco pelo dinheiro.

– Pensei numa coisa que poderia tornar a vida mais fácil para você... Eu gostaria de voltar à aldeia. Quero ser seu sócio.

Eles se fitaram em silêncio por um longo momento, até que Josep disse, gentilmente:

– Não, Donat.

– Por que não? Você tem dois vinhedos. Dê um deles... não me importo com qual dos dois... para Rosa e para mim, quitando sua dívida conosco. Pode ser bom, Josep, vivermos ao lado um do outro. Você quer produzir um bom vinho. Eu o ajudarei. Podemos trabalhar juntos, vendendo a maior parte do vinho para vinagre, irmãos ganhando a vida juntos.

Josep forçou-se a sacudir a cabeça em negativa.

– O que aconteceu com seus planos? Pensei que gostava de trabalhar na tecelagem.

– Estou tendo problemas com um capataz – explicou Donat, sombrio. – Ele me persegue, torna minha vida um tormento. Nunca terei a oportunidade de me tornar um bom mecânico. E a droga das máquinas está destruindo minha audição.

Donat suspirou, antes de acrescentar:

– Se for necessário, trabalharei para você apenas pelo salário.

Josep estremeceu por dentro ao recordar como fora antes o convívio com Donat, sempre discutindo, sempre assumindo a parcela de trabalho do irmão, além da sua.

– Não daria certo.

Ele viu que os olhos de Donat endureciam.

– Eu lhe darei um pouco do vinho da segunda prensagem para levar.

Josep foi lavar uma garrafa e procurar uma rolha. Donat acompanhou-o até a adega.

– Não somos bastante bons para receber seu melhor vinho? – perguntou ele, ríspido.

Josep sentiu-se culpado.

– Ontem eu queria que você provasse a mistura. Mas eu mesmo não vou mais beber, nem dar para ninguém. Preciso vender tudo, para ter o dinheiro de seus pagamentos.

Donat guardou a garrafa em seu saco e afastou-se.

O que significava aquele grunhido final? Desgraçado? Obrigado? Adeus?

Enquanto observava o irmão se afastar lentamente pela estrada, Josep teve a impressão de que Donat parecia um homem cansado pisando uvas.

Os catalães de Santa Eulália não haviam se reunido durante a maior parte do outono. Mas assim que a colheita foi concluída, Eduardo reuniu seus escaladores.

Josep sentiu-se contente por comparecer ao ensaio, embora não entendesse por que gostava daquela atividade. Não podia deixar de se perguntar o que levava homens a quererem subir nos ombros uns dos outros, tão alto quanto podiam, para formar uma torre de osso e carne humana, em vez de pedras e argamassa... e ainda por cima gostarem de repetir o processo, muitas e muitas vezes.

Inevitavelmente, sempre chegava o momento em que um acidente era causado pelo lapso momentâneo de alguém, um segundo de atenção desviada, um movimento descuidado, um balanço desesperado, seguido por uma queda em massa.

– Não há necessidade de haver uma queda se cada um souber exatamente o que deve fazer e fizer sempre da mesma maneira, muitas e muitas vezes – declarou Eduardo a seus catalães. – Se me escutarem, só teremos sucesso. Precisamos de força, equilíbrio, coragem e bom senso. Quero que subam e desçam em silêncio, rapidamente, com determinação, sem um segundo desperdiçado, cada um cuidando de si mesmo. Mas se caírem...

Ele fez uma pausa, querendo que todos prestassem o máximo de atenção.

– Se caírem, tentem não cair para fora e para longe da torre. Caiam na base do castelo, porque assim a queda será amortecida pela *pinya* e *folre*.

Na base do castelo, os homens fortes que suportavam seu peso eram cercados por uma enorme multidão, que se comprimia contra eles, formando a *pinya*, ou massa. Nos ombros da *pinya* havia uma multidão de outras pessoas, a *folre*, também se comprimindo para a frente, a fim de proporcionar mais apoio aos escaladores do segundo e terceiro níveis.

Josep pensava na *pinya* e *folre* como uma enorme raiz que dava força e sustentação ao tronco da árvore que se projetava para o céu.

Ele aprendera rapidamente a nomenclatura. Uma estrutura com três ou mais homens por nível era um castelo; com dois homens por nível, uma torre; e com um homem por nível, uma coluna.

– Temos um convite – anunciou Eduardo. – Os catalães de Sitges nos desafiaram para uma competição de construção de castelo, três homens em cada nível. Será realizada na praça do mercado, na sexta-feira depois do Domingo de Páscoa... os pescadores de Sitges contra os plantadores de uvas de Santa Eulália.

Houve murmúrios de aprovação e alguns aplausos. Eduardo sorriu e levantou a mão em advertência.

– Os pescadores serão concorrentes muito difíceis, porque cresceram se equilibrando em barcos sacudidos pelo mar. Pensei muito na maneira de construir nosso melhor castelo em oito

níveis.

Eduardo já projetara o castelo no papel. Começou a chamar os nomes e cada um assumiu a posição designada. O castelo começou a subir, devagar, de forma um tanto irregular.

Josep foi designado para um dos lugares no quarto nível. Participou quando o castelo foi montado e desmontado quatro vezes, Eduardo sempre estudando os escaladores e efetuando várias mudanças e substituições.

Durante um intervalo, Josep notou que Maria del Mar e Francesc haviam chegado. Ela procurou Eduardo. Inclinarão a cabeça um para o outro, os rostos sérios, enquanto conversavam. Ao final, Eduardo acenou com a cabeça. Virou as costas e disse a Francesc:

– Suba em mim.

Francesc correu, mancando, e Josep sentiu um aperto na garganta. O menino se deslocava como um caranguejo. Mas ganhou impulso e subiu nas costas de Eduardo.

O líder dos catalães ficou satisfeito. Mandou que quatro níveis da torre fossem montados, a fim de testar Francesc.

Quando assumiu sua posição, Josep não podia mais ver o menino. As pessoas conversavam, em grupos, relaxadas. Mas os tambores e *grallas* começaram a tocar, vigorosamente, como se fosse uma apresentação diante da realeza, em vez de apenas uma oportunidade de avaliar um pequeno escalador.

Em poucos momentos, Josep sentiu mãos pequenas agarrarem sua calça e o menino escalou como um macaquinho. Os braços de Francesc envolveram seu pescoço e ele pôde sentir a respiração.

– Josep! – exclamou uma voz alegre em seu ouvido.

E no instante seguinte Francesc desceu, tão depressa quanto subira.

Na tarde de sábado, Josep empurrava o carrinho de mão cheio de cascalho, que retirara da adega, para espalhar na estrada, quando notou uma charrete aproximando-se, puxada por um cavalo tordilho e transportando um homem e uma mulher.

Ao chegar perto, ele viu que a mulher era sua cunhada, Rosa Sert. Nunca vira o homem antes. Rosa deu um pequeno aceno quando o homem conduziu o cavalo para o vinhedo.

– Olá! – gritou Josep, largando o que fazia.

– Olá, Josep. Este é meu primo, Carles Sert. A tecelagem está fazendo a manutenção das máquinas e tive uma folga do trabalho. Como Carles queria passar o dia no campo, resolvemos vir até aqui.

Josep acenou com a cabeça, sem fazer nenhum comentário.

O primo Carles. O advogado.

Ele levou-os até o banco, serviu água fresca e esperou até que bebessem.

– Pode voltar ao seu trabalho – disse Rosa, acenando com a mão. – Não precisa se incomodar conosco.

Josep foi encher o carrinho de mão com mais cascalho e espalhou-o pela estrada. Observava-os de vez em quando. Rosa mostrava a propriedade ao advogado. O homem mantinha-se quase calado, mas ela falava sem parar. Desapareceram entre as videiras. Voltaram pouco depois e foram até a casa. Pararam para avaliá-la de longe e depois deram uma volta completa.

– Mas que inferno! – resmungou Josep, quando o advogado sacudiu a porta para verificar se a construção era sólida.

Josep largou a pá e aproximou-se.

– Quero que saiam daqui. Agora.

– Não precisa ser grosseiro – disse o primo, friamente.

– Estão pondo a carroça na frente da mula. Sua prima pode esperar até eu deixar de fazer o terceiro pagamento para tomar posse da casa. Até lá, saiam da minha propriedade.

Os dois saíram, sem fitá-lo de novo, sem lhe dizerem mais nada. A boca de Rosa se contraía numa careta fria, como a indicar que Josep não sabia conversar com pessoas civilizadas. O advogado sacudiu as rédeas, o tordilho partiu e Josep continuou a observá-los, até que desapareceram.

E ele se perguntou: o que faço agora?

## Uma viagem ao mercado

Josep herdara 31 garrafas vazias, abandonadas por Quim. Mas apenas quatorze tinham o formato correto e caberiam três quartos de litro. Encontrou quatro garrafas velhas entre suas ferramentas. Mandou Briel Tauré circular pela aldeia para descobrir mais garrafas. Briel voltou com onze, o que elevava o total para 29 garrafas aproveitáveis.

Lavou-as e enxaguou-as até ficarem impecáveis. Encheu-as com o vinho escuro e pôs as rolhas com o maior cuidado. Marimar foi ajudá-lo com os rótulos. A visão das garrafas cheias teve o estranho efeito de deixar os dois nervosos.

– Onde vai vendê-las?

– Tentarei vender em Sitges. Amanhã é o dia do mercado. Pensei em levar o menino comigo, se não se importa.

Ela acenou com a cabeça em concordância.

– Tenho certeza de que ele vai gostar. O que você quer que eu escreva nos rótulos?

– Não sei... Finca Alvarez? *Bodega Alvarez?* Mas acho que esses nomes parecem pomposos demais. Que tal Viñas Alvarez?

Ela franziu o rosto.

– Também não parece certo.

Marimar mergulhou a pena na tinta e desenhou alguns círculos e uma haste. Quando mostrou o rótulo, Josep deu de ombros. Mas sorriu.

## VIDEIRAS DO JOSEP

1877

No início da manhã seguinte ele envolveu cada garrafa com várias folhas de jornal, exemplares do *El Cascabel*, de Nivaldo, e fez um ninho de cobertores rasgados para proteger o vinho na viagem até Sitges. Pôs num saco chouriço e pão, providenciou um balde e dois copos.

Ainda estava escuro quando chegou ao vinhedo de Valls, mas encontrou Francesc já vestido, à sua espera. Maria del Mar ficou parada na porta, com uma caneca de café na mão, observando a carroça se afastar, o menino sentado ao lado de Josep.

Francesc mantinha-se quieto, mas nunca saíra de Santa Eulália e seu rosto deixava transparecer o intenso excitação. Logo entraram numa área que ele não conhecia. Josep viu que ele olhava para tudo, examinando as casas que ocasionalmente surgiam, as plantações, os vinhedos e os bosques de oliveiras desconhecidos, três touros pretos por trás de uma cerca, a visão distante do Montserrat projetando-se para o céu.

Quando o sol apareceu, foi muito agradável sentar na carroça com o menino, enquanto Mulo seguia para o norte.

– Tenho de fazer pipi – disse Josep pouco depois. – Você também precisa?

Francesc inclinou a cabeça para indicar que sim. Josep parou ao lado de alguns pinheiros. Pôs o menino no chão. Postaram-se à beira da estrada, lado a lado, dois homens regando os arbustos de tojo. Podia ser a imaginação, mas Josep teve a impressão de que havia certa confiança e presunção no andar manco de Francesc quando voltaram à carroça.

O sol já subira bastante quando chegaram a Sitges. O mercado estava apinhado de vendedores. Josep teve de se contentar com um espaço aberto quase nos fundos, perto de uma barraca que exalava os aromas agradáveis de lula e camarão assado, ensoado de peixe com bastante alho. Um dos dois cozinheiros corpulentos servia um freguês, mas o outro se aproximou da carroça, sorridente.

– Olá – disse ele, olhando para as garrafas embrulhadas em jornal. – O que está vendendo hoje?

– Vinho.

– Vinho? É bom?

– Não é apenas bom. É especial.

– Ahn... E quanto custa esse vinho especial?

O homem fez a pergunta em tom irônico. Quando Josep disse, ele revirou os olhos.

– É o dobro do que se costuma pagar pela garrafa de vinho por aqui.

Josep sabia que era verdade, mas esse era o preço que precisava receber, vendendo todas as garrafas, para saldar sua dívida com Rosa e Donat.

– Não é bem assim. É o dobro do que se tem de pagar por um vinho inferior que não passa de mijo de mula. Este é um vinho de verdade.

– E onde é produzido esse vinho maravilhoso?

– Em Santa Eulália.

– Santa Eulália? Sou um catalão de Sitges. Vamos, em breve, competir com os catalães de Santa Eulália.

Josep acenou com a cabeça.

– Sei disso. Sou um catalão de Santa Eulália.

– É mesmo? – O homem sorriu. – Vamos derrotar inapelavelmente seu *natjas, señor*.

Josep também sorriu.

– Talvez não, *senyor*.

– Sou Frederic Fuxá. Aquele servindo a comida é meu irmão, Efrén. É o assistente do líder de nossa equipe. Nós dois estamos no terceiro nível do castelo.

Terceiro nível, pensou Josep, impressionado. Aquele homem e o irmão eram enormes. Se estavam no terceiro nível, como pareceriam os homens que ocupavam os dois primeiros?

– Estou no quarto nível do nosso castelo. Sou Josep Alvarez. E este é Francesc Valls, que está em treinamento para se tornar nosso enxaneta.

– O enxaneta? É uma função muito importante. Ninguém pode ganhar uma competição de castelo sem um bom enxaneta para subir até o pináculo.

Francesc sorriu.

– Desejo-lhe boa sorte hoje – acrescentou Fuxá.

– Obrigado, *senyor*. Não está interessado em comprar meu vinho?

– É muito caro. Sou apenas um pobre pescador, *señor* Alvarez, não um rico produtor de vinho de Santa Eulália.

Depois do comentário jovial, Fuxá voltou para sua barraca.

Josep encheu o balde com água na bomba pública e levou-o para a carroça.

– Seu trabalho será lavar os copos depois que alguém provar a amostra do vinho.

Francesc acenou com a cabeça.

– O que fazemos agora, Josep?

– Agora? Esperamos.

O menino tornou a acenar com a cabeça. Continuou sentado, em expectativa, um copo em cada mão.

O tempo passou lentamente.

Havia bastante movimento na área central do mercado, mas poucas pessoas iam até o final, onde ainda havia vários espaços vazios.

Josep olhou para a barraca de comida, onde uma mulher corpulenta comprava uma porção de tortilla.

– Uma garrafa de um bom vinho?

Mas a mulher sacudiu a cabeça e afastou-se. Poucos minutos depois, dois homens compraram lula e comeram de pé.

– Uma garrafa de um bom vinho?

Eles se aproximaram da carroça.

– Quanto? – perguntou um deles, ainda mastigando.

Quando Josep deu o preço, o homem engoliu a comida na boca e sacudiu a cabeça.

– Muito caro.

Ele e seu companheiro começaram a se afastar.

– Provem antes de irem embora.

Josep desembulhou uma garrafa e pegou o saca-rolha. Despejou o vinho nos copos, com o maior cuidado, cerca de um quarto da quantidade de uma porção pequena de vinho.

Os homens pegaram os copos e beberam, em dois goles lentos.

– Bom – disse um deles, relutante.

O amigo soltou um grunhido.

Os dois trocaram um olhar.

– Podemos levar uma garrafa cada um, se baixar o preço.

Josep sorriu, mas sacudiu a cabeça.

– Não posso.

– Neste caso...

O homem deu de ombros. Seu companheiro balançou a cabeça, enquanto devolviam os copos. Frederic Fuxá observava de sua barraca. Inclinou a cabeça para Josep e pensou: eu não disse?

– Pode agora fazer seu serviço, Francesc.

O menino, radiante, lavou os copos com a água do balde. Ao final de uma hora, haviam oferecido mais quatro amostras do vinho, mas sem efetuar nenhuma venda. Josep já começava a duvidar se a venda do vinho no mercado era um plano que podia dar certo.

Mas os dois primeiros homens a provarem o vinho voltaram.

– Era bom, mas não posso ter certeza – disse um deles. – Preciso de outro gole.

O outro balançou a cabeça em concordância.

– Sinto muito, mas só posso oferecer uma amostra para cada freguês – declarou Josep.

– Mas... depois podemos comprar seu vinho.

– Não é possível. Sinto muito.

O homem parecia irritado, mas seu companheiro disse:

– Não tem problema. Comprarei uma garrafa agora.

O primeiro homem suspirou.

– Também levarei uma.

Josep entregou as duas garrafas embrulhadas em jornal. Recebeu o dinheiro com as mãos trêmulas, sentindo o sangue fluir para o rosto. Estava acostumado a uma vida inteira em que sua família produzira um vinho que era vendido a Guap, numa rotina fixa e inalterada. Aquela era a primeira vez que alguém comprava seu vinho como uma questão de opção, pagando porque ele produzira uma safra que desejavam.

– Obrigado, *señores*. Espero que gostem do meu vinho.

Frederic Fuxá acompanhara a transação de sua barraca. Foi até a carroça para dar os parabéns a Josep.

– Sua primeira venda do dia. Mas importa-se se eu lhe der um conselho?

– É claro que não.

– Meu irmão e eu trabalhamos aqui no mercado há dezenove anos. Somos pescadores. E nós mesmos tiramos do mar tudo o que cozinhamos. Todos nos conhecem e não precisam provar nossa comida para saber que é boa e fresca. Mas você é novo no mercado. As pessoas aqui não o conhecem. Então, qual é o problema de oferecer a alguém uma segunda prova do vinho?

– Só posso dispensar duas garrafas para as provas – explicou Josep. – Tenho de vender todas as outras, senão ficarei numa situação terrível.

Fuxá contraiu os lábios e acenou com a cabeça. Como comerciante, era uma situação que podia entender, sem precisar de mais nenhuma palavra.

– Eu gostaria de provar seu vinho também, *señor*.

Josep despejou o vinho em dois copos.

– Leve um para seu irmão.

Frederic comprou duas garrafas e Efrén Fuxá comprou uma.

Meia hora depois, dois homens e uma mulher aproximaram-se da barraca de comida.

– Olá para os Bocabella – disse Efrén. – Como vão os negócios hoje? Estão vendendo muito?

– Não é dos piores dias – respondeu a mulher. – E vocês?

Efrén contraiu os lábios e balançou a cabeça.

– Soubemos que alguém está oferecendo provas de vinho – comentou um dos homens.

Frederic apontou para a carroça de Josep.

– Um vinho excelente. Acabamos de comprar como o nosso vinho para a Páscoa.

Eles foram até a carroça e pediram para provar. A mulher estalou os lábios.

– Muito bom. Mas nosso Oncle também produz vinho.

– Você não beberia o vinho do Oncle quando ele não está presente – disse um dos homens.

Os três riram. E cada um comprou uma garrafa. Frederic observou-os se afastarem. Comentou para Josep:

– Foi uma venda afortunada. Eles são primos, produzem verduras, uma família importante de Sitges, e gostam de falar. Revezam-se nos dias do mercado para visitar outros vendedores e espalharem as notícias. Falarão de seu vinho para muitas pessoas.

Durante a meia hora seguinte, meia dúzia de pessoas provou o vinho sem comprar. Depois, dois vendedores apareceram ao mesmo tempo. Um terceiro chegou quando os dois primeiros provavam o vinho. Josep já notara que os comerciantes no mercado tendiam a parar onde já

havia pessoas, talvez por uma necessidade humana de verificar qualquer coisa que os outros consideravam desejável. Isso foi confirmado agora, porque uma pequena fila de vendedores se formou junto da carroça... e a fila não acabou mais.

No meio da tarde, quando ele e Francesc conseguiram almoçar, pão e chouriço, Josep já trocara duas vezes a água do balde. Apesar de sua decisão de não oferecer uma segunda prova, já acabara com as duas garrafas de vinho para amostra, mas ainda restavam nove garrafas para vender. A esta altura, porém, já se espalhara de boca em boca a notícia sobre um vendedor de bom vinho no mercado. Assim, Josep conseguiu vender a última garrafa ao final da tarde, muito antes do fechamento do mercado. Comprou um prato de lula para Francesc em comemoração. Enquanto o menino comia, Josep procurou um vendedor de objetos usados e encontrou quatro garrafas de vinho vazias.

Na volta para casa, Francesc se sentou em seu colo. Josep mostrou-lhe como segurar as rédeas. O menino adormeceu enquanto guiava a carroça. Durante meia hora, Josep viajou com o menino franzino aninhado em seu peito. Depois, Francesc acordou pelo tempo suficiente para ser transferido, e pelo resto da viagem ele dormiu nos cobertores, ao lado das garrafas vazias.

O advogado voltou naquele domingo, na charrete puxada pelo cavalo tordilho. Desta vez era acompanhado por Donat.

O advogado continuou sentado na charrete, sem olhar para Josep. Havia uma pasta de couro ao seu lado. Sem dúvida, pensou Josep, continha papéis que lhe seriam entregues, para tomar posse da terra, por falta de pagamento. O irmão cumprimentou-o, bastante nervoso.

– Está com o dinheiro, Josep?

– Estou.

O dinheiro já estava contado, à espera. Josep foi buscá-lo, juntamente com os papéis, recibos dos dois pagamentos atrasados com a multa, mais o recibo do pagamento que vencia naquele dia. Entregou-os a Donat, que leu apressado e foi mostrar ao homem na charrete.

– Tudo certo, Carles?

O advogado leu, deu de ombros e acenou com a cabeça. Seu desapontamento era inegável, mas ele evitou qualquer expressão definida no rosto.

O rosto de Donat, no entanto, exibia um alívio inequívoco enquanto recebia e contava o dinheiro. Josep trouxe a pena e a tinta. O irmão assinou os recibos.

– Lamento toda essa confusão, Josep.

Mas Josep não respondeu. Donat virou-se e seguiu para a charrete. Mas parou no meio do caminho e voltou.

– Ela não é mesquinha. Sei que pode parecer assim. Acontece apenas que às vezes ela fica desesperada com a nossa situação.

Josep percebeu que o primo de Rosa não gostou do pedido de desculpa; deixou de se mostrar impassível para assumir uma expressão de desaprovação.

– Adeus, Donat.

O irmão acenou e subiu na charrete. Josep ficou parado na frente de casa, observando os dois se afastarem. E achou estranho que fosse possível se sentir bem e mal ao mesmo tempo.

## Uma decisão

Eduardo Montroig levava muito a sério as competições de castelo. O clima dos treinos dos catalães de Santa Eulália tornou-se cada vez mais profissional, com menos conversa e brincadeiras e mais trabalho para alcançar um perfeito equilíbrio e ritmo, uma precisão absoluta nas tarefas.

Eduardo tinha muitas informações sobre os catalães de Sitges, que eram experientes e competentes. Chegou à conclusão de que Santa Eulália só poderia ganhar a competição se conseguisse acrescentar alguma coisa especial a seu castelo. Projetou novo elemento para a estrutura, o que exigiu treinos mais frequentes e mais vigorosos para a equipe da aldeia. Advertiu a seus catalães que deviam manter segredo, para que fosse uma surpresa quando se apresentassem em Sitges.

Maria del Mar levou o filho para os ensaios várias vezes, até que Josep sugeriu que podia levar Francesc, já que também iria. Ela concordou, satisfeita.

Para Josep, o ponto alto de cada ensaio era o momento em que Francesc subia pelos três níveis de homens, parando em suas costas apenas pelo tempo suficiente para murmurar seu nome em seu ouvido. Francesc sonhava com o dia em que poderia subir por muitos níveis de homens e jovens para alcançar o pináculo do castelo e erguer o braço em triunfo. Josep preocupava-se, porque um menino frágil seria ainda mais vulnerável no caso da queda de um castelo. Mas Eduardo não se precipitava no aproveitamento de Francesc. Josep sabia que Eduardo era firme e sensato, um homem que não corria riscos desnecessários.

Um dia, sem comentários ou espalhafato, Eduardo chegou ao fim do período de luto. Retirou as fitas pretas das mangas de suas camisas. Conservou a dignidade calma, mas as pessoas da aldeia notaram uma mudança: se não uma jovialidade, havia pelo menos certa descontração em sua personalidade. E comentaram, irônicas, que Eduardo estaria em breve à procura de uma nova esposa.

Várias tardes depois, ao crepúsculo, Josep podava suas videiras quando viu Eduardo se aproximando pela estrada. Interrompeu o trabalho com prazer, pois gostava da perspectiva de uma visita. Para sua surpresa, no entanto, Eduardo apenas levantou a mão em cumprimento e seguiu adiante.

Não havia mais nada naquela estrada além da terra de Josep que não a casa e o vinhedo de Maria del Mar.

Josep concentrou-se em suas videiras, de olho na estrada.

Esperou por muito tempo. Já estava escuro quando Eduardo voltou. Francesc o acompanhava.

– Boa-tarde, Josep! – gritou Eduardo.

– Boa-tarde, Josep! – ecoou Francesc.

– Boa-tarde, Eduardo. Boa-tarde, Francesc.

Josep respondeu efusivo, a faca cortando muito depressa, quase às cegas, danificando uma videira perfeita.

Ele passou a maior parte da noite acordado, com o olhar perdido na escuridão.

Devia se sentir feliz por Maria del Mar, tentou dizer a si mesmo.

Várias vezes ela lhe falara sobre o tipo de homem que sonhava que poderia um dia aparecer em sua vida. Alguém que fosse gentil e a tratasse com bondade. Um homem firme e decidido, que não fugisse da responsabilidade. Alguém que fosse um bom trabalhador e que se tornasse um bom pai para seu filho.

Em suma... o sério Eduardo Montroig. Talvez não fosse um homem com senso de humor, mas era uma boa pessoa e um líder da comunidade, um homem com uma posição de destaque na aldeia.

Pela manhã, Josep voltou ao trabalho de poda. Mas o desespero e a fúria avolumavam-se dentro dele, tão inexoráveis quanto uma onda no mar. No meio da manhã, ele largou a faca e foi até o vinhedo de Valls.

Maria del Mar não estava em nenhum lugar à vista. Ele bateu na porta da casa.

Quando ela abriu, Josep foi logo dizendo, sem responder ao cumprimento:

– Quero compartilhar sua vida. Em tudo.

Ela se mostrou aturdida.

– Eu... tenho os sentimentos mais fortes por você. Os mais fortes!

Josep percebeu que ela agora entendia, pois sua boca tremeu – talvez reprimindo uma risada, pensou ele, em pânico – e os olhos fecharam.

Ele acrescentou, a voz trêmula, tão incapaz de controlar suas emoções e palavras quanto um touro que arremete direto para a ponta da espada:

– Eu a admiro. Quero trabalhar com você todos os dias e dormir com você todas as noites. E nunca mais ter relações com você como se estivéssemos apenas fazendo um favor um para o outro. Quero compartilhar seu filho, que também tem meu amor. Eu lhe darei outras crianças. Quero que fique com a barriga cheia de crianças. Ofereço metade das minhas duas propriedades. Estão com dívidas, mas são valiosas, como sabe. Preciso de você, Marimar. Preciso de você e quero que seja minha esposa.

Ela estava muito pálida. Josep percebeu que ela respirava fundo, ganhando força para destruí-lo. Havia umidade em seus olhos, mas a voz era firme quando disse:

– Oh, Josep... é claro que sim!

Ele se preparara para a recusa e a princípio não foi capaz de absorver as palavras.

– Precisa se acalmar, Josep. Claro que quero você. Já devia saber disso.

Os lábios de Maria del Mar tremiam quando ela sorriu. Pelo resto de sua vida, Josep não foi

capaz de decidir se aquele sorriso de ternura também continha um lampejo de triunfo.

Josep pegou as mãos de Maria del Mar. Incapaz de se conter, cobriu o rosto dela de beijos tipo que uma mulher recebe do pai ou irmão afetuoso. O que esses beijos diziam era uma novidade para ela, o que os tornava ainda mais emocionantes. Mas quando suas bocas se encontraram, o beijo foi de apaixonados.

– Devemos procurar o padre – murmurou ela. – Quero você amarrado a mim antes que recupere o juízo e fuja.

Mas o sorriso de Maria del Mar indicava que ela não se preocupava com essa possibilidade.

O padre Pio balançou a cabeça, sem surpresa, quando lhe disseram que queriam casar.

– Onde foram batizados?

Ele tornou a balançar a cabeça quando informaram que fora naquela mesma igreja em que ele agora servia como pastor.

– Há alguma necessidade de pressa? – perguntou ele a Maria del Mar, sem baixar os olhos de seu rosto.

– Não, padre.

– Melhor assim. Alguns na Igreja acham que, sempre que possível, um noivado entre católicos rigorosos deve durar um ano inteiro.

Maria del Mar não disse nada. Josep soltou um grunhido e sacudiu a cabeça. Sustentou o olhar do padre Pio sem desafio, mas também sem timidez. O padre deu de ombros.

– Quando o casamento envolve uma viúva, tanto tempo assim não é importante – disse ele, friamente. – Já estamos em dois terços da Quaresma. O Domingo de Páscoa é o dia 2 de abril. Daqui até o final da semana da Páscoa é o nosso período mais solene de oração e reflexão... não um período em que eu esteja disposto a celebrar um noivado ou um casamento.

– Quando poderá nos casar depois? – perguntou Josep.

– Posso postar os proclamas depois da semana da Páscoa... Concordam em casar no último sábado de abril?

Maria del Mar franziu o rosto.

– Isso nos leva à época da primavera em que o trabalho no vinhedo é o mais intenso. Não quero interromper o trabalho para casar e depois voltar correndo para as videiras.

– Quando prefere? – perguntou o padre Pio.

– No primeiro sábado de junho.

– Compreende que daqui até lá vocês dois não devem morar juntos nem manter relações de marido e mulher?

– Sei disso, padre. Concorda com essa data, Josep?

– Se é o que você deseja.

Josep experimentava um sentimento totalmente desconhecido; e com um choque, descobriu que era alegria.

Mas quando ficaram a sós de novo, enfrentaram o fato de que o período de espera seria difícil. Trocaram um abraço casto.

– Faltam dez semanas para o dia 2 de junho. É muito tempo.

– Sei disso.

Maria del Mar lançou um olhar para Francesc, que brincava com algumas pedras redondas, ali perto. Inclinou-se para falar no ouvido de Josep:

– Não acha que seria bom para Francesc ficar de olho numa criança pequena enquanto trabalhamos?

Ele acenou com a cabeça em concordância.

– E eu gostaria de começar a fazer outra criança o mais depressa possível.

Ao se fitarem, Josep permitiu-se pensamentos que não poderia compartilhar com o padre. Talvez ela acalentasse pensamentos similares.

– Acho que por enquanto não devemos passar muito tempo juntos. Será melhor se limitarmos a tentação, ou não seremos capazes de nos controlar... e temos de nos confessar antes do casamento.

Ele concordou, relutante, sabendo que ela tinha razão.

– Qual é a palavra que os ricos costumam usar quando põem dinheiro num negócio? – perguntou Maria del Mar.

Josep ficou perplexo.

– Investimento?

Ela acenou com a cabeça; era mesmo essa a palavra que procurava.

– A espera será nosso investimento.

Josep gostava de Eduardo Montroig e queria tratá-lo com todo respeito. Foi até o vinhedo de Eduardo naquela tarde e comunicou que ele e Maria del Mar haviam procurado o padre para marcar o casamento.

Eduardo foi traído pelo franzir do rosto por um breve instante, mas depois coçou o queixo comprido e o rosto se iluminou num dos seus breves sorrisos.

– Ela dará uma boa esposa. Desejo toda a sorte do mundo para vocês dois.

Josep só deu a notícia a mais uma pessoa, Nivaldo, com quem bebeu em um brinde de comemoração. Nivaldo ficou muito satisfeito.

## Uma competição em Sitges

No domingo seguinte à Páscoa, Josep e Marimar sentavam na igreja, com Francesc entre eles, quando o padre Pio declarou:

– Estou postando os proclamas do casamento entre Josep Alvarez e a viúva Maria del Mar Orriols, ambos desta paróquia. Se algum de vocês sabe de algum impedimento para que essas pessoas se unam no sagrado matrimônio, deve dizer agora. Este é o primeiro aviso.

Ele poria os proclamas na porta da igreja e daria o aviso em mais dois domingos. Depois disso, os dois ficariam formalmente noivos.

Terminada a missa, enquanto o padre se postava na porta da igreja cumprimentando os fiéis e Francesc sentava no banco na frente do armazém, comendo salame, Josep e Marimar pararam na praça, recebendo os votos de felicidades, abraços e beijos dos aldeões.

Josep usou um programa de trabalho constante para preencher sua vida durante os dias longos e impacientes do noivado. Completou o trabalho nas videiras e voltou a se concentrar na adega, concluindo três quartos do muro de contenção de pedra na primeira sexta-feira de abril, o dia do torneio de castelo. Ele procurara em mercados próximos e encontrara mais trinta garrafas de vinho vazias. Lavadas, cheias de vinho tinto e com o rótulo, estavam embrulhadas em folhas de jornal e guardadas em cobertores na traseira da carroça, compartilhando o espaço com Francesc. Marimar sentava ao lado de Josep, enquanto seguiam para o mercado em Sitges.

Era a mesma viagem que ele já fizera uma vez antes com o menino, mas houve diferenças notáveis. Quando chegaram ao bosque de pinheiros, Josep também parou a carroça, mas desta vez levou Francesc para trás das árvores, a fim de urinarem em privacidade. Quando voltaram à carroça, Marimar também aproveitou a privacidade por trás das árvores.

A viagem foi agradável. Marimar era uma boa companhia e o clima era festivo. De alguma forma, o comportamento dela fazia com que Josep já se sentisse um homem de família, um papel do seu agrado.

Em Sitges, ele conduziu Mulo direto para o local em que estivera antes, ao lado da barraca de frutos do mar dos irmãos Fuxá, que o cumprimentaram efusivamente, ao mesmo tempo que faziam comentários joviais sobre a maneira como aniquilariam os catalães de Santa Eulália no torneio iminente.

– Estávamos à sua espera, porque tomamos o nosso vinho durante as festas – disse Frederic.

Cada um comprou mais duas garrafas, quase antes mesmo de Josep parar a carroça. Desta vez ele não teve de esperar muito tempo por outros fregueses, já que vários barraqueiros foram comprar vinho e atraíram outras pessoas. Maria del Mar ajudou Josep na venda do vinho, o que fez com a maior naturalidade, como se tivesse passado a vida inteira a vender vinho de uma carroça.

A maioria dos habitantes de Santa Eulália fora ao mercado. Muitos eram escaladores ou participantes da *pinya* ou baixos, os grupos que davam sustentação aos dois primeiros níveis do

castelo. Quase todos os vizinhos de Josep estavam ali, para assistir ou participar do torneio. Muitos observaram como ele vendeu o vinho que fabricara na aldeia.

Várias pessoas que ele conhecia em Sitges estavam presentes para torcer por sua equipe. Passaram pela carroça para cumprimentá-lo. Foram apresentadas a Maria del Mar e Francesc. Juliana Lozano e o marido compraram uma garrafa. Emilio Rivera comprou três.

Josep vendeu a última garrafa de vinho muito antes de tudo fechar durante uma hora, para que fosse realizada a competição de castelo. Ele, Marimar e Francesc sentaram-se na beira da carroça e comeram o ensopado de peixe dos Fuxás, enquanto observavam os irmãos ajudarem um ao outro a pôr as faixas.

Depois que comeram, Marimar segurou a extremidade da faixa enquanto Josep girava, até ficar cinto, tão apertado que mal conseguia respirar.

Ao se encaminharem para o local através da multidão, os músicos de Sitges começaram a tocar. Francesc pegou a mão de Josep.

Não demorou muito para que uma melodia estridente convocasse a base do castelo de Sitges. Assim que se formou, os escaladores começaram a subir.

Josep percebeu no mesmo instante que Eduardo tinha razão sobre a natureza da competição. Os escaladores de Sitges subiram sem o desperdício de um segundo, sem nenhum movimento desnecessário. O castelo elevou-se com rapidez e eficiência, até que o menino que era o enxaneta subiu até o oitavo nível, ergueu o braço em triunfo e desceu pelo outro lado. Os catalães desconstruíram o castelo com a mesma rapidez com que fora construído, sob aplausos e gritos de louvor.

Os músicos de Santa Eulália, já em suas posições, começaram a tocar. As *grallas* chamaram Josep, que tirou os sapatos e entregou-os a Francesc, enquanto Marimar lhe desejava boa sorte.

A base de Santa Eulália formou-se num instante. A vez de Josep chegou. Ele subiu com rapidez e facilidade, como fizera tantas vezes nos ensaios. Logo estava sobre os ombros de Leopoldo Flaquer, os braços em torno de Albert Flores e Marc Rubió, firmando-os ao mesmo tempo que era firmado.

E, no instante seguinte, Briel Taulé subiu em seus ombros.

O quarto nível não era muito alto, mas um bom ponto de observação para Josep. Não podia ver Maria del Mar ou Francesc, mas no espaço sob o braço de Marc dava para avistar rostos erguidos e, mais além, as pessoas se movimentando no perímetro da multidão.

Ele divisou duas freiras, uma baixa, outra alta, hábitos pretos e toucas brancas.

Um garoto despenteado, puxando um cachorro amarelo por uma corda.

Um gordo segurando um pão comprido.

Um homem empertigado, de terno cinza, talvez um comerciante, com um chapéu de aba larga. Mancava um pouco ao andar.

Josep conhecia aquele homem.

E sentiu um medo súbito, percorrendo todo seu corpo, ao identificá-lo.

Teve vontade de fugir, mas não podia, pois estava cativo e vulnerável, aprisionado em pleno ar.

Os joelhos ficaram bambos de repente e ele apertou as mãos que seguravam os companheiros. Albert fitou-o.

– Você está bem, Josep?

Mas Josep não respondeu. Os cabelos do homem ainda eram pretos, mas havia um pequeno círculo de calvície no alto da cabeça. Afinal, já eram passados sete anos.

E, depois, ele desapareceu.

Josep inclinou a cabeça tão baixo quanto podia, enquanto ainda segurava os outros. Espiou por baixo do braço de Marc, tentando localizar o homem.

Em vão.

– Alguma coisa? – perguntou Marc, bruscamente.

Mas Josep sacudiu a cabeça e manteve-se firme. Houve agora um murmúrio e as pessoas apontavam para cima, onde estava acontecendo a surpresa extra de Eduardo, um nível extra de escadares. Depois, o enxaneta subiu, por cima do ombro de Marc.

Josep soube quando o garoto ergueu o braço no alto do nono nível e começou a descer, porque houve murmúrios e aplausos.

Foi Bernat Taulé, o irmão de Briel, no sétimo nível, quem se mostrou ansioso demais em descer. Ao perder o equilíbrio, ele se agarrou no companheiro mais próximo, Valentí Margal. Valentí sustentou-o, evitando a queda, enquanto o castelo ondulava e balançava. Eduardo os treinara muito bem. Conservaram o equilíbrio. Bernat recuperou-se e passou a descer mais devagar. O castelo terminou a desconstrução sem mais nenhum incidente.

Quando seus pés tocaram no chão, Josep não fugiu; em vez disso, ainda descalço, abriu caminho pela multidão, na tentativa de avistar o homem de novo.

Procurou pelo mercado durante meia hora, mas não tornou a vislumbrar Peña.

Mal notou que os juízes estavam discutindo. A equipe de Sitges tivera um desempenho impecável, erguendo oito níveis, mas a equipe de Santa Eulália conseguira montar e desmontar um castelo de nove níveis. Ao final, os juízes concordaram em declarar um empate.

Quase todos se mostraram satisfeitos com essa decisão.

Na volta para casa, Francesc dormiu na traseira da carroça. Josep e Marimar pouco falaram. Josep sentia-se atordoado. Marimar estava contente por viajar em conforto, com o filho e o noivo, depois de um dia satisfatório e agradável. Quando ela falava, Josep dava respostas lacônicas; percebeu que Marimar não estranhava essa atitude, provavelmente presumindo que ele se encontrava dominado pelo mesmo contentamento que ela experimentava.

E ocorreu a Josep o pensamento de que talvez estivesse enlouquecendo.

## A responsabilidade de Josep

Ele sentava no banco do vinhedo ao sol do início da primavera, os olhos fechados, forçando a funcionar. Tentava encontrar uma saída para o pânico que paralisava seu pensamento.

Um: Tinha certeza de que o homem que avistara em Sitges era Peña?

Tinha. Certeza absoluta.

Dois: Peña o vira e identificara?

Relutante, Josep decidiu que devia presumir que Peña o vira. Não podia se permitir o luxo de acreditar em coincidência. Era bem provável que Peña tivesse comparecido à competição em Sitges na expectativa de encontrá-lo. Talvez ele tivesse descoberto, de alguma forma, que Josep Alvarez voltara para Santa Eulàlia e precisava determinar se era o mesmo Josep Alvarez que conhecera e treinara, o homem que procurava, o único dos rapazes da aldeia que conseguira escapar.

Até agora, disse Josep a si mesmo, em desespero.

Até agora...

Três: Portanto, alguém viria procurá-lo.

Quatro: Quais eram suas opções?

E Josep pensou como a fuga fora terrível, sabendo que era procurado, sem ter para onde ir, sem dinheiro.

Talvez pudesse vender seu vinho, levantar dinheiro e pagar a passagem num vagão de passageiros, em vez de se esconder num vagão de carga.

Mas ele sabia que não havia tempo suficiente para isso.

Não podia pedir a Maria del Mar e Francesc que fugissem com ele, que compartilhassem a vida de um fugitivo. Mas se os deixasse para trás, sua vida seria desoladora. Ele se arrepiou ao pensar no que uma nova mágoa e outro abandono poderiam fazer com Marimar.

Só lhe restava uma opção.

Lembrava da lição que Peña ensinara: Quando é necessário matar, qualquer pessoa pode fazê-lo. Quando é mesmo necessário, matar se torna muito fácil.

O LeMat continuava onde o guardara, por trás de um saco de grãos, no fundo do sótão. Apenas quatro das nove câmaras estavam carregadas e ele não tinha mais pólvora. Portanto, quatro tiros e a faca afiada teriam de bastar.

Para sobreviver ao medo, ele se empenhou às cegas no trabalho árduo, o que sempre fora seu melhor remédio quando enfrentava qualquer problema. Passou a trabalhar incessantemente. Ergueu outra parte do muro de pedra de contenção na parede de terra da adega. Ao final da

tarde, foi podar videiras. Sempre mantinha o LeMat ao seu alcance, embora não esperasse que Peña atravessasse a aldeia e o atacasse em plena luz do dia.

Ao crepúsculo, a escuridão aumentando na casa permitiu que o medo se ampliasse. Saiu com o LeMat e subiu a encosta, para se postar num ponto de onde podia avistar a estrada de acesso, ao luar. Era quase agradável ficar sentado ali, até que lhe ocorreu que, se alguém se aproximasse para atacá-lo, não viria pela estrada. Alguém treinado por Peña provavelmente daria a volta e desceria pela encosta. Josep virou-se e olhou para cima, sentindo-se exposto e desprotegido.

Voltou para casa, pegou cobertores e foi para a adega. Estendeu-os ao lado dos barris de vinho e perto do carrinho de mão em que transportava a argila do rio. Deitou com a cabeça entre os varais do carrinho de mão. Mas não demorou muito para que as pedras na terra deixassem suas costas doloridas. Além disso, a adega era muito fria, ótima para o vinho, mas inóspita para as pessoas. E também lhe ocorreu que se houvesse algum problema não seria certo enfrentá-lo como um animal intimidado, dentro de um buraco no chão.

Por isso, ele pegou os cobertores e a arma e voltou para casa, muito nervoso. Deitou em sua cama e mergulhou num sono agitado e intermitente.

A qualidade do sono continuou a ser a pior possível nas duas noites seguintes. Na madrugada da terceira noite ele teve finalmente um sono mais profundo. Foi despertado por batidas na porta.

Fez um esforço para vestir a calça de trabalho. Desceu a escada de pedra no momento em que o relógio francês marcava cinco horas, o momento em que sempre costumava se levantar. Tentou se forçar a pensar com lucidez.

Nenhum assassino bateria à porta de seu alvo, disse a si mesmo.

Seria Marimar? O menino estaria doente de novo?

Mas ele não foi capaz de abrir a porta.

– Quem é?

– Josep, sou eu, Nivaldo!

Talvez houvesse alguém por trás de Nivaldo, empunhando uma arma.

Josep destrancou a porta, abriu uma fresta e espiou. O céu estava nublado e ainda escuro, por isso ele pouco viu. Nivaldo inclinou-se, pegou o pulso de Josep com a mão trêmula e balbuciou:

– Venha comigo.

Nivaldo limitava-se a sacudir a cabeça, sem responder às perguntas, enquanto seguiam apressados pela estrada e atravessavam a praça. Fedia a conhaque. A chave tremeu na fechadura, antes que conseguisse abrir a porta do armazém.

Quando ele riscou um fósforo e acendeu um lampião, Josep viu uma garrafa de conhaque vazia em cima do balcão... e no instante seguinte avistou a causa do nervosismo de Nivaldo.

O homem estava estendido no chão, como se dormisse, mas o ângulo anormal da cabeça deixava evidente que ele nunca mais acordaria.

– Nivaldo... – murmurou Josep, gentilmente.

Ele pegou o lampião e inclinou-se para o corpo no chão.

Peña se encontrava ao lado da cadeira virada em que estivera sentado. Não parecia mais com o próspero comerciante que Josep avistara no mercado em Sitges; era mais como um soldado morto, vestido da maneira como se apresentava no passado, em roupas de trabalho puidas, botas surradas, mas de um couro bom, uma faca na bainha da cintura. Tinha os olhos fechados. A cabeça estava virada num ângulo impossível de noventa graus. Todo um lado do pescoço era uma enorme equimose, da cor púrpura e escura das uvas Ull de Llebre, com um corte profundo e extenso, coberto de sangue coagulado.

– Quem fez isso?

– Fui eu – murmurou Nivaldo.

– Você? Como?

– Com aquilo.

Nivaldo apontou para uma pesada barra de aço encostada na parede. Sempre fora parte do armazém; o próprio Josep já a usara algumas vezes, quando tinha de ajudar Nivaldo a abrir um barril de farinha de trigo ou um caixote de café.

– Nada de perguntas agora – acrescentou Nivaldo. – Você tem de tirá-lo daqui para mim.

– Para onde o levarei? – perguntou Josep, atordoado.

– Não sei. E não quero saber... não quero saber! – Nivaldo estava meio bêbado e a voz saía esgançada. – Mas você tem de tirá-lo daqui. Preciso limpar tudo, arrumar as coisas, antes das pessoas começarem a passar por aquela porta.

Josep continuou onde estava, confuso.

– Já disse para tirá-lo daqui, Josep!

A carroça e Mulo fariam barulho demais. Josep foi para casa, apressado. Seu carrinho de mão estava na adega, cheio de argila. Mas o carrinho de mão grande que herdara de Quim estava vazio. As rodas enferrujadas rangeram bastante quando ele o empurrou. Foi obrigado a perder momentos preciosos para passar óleo, antes de levá-lo até o armazém, através da escuridão.

Enrolaram um cobertor sujo no corpo de Peña. Nivaldo segurou-o pelos pés e Josep pelos ombros. Quando o puseram no carrinho, o corpo estava bastante rígido para se estender além da borda, com o risco de cair. Josep empurrou-o na barriga; apesar da rigidez, ainda restava flexibilidade suficiente para que as nádegas encostassem no fundo do carrinho.

Nivaldo entrou no armazém e fechou a porta. Josep partiu com o corpo no carrinho de mão.

Ainda estava escuro, mas as pessoas que iam trabalhar nos vinhedos começavam a se levantar por toda a aldeia. Josep estava numa agonia de preocupação, com receio de encontrar alguém que já estivesse acordado e quisesse conversar. Mais de uma vez, as pessoas haviam

visto Quim Torras circular pela praça levando seu gordo amante, o padre da aldeia, no carrinho de mão. Ele passou pela casa de Eduardo, tão depressa quanto podia, aflito por causa do barulho. As rodas oleadas não rangiam mais, mas eram de metal e ressoavam nas pedras do calçamento da praça. Além da parte calçada, o barulho passou a ser das pedras que as rodas afundavam na terra.

Na passagem pela propriedade de Angel, um galo cantou, enquanto um cachorro, sucessor do outro, que Josep enganara tantos anos antes, desatou a latir.

Cale-se! Cale-se! Cale-se!

Josep passou a andar mais depressa, até que finalmente, aliviado, alcançou seu próprio vinhedo. Parou.

E agora?

Ainda faltava algum tempo para surgir a primeira claridade do amanhecer. Mas se queria se desincumbir direito daquela estranha responsabilidade delegada por Nivaldo, não podia enterrar o corpo numa cova rasa ou de uma forma descuidada. Também não podia cavar uma sepultura em algum lugar em que pudesse ser visto da estrada para o rio, ou onde Marimar pudesse procurá-lo.

De alguma forma, tinha de levar Peña para longe da vista de todos.

Foi para a adega, abriu a porta e empurrou o carrinho de mão para dentro.

Ao encontrar o lampião no escuro e riscar um fósforo para acendê-lo, já sabia o que tinha de fazer.

Enfiou as mãos sob os ombros de Peña e tirou o corpo do carrinho de mão. A reentrância na parede rochosa, que Josep imaginara que daria um armário natural, com prateleiras para garrafas de vinho, teria outro uso agora. Peña era grande, musculoso e Josep grunhiu com o esforço de espremê-lo na reentrância de pé, as costas na rocha lisa, a cabeça pendendo, o peito preso numa saliência rochosa no outro lado. O corpo ainda se encontrava meio dobrado na cintura, mas Josep não tinha o menor interesse em procurar a melhor postura.

Na tarde anterior, ele acrescentara água à argila em seu carrinho de mão, mas, à luz do lampião, constatou que a superfície secara e rachara. Ele mantinha um jarro com água para beber na adega. Despejou-a agora na argila e trabalhou com a pá de pedreiro, misturando a superfície com a parte úmida por baixo. Encheu um balde com argila, pegou um pouco com a trolha e ajeitou na beira da reentrância. Pôs uma pedra grande por cima da argila. Ajeitou outra ao lado, usando a trolha para remover o excesso de argila. E continuou a trabalhar, devagar, com todo cuidado, como em outras partes do muro de contenção de pedra da adega.

Ao final de cinco camadas de pedras, o nível superior estava na altura dos joelhos de Peña. Josep saiu da adega com o carrinho de mão de Quim e foi até o cascalho e terra empilhados que planejava espalhar pela estrada. Enquanto enchia o carrinho, a primeira claridade do amanhecer começava se projetar pelo céu.

Quando voltou à adega, ele pôs o cascalho na área por trás do corpo. Ajeitou o corpo ereto,

não mais encostado na parede rochosa. Acrescentou o cascalho em torno das pernas, segurando-as com firmeza. Assim, na morte, Peña parecia uma árvore, mantida de pé pela terra em torno de suas raízes.

Depois, ele continuou a erguer a parede de pedra.

A parede já alcançava a cintura de Peña quando ele ouviu uma voz alta e clara lá fora:

– Josep!

Era Francesc.

– Josep! Josep!

Uma pausa.

– Josep!

O garoto o procurava.

Ele parou de trabalhar na parede. Ficou imóvel, escutando. Francesc continuou a chamá-lo, mas a voz foi se tornando distante, até desaparecer por completo. Depois de alguns minutos, Josep recomeçou a dispor as camadas de pedras.

À medida que a parede subia, a cada metro mais ou menos, Josep acrescentava recheio para preencher o buraco e sustentar o corpo. Quando não havia mais cascalho no carrinho de mão, ele saiu da adega, cauteloso, mas estava sozinho na claridade ofuscante do meio da manhã. Encheu o carrinho de cascalho e voltou para a escuridão fresca da adega, iluminada apenas pelo lampião.

Trabalhou com uma determinação metódica enquanto erguia a parede e preenchia o espaço, ignorando a fome e a sede. O cascalho e a terra pareciam elevar o corpo, como uma maré subindo lentamente; havia necessidade de muita coisa para encher uma sepultura, mesmo quando era vertical. Josep tentava não olhar para o sargento Peña. Quando olhava, via a cabeça encostada no ombro direito, escondendo o ferimento e a enorme equimose no pescoço. Não queria notar o ponto de calcície da meia-idade, nem os poucos cabelos brancos; faziam com que Peña se tornasse muito humano, uma vítima. Nas circunstâncias, Josep preferia lembrá-lo como um desgraçado assassino.

Quando cobriu os ombros, estava trabalhando mais devagar, em cima de uma escada. Acrescentou uma camada de pedras e argila, para depois despejar cascalho e argila. Cobriu os cabelos pretos de Peña, ocultando para sempre a área calva. A cabeça coberta, Josep acrescentou alguns centímetros de terra e comprimiu-a.

A nova parede ainda se encontrava a um metro do teto rochoso quando a argila acabou. Mas agora ele achava que poderia sair com uma relativa segurança, já que alguém entrando na adega não notaria nada de errado.

Lá fora, Josep constatou pelo sol que já era o final da tarde. Não comia nem bebia desde o dia anterior. Enquanto empurrava o carrinho na estrada, passando pelo vinhedo de Marimar, sentia-se atordoado e tonto.

Ajoelhou-se na beira do rio e lavou as mãos. Ainda assim, podia sentir o gosto de argila

enquanto bebia a água fria. Mas não se importou. Molhou o rosto e foi urinar numa árvore.

O banco de argila ficava a uma curta distância do fim da estrada. A margem do rio era bloqueada naquele ponto por arbustos. Josep tirou os sapatos, enrolou as pernas da calça e entrou na água rasa com o carrinho de mão. Teve alguma dificuldade para passar com o carrinho sobre algumas pedras, mas logo começou a enchê-lo de argila.

Na volta, quando passava pelo vinhedo de Marimar, ela saiu de trás da casa e viu-o trazer do rio outra carga de argila e pedras, como já acontecera tantas vezes antes. Ela acenou, sorridente. Josep retribuiu o sorriso, mas não parou.

Já em sua propriedade, pegou também uma carga de cascalho e terra. Depois, voltou ao trabalho, determinado.

Só parou uma única vez. Num súbito impulso, desceu da escada e foi pegar o LeMat, que deixara em cima de um dos barris. Estendeu a arma pela abertura, largando-a em cima da terra e do cascalho. Jogou mais algumas pás de cascalho e terra para cobrir a arma.

Quando a última porção fora espremida sob o teto rochoso, ele ajeitou a última fileira de pedras, raspou o excesso de argila com a trolha e desceu da escada.

A parede rochosa começava à esquerda da entrada e se estendia até a parede de pedras, reta, onde antes ficava a reentrância. Essa parede de pedras tinha cerca de três metros, virava à direita na extremidade da adega e logo tornava a virar à direita. Toda a parede da direita era revestida de pedras, exceto por um trecho estreito, inacabado, perto da porta.

Toda a parede de pedras combinava. A adega parecia irradiar inocência, na avaliação de Josep, enquanto a examinava, à luz do lampião.

– Agora pode ficar com ele – murmurou Josep, a voz trêmula.

Ao sair e fechar a porta da adega, ele não sabia se falara para os Pequenos ou para Deus.

## Uma conversa com Nivaldo

– Você também é parte disso – murmurou Josep.

Nivaldo virou-se para fitá-lo.

– Quer um prato do ensopado?

– Não.

Josep comera, dormira, acordara, lavara-se, comera de novo. E dormira de novo.

Se você soubesse onde procurar, era possível perceber onde o sangue derramado fora raspado do chão sujo do armazém. Perguntou-se onde Nivaldo o teria jogado. Talvez tivesse enterrado em algum lugar. Se algum dia tivesse de descartar sujeira misturada com sangue, pensou Josep, jogaria na fossa de uma latrina.

Nivaldo tinha os olhos injetados, mas a tremedeira desaparecera. Parecia sóbrio, sob controle.

– Quer café?

– Quero informações.

Nivaldo acenou com a cabeça em concordância.

– Sente-se.

Os dois se sentaram à pequena mesa.

– Ele apareceu por volta de uma hora da madrugada, como costumava fazer antes. Eu ainda estava acordado, lendo o jornal. Ele se sentou onde você está agora e disse que tinha fome. Abri uma garrafa de conhaque e disse que esquentaria o ensopado. Sabia que ele viera me matar.

Nivaldo falava em voz baixa e desolada.

– Fiquei com medo de usar uma faca contra ele, porque não queria chegar muito perto. Estou velho e doente, e ele era muito mais forte do que sou agora. Mas ainda tinha força suficiente para usar a barra. Fui pegá-la. Aproximei-me por trás, no momento em que ele tomava o conhaque, e desferi o golpe com toda a minha força. Sabia que ele não me daria uma segunda chance.

Nivaldo respirou fundo.

– Sentei-me à mesa e tomei o resto da garrafa de conhaque. Fiquei bêbado. Não sabia o que fazer, até que compreendi que tinha de recorrer a você. Estou contente por tê-lo matado.

– De que adiantou? – murmurou Josep, com a maior amargura. – Algum outro assassino virá à nossa procura e fará o trabalho direito.

Nivaldo sacudiu a cabeça.

– Ninguém mais virá. Se ele trouxesse outras pessoas, se as mandasse para nos matar, também teria de matá-las depois. Foi por isso que ele veio sozinho. Éramos os dois últimos

homens que poderiam lhe causar problemas. Ele veio a Santa Eulália para acabar com você, mas compreendeu que eu o ligaria à sua morte. E eu sabia o suficiente a seu respeito para que achasse melhor me matar também.

Nivaldo suspirou.

– Na verdade, não sei muita coisa a seu respeito. Quando o conheci, ele disse que era um capitão, ferido em 1869, quando lutava sob o comando de Valeriano Weyler contra os creoles, em Cuba. Uma ocasião, quando ficamos bêbados juntos, ele me disse que o general Weyler cuidava de sua carreira militar de vez em quando, porque haviam sido colegas na escola militar em Toledo. Não podia haver a menor dúvida de que ele estivera mesmo em Cuba, porque sabia muita coisa sobre a ilha. Quando soube que eu vinha de Cuba, começamos a conversar sobre política.

– Peña era seu verdadeiro nome?

Nivaldo deu de ombros.

– Como se conheceram?

– Numa reunião.

– Que tipo de reunião?

– Uma reunião carlista.

– Então ele era um carlista.

Nivaldo esfregou o rosto.

– Muitos soldados e oficiais carlistas receberam anistia e ingressaram no exército do governo depois das duas primeiras guerras civis. Alguns desertaram e voltaram a se juntar às forças carlistas. Outros permaneceram no Exército Nacional e trabalharam pelos carlistas de dentro. Uns poucos se tornaram convertidos políticos e passaram a espionar seus antigos companheiros para o governo. Na ocasião, aceitei Peña como um carlista. Agora... agora já não tenho certeza do que ele era. Só sei que ele comparecia às reuniões carlistas. Foi ele quem nos deu a informação de que os comandantes carlistas formariam um exército de verdade no País Basco para a terceira rebelião. E disse que procurava jovens catalães para transformar em soldados da boina vermelha.

– Sabia dos planos dele para o clube de caça?

Nivaldo hesitou.

– Não exatamente. Sou apenas o dono de um armazém do interior, alguém que fazia as coisas que os outros mandavam fazer. Mas sabia que ele treinava vocês para alguma coisa especial. Fiquei aterrorizado quando li no jornal sobre o assassinato do general Prim e o bando que parara a carruagem. Era o momento. Tive certeza de que os rapazes de Santa Eulália estavam envolvidos.

Josep fitou-o nos olhos.

– Manel, Guillem, Jordi, Esteve, Enric, Xavier... todos morreram.

Nivaldo balançou a cabeça, concordando.

– É triste. Mas eles saíram daqui para serem soldados, e os soldados morrem. No meu tempo, conheci muitos soldados que agora estão mortos.

– Eles não morreram como soldados... Você nos entregou a Peña, como carne sem valor. Por que não nos deu alguma explicação... não ofereceu uma opção?

– Pense a respeito, Josep. Alguns de vocês poderiam concordar em continuar, mas talvez mais ninguém quisesse partir. Eram apenas jovens touros desastrados, sem nenhum pensamento político.

– Pensava que eu também havia morrido. Como se sentiu?

– Desolado, seu idiota! Mas muito orgulhoso. Prim era péssimo para o país. Admito que ele nos livrou daquela vaca real, Isabela, mas convidou o italiano Amadeu para assumir o trono. E sinto o maior orgulho ao pensar que você e eu ajudamos a mudar a história através da morte de Prim. Um ato patriótico.

O olho bom fixava-se em Josep como um farol.

– Não se esqueça de que dei à Espanha a pessoa que mais amava neste mundo.

Josep sentiu um calafrio, uma náusea profunda.

– Jesus, eu não era seu para você me dar! Você não é meu pai!

– Fui mais pai para você e Donat do que Marcel jamais foi. Sabe que isso é verdade.

Josep sentiu que podia começar a chorar a qualquer momento.

– Como se envolveu em tudo isso? Não é catalão, nem mesmo espanhol.

– Isso é jeito de me falar? Sou duas vezes mais catalão e espanhol do que você, seu desgraçado ignorante!

Subitamente, Josep não tinha mais vontade de chorar. E enfrentou a fúria no olho bom.

– Vá para o inferno, Nivaldo!

Josep não foi capaz de entrar na adega durante três dias. Mas depois veio o tempo em que precisava verificar os barris para saber se precisava acrescentar vinho. Como não podia fazer nenhuma coisa que pusesse o vinho em risco, ele voltou à adega para trabalhar. Lá estava a parede de pedra, perfeita, onde a reentrância fora tapada. No outro lado da parede – no outro lado das três paredes da adega – havia a solidez vasta e profunda da colina. Ele disse a si mesmo que a terra continha todos os tipos de mistérios, naturais e criados pelo homem, e era inútil tentar desvendá-los.

E sentiu a necessidade de concluir o trabalho na adega. Usara todas as pedras que acumulara durante a escavação. Pegou o carrinho de mão de Quim e foi recolher mais pedras no rio. Levou menos de meio dia para concluir o pequeno trecho da parede ainda descoberto.

Depois, examinou tudo: o teto e toda a parede de rocha, como a natureza fizera, as outras

paredes, que ele erguera, pedra por pedra, e seus barris de vinho, enfileirados no chão de terra. Sentiu uma satisfação incontida, e também alívio, por saber que nunca mais teria nenhuma dificuldade para trabalhar ali.

De certa forma, pensou Josep, era como ser capaz de comer as cerejas que cresciam no cemitério por trás da igreja.

C hoveu muito cedo e com a intensidade certa naquela primavera. Em maio, o ar abrandava o suficiente para dar a impressão de que beijava seu rosto como uma brisa amena, mas já quente, quando saía de casa pela manhã, para circular entre as fileiras verdes das videiras. Poucos dias antes do final do mês, o verdadeiro calor começou. Na tarde da primeira sexta-feira de junho, Marimar disse-lhe que devia ter o cuidado de não comer direto da panela, porque todo mundo sabia que isso traria chuva.

No dia seguinte, ao amanhecer, o ar era quente, embora ainda estivesse escuro. Josep desceu pela estrada e sentou-se na beira do rio. Lavou-se com todo cuidado. Depois de ensaboar a cabeça, tapou o nariz e deitou de costas na correnteza, de olhos abertos, contemplando o brilho intenso e esperançoso do sol nascente, além das bolhas. O rio passou por seu rosto como se estivesse lavando a sua vida antiga.

Voltou para casa e vestiu a calça da igreja, as botinas engraxadas e uma camisa nova. Apesar do calor, pôs a gravata azul-clara e o paletó azul-escuro que Marimar comprara para ele.

Francesc apareceu ainda cedo, nervoso de tanto entusiasmo. Pegou a mão de Josep enquanto desciam pela estrada, atravessavam a praça e entravam na igreja. Esperaram ali, inquietos, até que Briel Taulé trouxe Marimar, na carroça de Josep.

Ela não tinha nenhuma habilidade como costureira, mas pagara a Beatriu Corberó, a tia de Briel, que era costureira, para lhe fazer um vestido azul-escuro que quase combinava com a cor do paletó de Josep... o azul era uma cor que lhes traria sorte, na opinião de Maria del Mar. Fora uma escolha ponderada, um vestido que ela poderia usar por muito tempo em ocasiões especiais, recatado, de gola alta, as mangas fáceis de vestir, alargadas nos punhos. Duas fileiras de pequenos botões pretos desciam pela frente da blusa, projetando-se para a frente na abundância dos seios. Ela rira da sugestão de Beatriu de que o vestido deveria ter anquinhas, mas a saía, estreitando da cintura até os joelhos, mostrava a beleza natural das ancas antes de se alargar. Tinha na cabeça um chapéu preto de palha, com um pequeno penacho vermelho. Trazia um pequeno buquê de rosas brancas do vinhedo, que Francesc e Josep haviam colhido no dia anterior. Josep, que só a vira até então usando roupas de trabalho, ficou atordoado com a visão.

A igreja logo ficou lotada. Santa Eulália era uma aldeia que sempre se reunia para os casamentos e funerais. Antes de o serviço começar, Josep viu Nivaldo entrar – teve a impressão de que Nivaldo mancava – e sentar no último banco.

De pé diante do padre Pio, Josep mal ouviu as palavras entoadas, quase sufocado pela compreensão de sua imensa sorte. Mas sua atenção logo se concentrou, quando o padre pegou duas velas e mandou que cada um acendesse uma. Aquelas velas representavam suas próprias vidas, disse o padre Pio. Ele pegou as velas e entregou-lhes uma terceira, que deveriam acender juntos, como símbolo de sua união. As duas primeiras velas foram apagadas e o padre anunciou que daquele momento em diante suas vidas haviam se fundido.

O padre abençoou-os e proclamou que eram marido e mulher. Marimar depositou o buquê

aos pés de Santa Eulália.

Ao deixarem o altar e atravessarem a nave, Josep olhou para o lugar em que Nivaldo sentara. Já não havia mais ninguém ali.

Marimar preparara a comida antes. Planejava passar o primeiro dia do casamento em sossego, com o marido e o filho. Mas os aldeões não podiam admitir que assim fosse. Eduardo soltou fogos de artifício na praça quando eles deixaram a igreja. Os estampidos acompanharam a carroça na volta para casa.

Quatro mesas emprestadas haviam sido montadas no vinhedo de Marimar, já ocupadas com as doações de amigos e vizinhos, tortillas, saladas, chouriços e incontáveis pratos de galinha e carne. Não demorou muito para que as pessoas comessem a aparecer. Os músicos do castelo deixaram tambores e *grallas* em casa, mas dois deles trouxeram seus violões. Dentro de meia hora, Marimar foi obrigada, pelo calor, a entrar em casa e trocar o vestido novo por roupas comuns. Josep tirou o paletó e enrolou as mangas da camisa.

Observou o rosto da esposa, alternando excitação e uma alegre serenidade, e compreendeu que Maria del Mar tivera o casamento pelo qual muito ansiara.

As pessoas vieram e partiram, algumas para voltar de novo. Já era tarde quando os últimos foram embora, com os beijos e abraços finais. Francesc já havia muito que dormira. Quando Josep levou-o para a cama, ele estava mergulhado num sono profundo.

Os dois foram juntos para o quarto e tiraram as roupas. Deixaram o lampião aceso, perto da cama, e exploraram um ao outro, com olhares, carícias e beijos, antes de se fundirem, com serenidade, mas também com fome. Ambos tinham consciência de que era diferente desta vez, e, quando Marimar sentiu que ele se encontrava na iminência do orgasmo, pressionou-o com as mãos, para impedir a retirada, que antes achavam que era necessária.

Uma hora passou antes que Josep levantasse para verificar o menino dormindo.

Quando voltou à cama, ele ainda não estava preparado para dormir. Marimar riu baixinho quando ele fez amor de novo, lentamente. Era uma união poderosa, que parecia ainda mais intensa pela incapacidade de se agitarem e gritarem. Era um silêncio total, exceto pela renovação dos ritmos da relação e os gemidos abafados, como um som agonizante, só que prolongados e exultantes, para não acordar o menino.

Maria del Mar não tinha grande afeição pela casa para a qual Ferran Valls a levava, junto com o filho, depois do casamento. Foi preciso muito pouco tempo para que ela se mudasse com seus pertences para a casa de Josep. Como sua mesa da cozinha era um pouco maior e mais resistente do que a dele, resolveram trocá-las. Como admirava o relógio francês e as peças esculpidas no quarto de Josep, ela não levou nenhum móvel da casa de Valls. Carregou apenas três facas, alguns pratos, panelas e suas roupas e as de Francesc.

Deixou todas as suas ferramentas. Quando ela e Josep precisavam de uma enxada ou uma pá, buscavam na casa que estivesse mais próxima do lugar em que trabalhavam.

– Somos ricos em ferramentas – comentou ela, com satisfação.

As mudanças de padrão de vida ocorreram naturalmente. Na segunda manhã depois do casamento, ela saiu de casa depois da primeira refeição, foi até seu próprio vinhedo e começou a remover as ervas daninhas com uma enxada. Dali a pouco, com sua própria enxada, Josep pôs-se a trabalhar ali perto. À tarde, foram juntos para o vinhedo de Torras, a fim de colherem os primeiros cachos de uma fileira de videiras em que Josep não trabalhara antes, no início da primavera. Ele prosseguiu nessa atividade no dia seguinte, enquanto Marimar ia trabalhar no vinhedo de Alvarez.

Sem nenhuma discussão, trabalhando ora juntos, ora separados, fazendo qualquer coisa que fosse necessária, eles fizeram com que se tornasse um único vinhedo, para a mesma *bodega*.

Vários dias depois do casamento, Josep foi até o armazém. Sabia que teria de continuar a fazer compras ali. Era inconcebível percorrer uma longa distância para comprar mantimentos e outros artigos de primeira necessidade. Além disso, ele não queria estimular comentários, se a aldeia notasse qualquer diferença em seu relacionamento com Nivaldo.

Trocaram cumprimentos como estranhos. Josep fez seu pedido. Era a primeira vez que comprava mantimentos para uma família, em vez de apenas uma pessoa, mas nem ele nem Nivaldo fizeram nenhum comentário. Josep levava as coisas para a carroça à medida que Nivaldo as punha no balcão: banha, sal, um saco de farinha de trigo, um saco de feijão, um saco de milho, um saco de café, um saco de balas para o menino.

Ele notou que o rosto de Nivaldo estava mais pálido, encovado, e que ele mancava de uma maneira mais acentuada ao buscar as mercadorias. Mas Josep não perguntou pela saúde do homem mais velho.

Nivaldo trouxe um pequeno queijo de Toledo, redondo e encerado.

– Meus parabéns – disse ele, tenso.

Um presente de casamento.

Josep quase recusou, mas sabia que não deveria fazê-lo. Um pequeno gesto seria normal e Marimar estranharia se Nivaldo nada oferecesse.

– Obrigado – murmurou ele, com o maior esforço.

Pagou a conta e aceitou o troco com um aceno de cabeça.

Na volta para casa, sentia-se dilacerado por sentimentos conflitantes.

Peña fora como a encarnação do mal. Josep sentia-se contente por ele ter morrido e não precisar mais temê-lo. Mas estava profundamente implicado na morte do homem. E tinha certeza de que a punição seria compartilhada se ele e Nivaldo fossem descobertos. Não sofria mais os pesadelos terríveis sobre o assassinato do general Prim, mas agora passou a experimentar outros momentos assustadores quando desperto. Em sua imaginação, via hordas de guardas atacando o vinhedo, destruindo as paredes da adega, enquanto Maria del Mar e Francesc testemunhavam sua vergonha e culpa.

Os assassinos eram garroteados em Barcelona, ou enforcados na Praça Sant Jaume.

Ele suspendeu as viagens de venda no mercado de Sitges durante o auge do verão, pois não queria cozinhar o vinho ao sol quente. Mas continuou a engarrafá-lo na escuridão fresca da adega. À medida que as garrafas se acumulavam no chão de pedra, ele compreendeu que precisava de prateleiras. Contava com um bom suprimento das madeiras salvas dos tonéis desmontados, mas não tinha pregos em quantidade suficiente. Um dia, bem cedo, montou em Mulo ainda no escuro e seguiu sem pressa para Sitges, onde passou a manhã. Comprou dez garrafas vazias de vinho, pó de tinta, papel para os rótulos e um saco de pregos.

Ao passar por uma cantina ao ar livre, viu abandonado em uma das mesas um exemplar de *El Cascabel*. Levou Mulo para uma sombra próxima. Sentia muita falta do jornal de Nivaldo. Pediu um café e sentou-se à mesa para ler, na maior ansiedade.

As notícias continuaram a prender sua atenção por muito tempo depois de tomar o café. Como já sabia, fazia algum tempo que a guerra terminara. Os carlistas não haviam perseverado e a situação parecia ter se acalmado em toda a nação.

Ainda havia combates encarniçados em Cuba.

Antonio Cánovas del Castillo, o primeiro-ministro, formara um governo em Madri que era uma coalizão dos moderados nos partidos Conservador e Liberal, mas opressivo para todos os rivais. Criara uma comissão que elaborara uma nova Constituição, mais tarde ratificada pelas cortes e apoiada pelo trono. Alfonso XII queria reinar numa monarquia constitucional estável, o que fora alcançado. O editorial ressaltava que nem todos concordavam com Cánovas, mas o povo cansara da guerra e do derramamento de sangue. Outro editorial comentava a popularidade do rei.

Naquele final de tarde, ao crepúsculo, Josep se encontrou com Eduardo na praça da aldeia. Conversaram sobre as mudanças políticas:

– Cánovas decidiu cobrar uma nova taxa anual dos proprietários de terras e dos comerciantes – disse Josep. – Agora os fazendeiros devem pagar 25 pesetas, e os comerciantes, 50, para poderem votar.

– Já dá para imaginar como essa medida será popular – comentou Eduardo, sarcástico.

Josep sorriu e acenou com a cabeça em concordância. Eduardo também notara que a saúde de Nivaldo parecia estar se deteriorando. Mencionou isso para Josep.

– A geração mais velha da aldeia está desaparecendo depressa – comentou ele. – Angel Casals também tem sofrido muito agora. Sua gota afeta as duas pernas e causa dores terríveis.

Eduardo fez uma pausa, contrafeito.

– Tivemos uma conversa interessante há poucos dias. Ele acha que chegou o momento de deixar o cargo de alcalde.

Josep ficou espantado. Angel Casals era o único alcalde de Santa Eulália que ele conhecera em toda a sua vida.

– Já se passaram 44 anos desde que ele sucedeu o pai como alcalde. Gostaria de permanecer como o alcalde por mais um ano. Mas acha que seus filhos não têm idade suficiente nem a experiência necessária para sucedê-lo. – O rosto de Eduardo ficou vermelho. – Josep... ele quer que eu seja o novo alcalde.

– Mas isso seria ótimo!

– Você não ficaria ofendido? – perguntou Eduardo, ansioso.

– É claro que não!

– Angel tem a maior admiração por você. Disse que hesitou durante muito tempo, tentando escolher entre nós dois. Finalmente, optou por mim porque sou mais velho. – Eduardo sorriu. – O que pode indicar, ele espera, que eu seja um pouco mais amadurecido. Mas não somos obrigados a permitir que Angel escolha seu sucessor, Josep. Se você quiser ser o alcalde da aldeia, eu o apoiarei com a maior satisfação.

Josep sabia que ele estava sendo sincero. Sorriu para Eduardo e balançou a cabeça em negativa.

– Ele me fez prometer que serviria pelo menos por cinco anos – acrescentou Eduardo. – Depois disso, segundo Angel, talvez você queira assumir, ou um de seus filhos...

– Preciso que você me prometa que servirá pelo menos por 45 anos. Eu gostaria de permanecer no conselho da aldeia por todo esse tempo, pois é um prazer trabalhar com você.

Os dois trocaram um abraço afetuoso. A conversa deixou Josep na maior animação. Sentia-se sinceramente feliz porque Eduardo seria o novo alcalde. Passara a compreender que a vida das pessoas, quer fosse o dono de uma grande tecelagem ou o proprietário de um pequeno vinhedo, dependia em grande parte de contar com um bom alcalde, um governador competente, um Legislativo honesto, um primeiro-ministro e um rei que estivessem preocupados com as condições e o futuro de seu povo.

Josep fez prateleiras na adega bastante fortes para sustentarem várias centenas de garrafas de vinho, mas sem nenhuma tentativa de fabricar um móvel atraente. Ajeitou as garrafas nas prateleiras, uma ao lado da outra, de lado. Adorava a vista das garrafas, o vinho escuro reluzindo através do vidro, à luz do lampião.

Um dia ele trabalhava entre as videiras, ao final da tarde, quando um homem a cavalo saiu da estrada e entrou no vinhedo.

– Este é o vinhedo de Josep?

– É sim.

– E você é Josep?

– Isso mesmo.

O homem desmontou. Anunciou que era Bru Fuxá, da aldeia de Villanueva. Estava a caminho de Sitges para visitar os parentes ali.

– Na última vez em que visitei meu primo, Frederic Fuxá, tomamos juntos as últimas gotas de uma garrafa de seu excelente vinho. Agora, eu gostaria de comprar quatro garrafas e levar como presente para meus primos.

Não era um dia muito quente, mas Josep lançou um olhar preocupado para o sol. Já estava baixo no céu, mas, ainda assim, vinho e calor...

– Por que não descansa um pouco aqui? Pode continuar a viagem para Sitges dentro de uma hora, ao final da tarde, quando uma brisa refrescante sopra pela estrada de Barcelona.

Bru Fuxá deu de ombros e sorriu. Amarrrou o cavalo ao lado de Mulo, na sombra projetada pelo telhado da casa.

Sentou-se no banco da frente da casa e Josep serviu-lhe água fresca. O visitante revelou que era um plantador de oliveiras e conversaram jovialmente sobre a produção de azeitonas. Josep levou-o para examinar as velhas árvores na propriedade de Valls, e Fuxá declarou que estavam em boas condições.

Quando o sol ficou bastante baixo, Josep levou-o para a adega. Com todo cuidado, embrulhou quatro garrafas com folhas de seu estoque cada vez menor de jornais velhos. Guardaram o vinho em seus alforjes.

Fuxá pagou e montou. Sorriu ao levantar a mão em cumprimento e comentou, antes de partir:

– Uma bela *bodega*, *senyor*. Mas... – Ele inclinou-se para a frente. – Falta uma placa.

Na manhã seguinte, Josep preparou um quadrado de carvalho e prendeu num poste baixo e estreito. Pediu a Marimar para desenhar as letras, pois não tinha confiança em sua habilidade para isso. O resultado foi uma placa que não tinha nenhum luxo, até parecia com a placa de À Venda que Donat fincara ali e Josep destruíra. Mas a nova placa desempenhava sua função a contento, informando a qualquer forasteiro qual era exatamente o lugar a que chegara:

#### VIDEIRAS DO JOSEP

Numa tarde de quarta-feira, quando em circunstâncias normais teria imaginado Donat entre suas máquinas barulhentas, Josep foi até o armazém e encontrou o irmão atrás do balcão, usando um avental branco e medindo farinha de trigo para a *senyora* Corberó.

Donat virou-se para Josep assim que a *senyora* Corberó saiu.

– Nivaldo está doente. Mandou nos chamar ontem. Compreendi no mesmo instante que isso significava que ele estava mal, e vim o mais depressa que pude. Rosa está cuidando dele, enquanto eu tento manter o armazém em funcionamento.

Josep procurou pensar em algum comentário apropriado, mas nada lhe ocorreu.

– Só preciso de um pouco de chouriço.

– Quanto?

– Duzentos e cinquenta gramas.

Donat cortou o chouriço, pesou o pedaço, acrescentou outra fatia, embrulhou com uma folha de *El Cascabel*, o papel de embrulho de todo mundo, o amigo do comerciante. Aceitou o dinheiro de Josep e deu o troco.

– Quer subir para vê-lo?

– Acho que não.

Donat ficou surpreso:

– Por que não? Santa Mãe de Deus, você está zangado também com ele?

Josep não respondeu. Pegou o chouriço e virou-se para ir embora.

– Você não gosta de ninguém, não é? – murmurou Donat.

Era a época do ano em que as uvas começavam a cumprir sua promessa, adquirindo cor, tornando-se saborosas como deveriam ser. Era a época em que Josep pegava e saboreava uma uva de vez em quando, para determinar o progresso do amadurecimento.

Era a época para estudar o céu, para preocupar-se com a perspectiva de chuva demais, um granizo inesperado ou a estiagem prolongada.

Ele atribuía seu mau humor à incerteza sazonal sobre o destino das uvas.

Mas Marimar voltou de uma ida à praça com Francesc, para buscar água, e disse que encontrara Rosa. E Rosa lhe contara que o padre passara quase o dia inteiro com Nivaldo.

Quando foi ao armazém, Josep notou que Donat tinha os olhos avermelhados.

– Ele está muito mal?

– Está.

– Posso vê-lo?

Donat deu de ombros, num gesto cansado. Apontou para os três degraus que levavam ao meio andar por cima do depósito, o espaço que servia como os aposentos de Nivaldo.

Josep percorreu o corredor escuro e parou na entrada do quarto. O velho estava deitado de costas, olhando para o teto. O padre Pio inclinava-se para ele, a boca se mexendo, quase silenciosamente.

– Nivaldo... – murmurou Josep.

O padre pareceu não notar a presença de Josep. Dava a impressão de que se encontrava em outro lugar, falando tão baixo que não era possível entender as palavras. O padre Pio levantou uma taça em uma das mãos e um pequeno pincel na outra. Enquanto Josep observava, mergulhou o pincel na taça e fez o sinal da cruz na orelha de Nivaldo, outro nos lábios, mais um nas narinas.

Puxou o cobertor, revelando as costas encurvadas de Nivaldo, as pernas esqueléticas e cabeludas. Aplicou o óleo da unção nas mãos e nos pés... até na virilha!

– Nivaldo, sou eu, Josep – disse, elevando a voz.

Mas o padre estendeu a mão e fechou os olhos de Nivaldo.

A mão do padre Pio teve de voltar para baixar por completo a pálpebra do olho ruim. Depois, o pequeno pincel fez o último sinal da cruz.

Durante anos, todas as pessoas da aldeia haviam visitado o armazém regularmente. A maioria pensava bem de Nivaldo. Mesmo aqueles que não o tinham em alta conta compareceram à missa fúnebre e acompanharam o caixão até a sepultura.

Josep, Maria del Mar e Francesc seguiram com a multidão até a sepultura.

Ali, ele descobriu-se parado ao lado do irmão e de Rosa. Ela fitou-o com algum nervosismo.

– Lamento a sua perda, Josep.

– Eu também.

– Uma pena que não pudéssemos arrumar uma sepultura para ele ao lado de papai – comentou Donat, em voz baixa.

Josep teve vontade de gritar “Por que acha que é uma pena? Pensa que ele e papai vão querer se encontrar sempre para jogar damas?”.

Ele reprimiu o sarcasmo, mas não sentia a menor disposição para conversar com os dois. Poucos minutos depois, afastou-se de Donat e Rosa para se postar à beira do túmulo.

Sua mente era um turbilhão. Nunca se sentira tão cansado e confuso. Desejava agora ter segurado a mão de Nivaldo enquanto ele morria. Lamentava não ter sido bastante sensato para oferecer-lhe a reconciliação e algum pequeno conforto no final. Uma parte dele ainda fervia de raiva ao pensamento do rebelde obcecado e manipulador, o velho enlouquecido que mandara jovens ao encontro da morte, que fizera dos filhos de outros homens sua dádiva pessoal para a guerra. Mas a outra parte recordava o amigo do pai, simpático e afetuoso, o que contava histórias sobre os Pequenos para um menino, que lhe ensinara a ler e escrever, que ajudara um jovem desastrado a se livrar dos fardos da inocência. Josep sabia que esse homem o amara durante toda a sua vida. Por isso, manteve-se um pouco apartado de Marimar e Francesc, enquanto chorava por Nivaldo.

## O legado

Dois dias depois, toda a aldeia já sabia que Nivaldo Machado deixara seu testamento legal com Angel Casals como executor. Mais um dia e todos saberiam também que o armazém fora legado para Donat Alvarez e sua esposa, Rosa.

A notícia foi aceita sem surpresa. Não houve nenhum alvoroço na aldeia até quase três semanas mais tarde, quando Donat mudou a posição do banco, que sempre estivera ao lado da entrada do armazém. O banco foi deslocado na direção da praça, no final do terreno do armazém, tão perto da igreja quanto era possível sem uma invasão. Na frente do armazém, Donat pôs a mesa redonda que fora de Nivaldo. Também pôs ali outra mesa redonda, um pouco maior, além das cadeiras. Rosa disse às pessoas que as mesas ao ar livre ficariam descobertas, exceto nos feriados, quando as cobriria com uma toalha.

Josep foi um dos que resmungaram em protesto:

– Nivaldo mal esfriou. Eles não deveriam ter a decência de esperar mais um pouco antes de começarem a fazer mudanças?

– Eles dirigem um negócio, não um monumento – declarou Maria del Mar. – Gosto das mudanças que eles fizeram. O armazém nunca esteve tão limpo. Até cheira melhor, agora que eles limparam o depósito.

– Não vai continuar assim. Meu irmão é muito relaxado.

– Mas a esposa dele não é. É uma mulher forte, ativa e os dois trabalham muito todos os dias.

– Sabia que o banco e as mesas estão na praça, que é uma propriedade pública? Eles não têm o direito legal..

– O banco sempre esteve na praça – ressaltou Maria del Mar. – E acho que é bom ter as mesas ali. Animam a praça, proporcionam uma aparência mais festiva.

Era evidente que a maioria das pessoas da aldeia concordava com ela. Quando Josep passava pela praça, logo começou a ver uma ou as duas mesas ocupadas, com pessoas tomando café ou com um prato de chouriço e queijo.

Duas semanas depois, Donat acrescentou uma terceira mesa. E ninguém da aldeia procurou o alcalde ou o conselho para protestar.

Num ensaio dos catalães de Santa Eulália, Eduardo disse a Francesc que ele estava progredindo muito bem. Ao final do primeiro ano, garantiu ele, Francesc teria permissão para subir até o sexto nível nos ensaios; e depois de mais algum tempo, seria o pináculo.

Francesc ficou exultante. Quando chegou o momento de ensaiar, ele subiu muito depressa. Josep sentiu os braços do menino em torno de seu pescoço. Esperou pelo que se tornara ritual, o nome murmurado em seu ouvido. Em vez disso, porém, ouviu uma coisa diferente.

Uma palavra mal pronunciada, apenas um sopro, um suspiro, um som incipiente, como o fantasma de uma palavra que a brisa sopra.

Papai.

Naquela noite, quando os três se sentaram à mesa da cozinha para o jantar, Josep fitou o menino e disse:

– Há uma coisa que eu gostaria de lhe pedir, Francesc. Um favor.

A mulher e o menino lhe dispensaram toda a sua atenção.

– Eu gostaria muito se você deixasse de me chamar de Josep e passasse a me tratar de papai. Acha que isso seria possível?

Francesc não olhou para nenhum dos dois. Em vez disso, ficou olhando fixamente para a frente, o rosto vermelho. Tinha a boca cheia de pão e enfiou ainda mais, enquanto acenava com a cabeça.

Maria del Mar olhou para o marido e sorriu.

O tempo de privacidade, o mais íntimo e o mais apreciado de todos os momentos do dia, vinha depois que Francesc caía num sono profundo. Uma noite Josep saiu com Maria del Mar para a escuridão. Sentaram-se no banco do vinhedo e ele se pôs a falar.

E falou sobre o grupo de jovens desempregados de que ela se lembrava muito bem, pois crescera com eles. Os rapazes do clube de caça. Falou da chegada do sargento Peña à aldeia de Santa Eulália.

Relatou o treinamento militar e as promessas, para depois contar as coisas que ela não sabia. Maria del Mar ouviu a história de como os jovens da aldeia foram usados como peões, como haviam ajudado, sem saberem, os homens que assassinaram um político não identificado, por motivos que não podiam sequer começar a compreender.

E Josep contou como ele e Guillem haviam testemunhado o assassinato do pai de Francesc.

– Tem certeza de que Jordi morreu?

– Cortaram a garganta dele.

Ela não chorou; fazia muito tempo que considerava que Jordi Arnau tinha morrido. Mas apertou com força a mão de Josep.

Ele contou detalhes de sua vida como fugitivo.

– Sou o único que restou.

– E corre algum perigo?

– Não. Os únicos dois homens que podiam se sentir ameaçados por mim já desapareceram... mortos em combate.

Era uma mentira confortável. E era tudo o que Josep podia contar. Sabia que nunca poderia revelar nenhuma coisa mais a ela.

– Estou contente por não haver mais segredos entre nós – murmurou Maria del Mar, beijando-o na boca.

Josep detestou saber que havia áreas tenebrosas que nunca poderia revelar.

Prometeu a si mesmo que a compensaria por isso, nunca deixando de tratá-la com amor e ternura. Descobriu que os segredos remanescentes eram um fardo tão grande quanto uma corcunda. Ansiava por alguma pessoa com quem pudesse conversar a respeito. Descarregar.

Mas não havia ninguém.

Numa tarde de sábado, sem acreditar de todo no que estava fazendo, mas incapaz de resistir, ele abriu a porta da igreja e entrou.

Já havia oito pessoas esperando, homens e mulheres, devotos e fiéis. Alguns apareciam toda tarde de sábado para confessar, a fim de comparecer à igreja com a alma limpa para receber a

Eucaristia na manhã de domingo.

As grossas cortinas de veludo vermelho abafavam o som, mas por uma questão de sensibilidade, para que as perversões fossem mantidas em particular, as pessoas aguardando sua vez sentavam nos últimos bancos da igreja, tão longe quanto possível do confessionário. Josep foi sentar ali também.

Quando chegou sua vez, ele entrou no espaço escuro e ajoelhou-se.

– Perdoe-me, padre, pois eu pequei.

– Quando foi a última vez que se confessou?

– Há seis... não, há sete semanas.

– Qual é a natureza de seus pecados?

– Alguém a quem eu era muito... ligado... matou um homem. E eu o ajudei.

– Ajudou a matar o homem?

– Não, padre. Mas... dei sumiço no corpo do morto.

– Por que o homem foi morto?

A pergunta deixou Josep perplexo; não parecia se relacionar com sua confissão.

– Ele veio até aqui para assassinar meu amigo. E também teria me matado.

– Então seu amigo o matou para defender a própria vida?

– Isso mesmo.

– E, talvez, para salvar sua vida? Talvez mesmo para tornar desnecessário que você o matasse?

– É possível.

– Neste caso, a morte do outro homem não poderia ser considerada um ato de amor... um ato de amor a você?

O padre sabe, concluiu Josep.

Talvez ele soubesse mais sobre a morte de Peña do que o próprio Josep. O padre Pio passara quase um dia inteiro com Nivaldo, antes de sua morte.

– Você enterrou o corpo?

Enterrara-o de pé, pensou Josep, de forma absurda, mas enterrara mesmo assim.

– Enterrei, padre.

– Então onde está seu pecado, meu filho?

– Padre... ele foi enterrado em terreno não consagrado. Sem os ritos finais.

– A esta altura, o homem já se encontrou com seu Criador e foi julgado. Não cabe a você providenciar para que todas as pessoas recebam os ritos finais. Tenho certeza de que a polícia

consideraria de uma maneira diferente as suas ações, mas eu não trabalho para a polícia. Trabalho para Deus e a Igreja Católica. E posso lhe garantir que não houve pecado. Você desempenhou um ato físico de misericórdia. É uma sagrada obrigação sepultar os mortos. Portanto, não houve pecado e não preciso ouvir sua confissão.

O padre fez uma pausa, para depois acrescentar:

– Encontre a paz, meu filho. Volte para casa e não se atormente mais.

No outro lado da tela de metal, com seus incontáveis buracos, soou o estalido decidido e final da divisória sendo fechada. A tentativa de confissão de Josep chegara ao fim.

No meio da manhã, na terceira quarta-feira de agosto, Josep sentava a uma das mesas na frente do armazém, lendo um jornal, enquanto o irmão limpava as outras mesas. Os dois levantaram os olhos quando três homens montados passaram pela ponte e entraram na praça. Os dois primeiros, a cavalo, lado a lado, eram homens da Guarda Civil. Josep já vira os homens da Guarda Civil em Barcelona, andando sempre em duplas, armados com espingardas, assustadores em seus chapéus de couro de três pontas, túnicas pretas de gola alta, calças brancas como a neve e botas impecáveis. Aqueles dois usavam o chapéu característico, mas vestiam um uniforme verde empoeirado, com manchas escuras de suor nas axilas e no meio das costas, onde cada um carregava sua espingarda, presa por uma alça de couro.

Eram seguidos por um homem montado numa mula, a quem Josep reconheceu.

– Olá, Tonio! – gritou Donat.

O filho mais velho de Angel Casals lançou um olhar rápido para Josep e acenou com a cabeça para Donat, mas não disse nada. Mantinha-se tão empertigado quanto podia, como se tentasse imitar os dois homens à sua frente.

Josep observou-os por cima do jornal e Donat ficou imóvel, com o pano úmido nas mãos. Os homens pararam perto da prensa de uvas e prenderam os animais na cerca pública. Foram direto para a bomba. Os guardas se revezaram, cada um segurando as armas enquanto o outro bebia. Depois, esperaram que Tonio também bebesse, molhasse o rosto e a cabeça.

– Já que paramos na praça, podemos muito bem começar por aqui – declarou Tonio. – É aquela casa, a primeira depois da igreja. A esta hora, ele pode estar em casa ou no vinhedo. Podemos verificar no vinhedo primeiro, se vocês preferirem.

Um dos guardas acenou com a cabeça em concordância. Flexionou os ombros.

Enquanto Donat limpava as mesas pela quarta vez, Josep observou os três atravessarem a praça e desaparecerem por trás da casa de Eduardo Montroig.

Duas horas depois, Josep e Eduardo Montroig encontraram Maria del Mar e Francesc entre as fileiras de videiras. Falaram sobre os visitantes:

– São dois homens da Guarda Civil, que trouxeram Tonio Casals para orientá-los – informou Eduardo. – Fizeram-me as perguntas mais estranhas. Revistaram toda a minha casa. Não tenho a menor ideia do que procuravam. O desgraçado do Tonio, meu camarada da infância, abriu dois buracos em minha propriedade. Tenho duas depressões naturais em minha terra e mandaram que Tonio cavasse ali.

Eduardo fez uma pausa.

– Do meu vinhedo, foram para a fazenda de Angel, há cerca de meia hora. Quando Josep e eu passamos por lá, há poucos minutos, estavam todos reunidos, enquanto Tonio enchia um buraco que cavara perto do galinheiro. Dá para imaginar? Cavar na terra do próprio pai? O que

eles estão procurando?

Maria del Mar olhava para a estrada.

– Eles estão se aproximando... vindo para cá.

– O que será que estão procurando? – indagou Eduardo de novo.

Josep decidiu não se virar para olhar.

– Não sei – respondeu ele.

Um dos homens da Guarda Civil era mais corpulento do que o outro e uma cabeça mais baixo. Embora fosse visivelmente mais velho, tinha a cabeça cheia de cabelos, enquanto o mais jovem já exibía um círculo de calvície no alto da cabeça. Os dois homens uniformizados não sorriam, mas também nunca eram grosseiros, o que de certa forma fazia com que parecessem mais ameaçadores.

– *Señor Alvarez? Senyora?* Sou o cabo Bagés e este é o soldado Manso. Creio que conhecem o *señor Casals*.

Josep acenou com a cabeça. Tonio fitou-o, sem dizer nada.

– Olá, Maria del Mar.

– Olá, Tonio.

– Gostaríamos de dar uma olhada em sua propriedade, *señor*. Tem alguma objeção?

Josep sabia que não era de fato uma pergunta. Não podia negar permissão, e, mesmo que pudesse, seria considerado como um sinal de culpa. Não se brincava com a Guarda Civil. Tinha um poder legal total. Circulavam histórias sobre os danos físicos e econômicos que seus homens cometiam em seus esforços obsessivos pela manutenção da paz.

– É claro que não – respondeu Josep.

Começaram pelas casas. O cabo mandou o guarda mais jovem revistar a de Valls, acompanhado por Maria del Mar. Ele próprio revistou a casa de Alvarez, acompanhado por Josep.

Não havia muitos lugares na pequena casa em que fosse possível esconder coisas. O cabo Bagés enfiou a cabeça na lareira e espiou pela chaminé. Verificou embaixo da cama e empurrou para o lado a enxerga de Francisc. A casa, de pedra, estava mais fresca do que lá fora, mas fazia calor no sótão, onde o cabo e Josep suaram ao arrastarem os sacos de grãos, para que fossem examinados os espaços por baixo dos beirais.

– Há quanto tempo conheceu o coronel Julián Carmora?

Josep lamentou, pois não queria conhecer a verdadeira identidade de Peña. Não queria sequer pensar em Peña.

Mas assumiu uma expressão de perplexidade ao fitar o cabo.

– Qual era a natureza de seu relacionamento com o coronel Carmora? – insistiu o cabo.

– Não conheço ninguém com esse nome.

O cabo continuou a fitá-lo nos olhos.

– Tem certeza, *señor*?

– Tenho. Nunca conheci nenhum coronel.

– Neste caso, pode agradecer por sua bênção.

Quando eles saíram, Maria del Mar e Francesc estavam sentados no banco, com Eduardo.

– Onde está o soldado Manso? – perguntou o cabo.

– Revistamos uma das casas juntos – disse Maria del Mar. – A outra casa, a do meio, está cheia de ferramentas, dois arados, arreios de couro... uma porção de coisas. Deixei-o ali, verificando tudo, com o maior cuidado. É aquela casa ali.

Ela apontou. O cabo acenou com a cabeça e afastou-se.

– Descobriu alguma coisa? – perguntou Eduardo.

Josep sacudiu a cabeça. Um momento depois, Tonio Casals apareceu entre as videiras. Foi se ajoelhar na frente do menino.

– Olá, Francesc. Sou Tonio Casals. Lembra-se de mim... Tonio?

Francesc estudou o rosto, mas sacudiu a cabeça em negativa.

– Também já faz muito tempo. Conheci você quando era bem pequeno.

– E você, Tonio, como tem passado? – perguntou Marimar, gentilmente.

– Estou bem... muito bem, Maria del Mar. Sou assistente do alguacil da prisão regional em Las Granyas. Gosto do meu trabalho.

– Seu pai disse que você também trabalha no ramo de azeitonas – comentou Eduardo.

– É verdade. Mas cultivar oliveiras é apenas outra forma de agricultura, e não gosto de ser lavrador. Além disso, meu patrão é um homem desagradável... A vida é sempre um pouco difícil, não é?

Eduardo murmurou em concordância, para depois perguntar a seu antigo amigo:

– E sempre trabalha com a Guarda Civil?

– Não. Mas conheço todos, e eles me conhecem, porque sempre levam presos para a prisão ou vão buscá-los para interrogatório. Para ser franco, estou pensando em tentar entrar para a Guarda Civil. É difícil, porque há muitos candidatos e é preciso ter aulas e fazer exames. Mas, como eu disse, conheço muitos homens da Guarda Civil agora... e o trabalho se relaciona com minha experiência na prisão. Esses dois sabiam que eu era de Santa Eulália. Quando foram enviados para cá, pediram-me que os acompanhasse, como guia e ajudante, para que eu pudesse assegurar à aldeia que não pretendem fazer nenhum mal a ninguém.

– Mas o que eles procuram em nossa terra, Tonio? – perguntou Marimar, ansiosa.

Tonio hesitou.

– Não precisam se preocupar.

Marimar arregalou os olhos.

– Por que me perguntaram se eu conhecia certo coronel?

O rosto de Tonio deixava transparecer o orgulho por ser uma autoridade. Ele olhou para se certificar de que os dois homens da Guarda Civil não estavam por perto.

– Um coronel com um cargo importante no Ministério da Guerra desapareceu. É um oficial destacado e que pode um dia se tornar general.

– Mas... por que o procuram aqui? – perguntou Eduardo.

Tonio fez uma careta.

– A razão é mínima. Entre outros papéis encontrados em sua mesa, havia uma lista com os nomes de membros dos conselhos de pequenas cidades e aldeias da Catalunha. A lista de Santa Eulália, com os nomes dos três conselheiros, tinha um círculo ao redor.

O conselho da aldeia... Então foi assim que ele me descobriu, pensou Josep.

– Isso é tudo? – indagou Eduardo, incrédulo. – Um círculo traçado numa lista de aldeias?

Tonio acenou com a cabeça em confirmação.

– Não pude deixar de rir quando me contaram. E comentei que talvez o coronel estivesse planejando sua aposentadoria e pensasse em se instalar na aldeia para cultivar uvas. Ou talvez planejasse mandar tropas para manobras de treinamento aqui... ou talvez uma porção de outras coisas. Mas eles insistiram em mandar investigadores. Fui obrigado até a cavar um buraco na propriedade de meu pai! Eles não querem deixar nada de lado, nem o menor detalhe. É por isso que são sempre bem-sucedidos... é por isso que são os melhores. – Ele sorriu para Marimar. – Mas seja paciente, porque em breve iremos embora.

O cabo Bagés voltou dali a pouco e disse para Josep:

– Pode me acompanhar, *señor*?

Ele levou Josep até a porta na encosta.

– O que é isto?

– Minha adega de vinhos.

– Eu gostaria de entrar, se não se incomoda.

Josep abriu a porta e entraram na escuridão. Um momento depois, Josep riscou um fósforo e acendeu o lampião.

– Ahn... – murmurou Bagés.

Era um murmúrio de prazer.

– É bem fresco. Por que não mora aqui?

Josep forçou um sorriso.

– Não queremos esquentar nosso vinho.

O cabo pegou o lampião. Ergueu-o e estudou a cena à sua frente, a parede e o teto de rocha, a parede de pedra por trás das prateleiras de garrafas cheias.

Aproximou o lampião da parede e examinou-a. Josep percebeu uma coisa, com súbita consternação. A argila entre as pedras exibía diferentes colorações, de acordo com os diversos tempos em que estivera secando. Era de um cinza claro quando secava por completo, quase da mesma tonalidade de muitas pedras. Ainda um pouco úmida, era mais escura, com tonalidades marrons.

Os dois trechos mais recentes podiam ser identificados.

O coração de Josep disparou. Sabia exatamente o que aconteceria em seguida. O cabo estudaria a argila e começaria a remover as pedras mais recentes.

O homem estendeu o lampião e deu um passo à frente. Foi nesse instante que a porta da adega foi aberta e o soldado entrou.

– Acho que descobrimos alguma coisa – anunciou o soldado Manso.

O cabo entregou o lampião a Josep e foi conversar com seu companheiro. Josep ouviu as palavras murmuradas:

– Uma sepultura sem marca.

A porta ficou aberta, o calor entrando na adega.

– *Señores*, por favor... a porta!

Mas os dois homens da Guarda Civil não prestavam mais atenção. Afastaram-se apressados. Josep apagou o lampião e seguiu-os, depois de fechar a porta.

Não era um dia muito quente para a Catalunha, mas o contraste com o frescor da adega deixava qualquer pessoa atordoada.

Ele viu que todos haviam se reunido na beira leste no fundo do vinhedo de Alvarez, até Angel Casals, que devia ter subido até ali com a maior dificuldade. O alcalde parecia muito doente e apoiava-se em Marimar.

Havia o som de terra removida e os grunhidos de alguém usando uma pá.

Quando se aproximou, Josep constatou que todos observavam Tonio Casals, dentro do buraco que ele próprio abrira.

Josep juntou-se aos outros, sentindo que uma bolha de exultação histórica subia lá do fundo, porque a situação era exatamente como a sua imaginação apavorada projetara, a esposa, o filho, os amigos e vizinhos reunidos para testemunhar seu desastre e desgraça.

– Há alguma coisa aqui – disse Tonio.

Ele largou a pá e abaixou-se para puxar, até que saíram da terra dois ossos compridos, com

terra e resquícios de carne ainda grudados.

– Acho que é uma perna – disse Tonio.

O tom era um pouco pomposo, na opinião de Josep. Mas logo depois ele soltou um grito quando uma coisa macabra saiu da terra.

– Madre de *Déu!* Um casco fendido! É a perna de um demônio!

– Não, *señor* – disse Francesc, em voz alta, excitada e estridente. – Não é um demônio, mas um javali.

No curto silêncio subsequente, Josep percebeu que Eduardo começava a tremer. Os ombros subiam e desciam, o rosto compenetrado se contraía.

Ele gemeu, um som que poderia ter sido produzido por uma bomba emperrada; e depois Josep viu e ouviu, pela primeira vez, uma autêntica risada de Eduardo Montroig. Era baixa e sibilante, como o latido de um cachorro asmático após correr uma longa distância.

Quase que no mesmo instante os outros o acompanharam, até os homens da Guarda Civil, seduzidos tanto pela alegria incontrolável de Eduardo quanto pela situação. Josep descobriu que era fácil se entregar ao riso histérico, enquanto Tonio, estoico, tornava a enterrar o javali.

Josep não gostou da aparência do alcalde. Levou-o para o banco e serviu água fresca. Tonio continuou a ignorar Josep, mas virou-se para Marimar.

– Eu gostaria de provar seu vinho.

Ela hesitou, procurando uma maneira de evitar a necessidade de servi-lo. Mas Angel Casals interveio, dizendo bruscamente ao filho:

– Eu gostaria que você me levasse para casa. Contratei Beatriu Corberó para nos fazer uma *paella* de verão, com butifarra e legumes, uma refeição ao estilo da aldeia, para você e seus amigos. Preciso supervisionar tudo.

Eduardo ajudou o alcalde a montar na mula do filho e Tonio levou-o. Aliviado, Josep encheu um jarro do barril quase vazio de vinho comum. Serviu-o nos copos de Quim para os dois homens da Guarda Civil, Marimar e Eduardo.

Os dois guardas não estavam com pressa. Beberam devagar, elogiaram o vinho e deixaram que Josep os convencesse de que era apropriado tomar outro copo.

Depois apertaram sua mão, desejaram uma colheita abundante, montaram em seus cavalos e partiram.

## O monsieur

No início de setembro, várias pessoas já haviam procurado a *bodega* para comprar vinho.

Quando viu um cavaleiro sair da estrada e entrar no vinhedo, Josep pensou que era mais um freguês. Mas quando se adiantou, viu que o homem parava o cavalo para examinar a placa.

E no instante seguinte, Josep reconheceu o homem, cujo rosto exibia o mais amplo sorriso.

– Monsieur! Monsieur!

Monsieur Mendes pode provar meu vinho, ele pensou ao mesmo tempo, sentindo alegria e terror.

– *Señor!* – gritou Leon Mendes em resposta.

Josep ficou muito satisfeito em poder apresentar Maria del Mar e Francesc a Leon Mendes.

Ele falara muito para Marimar sobre Mendes, e ela sabia o que o francês significava para o marido. Assim que foram concluídas as apresentações, ela pegou Francesc pela mão e foi até a fazenda de Casals para comprar uma galinha. Depois, foi até o armazém, para comprar outros ingredientes, sabendo que passaria a tarde preparando o jantar.

Josep desencilhou o cavalo. Quando ele estava no Languedoc, Monsieur Mendes tinha uma égua árabe preta excepcional. Viera até ali também numa égua, mas castanha, dorso encurvado, de linhagem duvidosa, um animal que Mendes devia ter alugado em Barcelona, ao deixar o trem. Josep providenciou água e comida para a égua. Pôs duas cadeiras na sombra e ofereceu panos úmidos ao visitante, para limpar a poeira da estrada do rosto e das mãos.

Em seguida, pegou um jarro e copos. Os dois se sentaram, tomaram água e começaram a conversar.

Josep contou a Mendes como adquirira sua propriedade. Como o irmão e a cunhada queriam vender o vinhedo de Alvarez e como ele o comprara. Como o vizinho atormentado pelo amor lhe passara a responsabilidade do vinhedo de Torras; e como casara com Marimar, juntando as propriedades.

Mendes escutou atentamente, fazendo perguntas ocasionais, a satisfação evidente em seus olhos.

Josep decidira não se precipitar com o vinicultor francês antes de compartilharem um período razoável de conversa. Mas descobriu que não podia mais se conter.

– Não gostaria de tomar um copo de vinho?

Mendes sorriu.

– Seria um prazer.

Josep foi buscar dois copos para o vinho. Seguiu apressado até a adega para pegar uma garrafa. Mendes examinou o rótulo e alteou as sobrancelhas ao estender a garrafa para ser aberta.

– Preciso saber sua opinião, monsieur.

Nenhum dos dois fez nenhuma menção de beber à saúde do outro. Ambos sabiam que era uma prova.

Mendes levantou o copo para examinar a cor do vinho. Depois, girou o vinho em círculos gentis, observando as listras transparentes que o líquido escuro em movimento fazia no vidro. Ergueu o copo até o nariz e fechou os olhos. Tomou um gole e manteve o vinho na boca, respirando pelos lábios entreabertos, sugando o ar pela garganta.

Depois, engoliu o vinho. Recostou-se, os olhos fechados, o rosto sério. Josep não podia perceber nada em sua expressão.

Mendes abriu os olhos e tomou outro gole. Só então olhou para Josep.

– Gostei... – murmurou ele.

– É um vinho excelente, como tenho certeza que você já sabia. É rico e sumarento, mas também bastante seco... uvas Tempranillo?

Josep estava exultante e acenou com a cabeça, descontraído.

– Isso mesmo. A nossa Tempranillo. Mais Garnacha. E uma quantidade menor de Cariñena.

– É encorpado, mas elegante. O sabor persiste na boca por muito tempo depois que você engole. Se eu tivesse produzido este vinho, estaria muito orgulhoso.

– De certa forma, monsieur, também produziu este vinho. Tentei lembrar tudo o que me ensinou ao produzi-lo.

– Neste caso, eu me sinto orgulhoso. Está à venda?

– Mas é claro que sim!

– À venda para mim, por atacado.

– É claro, monsieur!

– Mostre-me seu vinhedo.

Os dois circularam juntos entre as videiras, pegando uma uva aqui e ali para verificar a crescente maturação, enquanto conversavam sobre os momentos ideais para a colheita. Quando chegaram à porta na encosta, Josep abriu-a e deixou o visitante entrar primeiro. À luz do lampião, Leon Mendes estudou cada detalhe da adega.

– Você escavou sozinho?

– Isso mesmo.

Josep contou como descobrira a formação rochosa apropriada. Mendes olhou para os quatorze barris de cem litros, mais os três barris de 225 litros.

– Este é todo o vinho que você produziu?

Josep acenou com a cabeça em confirmação.

– Tive de vender o resto das minhas uvas para fazer vinagre, a fim de financiar a produção do vinho.

– Tem um segundo tipo?

– Apenas em um barril.

Ele mantinha uma caneca em cima do barril para tirar o vinho. Agora, teve de inclinar o barril para oferecer uma amostra a Mendes.

– É apenas o resíduo – advertiu ele.

Mas Mendes provou o vinho com todo cuidado e declarou que era um razoável *vin ordinaire*.

– Vamos voltar para nossas cadeiras na sombra. Temos muito o que conversar.

– Já vendeu alguma coisa de seu vinho bom?

– Relativamente poucas garrafas, no mercado em Sitges, da traseira de minha carroça.

Quando Josep informou quanto cobrara, Mendes suspirou.

– Tem um vinho excelente, vendido a um preço ínfimo. Muito bem...

O homem mais velho tamborilou com as pontas dos dedos na coxa por um momento, enquanto pensava.

– Eu gostaria de comprar onze dos seus barris de cem litros. Pagarei o dobro do preço que cobrou quando vendeu as garrafas de vinho da carroça. – Ele sorriu pela expressão de Josep. – Não é generosidade, pois esse é o preço de mercado. Nos anos desde que você deixou o Languedoc, a filoxera devastou nossos vinhedos. A desgraçada, do tamanho de uma pulga, destruiu três quartos dos vinhedos da França. As pessoas clamam por um vinho aceitável. Os preços estão altos e continuam a subir. Mesmo depois de pagar o transporte e o engarrafamento, ainda venderei o vinho com um excelente lucro.

Leon Mendes fez uma pausa.

– Se fosse egoísta, eu levaria até a última gota do que produziu, mas deixarei o suficiente para encher cerca de novecentas garrafas. Deve usá-las para começar a desenvolver uma clientela em seu próprio território. Para vender seu bom vinho, deve comprar garrafas novas e imprimir o rótulo numa gráfica. Providencie um estande pequeno num dos grandes mercados cobertos de Barcelona. O preço ali deve ser duas vezes e meia maior do que cobrou em Sitges. Pessoas de recursos modestos fazem compras em Barcelona também, não apenas na aldeia dos pescadores. Mas em Barcelona também há prósperos comerciantes e uma aristocracia rica, pessoas que compram o melhor e sempre se mantêm de olhos abertos a novos produtos. Venderá seu vinho rapidamente. Quanto planeja produzir na próxima safra?

Josep franziu o rosto.

– Um pouco mais do que no ano passado. Mas terei a vender a maior parte do sumo fermentado para fazer vinagre. Preciso do dinheiro.

– Ganhará muito mais com o vinho do que com o sumo fermentado.

– Não tenho dinheiro suficiente para me sustentar ao longo do ano, monsieur.

– Adiantarei o dinheiro que você precisa para a operação, em troca do direito exclusivo sobre dois terços do vinho em seus barris.

Ele fitou Josep nos olhos, antes de acrescentar:

– Tenho de dizer, Josep, que, se não aceitar minha oferta, muito em breve receberá outras. Já encontrei meia dúzia de vinicultores franceses procurando vinho na região. Daqui por diante, será uma presença constante na Catalunha e em outras partes da Espanha.

Havia um turbilhão na cabeça de Josep.

– São decisões importantes que tenho de tomar. Importa-se se eu deixá-lo por um momento para pensar a respeito?

– É claro que não. Aproveitarei esse tempo para passear pelo resto de seu vinhedo.

Ele sorriu. Josep refletiu que Monsieur Mendes sabia exatamente como ele passaria o intervalo.

A casa recendia a alho, ervas e galinha cozinhando em fogo brando.

Josep encontrou Marimar na cozinha, descascando favas, uma mancha de farinha de trigo no nariz.

– Angel só quis vender uma galinha velha e dura, que deixara de pôr ovos – disse ela. – Mas ficará ótima. Estou cozinhando em fogo baixo, com azeitonas, um pouco de vinho e azeite. Haverá também uma omelete de espinafre, com molho de tomate, pimentão e alho.

Marimar sentou-se com ele e ouviu a oferta de Monsieur Mendes. Fez poucas perguntas, mas absorveu tudo que Josep disse.

– É uma oportunidade de nos estabelecermos como produtores de vinho. Devemos aproveitar a situação. A filoxera, a escassez de vinho na França...

Ele parou de falar. Sentia-se apreensivo porque sabia que Maria del Mar ficava apreensiva com as mudanças, encontrando segurança em padrões familiares, mesmo que fossem prejudiciais.

– Você quer fazer isso, não é? – perguntou ela, depois de um longo momento de silêncio.

– Quero sim... quero muito.

– Pois então devemos fazer.

E ela voltou a cuidar da comida.

Foi um jantar muito agradável. Quando o visitante elogiou Marimar e enalteceu, em particular, os doces servidos com o café, ela riu e disse que vinham do armazém local, cuja proprietária era uma excelente confeitadeira.

Depois que Francesc se despediu, sonolento, e foi dormir, a conversa logo voltou para o vinho:

– Seu vinhedo também corre perigo? – perguntou Josep.

Mendes acenou com a cabeça para indicar que sim.

– A filoxera talvez nos alcance no próximo ano, ou no ano seguinte.

– Não há nada que possa fazer? – indagou Marimar.

– Há sim. A praga veio para a Europa em videiras importadas da América. Mas há uma videira americana cujas raízes os insetos não comem. Talvez essas raízes contenham um elemento venenoso para os afídeos, ou talvez simplesmente tenham um gosto horrível. Quando mudas de nossas videiras condenadas são enxertadas nessas raízes, os afídeos não as incomodam.

Mendes fez uma pausa.

– Tenho substituído 25 por cento das minhas videiras anualmente com mudas enxertadas, durante os últimos três anos. Mas demora quatro anos para se ter a primeira colheita. Talvez vocês estejam interessados em fazer a mesma coisa em seu vinhedo.

– Por que fariamos isso, monsieur? – perguntou Maria del Mar. – A filoxera não é um problema francês?

– Muito em breve, madame, será também um problema espanhol.

– O afídeo não será capaz de atravessar os Pireneus – comentou Josep.

– A maioria dos estudiosos acha que isso é inevitável – informou Mendes. – Os afídeos não são águias, mas mesmo com suas pequenas asas avançam cerca de vinte quilômetros por ano. E contam com a ajuda do homem em suas viagens. Muitas pessoas cruzam a fronteira todos os anos. Os afídeos podem se esconder em qualquer lugar, por baixo da gola de um casaco ou na crina de um cavalo. É possível... quem sabe... que já tenha alcançado algum lugar da Espanha.

– Então não temos opção – murmurou Josep, perturbado.

Mendes balançou a cabeça em simpatia.

– De qualquer forma, é uma coisa em que precisam pensar com muito cuidado.

Puseram lençóis limpos na cama na casa de Valls e Mendes passou a noite ali. Levantou cedo na manhã seguinte, logo depois de Josep e Marimar, e anunciou que partiria ainda de manhã para Barcelona, de onde viajaria para a França. Enquanto Marimar preparava uma tortilla, ele e Josep deram uma volta pelo vinhedo.

Josep disse que compraria barris de 225 litros e os guardaria nos dois lados da adega, em suportes largos.

– Isso servirá por enquanto, porque poderá me enviar os barris cheios de vinho depois de um prazo relativamente curto. Mas o preço do vinho permanecerá alto por muitos anos, e chegará o dia em que você vai querer que até a última gota do vinho produzido seja vendida em suas próprias garrafas. Quando isso acontecer, vai precisar de outra adega na encosta, pelo menos do tamanho da que tem agora.

Josep fez uma careta.

– Mais escavação...

Mendes parou de andar.

– Há uma coisa que você precisa aprender, talvez a lição mais difícil e mais importante. Às vezes deve confiar em outras pessoas para fazerem o que tem de ser feito. Depois que o seu vinhedo alcançar certo tamanho, não terá mais condições de fazer todo o trabalho sozinho.

Depois de comerem, Josep selou o cavalo alugado. Os dois homens trocaram um abraço.

– Monsieur! – Marimar veio apressada da casa, com um saco contendo uma garrafa do bom vinho e uma porção da tortilla, para ele comer no trem. – Boa viagem.

Leon Mendes fez uma reverência.

– Obrigado. Você e seu marido fizeram aqui uma maravilhosa *bodega*.

## A divergência

Três semanas depois, Josep e Maria del Mar tiveram a primeira discussão séria da vida conjugal.

Os dois trabalhavam com afinco e passavam longas horas discutindo os problemas da *bodega* e seus planos para o futuro.

Decidiram começar a replantar o vinhedo depois da colheita do ano seguinte. A cada ano, durante quatro anos, substituiriam 25 por cento de suas videiras por mudas enxertadas, como Mendes fizera no Languedoc. Josep gostou do fato de que assim poderiam fazer vinho com toda a produção de uvas naquele ano e no seguinte. Depois disso, as videiras enxertadas não dariam uma colheita pelo prazo de quatro anos. Com isso, a cada ano, com a substituição de um quarto das videiras, os rendimentos diminuiriam em 25 por cento. No quarto ano, não teriam nenhuma colheita. Mas com os preços altos do vinho, poderiam acumular capital suficiente para cobrir as despesas. Combinaram que passariam o ano sem colheitas fazendo melhorias no vinhedo. Seria o ano que escavariam uma segunda adega... e não apenas isso, mas também abririam um poço, se fosse possível, em algum lugar do vinhedo de Alvarez. Com tanta coisa para lavar e enxaguar, sem falar da irrigação, quando havia necessidade, buscar água no rio era um constante desperdício de tempo e trabalho. Um vinhedo precisava de seu próprio poço.

Era um prazer novo e estranho ter dinheiro para fazerem as coisas que eram necessárias.

Uma noite Marimar voltou da aldeia com uma novidade:

– Rosa e Donat estão procurando uma casa.

– É mesmo? – Josep não estava prestando muita atenção, pois especulava quando seriam entregues as garrafas que encomendara. – Para que eles precisam de uma casa?

– Rosa quer pôr mesas nos aposentos por cima do armazém para fazer uma cantina, em que possam servir refeições de verdade. Ela é uma cozinheira e confeitadeira maravilhosa. Viu como Monsieur Leon adorou seus doces?

Josep balançou a cabeça, distraído.

No final das contas, disse a si mesmo, não precisaria das garrafas por muitas semanas. Uma necessidade mais imediata era determinar por que seções do vinhedo iniciaria a colheita. Para esmagar tantas uvas, era necessário planejar a colheita com todo cuidado. Teria de discutir o problema com Marimar.

Ela interrompeu suas reflexões:

– Eu gostaria de dar a casa de Valls.

– A quem?

– Rosa e Donat. Eu gostaria de lhes dar a casa de Valls.

Josep soltou uma risada desdenhosa.

– Não há a menor possibilidade.

Ela ficou surpresa:

– Donat é seu irmão.

– E sua esposa queria tomar minha terra. E minha casa. E meu vinhedo. E meu sabão e meu copo. Nunca mais esquecerei.

– Rosa estava desesperada. Não tinha nada e tentava defender a herança do marido. Nossas situações são muito diferentes. Acho que se você se permitir conhecê-la, vai gostar dela. É uma mulher trabalhadora, com muita coragem e diferentes habilidades.

– Ela que se dane.

– Rosa também está grávida.

Marimar esperou um pouco, mas não houve nenhuma reação.

– Preste atenção, Josep. Não temos outros parentes. Quero que meus filhos cresçam entre a família. Há três casas na *bodega*. Vivemos nesta e precisamos da casa de Quim como depósito. Mas minha velha casa está vazia e quero dá-la para Rosa e Donat.

– Já não é sua casa. Sou dono de metade, assim como você é dona da metade desta casa e da metade da casa de Quim. Quero que saiba de uma coisa: você não vai dar as coisas que eu possuo.

Ele viu a expressão de Maria del Mar mudar. O rosto tornou-se contraído e cauteloso, um pouco mais velho. Era a mesma expressão que ela exibia quando ele voltara para Santa Eulália. Esquecera-a por completo.

Um momento depois, ouviu-a subir os degraus de pedra para o quarto.

Josep continuou sentado lá embaixo, pensando.

Gostava profundamente de Marimar. Recordou a promessa que fizera a si mesmo, de que nunca a trataria com crueldade, em atos ou palavras, como ela fora tratada pelos outros antes. Mas percebeu agora que tinha o poder de magoá-la, talvez ainda mais do que os outros.

E sentado ali, sentindo-se miserável e desprezível, ele recordou as palavras de Marimar. Empertigou-se.

Ela dissera mesmo que Rosa estava grávida também?

Se dissera, teria se expressado mal? Mas também era possível que ela tivesse dito que Rosa também estava grávida.

Josep levantou-se e subiu correndo a escada, ao encontro da esposa.

Poucos dias depois, numa manhã de quinta-feira, uma carroça de carga, puxada por dois cavalos, subiu pela estrada. Josep levou o cocheiro para a casa de Quim e ajudou-o a carregar 42 caixas de madeira com garrafas para o segundo andar. Empilhadas em duas camadas, ocuparam quase metade do que fora o pequeno quarto de Quim. Depois que o cocheiro foi

embora, Josep abriu uma das caixas e tirou uma garrafa nova, idêntica a todas as outras, esperando para ser enchidas de vinho.

Ouviu vozes ao deixar a casa de Quim. Atraído pelo som, foi até a casa de Valls. Encontrou Maria del Mar com seu irmão.

– Ouvirá sempre o murmúrio do rio quando for dormir e acordar nesta casa – comentou Marimar.

– Olá – disse Josep.

Donat retribuiu o cumprimento, meio constrangido.

– Eu disse a Rosa esta manhã que seria ótimo se pudéssemos plantar mais roseiras perto desta casa – acrescentou Marimar. – Seria ótimo fazer isso também em nossa casa, Josep. Acha que já tiramos roseiras demais das margens do rio?

– É um rio comprido – declarou Josep. – Talvez eu tenha de andar um pouco mais, mas ainda há muitas roseiras.

– Irei buscá-las com você – disse Donat.

– Rosa adora as flores cor-de-rosa – comentou Maria del Mar. – Pode ficar com todas. Eu prefiro as brancas para nossa casa.

Donat riu.

– Teremos de esperar até que desabrochem, em abril, para sabermos quais são as cor-de-rosa e quais são as brancas.

– Eu consigo perceber a diferença – disse Josep. – As cor-de-rosa são mais altas. Podemos buscá-las no inverno, quando há mais folga no trabalho.

Donat acenou com a cabeça em concordância.

– É melhor eu voltar agora para ajudar Rosa no armazém. Só vim até aqui para dar uma olhada na fileira de pedras que precisa ser reparada nos fundos da casa.

– Que fileira de pedras? – perguntou Josep.

Foram para os fundos da casa. Josep viu e contou oito pedras de bom tamanho espalhadas pela terra.

– Eu sabia que havia uma pedra solta neste muro – disse Maria del Mar. – Sempre esquecia de mencionar para você, mas... o que causou isso?

– Acho que foram os homens da Guarda Civil – respondeu Josep. – Devem ter notado a pedra solta e a tiraram... e resolveram tirar as outras também, para terem certeza de que não havia nada escondido aqui. Verificaram mesmo tudo.

– Posso consertar – disse Donat.

Mas Josep sacudiu a cabeça.

– Farei isto hoje à tarde. Gosto desse tipo de trabalho.

– Obrigado, Josep.

E, pela primeira vez, Josep deu uma boa olhada no irmão.

Viu um homem corpulento e afável. Os olhos de Donat eram claros, o rosto calmo. Parecia ter a maior determinação, enquanto se preparava para voltar ao trabalho que apreciava.

Seu irmão.

Alguma coisa dentro de Josep – uma coisa pequena, fria e pesada, que guardava sem saber no fundo de seu coração – derreteu-se e desapareceu.

– De nada, Donat.

O frio alcançou a aldeia vindo de longe, das montanhas, do mar. O vento uivaria e destruiria? Traria granizo ou pequenos insetos com asas? A chuva de outono caiu três vezes, mas em cada vez foi uma chuva gentil, misericordiosa. Na maioria dos dias, o sol ainda brilhava durante as horas de claridade, para afugentar o frio que a noite trazia. E as uvas continuaram a amadurecer.

Ele compreendeu que o replantio seria uma oportunidade de juntar videiras da mesma variedade em grandes blocos, porque agora tinha de pagar pelo descuido de seus ancestrais, deslocando-se de um lado para o outro, por toda parte, nas fileiras misturadas, para colher de acordo com a variedade.

Josep queria o máximo de madureza possível em tudo que colhia, mas também não queria que as uvas apodrecessem enquanto esperavam na videira. Por isso, planejou a ordem da colheita como se fosse um general a caminho da batalha.

As plantas mais antigas, com as menores uvas, pareciam amadurecer por último, talvez por causa de seu *terroir*. Fora com essas uvas que ele fizera seu vinho misturado. Sentia uma afeição especial pelas videiras muito antigas, retorcidas; não as substituiria até e a menos que surgissem evidências de que estavam condenadas. Por enquanto, deu-lhes mais alguns dias extras para amadurecimento.

Assim, uma manhã, ele iniciou a colheita pelas uvas das videiras comuns, que até aquele momento haviam sido usadas apenas para fazer vinagre.

Contava com muita ajuda. Donat avisara a todos na aldeia que durante a semana da colheita o armazém só abriria de meio-dia às quatro horas da tarde, porque ele e Rosa se juntariam aos colhedores e pisoteariam as uvas à noite. Briel Taulé estava lá, como sempre. Além disso, Marimar contratara Ignasi Febrer e o primo de Briel, Adriá Taulé, que também colheriam e esmagariam as uvas.

Ao final daquela tarde, Josep foi para a cisterna cheia de uvas. Lavou os pés e as pernas.

Outros se juntariam a ele em breve, trabalhando em turnos, alguns colhendo e separando as uvas, enquanto outros as esmagavam com os pés. Mas, no momento, ele se encontrava sozinho, inebriado com a cena. O tanque estava cheio de uvas púrpura e escuras. Ali perto havia mesas com tortillas e doces feitos por Rosa, debaixo de panos além de copos e jarros com água. Numa tosca lareira de pedras havia lenha esperando para ser acesa. Ao redor da cisterna havia

lampiões e tochas, para proporcionar calor e luz contra o frio e a escuridão quando a noite chegasse.

Francesc veio correndo, em seus passos irregulares. Observou quando Josep pôs um pé e depois outro nas uvas.

– Também quero fazer isso.

Mas Josep sabia que a pilha de uvas era profunda e o menino não conseguiria se movimentar.

– No próximo ano você já estará bastante crescido.

Ele sentiu um ímpeto de pesar por seu pai não ter vivido para conhecer aquele menino e sua mãe. Por seu pai não ter testemunhado o que acontecera com o vinhedo de Alvarez.

Por Marcel Alvarez nunca ter provado o vinho que o filho produzia.

Josep sabia que se apoiava nos ombros do pai e de todos aqueles que haviam vindo antes. Talvez por mil gerações, todos os lavradores que haviam trabalhado no solo da Espanha, primeiro como servos, depois como homens livres e pequenos proprietários.

Teve uma visão súbita e vertiginosa de seus ancestrais como um castelo, cada geração subindo mais alto, nos ombros da anterior, até que ele não podia mais ouvir o som dos tambores e das *grallas*. Um castelo com mil níveis de altura.

– E Francesc é nosso enxaneta, nosso pináculo – disse ele, pegando o menino e ajeitando-o em seus ombros.

Francesc ficou com as pernas pendendo pelos dois lados da cabeça de Josep. Pegou os cabelos de Josep com as duas mãos e perguntou:

– O que fazemos agora, papai?

– Agora?

Josep deu os primeiros passos. Pensou nas esperanças e nos sonhos, no trabalho árduo de cultivar uvas, no esforço constante para transformá-las em vinho. Respirou sua fragrância e sentiu que se rompiam ao seu peso. O sumo vital corria livre, apenas a pele separando o sangue das uvas de seu próprio sangue.

– Agora, Francesc, andamos e cantamos! Andamos e cantamos!

## Agradecimentos

Este livro é minha carta de amor a um país. Só descobri as glórias de um bom vinho quando já um homem de meia-idade, comecei a viajar para a Espanha. Logo passei a apreciar profundamente o povo espanhol, sua cultura e seus vinhos.

Quando decidi escrever uma história a respeito, optei por fixá-la em meados do século XIX, porque foi o período da praga da filoxera e das guerras carlistas. Localizei meu vinhedo fictício na região de Penedès, já que meu personagem, vivendo ali, teria fácil acesso tanto a Barcelona quanto à região vinícola do sul da França.

### *História ou imaginação?*

É importante destacar que elementos deste romance se baseiam em fatos históricos e que elementos são invenção do autor. A luta carlista na Espanha foi bastante real, é claro, assim como o desastre da filoxera. Mas a aldeia de Santa Eulàlia e o rio Pedregós só existem em *La bodega*.

As pessoas da realeza são personagens da história e o general Juan Prim passou a maior parte de sua vida como um militar, transformado em político e estadista quando o mataram. Para saber tudo o que pudesse descobrir sobre seu assassinato, procurei o professor Pere Anguera, autor da biografia definitiva do general Prim. Tentei montar a cena do assassinato da mesma forma que o professor Anguera a reconstituiu para mim. Os detalhes – a troca de uma carruagem por outra, os fósforos acesos cada vez que se entrava em uma nova rua, a rua bloqueada por duas outras carruagens, o cerco da carruagem por um bando, entre os quais os assassinos que mataram o presidente do governo espanhol – são relatados tão próximos quanto possível dos fatos que Pere Anguera partilhou com tanta generosidade. Agradeço por suas informações e pela revisão posterior das páginas dedicadas ao atentado.

Como o drama da vida real nunca foi encerrado com a condenação e punição dos assassinos, tomei a liberdade, num romance, de acrescentar meus próprios personagens fictícios à cena. É pura ficção, extraída totalmente de minha imaginação, a presença dos jovens de uma aldeia chamada Santa Eulàlia no bando do assassinato.

### *Outros que me ajudaram*

Por responder a muitas perguntas, agradeço a Maria Josep Estanyol, professora de história da Universidade de Barcelona.

Para encontrar informações documentais sobre a fé católica, recorri à nossa amiga Denise Jane Buckloh, a ex-irmã Miriam da Eucaristia, OCD, e lhe agradeço.

Da mesma forma, agradeço ao catedrático Pheme Perkins, do Boston College, por responder a minhas perguntas sobre a visão católica de temas como enterro, pecado e penitência.

Acompanhado por Lorraine, minha esposa, e por meu filho, Michael Seay Gordon, a primeira *bodega* espanhola que visitei em minha pesquisa foi o vinhedo de Torres, em Penedès, a região do vinhedo do romance. Foi um início auspicioso: Albert Fornos, que passou sua carreira de vinicultor ali, ofereceu-nos uma esplêndida excursão por toda a região; Miguel Torres

Maczassek presidiu um jantar em que cada um dos cinco pratos foi acompanhado por um excelente vinho Torres ou Jean Leon.

Michael e eu fizemos várias viagens às regiões vinícolas de Priorat e Montsant. Quase que invariavelmente descobri que os vinhedos estão localizados em lindos lugares e servem para torná-los ainda mais fascinantes. Num vale pequeno e adorável encontramos a vinícola Mas Martinet, a *bodega* da família Pérez. Sara Pérez Ovejero e seu marido, René Barbier, cujos pais se distinguiram como pioneiros da produção de vinho, mantêm a tradição de família, produzindo vinhos excepcionais. Sara Pérez produziu vários trabalhos em que descreveu as folhas de diversas variedades de uvas, para que seus filhos pudessem começar a aprender ainda cedo os segredos do bom vinho. Enquanto mastigava queijo espanhol e tomava seu vinho, fui um estudioso fascinado ao examinar esses livros com ela.

Em diversas ocasiões, Michael e eu percorremos estradas estreitas e precárias, à beira de um vale muito maior, subindo por um monte íngreme até a aldeia de Torroja del Priorat, onde em 1984 Maria Ángeles Torra fundou o vinhedo da família, num antigo mosteiro. É administrado por seus filhos, Albert e Jordi. As videiras são plantadas próximas, algumas em encostas íngremes. Vários de seus vinhos muito procurados são produzidos de uvas cujas videiras perseveram no solo pedregoso há mais de cem anos. Sou extremamente grato aos irmãos Albert e Jordi Rotlan Torra pela leitura do original deste livro.

Em junho de 2006 recebi um prêmio literário especial da cidade de Zaragoza. Enquanto estava na região, o escritor e jornalista Juan Bolea proporcionou-me amizade e a visita a duas adegas. Sou grato a Juan, aos membros da Associação Internacional de Escritores de Mistério, que encontraram espaço para mim e meu pequeno grupo em seu ônibus, e a Santiago Begué Gil, presidente da Associação de Vinho Cariñena, por sua hospitalidade e sabedoria acerca do vinho.

Na chácara Aylés, uma vasta propriedade de 3.100 acres onde se começou a fazer vinho no século XII, a *bodega* Señorío de Aylés tem setenta hectares com videiras, o início e fim de cada fileira marcados por roseiras. Fiquei emocionado ao avistar tantas águias. O proprietário, Federico Ramón, explicou que o adorável lugar é considerado pela União Europeia como uma área especial de proteção de aves. Agradeço a sua hospitalidade.

Num vale enorme, que me lembrou alguns dos grandes vales do Oeste dos Estados Unidos, visitamos as *bodegas* Victoria. Sou grato a José Manuel Segura Cortés, presidente do Grupo Segura Serrano, por me oferecer um almoço de pratos regionais e uma excursão por seus vinhedos.

Sou grato a Alfonso Mateo-Sagasta, premiado autor madrilenho de romances históricos, pelas informações sobre eleições nas aldeias no século XIX.

Agradeço a Delia Martínez Díaz por me levar à cidade de Terrassa, onde passei algum tempo num dos mais extraordinários museus que já conheci. Instalado nos mal aproveitados prédios de alvenaria de uma antiga indústria têxtil, o Museu de la Ciència e de la Tècnica de Catalunya põe o visitante em contato direto com a revolução tecnológica. Passeia-se entre objetos que em sua época constituíram as entranhas e engrenagens das antigas indústrias. Pude entender como o

advento da energia a vapor criou empregos como o de Donat. Pela infinita paciência para responder às minhas perguntas, agradeço ao diretor do museu, Eusebi Casanelles i Rahola, à curadora, Contxa Bayó i Soler, e a toda a equipe.

Agradeço à Meritxell Planas Castellón, membro dos Minyons de Terrasa, por responder às minhas perguntas sobre os castelos humanos.

Àngel Pujol Escoda respondeu a inúmeras perguntas sobre caçada e natureza com uma doce paciência; sua esposa, Magdalena Guasch i Poquet, relatou-me diferentes maneiras de se cozinhar um coelho.

No maravilhoso mercado central de Sabadell, María Pérez Navarro desviou algum tempo de seu estande, o Cal Prat, onde vende carne de javali, para me descrever e deixar bem claro onde Josep e Jaumet encontrariam exatamente o melhor corte dessa carne.

Lorraine Gordon conviveu comigo e me proporcionou um sustento melhor do que comida.

Minha filha, Lise Gordon, foi outra vez minha primeira revisora, oferecendo argumentos, refinando com um talento excepcional, tornando o livro muito melhor.

Meu filho Michael é o melhor companheiro de viagem, às vezes alegre, sempre responsável, a mente arguta e racional, o braço forte. Está sempre disposto a fazer inquirições pelo telefone ou conferir um fato.

Minha filha Jamie Beth Gordon, Lorraine, Michael e meu amigo Charlie Ritz também leram o manuscrito e fizeram comentários e sugestões.

Minha nora, Maria Palma Castellón, nunca se recusou a fazer uma pesquisa. Sou grato a ela e ao Centre de Promoció de la Cultura Popular i Tradicional Catalana, em Barcelona, por responder às perguntas que ela apresentou por minha conta, variando do toque dos sinos de igreja à prática de contratar mulheres para chorar nos funerais.

Roger Weiss, meu genro e perito em tecnologia, manteve meu computador em funcionamento; em diversas ocasiões, salvou-me da derrota e do desespero. Agradeço por seus conhecimentos e pela disposição em atender aos meus chamados.

Dan Tuccini, esplêndido carpinteiro, descreveu para mim como se faz uma porta.

Agradeço a meus agentes literários, Samuel Pinkus, nos Estados Unidos, e Montse Yánez, na Espanha, por sua paciência e orientação.

Quando estive na Espanha pela primeira vez, minha editora era uma mulher inteligente, competente e graciosa, chamada Blanca Rosa Roca. Agora, como diretora de sua própria empresa editorial, é outra vez minha editora. Além disso, as pessoas que ela reuniu ao seu redor possibilitam-me ter um extraordinário reencontro com amigos. Enrique de Hériz, a quem conheci como intérprete e mais tarde como editor-chefe, agora um escritor premiado, prestou-me a honra de traduzir este livro do original em inglês para o espanhol. Silvia Fernández Álvarez, rainha da divulgação, vem trabalhando com a imprensa por minha conta, como já fez tantas vezes antes. Minha antiga e valiosa editora, Cristina Hernández Johansson, é outra vez minha editora espanhola, e, sempre que estou na Espanha, minha intérprete é Mercè Diago, com quem

já realizei diversas campanhas de livros.

Todas as pessoas indicadas aqui me ajudaram, mas este livro é meu e, se contém falhas e equívocos, são meus também. Ofereço esta história a cada leitor, com amor e respeito.

NOAH GORDON  
Brookline, Massachusetts  
11 de julho de 2007

Título original  
THE BODEGA

*Copyright* © 2007 by Noah Gordon

*Copyright* da edição brasileira © 2008 by Editora Rocco Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais  
CARLOS NOUGUÉ

Coordenação Digital  
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital  
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo e-Pub  
CECILIA C. B. CAVALCANTI

G671L

Gordon, Noah, 1926-

La bodega [recurso eletrônico] / Noah Gordon ; tradução Pinheiro de Lemos. -  
1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.

recurso digital

Tradução de: The bodega

ISBN 978-85-8122-322-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americano. 2. Livros eletrônicos. I. Lemos, A. B. Pinheiro de (Alfredo  
Barcellos Pinheiro de), 1938-2008.. II. Título.

**13-07384**

**CDD: 813**

**CDU:**

**821.111(73)-3**



NOAH GORDON nasceu em Worcester, Massachusetts. Estudou jornalismo na Universidade de Boston e é mestre em literatura e escrita criativa. Pela Rocco Digital, publicou *O físico*, *A escolha da Dra. Cole*, *O comitê da morte*, *O diamante de Jerusalém*, *O rabino*, *O último judeu*, *La bodega* e *Sam e outros contos de animais* (infantil).